

DUKE UNIVERSITY LIBRARY
DURHAM, N. C.



Rec'd February 18, 1930

D. U. Press

Donor

CRUEL AMOR

OBRAS DA AUTORA

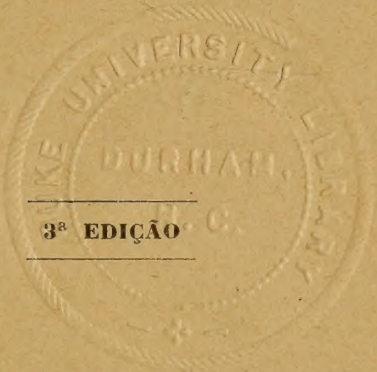
- Contos Infantis**, de colaboração com Adelina Vieira, ed. da Livraria Francisco Alves.
- O Livro das Noivas**, obra de luxo, com gravuras de Casanova e R. Gameiro, ed. da Livraria Francisco Alves.
- Livro das Donas e Donzelas**, edição de luxo, com gravuras, edição da Livraria Francisco Alves.
- Histórias da nossa terra**, contos para crianças, edição da Livraria Francisco Alves.
- A Intrusa**, romance, edição da Livraria Francisco Alves.
- A Silvelrinha**, romance, ed. da Livraria Francisco Alves.
- Cruel Amor**, romance, ed. da Livraria Francisco Alves.
- Eles e Elas**, monólogos, ed. da Livraria Francisco Alves.
- A Arvore**, de colaboração com Afonso Lopes de Almeida, edição da Livraria Francisco Alves.
- Jornadas no meu Paiz**, ed. da Livraria Francisco Alves.
-

- Traços e Iluminuras**, contos.
- A Família Medeiros**, romance.
- A Viuva Simões**, romance.
- Memórias de Marta**, novela.
- A Falencia**, romance.
- Ansia Eterna**, contos.
- A Casa verde**, romance, de colaboração com Filinto de Almeida, publicado em folhetim no "Jornal do Commercio".
- A Herança**, peça em 1 acto, representada no Theatro da Exposição Nacional de 1918, premiada com o grande prémio.
- Era uma vez...**
- Quem não perdoa**, comédia em tres actos.
- Nos Jardins de Saúl**, episodio biblico em um acto.
- Doidos de Amor**, comédia em um acto.

CRUEL AMOR

POR

Julia Lopes de Almeida



3ª EDIÇÃO

155661

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

166, RUA DO OUVIDOR, 166 — Rio de Janeiro

S. PAULO

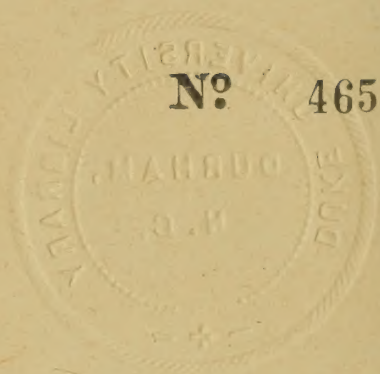
129, Rua Libero Badaró

BELLO HORIZONTE

Rua da Bahia, 1052

1928

№ 465



CRUEL AMOR

I

Era pela enchente da maré de lua cheia.

O pescador João Sérvulo, mestre da canôa *Guanabara*, subiu de madrugada ao alto da Igrejinha, em Copacabana, a vêr se já lá estaria o vigia á mira do peixe. Em baixo, na praia, em que a humidade das aguas esbatia em sombras leves a alvura da areia empapada junto á orla inda escura do mar, o pessoal da canôa ia-se reunindo e aprestando rêdes e remos, á espera do aviso.

Palpitava ao João Sérvulo que iam ter bom lanço. A manhã rompia clara e fresca. Era tempo, que as derradeiras pescas, com a calmaria daquele ultimo Abril, não lhe tinham dado nem para os cigarros. Não se lembrava mesmo, em toda a sua vida, de Semana Santa tão pobre de pescado. Uma miséria. Só vinham no cópio do arrastão algas e carácas do fundo do mar. Felizmente a tempestade do fim do mês quebrara aquela atonia e agora, com bom tempo e boa maré, que tal seria a sorte se lhe não sorrisse!

João Baptista, o vigia, lá estava já em pé no outeiro, entre a Igrejinha e o pontal da fortalêza, olhando, com olhos de gaivota caçadora, para as águas vêrdes e profundas. Era um rapaz branco, robusto, de calças arregaçadas até os joelhos, camisa de meia preta e boina também preta, de banhista. Conhecia de longe a aproximação dos cardumes de peixes pelo *negró* (1) que os seus corpos desenhavam na superfície e pelo arripiamento das águas por que passavam. Todos lhe gabavam a vista aguda e a estridencia inconfundível dos seus silvos de aviso para o cêrco. Era um calado e um paciente, com paixão pelo seu ofício e pela canôa que servia, essa adorada *Guana-bara*, toda listrada de branco e azul, que lá estava na praia junto á curva da enseada, esperando a sua vez de cair n'água. . .

O mestre, João Sérvulo, mulato alto, grisalho e magro, de braços finos mas fortes, e olhos serenos, cortou pela rocha o caminho, subindo da praia em direcção ao vigia.

— Bons dias, *seu* Baptista! Então?

— Ainda nada. . .

— Diabo!

O vigia ergueu os ombros. Não tinha culpa; e depois de um curto silencio, informou:

— O tempo está favoravel. . . bom ar. . . boa maré. . . vai vêr que até ha de ser preciso fazer curral. . . Olhe, o mudo e o 208 já estão pescando de linhote na lage grande. . .

(1) Negror.

— Gente de paciência... amanhece ou anoitece e eles de caniço na mão! Sabe de cousa mais aborrecida? Pescaria lá fóra, ou mesmo de arrastão, falem comigo, o resto? Até a tarrafa me enfastia; Pedro, que é mudo, ainda não admira, coitado, mas o 208! mas o tenente, do Leme!

João Sérvulo falava olhando em redor. O dia desabrochava como uma flôr imensa de luz. Desdobravam-se as sombras em doces claridades. Os morros iam aparecendo entre neblinas rosadas, que se adelgaçavam. Em baixo, nos estendáis de areia fina, muito branca, uma vegetação rasteira, carapinhosa, desenhava fórmulas extravagantes de reptis monstruosos e a seus pés, lambendo os penhascos negros da rocha, o mar estendia-se desde a curva harmoniosa da praia até ao horizonte infinito, confundido pela distancia e a vaporização das águas com o céu esbranquiçado.

Maior floria a hervagem rasteira das restingas de botõezinhos de ouro palido e aveludava num afago de luz o rôxo e o pardo do fraguêdo. As vagas, num espreguiçamento de sôno, lambiam os pedregulhos, fazendo serpear entre eles fios leves de espuma, que logo se desfaziam...

Para os lados de terra, neblinas côr de rosa iam-se rasgando sobre montanhas e florestas negras... Súbito, como se do fundo misterioso do mar irrompesse em gradações suaves uma claridade cada vez mais forte, tudo se fez vêrde, de um vêrde fluido, claro, como o da água traspassada por um raio luminoso; um vêrde que era como a própria alma do mar dilatando-se, dilatando-se pelo espaço, até vestir toda a

terra, todo o céu, num dilúvio de luz uniforme e radiante.

— Mês de nossa Senhora! exclamou João Sérvulo, com o olhar afogado na luz, procurando com os dedos magros o escapulário pendente do pescoço sobre o peito sem pelos.

— Ora! sentenciou o vigia, nem por isso deixa de morrer gente e nem a gente de matar os pobres dos...

Ele ia dizer — animais, quando lhe pareceu que ao longe uma larga mancha escura vinha arrepiando a superfície das águas... Calou-se e estendeu o pescoço, á espera. João Servulo percebeu o gesto e desandou ás pernadas apressadamente pela encosta abaixo, a tempo de esperar já rente da canôa, na praia, o aviso do vigia.

O pessoal da *Guanabara* estava já todo reunido, desde *seu* Freitas, que era o dono da canôa, homem baixinho e magro, de olhos inquietos, até o crioulo Rufino, ainda novato no officio. Já quatro homens tinham embarcado o arrastão. Agora, fazendo deslizar a *Guanabara*, sobre as estivas postas sucessivamente na sua dianteira, até á orla do mar, estavam o Marcos, que, ao lado de *seu* Freitas, parecia uma torre, branco, de tez requemada de sol, de boca larga e rosto glabro, depois o Rubião, nortista, barbudo, caboclo de olhar alegre, movimento ágil, mediano de altura e largo de ombros e o Flaviano, mulato escuro, esbelto, com os cabelos negros, luzidios, em caracões cerrados mas flexiveis como os cabelos dos brancos. Havia ainda o Lino, que toda a gente chamava de compadre, português grisalho e espadaúdo, de olhos sonolentos.

De estiva em estiva, os pescadores entoavam baixo uma cantilena:

— Eh!... ah!... eh!...

Mais um arranco e o casco da *Guanabara* beirava a água, quando lá de cima, do outeiro, vibrou o silvo agudíssimo do Baptista, anunciando o cardume.

João Sérvulo saltou lesto para dentro da canôa, onde já dois companheiros empunhavam os remos.

— Coragem, minha gente, que manjuba vem aí, que nem farinha! gritou da praia, caçoando, o Rubião, enquanto o João Baptista, que tinha corrido do seu posto de vigilancia, saltava tambem para dentro da canôa. Os outros pescadores ficavam na praia segurando o calão da rêde, que ia sendo levada pela *Guanabara* ligeira para apanhar o peixe.

A manhã favorecia o trabalho; estava linda. Flaviano mesmo, o mestiço, tido como o mais incontentavel dos companheiros, sempre acomodados ás circumstancias do azar, mostrava-se satisfeito. Foi ele que annunciou:

— Vão vêr que hoje começa a corrida das tainhas...

— Gente! você está maluco! replicou Lino. Este ano, tainhas só para o mês que vem. Não viu que Abril foi tão quente! não foi Rubião?

Este Rubião gozava de certa fama de mentiroso. Diziam que ele exagerava sempre que descrevia as suas aventuras, salpicadas de perigos e de temeridades, desde o tempo de menino, lá nos mares do Norte. Mas não lhe queriam mal por isso. Era falador e ale-

gre. Que importam mentiras, que distraem sem trazer prejuizo?

Sem perder os movimentos da *Guanabara*, que todos acompanhavam com vista atenta, Flaviano disse cantaroladamente:

— O melhor peixe que me couber hoje... já se sabe!

— Vai p'ra sua noiva? indagou Rubião.

— Por força. Maria Adelaide dá a vida por um peixinho gordo...

Ouvindo esse nome de mulher, Marcos voltou-se e cravou no mestiço um olhar penetrante e aborrecido.

Até então ele estivera calado, fazendo o seu serviço, mas sempre com o pensamento preso nessa Maria Adelaide de que o companheiro falava agora com tamanha familiaridade. Seria crível que aquele mestiço desafiador e indolente, casasse de verdade com aquela flôr? Ele vira-a na véspera, por acaso, no Ipanema, toda cheirosa e sossegada entre as outras duas irmãs, e não sabia explicar por que motivo o diabrete da moça não lhe saía da cabeça, desde que abrira os olhos nessa madrugada... Não, bonita ela não era; com o seu ar de resignação, o rosto comprido, de uma palidez enluardada, em que se reflectiam raças opostas; e o corpo fino como uma haste de flôr. Nem parecia moça de trabalho, afeita ás soalheiras do coradouro e ás agruras da barrela. Que perversão de sentidos seria a sua para se apaixonar assim, ela que todos julgariam branca, por aquele mestiço, filho de uma negra imunda? Era verdade que o Flaviano pro-

curava fugir das imperfeições da sua raça. Tinha perfil.

Em quanto se pesca não se fala: o mais leve rumor espanta os peixes; mas como a *Guanabara* fazia as suas primeiras manobras, os pescadores na praia permitiam-se ainda dialogar, falando aos arrancos, entrecortadamente, com a atenção no barco e no mestre.

— Vai vêr, Flaviano, dizia Rubião, que você só vai ter baiacú para levar á sua noiva...

— Isso fica p'ra você... que não merece cousa melhor...

— Diabo de peixe estraçalhador de rêde... comentou Rubião; e logo:

— Pois o que eu digo a vocês é que preparado por mim, bem tirado o veneno, guizado com tomate e uma ponta de dendê e limão, é de comer e pedir mais. Tá aí, é como o cação. Ha gente que está morrendo de fome e desdenha o cação. Bobágem só. E' peixe que toma o gosto que a cozinheira quer. Eu sou capaz de fazer comer cação ao mais graúdo, por bom pescado...

Marcos tambem sabia preparar o baiacú, tirar-lhe a pele e as vísceras, deixa-lo branquinho que nem madreperola, só desprezando a cabeça; mas não se gabou da prenda insignificante e insistiu em pensar no extranho gosto da Maria Adelaide por aquele cabra de má morte... Por despeito e para machucar a vaidade do outro, gabou em poucas palavras, mas exageradamente, a graça da Hortensia, do compadre Lino, que sendo pobre e filha de pescador, não tinha

em toda a Copacabana mulher que lhe chegasse aos calcanhares...

Rubião saltou, entusiasmado:

— E quando ela canta as modas? Inté os anjos do céu escutam... Marcos concordou, afirmando que a voz de Hortensia afugentava os maus pensamentos de quem a ouvisse.

Com os olhos na canôa, que levava o arrastão ainda recolhido, Flaviano afirmou desdenhosamente, para desprestigiar quem lhe desprestigiava a noiva:

— Gente! se aquela é bonita, onde fica a filha de D. Rôla?

— Lá isso é verdade, ponderou Rubião; essa onde chega alumia tudo!

Houve uma longa pausa de silencio e de atenção. A *Guanabara* começava a descrever uma larga curva e a lançar a rêde ao mar. Na superfície muito azul das águas iam aparecendo sucessivamente, em fila arredondadas, as boias enegrecidas do arrastão. Suspenso das manobras da canôa, os pescadores não davam agora um pio, só tendo olhos e pensamentos para o seu trabalho, que o mestre dirigia silvando e agitando no ar os braços magros.

Tinham corrido curiosos a vêr a pescaria, oferecendo-se para ajudarem a puxar o arrastão, mal a canôa aproou para outro ponto da praia. Mas os pescadores não responderam a ninguem, tão absortos estavam no seu ofício, até verem os tripolantes da *Guanabara* saltar em terra segurando a outra extremidade do cabo da rêde. Compadre Lino tinha ficado no mar, tomando conta da canôa.

A um signal do João Sérvulo começou nos dois grupos, a um só tempo, o trabalho de colher o arrastão.

Com os pés na orla espumarenta da água, os braços, em que as veias entumecidas se encordoavam, ora estendidos ora dobrados em ângulo, os bustos curvados para a frente ou derreados para tras no esforço da tracção, os pescadores parecia cederem ao mesmo influxo poderoso que ritmava o movimento das águas.

O vêrde novo da manhã transmudara-se em um azul violento, igual, sem mácula. Toda a praia resplandecia ao sol e já crepitavam na areia, ainda fria, chamazinhas de cristais tremeluzentes. Mais um arranco e o arrastão vinha saindo, grosso, rugindo no fundo.

Além dos curiosos que estavam na praia para apreciar a pescaria, havia grupos de pescadores de outras canôas em descanzo: a *Victoria*, a *Cruzeiro*, a *Camponeza*...

A fortuna da *Guanabara* não lhes metia inveja. Os pescadores regem-se por uma regra diferente da dos outros homens. Para eles, quando a sorte despe um para vestir outro, não ofende ninguem. São os obreiros do acaso e sujeitam-se ás suas leis com admirável resignação. Toda a Semana Santa fôra inclemente. O mês de Abril arrastara ainda muitos dias mortos, em que se não conseguira nem uma tarrafada do peixe que os pescadores chamam de *comedia*, porque vive á flôr da água comendo manjuba. Agora que chegara a vez da *Guanabara*, derradeira da

escala, veriam como os bichos haveriam de vir rabiando! Todos eles sabiam de cór as suas leis. Cada patrão de canôa tem o seu mestre, o seu pessoal de serviço, a tabela que fixa o seu dia para pesca na praia. Então se Deus manda peixe, louvado seja Deus! se não manda... paciência. Vão-se então os pescadores tentar vida lá fóra no mar, na lagôa, ou com o caniço nas pedras.

Numa cadencia bem combinada os corpos dos pescadores curvavam-se e retezavam-se a cada empuxão que davam á rêde, que vinha saindo d'água muito pesada e bojuda. Por entre o aberto das malhas via-se dentro num bolo movediço o tumultuar dos peixes, reluzindo como facas novas em reviravoltas aflitivas.

Puxado o arrastão para a areia sêca, precipitaram-se logo os curiosos que estavam na praia para vêr os animaes e assistir-lhes á agonia. Gente vagabunda e gente que ali estava a banhos, veraneando. *Seu Freitas* fez-lhes má cara. Os outros tambem não gostavam de espectadores. Nada como os vadios, para atrapalharem os que trabalham! Rubião não fez caso; abriu a rêde para que os peixes morressem em liberdade; perto dele, de pé, João Sérvulo contemplava-os com ar aborrecido:

— Paratis... pescadinhas...

— Que queria vancê neste tempo?!

— Tainhas. Podiam vir tambem tainhas, que o frio está aí.

Embora o cardume fosse de paratis, vinham tambem alguns badejetes escuros e pescadinhas de prata, arqueando-se em convulsões frenéticas de encontro

ao grande corpo lustroso e denegrado de um merote de cabeça achatada e olhos terríveis.

— Então vancê não faz conta do méro?

— Sim... Atira os baiacús n'água... o méro vale alguma cousa...

— Uns trinta mil réis!

— E tanta caráca!

— E' o que pesava mais! Os pescadores contavam o peixe, para manda-lo ao mercado. O dinheiro que rendesse seria tanto para o mestre, tanto para a canôa e tanto para cada pescador. Tudo se fez e aceitou em boa paz. Mais animado, João Sérvulo considerava a quantidade e parecia satisfeito. Para mais de quatro mil paratis, fóra os outros... já era!

Flaviano, acororado, ferira o méro de leve com a pontinha aguda da sua faca, só para o vê sofrer ainda mais. Marcos voltára o rosto, agoniado; para que fazer aquela judiaria ao pobre do bicho?... e Rubião observou:

— De nós todos, o único que usa armas é você, Flaviano. Porquê?

— Costume... Sempre faz conta para cortar fio ou aparar um tolete...

— Bem se vê que você foi criado no mato... para isso basta um canivete, homem!

Enquanto uns pescadores contavam o peixe, outros sacudiam a rêde, para tirar-lhe a salsugem e as estrelas do mar.

— Antonico! gritou João Sérvulo para o filho, que se tinha deitado no chão, rindo-se das camba-

lhotas aflitivas dos peixes — Corra! vá chamar sua mãe!

O pequeno partiu como uma flexa e o pai, sacando do bolso tabaco picado, pôz-se muito lentamente, de beíço pendido, a enrolar entre os dedos magros um magro cigarro.

— Marcos, continuou ele, você que vai para o Leme ha de levar de caminho um badejete de minha parte á menina santa.

Firme nas pernas finas, João Sérvulo riscou um fósforo olhandø para diante, para o vulto do filho, que semelhava uma bolinha escura rolando na alvura do areal. Aceso o cigarro e depois da primeira chupadela, comentou:

— Quem devia ir á santa era o Pedro mudo... Se aquela lingua se desentorpecesse, muito teriamos que ouvir! Que eu por mim não acredito! até me faz aflição ouvir falar em santas... Santas só no céu!

— Pois minha companheira vai lá, afirmou Rubião, e inté hontem me disse: quando a santinha me põe as mãos nos olhos, é como se espalhasse flôres na minha cara!

— Ela já vê?...

— Já...

— A's vezes, João Sérvulo, sabe o que me parece? que o Pedro não fala porque não quer...

João Sérvulo arregalou os olhos, com um calafrio. Rubião continuou:

— O diabo mete-se em toda a parte, todo o mundo diz que quer e o que pensa ao pé dele... certo de que ele é mesmo surdo como peixe frito; mas eu cá

para mim tenho as minhas desconfianças... aquilo é caixa de segredos, que mais dia menos dia, arromba de cheia!

— Homem, você tá doido! Conheço o Pedro desde assimzinho! Em pequeno era ruim como a tintureira, mas foi sempre mudo: nem ele tinha paciência para calar tudo no coração. Nem os animais podem viver sem dizer o que sentem... homem! Vai ver que os proprios peixes conversam entre si!

João Sérvulo era considerado pelo pessoal da *Guanabara* como o mais inteligente e o mais instruido. Àquele dito da absoluta necessidade de expressão, os outros calaram-se convencidos. Realmente, quem poderia viver uma longa vida, como a do Pedro, que já andava roçando pelos quarenta anos, sem articular uma queixa, num desabafo?

A arágem de Maio vinha do mar largo acariciar a terra iluminada. As ondas desfaziam-se em penugens de cisnes. Nos recortes dos morros, no estendal das areias, no ar sem nuvens, o sol derramava uma luz de ouro delicada, uma luz fina.

— Mês de Nossa Senhora! tornou a dizer João Sérvulo, com o olhar sumido no mar sem fim.

Depois de um largo silencio, Flaviano aventurou:

— Antonico tá tardando... talvez fosse brincá com o diabo do Bié e da Nita...

Ele dizia aquilo de propósito, para contrariar João Sérvulo, que protestou:

— Você não conhece meu filho. Tonico não fais camaradagem com eles. São dois vagabundos.

— Isso são. Inda ontem encontrei eles sózinhos perto da casa da minha noiva. . .

Flaviano, quando falava na noiva, enchia a boca. Rubião, sem interromper o serviço, indagou atrevidamente:

— Minha noiva. . . minha noiva! você casa mesmo?!

— Enquanto minha mãe fôr viva, não.

— Faz você muito bem, sentenciou João Sérvulo; as noras são o diabo. Tudo que se faz por uma mãe é pouco.

— Maria Adelaide tem paciência, ela espera por mim!

Marcos sorriu.

— De que é que você está rindo?! perguntou-lhe o mestiço com ar atrevido e sério.

— De nada. . .

— Nada, não é resposta; você ha de explicar porque é que se rio quando eu disse que Maria Adelaide espera por mim!

— Ora!

— Ora, não! se você sabe de alguma coisa diga pr'aí! Eu cá poç mim acreditei no juramento dela; mas se você póde provar que o juramento foi falso, prove!

Marcos corou, desconcertado, tartamudeando:

— Já disse: não sei nada. Sómente tenho para mim que toda a mulher é mentirosa. Mas você tem fé, acabou-se.

— O senhor não tem mãe? inquirio João Sérvulo solenemente, voltando-se para Marcos.

— Ora essa! Pois então não conhece minha mãe?!

— Pergunto-lhe, tornou João Sérvulo formalisado: o senhor tem mãe?

— Tenho! Bem sabe que tenho!

— Como julga então todas as mulheres mentirosas? Assim dizendo, repare que injuria aquela que lhe deu o ser!

Quando João Sérvulo falava com aqueles modos, todos se humilhavam.

Flaviano, vingado, contentou-se com levantar os ombros, resmungando num tom de lástima:

— Deixe ele...

Marcos guardou o seu azedume. Ao pé do Sérvulo nem se podia falar. Ele media as frases aos centímetros e pesava as palavras ás gramas! Valeu-lhe a chegada do Antonico e da mãe, a Fortunata, uma parda gorda, muito risonha, de rosto picado das be-xigas.

A mulher do Sérvulo exclamou alto, olhando para o peixe.

— Virgem Nossa Senhora, que boniteza! Viva a *Guanabara*, hein *seu* Freitas?

Seu Freitas agradeceu com os olhinhos comovidos a homenagem e disse baixo:

— Se fosse sempre assim!

— Até houvera de aborrecê, atalhou ela; que neste mundo mesmo o que é bom enjôa quando é demais!

Depois agachou-se e, com as mãos papudas, de unhas rôxas, separou do quinhão do Sérvulo o melhor badejete e entregando-o ao filho, disse, sem mesmo consultar o marido.

— Corre, Antonico; leva este peixe de presente a D. Rôla!

— Escolha agora para nós, que o Rubião vai-se embora, antes que o sol es quente.

— Póde levar tudo, Rubião; venda bem vendidinho. Fico com estes paratis, que dão menos dinheiro... Veja lá se engana meu marido...

— Engano mesmo... Porque é que ele não vai? quem manda ele ser preguiçoso! E a pena que eu tenho é que você não queira enganar ele tambem...

— Uê! você tá ouvindo só, João?

João Sérvulo fez que sim, sem interromper o trabalho em que se empenhava de contar o peixe que o Rubião teria de levar ao mercado, ás bancas da sua freguesia. Os outros riram.

— Ninguem se conhece neste mundo! concluiu ela com uma gargalhada.

Flaviano resmungou entre dentes: — Confiado! e a Fortuna, para abarfar-lhe a censura, lamentou alto:

— Coitados dos peixes! inda nem acabaram de morrer... estão penando... Bem dizem que a desgraça de uns faz a fartura de outros... olha, o Flaviano está sujo de sangue. Que aflição! Mal comparando parece que matou gente.

Flaviano e Marcos trocaram um olhar de tão incompreensível expressão e tão rápido, que a mulata estremeceu, como se tivesse visto um raio.

Seu Freitas, magro, baixinho, trêfego, com o rosto enrugado sumido sob as largas abas do chapéo de palha de coqueiro, vigiava a divisão do peixe, dando ordens para que andassem depressa. Estava aí o sol

e ainda era mister pôr o peixe na canôa para leval-o ao mercado por mar.

— Marcos! ordenou Sérvulo, amanhã de madrugada venha lavar comigo a canôa e estender o arrastão nas pedras. Toma conta dos remos, mais o compadre Lino. Rubião vai de proeiro...

Seu Freitas déra alguns punhados de paratis á gente pobre que tinha corrido a vêr o lançamento da rêde e partio para casa, morto pelo almoço. A *Guanabara*, carregada de peixes, impelida valentemente pelos remos dos pescadores, deixou de novo a praia, com o rumo para o Pão de Assucar, que ia contornar para entrar na baía.

Os curiosos foram-se sumindo da praia. Só João Sérvulo, Fortunata e Flaviano quedavam-se ainda com os olhos fixos nesse pequeno casco alvadio que diminuia na distancia e brilhava como um beijo de sol no anil profundo das ondas...

O vigia Baptista tirava carácas do *cópio* da rêde e recolhia-a com dois companheiros para junto das canôas adormecidas, Flaviano excusou-se do fim do serviço. Ele já ia distante quando a Fortunata gritou:

— Diga a Maria Adelaide que não é só o seu coração que anda penando por amor dela... ouviu?!

Flaviano voltou-se, com ar assustado.

— O meu tambem tá cheio de saudades! concluiu ela com uma gargalhada.

João Sérvulo advirtio baixo:

— Cuidado com a lingua; você não perde o costume de ser faladeira. Eu já tenho dito que aquele diabo é ciumento como quê!

— Por isso mesmo é que eu gosto de bulir com ele... que não seja bôbo! Uê!

— Ele tem sua razão...

— Porque ela é branca?

— Então?!

— Você acredita que Maria Adelaide goste de verdade de Flaviano? Eu não. Aquilo foi bobagem de criança, de quando andavam os dois no mesmo colégio... ou foi obra de feitiçaria... a mãe dele é capaz de tudo... Eu já disse a ela uma vez: — menina, branca com branco, mulata com mulato, negra com negro. Não suje sua raça.

— Para que é que você se mete onde não é chamada?! Que diabo de costume! Flaviano sabe disso e depois...

— Vem me comer, não é? Eu mesma é que hei de ter medo dele! Aqui a única paixão que me faz mesmo pena, é a de Rui pela Ada... Está consumido... magrinho... D. Rôla disse que ele sabe fazer versos... e está aí não tem orgulho nenhum. Foi um milagre não ter vindo hoje ver a pescaria... Coitado do Rui!

— Coitado, não! coitados, só os que não têm onde cair mortos. Ele tem pai que lhe dá tudo!

— Que pai! um unhas de fome... um rabugento... E' ele que está espremendo o coração do filho até ver cair a ultima gotinha de sangue...

— Ora!

— E' sim; não quer que o Rui se case com Ada...

— Faz ele muito bem; aquela menina tem pinta. Para mim é uma viborazinha que D. Rôla está

criando no peito... Mas deixa lá a vida dos outros e vamos embora...

— Iam andando e a Fortunata continuava:

— Se Ada fosse filha de verdade, não havia de ser tão estimada... é toda cheia de não presta... vá ver que nasceu aí em qualquer batelão de pescador. Mas você tá vendo só o Antonio onde está?!

O pai rio-se, olhando para o filho, dentro do mar, com água até às virilhas. Fortunata exasperou-se.

— Puxa para casa, ladrão!

— Deixa o pequeno...

— Deixa, deixa! você é um molenga, por isso é que Antonico tá tão levado! Caminha!

Antonico saíu da água; mas em vez de entrar em casa, atirou-se a correr como um doido para os lados de Ipanema, ao encontro de duas crianças que divisara ao longe: um rapazinho de tez cobreada, redondinho e baixo para os seus dez anos, e uma menina espigadinha, de olhos garços e cabelos castanhos claros, caindo-lhes sobre os ombros estreitos em falripas mal tratadas.

— De onde é que vocês vêm?! perguntou-lhes Antonico, mal se aproximou.

— Do mato. Olha aqui! respondeu o rapaz mostrando-lhe dois ovos côr de mostarda no fundo do seu velho chapéuzinho de feltro russo.

— São de andorinhas?

— Deste tamanho?! Você está tolo! Quem vio primeiro foi Nita. Ela mostrou, eu apanhei.

— Eu também gostava de ir... confessou o Antonico.

Nita exclamou rindo:

— Não vê mesmo que você aguentava! Eu e Bié sim!... A gente andou lá no meio dos espinhos; olhe para minhas pernas, como estão arranhadas!

Bié olhou contristado para as perninhas magras da companheira.

— Vai lavar as feridas na praia. A água do mar cura tudo. Eu vou lá em casa guardar os ovos na minha coleção... Agora precisava de achar uns côr de rosa...

Nita abaixara-se para enxugar as pernas nos molambos da saia de chita, já muito suja. Depois, para Bié:

— Vai depressa! você não tem medo que seu tio lhe dê uma sova?! Eu fico esperando na praia...

Os rapazes deixaram-na. Fortunata á porta de casa esguelava-se pelo Antonico. Quando se viu só, Nita sentou-se na praia e estirou as pernas lanhadas, por onde o sangue corria em fiosinhos delgados. Doiam-lhe. Ela molhou os dedinhos na saliva e perpassou-os pelos arranhões. Desde pela madrugada que andava pelo mato, sem alimento, só para acompanhar o Bié. Tinha muita fome, mas o seu corpinho de gafanhoto, resistia a todas as provações. Depois de estar agachada uns minutos, ergueu-se e foi para a beira do mar esperar o amigo. Ele tardou. Encontrara talvez o tio mudo em casa, aquele terrível tio mudo, e foram precisos grandes disfarces para guardar os ovos sem que o outro lhe percebesse as manobras... Só por maldade já não lhe destruiu ele duas coleções?

O sol aquecia a areia, mas Nita tinha a pele afeita a tudo, e estirou-se na areia, com o rosto para as ondas. Tinha pena de não ter assistido á pescaria... Talvez lhe tivessem dado um peixe, que ela cozinaria com o Bié, nas pedras da Igrejinha... Ficava para outra vez... Por gosto dela não se teria arredado naquela manhã, da praia; mas o Bié estava com tanta scisma nos ovos!... E se o mudo prendesse o sobrinho em casa? Ela teria de ficar ali á sua espera todo o santo dia com aquela fome?!

Mas não. O companheiro chegou, esbaforido, côr de pitanga madura, com os cabelos empastados de suor e um grande pedaço de pão nas mãos sujas.

— Quem foi que deu? perguntou ela risonha, sorreguendo-se nos cotovelos.

— D. Rôla. Eu não pedi... Ela é boa. Estava na porta quando eu passei...

Nita estendeu os dedos ávidos. Havia pão, não lhe importava o resto... Bié dividio-o em duas metades. Cada um pegou na sua e deitados á beida-mar, com a pele quente, os olhos cheios de claridade azul, começaram a comer, muito calados, muito pensativos...

II

Rôla subio apressada o outeiro da Igrejinha. Ti-
nham-lhe dito que o Pedro mudo estava mariscando
nas pedras e ela queria chama-lo para mandar entre-
gar uma costura á cidade antes da noite. Colhendo
a saia de alpaca, já esgarçada, até acima dos tor-
nozels magros, seguiu em direcção aos arrecifes, onde
o mudo costumava, agachado e imovel, pescar horas a
fio. Mas do mudo já nem havia sinal e ela voltou
contrariada, pensando nos trabalhos da sua vida,
quando no alto, perto da igreja, esbarrou com o Rui.

— A senhora por aqui!

— Vou-me embora já.

— Não; fique, eu preciso muito falar-lhe.

— Imagino!

— E' sério.

A tarde no ocaso resplandecia em maravilhosos
recamos de ouro e prata. Sob o céu lilaz, fulgidissimo
rasgavam-se nuvens iluminadas.

— Que esplendor! Tem reparado como isto enreda

a gente? ás vezes venho para aqui estar cinco minutos e fico horas inteiras.

Ela abanou que sim com a cabeça e ficaram ambos calados, olhando para a luz. A seus pés o mar estendia-se extático, traspassado de fulgores crepusculares.

Rôla era uma mulher de trinta e oito anos, alta e esguia, de olhos tristes e cabelos lisos, de um castanho aloirado. O tom pardo de uma blusa de linho acentuava-lhe a palidez do rosto oval, assinalado por meia duzia de sardas. A saia preta escorria-lhe da cintura sobre os quadris chatos; tinha os dedos picados da agulha e a voz dôce e fraca.

Rui, de estatura mediana, era um moço magro, de mãos pequenas, queixo quadrado, movimentos febris e um fino buço negro ameigando-lhe a boca rubra e forte. Andava vadiamente no seu terceiro ano de Direito.

— O que você tem a dizer-me é a respeito de Ada?

— Não. E' sobre outro assunto muito grave...

— Que será!... Diga!

— Deixe-me descansar primeiro... tomar fôlego! Olhe antes para o mar... que côr é aquela?

— Se quer que lhe diga... nem sei!

— Pois os seus olhos estão da mesma côr... côr de saudade...

— Adeus, adeus! lá começa você com as suas fantasias. Diga depressa o que tem a dizer, que eu preciso ir-me embora.

Rui ía a falar, mas logo hesitou; os cantos da boca tremeram-lhe. Uma angústia palpitou celeremente no

negror das suas pupilas e ele encolheu-se num movimento de arrepio.

Rôla percebeu a sinceridade daquela comoção e acariciando-lhe o ombro procurou animal-o maternalmente:

— Ajudei sua mãe a carregar-o ao colo... cantei cantigas para o adormecer... Se a raiva de seu pai agora nos separa, a memória de sua mãe nos une. Póde confiar em mim. Rui!

— E' por isso. A outra qualquer eu não diria nada, nada! Sómente, é difícil, muito penoso... Mas antes, diga-me, com franqueza: a senhora também me considera doido, como toda a gente?!

— Que idéa!

— A opinião dos outros pouco me importa. Enquanto me considerarem tal, permitirão que eu fique horas inteiras deitado naquelas pedras, olhando para estes deslumbramentos. Acharão natural que eu vá um dia á pesca com o João Sérvulo e o Marcos, outro, de casaca, a um baile; que me eternize no meu terceiro ano de Direito e que faça versos á lua! Mas a sua opinião, Rôla, interessa-me mais do que póde pensar... muito mais!

— Era essa criancice que tinha para me dizer?!

— Não; mas é o caminho.

— Continúe; sempre quero vêr aonde vai parar.

— A senhora não me respondeu; nem me responderá... Vale mais olhar para o céu, não é? Veja como está bonito!

No alto, numa trama de ouro enredava-se uma nuvem da fórma e da côr de uma rosa imensa, que

toda se desfolhava, fragmentando-se pelo céu iluminado. Rôla conservou-se algum tempo calada, presentindo o constrangimento de Rui. Que teria ele? Como decidi-lo a dizer aquele segredo que parecia queimar-lhe o peito como uma brasa? Também ela agora se sentia embaraçada; mas, para precipitar a situação, declarou:

— Já que você não quer falar, vou-me embora.

— Espere um instantinho... veja como o mar está roxo aqui e vêde acolá...

— Não dissimule. O que tem a dizer é mesmo a respeito de Ada; já adivinhei.

Ele, sem desviar o olhar das águas, murmurou:

— Ada nunca será minha mulher... é muito vaidosa.

— Vaidosa, coitada! ela está na idade em que a mulher não pensa senão em si. Olhe, Rui, tenho imaginado muitas vezes que efectivamente vocês não nasceram um para o outro. Para que teimarem numa idéa que não os póde fazer felizes? Você bem sabe: Ada...

— Deixemos a Ada em paz, interrompeu ele bruscamente. Fale-me de minha mãe.

Rolinha estremeceu, voltando-se espantada para o moço. Ele estava lívido.

— Era isto que eu queria pedir. Diga-me tudo que souber, com toda a sinceridade. E repetio, martelando as silabas: com *toda a sinceridade*. Comece: ela era bonita ou feia?

— Nem bonita nem feia. Mas não será melhor deixar em paz os mortos?

— Não. A senhora conheceu-a de perto, estava dentro dos seus segredos; pôde esclarecer-me. Continúe: nem bonita nem feia. Clara?

— E muito pálida. Era do meu corpo, mais ou menos: tinha os olhos rasgados, muito escuros e umas tranças...

— Não me fale das tranças, interrompeu Rui com um gesto nervoso. E' a única cousa que eu conheço dela. Meu pai guarda-as debaixo de chave e pensa que eu não as vi. Já as molhei com as minhas lagrimas; são lindas. Como havia de ter ficado desfigurada no dia em que lhe cortaram os cabelos... Sonho muitas vezes com a scena da tosquiação de minha mãe no hospício...

— Oh! Rui!

— Pensava *tambem* que eu não soubesse?! Ouça tudo: meu pai julga-me predestinado ao fim de minha mãe. A minha menor extravagancia é logo para ele um indicio de loucura... Julgo que sou já aos seus olhos um doente, um irresponsavel. Não o diz mas pensa-o; lá bem no fundo da sua alma, como uma pedra, pesa sobre ele essa convicção horrivel. Se dou um grito, se tenho uma insónia, se falo ou se me calo, se faço um movimento mais brusco ou se, por um instante, me altero, eil-o todo agitado, todo aflito ao redor de mim!

— Não diga isso!

— Mas se era isto que eu tinha para lhe dizer? Sabe o que receio? E' que os cuidados de meu pai acabem por sugerir-me a mesma idéa terrivel...

— Não pense nisso!...

— E' impossivel deixar de pensar; meu pai lá está ao pé de mim para lembrar-m-o, apalpando-me o pulso, investigando-me o olhar, arredando-me do estudo, fazendo-me desperdiçar as minhas melhores faculdades, com medo de que a sua applicação determine... o primeiro acesso... o primeiro acesso!

— Seu pai adora-o...

— De mais. Espreita-me, cerca-me, aperta-me num circulo de cuidados nunca enfraquecido. Debato-me, á procura de um pouco de liberdade, mas é vã a esperança; ele vai comigo para toda a parte, penetra nos mais insignificantes actos da minha vida, sabe tudo, adivinha tudo, receia tudo! E' um inferno!

— Ele não teria resistido a uma tal preocupação, se ela fosse tão exagerada...

— Resiste. Ele é de ferro. O que lhe suplico é que me esclareça sobre a origem da doença de minha mãe...

— Não sei...

— Não quer dizer.

— Talvez; e nesse caso seria inutil teimar.

— A senhora é piedosa! Basta responder a isto: os ciumes de meu pai eram... eram... infundados?

— Absolutamente infundados.

— Logo, a sua crueldade nem tinha essa desculpa!

— Filho! de que vale falar nisso? o que passou, passou. Não ha quem não tenha o seu quinhão de sofrimento neste mundo. Não procure indagar do passado e afaste os maus pensamentos. A vida é tão curta!... Vamo-nos embora?

— Espere. Abri-lhe o meu coração numa confidencia que nunca fiz a ninguém. Tenha paciência já agora ouça até ao fim. Se a procurei de preferência é porque da senhora depende a minha felicidade futura, e a senhora, melhor do que ninguém conhece os meus antecedentes. Quero também saber se a loucura de minha mãe foi ocasional ou hereditaria, porque eu tenho a convicção de que é o remorso da desgraça de minha mãe que gera em meu pai receio da minha...

— Não! seu pai não pôde ter nem uma nem outra coisa. Se ele não foi um marido exemplar, tambem não foi um marido péssimo. Pelo amor de Deus, fuja dessas idéas, pense que a mocidade é como aquela nuvemzinha que me mostrou ha pouco: desfolha-se depressa. Aproveite-a. Olhe, amanhã ha festa na casa do senador Guidão...

— Tenho pensado muitas vezes que a sua opposição ao meu casamento com Ada se apoia nesse razão. E seria justa. Sendo um mal hereditario eu posso ser um condenado... um marido perigoso...

— Que tolice! Não me oponho ao seu casamento, embora não o deseje; ele não faria a felicidade de ninguém... mas creia que os motivos são muito diferentes! Na familia de sua mãe a primeira louca foi ela. Loucura accidental... teria ficado boa se vivesse mais alguns meses... Sabe que nas mulheres essa especie de doença tem varias explicações...

Rui aspirou com força o ar saturado de salitre que vinha das águas. Todo o mar parecia coalhado de pétalas roxas e aloiradas, que iam boiando man

samente á tona das vagas, como folhas dispersas de arvores invisíveis...

Rôla queria fugir do assunto e aproveitava todas as abertas. Descortinando no extremo do pontal da fortaleza uns pontinhos movediços, perguntou:

— Que é aquilo?

— São as gaivotas de Copacabana: o Bié e a Nita. A senhora é míope?

— Sou. Que farão aquelas crianças, sozinhas, a esta hora! E' quasi noite...

— Bem se importam elas! Creio que já têm dormido por aí, em cima dos rochedos. Inda agora estão perto; mas quando se metem por esses matos, á procura das orquideas? São destemidas...

— São abandonadas.

— O tio do Bié, sabe, o mudo? faz-me medo...

— Porquê?!

— Não sei. Parece-me que lhe vejo a alma em acenos de naufrago nas pupilas esgazeadas. O misterio daquele espirito sepultado bastaria para impressionar-me, se ainda o tipo do homem não me causasse horror. Que orelhas! Tem reparado? Talvez pelo esforço de quererem ouvir têm-se tornado tamanhas. E aquela côr, e aquele cheiro a algas e salsugem, e aquele grunhido! Que pensamentos se agitarão naquele cerebro?

— Pobre infeliz; bem ou mal o que ele pensa fica lá com ele. E' como o fundo do mar: ninguem sabe o que ha lá dentro!

— Tal e qual.

— A sua voz é mais forte de que a minha: chame aquelas crianças!

— Para quê?

— Faz-me aflição vê-las ali... sózinhas.

Rui gritou com força:

— Nita! Bié!

O pequeno voltou a cabeça, mas não se arredou do lugar. Nita deu uns dois saltos e afundou-se em um tufo de vegetação, como uma patinha no chôco.

— Escute ainda, Rôla. Eu estava morto por lhe falar e nunca achava ocasião. E' um assunto tão intimo este, que a ofenderei se lhe pedir segredo. Meu pai ignora as minhas suspeitas. Deus me livre que ele desconfie que já sei tudo... Acha-me parecido com minha mãe?

— Um pouco...

— Ele não gostaria de ouvir isso, Nunca houve morta mais repelida da lembrança! Era caritativa?

— Muito.

— Nunca se queixava de meu pai?

— Nunca!

— Nunca lhe contou que ele lhe batia, que a arastava no assoalho e que a prendia pelas tranças aos puxadores da cómoda grande, do oratório?!

Rôla perguntou, num arrepio de espanto:

— Como é que você sabe?!

— Ah!...

Houve uma pausa de silencio, em que se ouvia bater o coração de Rui. A noite ia caindo, já as nuvens de fogo se tinham desfeito em cinza e a viração encrespava a infinita superficie das águas. Na meia

sombra, a praia descrevia um semi-circulo alvadio e longuissimo. A voz do mar engrossava, engrossava...

— Vamo-nos embora, Rui. E' noite...

— Então é verdade, é verdade!

— Não! E' mentira, é mentira! Não foram os maus tratos que puzeram sua mãe no hospício; foi a sua má sorte: a sua ruim estrela! Quem lhe contou essa historia das tranças? Fôsse quem fôsse fez uma má acção!

— Quem me contou não tem nome: foram as minhas conjecturas, foram as sombras do meu quarto, foi uma voz indistincta de queixa e de agonia, que ficou errando pela minha casa... Haverá nisto tambem uma reminiscencia da infancia? Poderá a minha memória vêr ainda de joelhos, aos pés do oratório, uma mulher pálida, amarrada pelas tranças, toda retorcida e inundada de lágrimas? Do meu berço, teria eu sentido os gemidos que eternamente sinto cravados no ouvido? Não sei. Nenhuma lingua humana articulou ainda diante de mim acusações que justifiquem esta certeza, que a senhóra agora confirmou com o seu espanto e a sua pergunta.

— E' noite, Rui! Vamo-nos embora! Estou com frio! Que imaginação a sua! Está creando fantasmas para seu martirio. Eu não confirmei nada... Eu não sei nada. Seu pai ama-o. Seu pai é bom.

Rôla não tivera coragem de olhar para o moço, mas, mal agora lhe pousou a vista em cima, estremeceu. Ele chorava.

Ao principio ela não atinou com que dizer. A lingua entorpecia-se-lhe; teve desejos de colher com

beijos maternos aquelas lágrimas silenciosas. Na sombra, a lividez de Rui, os seus grandes olhos escuros iluminando as faces longas e murchas, trazia-lhe á lembrança a figura da pobre D. Angela, nas crises do seu desespero mudo e sem remédio.

— Seria só por ciúmes?... perguntou Rui.

— Talvez... disse Rôla, engasgada e confusa.

— Naturalmente... E hoje meu pai é um homem... bom...

— Perfeito não ha ninguem, Rui, e quando se é moço o genio é desigual, e faz-se muitas vezes sofrer as pessoas a quem só se desejam felicidades...

— A senhora nunca foi assim...

— Eu sou mulher...

— Mais um momento, Rôla, e não repita a ninguem o que lhe vou dizer! Tenho por meu pai, a par de muito amor... muita aversão!

— Rui!

— E' a verdade. Isto tem por força origem em um facto remoto, que não posso determinar, mas de que por certo fui testemunha. Arrancado talvez por ele dos braços de minha mãe, assisti inerte a alguma afronta que a humilhou. Não é crível que eu me lembre dela, mas é certo que a sua alma torturada se prolonga na minh'alma e que tenho a convicção de a ter visto sofrer...

— E' impossível! Você não tinha ainda dois anos, quando D. Angela morreu!

— Rôla, a confissão que lhe fiz é tremenda. Ha alguma cousa no fundo da minha consciencia que incessantemente clama por justiça. Dir-se hia que

debaixo da terra os ossos da pobre martir esperam que se cumpra...

Rôla interrompeu as palavras do moço, tapando-lhe a boca com os dedos gelados, ao mesmo tempo que dizia num timbre de voz alterado pelo espanto:

— Cale-se!... Vamo-nos embora! estou com muito frio... muito frio!...

Ele não respondeu. Aspirava com força o ar, que parecia faltar-lhe.

Sem coragem para repelir com energia as idéas do moço. Rôla disse baixo, na meiguice de um conselho:

— Esses pensamentos insensatos podem cavar a sua sepultura; deixe ao tempo esse serviço e não seja cruel para com seu pai...

— E, afinal a senhora não me disse nada!

— Que poderia eu dizer?

— A verdade inteira.

— Você é um rapaz inteligente e instruído, eu sou uma ignorante não acharia palavras que o convencessem... para mim tudo isso são sombras e enredos da imaginação. Hão de passar com o tempo...

— Não...

— Seu pai adora-o, seu pai é um bom pai, o seu melhor amigo; não deve desconfiar dele nunca, e tenha certeza que tudo quanto ele faz é para o seu bem... E' tudo quanto eu posso dizer!

— Diga que é tudo quanto quer dizer. A senhora conhece a historia de minha mãe... foi sua amiga íntima... porque tem evitado sempre falar-me dela?

Por que se opõe ao meu casamento com Ada, quando diz e eu sinto, que é tão minha amiga?

— Oponho-me ao casamento de Ada porque ela é uma pobre enjeitada, sem dote, sem nome e de uma sociedade muito diferente da sua. Seu pai empurra-o para uma situação brilhante. Ada seria um estorvo. . .

— Que razão!

Começaram a andar, mas logo Rôla, precipitando os passos, tropeçou nas saias. Rui amparou-a.

— Dê-me o seu braço; conheço bem o caminho e tenho melhor vista. . . Fui imprudente; eu não lhe deveria dizer nada. . . mas este segredo era tão grande para mim só! Suponha que foi um delírio de febre. . . e não se associe ao meu desespero, para que não ha remédio!

— Ha remédio, sim: o bom-senso. Não procure penetrar num passado que você não conheceu e que foi melhor do que pensa. . .

— A senhora está trêmula. . . descanse um pouco. . . e saiba que é mais forte de alma do que eu julgava. . .

— Por que?

— Odeia meu pai, e defende-o! . . .

— Está enganado. Eu não odeio ninguém. . . Mas como ficou escuro depressa! . . . Enquanto não rompe o luar, as noites na praia são tristes. . . principalmente as de inverno. . . Ada deve estar com cuidado em mim. . .

— Rôla, a senhora quer dar-me uma prova de que tudo quanto eu lhe disse, não passa, a seu vêr, de imaginação?

— Quero.

— Consinta que Ada seja minha mulher... anuncie amanhã o nosso noivado a toda a gente! As razões que alegou são infundadas...

— Não... que idéa!...

— Ah...

— Bem sabe que isso não depende de mim!

Tinham chegado abaixo. Rôla voltou-se para umas casas de pescadores no sopé da colina. Vio luz na do João Sérvulo, e na do Lino alguém afinava um violão. Impulsionada por uma piedade que a entristecia, apertou carinhosamente o braço de Rui, um braço frágil, magro, em que ela não tinha confiança, e disse:

— Você acredita gostar de Ada, mas não a ama tanto que lhe perdôe os defeitos. E' preciso esperar...

— O que eu não lhe perdôo é a beleza... porque tenho medo!...

— Disso ela não tem culpa!

— Tem. Ada cultiva a sua formosura como uma flôr preciosa! A senhora bem sabe...

Passavam rente ao telheiro do Conceição, quando um vulto se desdobrou lá de dentro e veio atravessar-se diante de Rôla e do moço, olhando-lhes de perto para a cara.

Rui estremeceu. Rôla sorriu: reconheceram ambos o mudo, com o seu largo carão côr de terra, os seus olhinhos curiosos e aquelas orelhas enormes, amolecidas pelo cansaço de um esforço nunca satisfeito.

III

Eram sete horas da manhã quando Rui saltou da cama, despertado pelos repiques do sino da Igrejinha. Enfiou-se no seu roupão de banho e saíu para a sala de jantar, gritando pela criada que lhe arranjasse o café. O pai estava ali, sentado perto da janela, lendo um jornal.

O coronel Mangino, que toda a gente das cercanias se contentava de intitular — o pai de Rui, — era um homem de cinquenta anos, magro e palido, de olhos gateados, boca séria, orlada de um bigodinho fino e umas barbicas grisalhas que se estendiam desde o queixo até ás orelhas, como uma vegetação de musgo seco, ligeiramente crespo. Tinha a testa quadrada, muito lisa, e uma cabeleira curta, sedosa e farta. A sua expressão habitual era sombria e grave, mas as suas mãos estreitas e macias como mãos de mulher, quebravam-lhe a rigidez da compostura pela assiduidade dos movimentos, que parecia quererem estrangular cousas invisíveis que colhessem no ar...

Quando Rui se curvou para tomar-lhe a benção, ele contemplou-o muito demoradamente e depois disse:

— Você passou mal a noite. E' preciso perder esse costume de lêr até tão tarde...

— Li até a uma hora, só...

— Até ás duas horas e vinte e tres minutos. Eram duas horas e vinte e tres minutos quando você apagou a luz. Olhei para o relógio — para saber. Não gosto disso; você não tem saúde para essas cousas!

— Mas eu passo admiravelmente!

— Sim, parece... mas eu é que vejo como você está magro.

— Isso não quer dizer nada. Também o senhor não é gordo...

— Sim... sim! olhe esses banhos de chuva também não me agradam nada!

— Porquê? pois eles são magníficos. Toda a gente no Rio de Janeiro toma banhos de chuva!

— Pois não são os mais proveitosos. Preferiria que experimentasse os banhos de imersão.

— Esses só quentes.

— Ou mornos. Tome os banhos mornos.

— Porque não os de mar?

— Esses ainda seriam piores...

O Rui, para disfarçar a sua impaciencia, gritou de novo pela criada:

— Então, Antonia, o café? e voltando-se para o pai:

— Não sei como o senhor não me prescreve também o mate em vez do café!

— E não seria asneira nenhuma. O café é um excitante... Mas agora outra cousa: Você vai logo á festa do senador Guidão?

— Não tive convite

— O convite está ali. D. Delfina também falou comigo. E' bom ir. Você não escrupulisa na escolha das companhias. Aquela é uma gente séria, de posição. Não gosto nada de o saber metido em casa da Rôla ou em passeios, como ontem, só com ela na Igrejinha...

— O senhor é injusto. Rôla é mais estimada do que supõe. Toda esta pobreza a adora, e os ricos também. Aposto em como vou logo encontra-la em casa do Guidão. Eu gosto dela porque a acho inteligente, porque se presta a ouvir-me com tolerancia, porque é trabalhadeira e porque é honesta.

— Só lhe faltava essa qualidade. A Rôla honesta! exclamou rindo o Coronel.

— Que se sabe dela? Que trabalha como uma negra para sustentar-se e á filha. Quanto ao seu passado, está tão longe e tão redimido!

— A mácula ficou. Nem sei como o Guidão a recebe. E' das tais facilidades desta terra... Sabe porque lhe puzeram o nome de Rôla, que pegou para sempre? Porque quando o moço que a raptou da casa do tio, fugio... ou morreu... ou fingio que morreu, ela vestio-se impudentemente de luto, como uma verdadeira viuva. Era a saudade viva e sem recato. Aposto em como ainda chora por ele...

— Ainda. Foi uma grande paixão

— Qual paixão! O tio, coitado, educou-a como filha.

— Não; como orfã, por esmola de um colégio. Ela deve a sua instrução á caridade.

— O pobre homem não tinha meios para pagar-lhe mestres, mas quando a vio mocinha tirou-a do colégio.

— Porque então, ela já lhe poderia prestar serviços em casa.

— Foi ela quem o informou disso? perguntou com ironia o Coronel.

— Não; foi o João Sérvulo. Rôla não alude ao seu passado, nem mesmo quando eu lhe peço que fale de minha mãe... O seu pecado foi talvez uma ilusão de criança. Haverá quem não erre na vida? Ainda ela foi castigada. Outros ha que ficam impunes. Então, Antonia, o café!

Lá fóra os sinos repicavam, vibrando no ar lim-pido da manhã com uma alegria de festa.

O Coronel calara-se, voltando á leitura concentrada do seu jornal, enquanto o filho engulia o café á goles pequenos, com o olhar perdido num pensamento errante:

— Quem teria dito ao paí que ele estivera na véspera sózinho com a Rôla no outeiro da Igrejinha, se a unica pessoa que os vio fôra o mudo? Ah! teria esse homem de lingua emperrada poder de transmitir aos outros os seus pensamentos só pelo olhar? Não era a primeira vez que um facto ocorrido só e só diante dele, considerado como *ninguém* por toda a gente, corria de boca em boca num sussurro crescente,

até ficar conhecido dos proprios gatos e cães! C mudo... o mudo... aquele carão de caboclo azinha vrado nas rugas moles, aquelas orelhas enormes... e aquele cheiro de salsugem, imprimiam-lhe cada vez mais á alma um arrepio de medo infantil, quasi supersticioso...

Tia Antonia, que voltara para a cozinha, batia com as tampas das cassarolas, atabalhoando o serviço, para se fazer sentir em casa. Quando ela vio passar Rui no seu *turco* felpudo pelo páteo, a caminho do banheiro, atravessou-se-lhe diante suplicando:

— Nhonhô, peça a papai para almoçar hoje mais cêdo, que sua negra véia qué i á festa!

— Irás á festa, Antonia; mas agora dize-me: para quê?

— Uê!! p'ra rezá...

Rui não respondeu e foi pensando: Talvez ela tenha oitenta anos... talvez tenha cem... e ainda espera alguma cousa... rezar é pedir, é o aneio por um bem ambicionado... Aquele çaco humano, cujas fibras me parecem todas despedaçadas, ainda não se deshabituou de desejar... Não haverá então idade em que o suplicio de querer tenha fim? Até á hora da morte viveremos com a alma só voltada para o futuro? Todos? Todos?

Nesse instante a doce visão de Rôla atravessou-lhe o espirito e ele pensou: — porque terá meu pai tanto ódio dela?

Quando, duas horas depois, saíó de casa, já pela colina da Igrejinha começava a subir a romaria dos

fiéis. Foram dos primeiros Flaviano mais a família da noiva. Maria Adelaide, com um vestido branco em que esvoaçavam fitas solferinas, o cabelo suspenso num topete a que não estava afeito, os dedos curtos enfeitados de anéis de pechisbeque, acompanhava o noivo, como um cãozinho o dono. Atrás dela a mãe, a viuva Tobias, gorda e amarelada, marchava, bamboleando-se como uma canôa, entre as outras filhas, duas meninas espigadas, de narizinhos palpitantes e olhos curiosos.

Flaviano comboiava o rancho com a autoridade do unico homem da família, exercida menos por palavras que por severidade de gestos. Parecia mais escuro, engasgado num colarinho branco e uma gravata côr de papoula, que lhe realçavam as maxilas de onça. Vaidoso da noiva branca, que lhe tinha caído na rêde como um peixinho inexperiente, ele dava-se ares de superioridade, para retê-la na sua submissão de mulher, que é a unica verdadeira. Ele não sabia falar de amor, mas sabia dizer: — eu quero; faça.

Maria Adelaide conhecia o noivo desde a infancia: tinha se sentado com ele no mesmo banco da escola pública. Ele não passára do segundo livro de leitura; ela avançara intrepidamente até ao ultimo, mas sempre camaradas, tratando-se por você. Depois de uma temporada de férias, mudaram de caminho e perderam-se de vista.

Quando se tornaram a encontrar, o pai dela, carpinteiro, tinha morrido; a mãe, carregada de filhas, suspirava por um genro que a aliviasse da carga. Flaviano prestou serviços á família caída em miséria

e apaixonou-se pela antiga condiscipula. Ela não o repeliu. Influenciada pela lembrança do mesmo banco do colégio, da lição comum, da igualdade de princípios, achou natural que as mesmas prerogativas de seres livres predominassem até ao fim, até á participação do mesmo leito e talvez da mesma sepultura...

As irmãs, mais espertas, com uma pontinha mais viva de independencia, motejavam ás vezes, ás ocultas da mãe, daquelle casamento, levantando os beiços em caretinhas de repugnancia. Embora mais velha, Maria Adelaide era mais ingénua que as outras e ia-se deixando levar...

No alto da encosta, ao darem volta á Igreja, esbarraram com o João Sérvulo, de opa côr de tomate fluctuando á viração forte do mar, e a Fortunata em conversa com o Marcos pescador e a mãe, D. Conceição, uma velha portuguesa vermelhaça e ruiva, carregada de ouros no pescoço, no peito e nas orelhas.

Flaviano sentio um baque no peito. Desagradavelhe o encontro, não sabia porquê. Os olhos de Marcos não pararam nele; foram logo direitinhos a Maria Adelaide; Flaviano voltou-se, mas a noiva, vermelhinha como uma rosa, tinha abaixado os dela para a areia do chão.

Bimbalhavam os sinos, voavam no ar límpido os galhardetes e as flamulas festivas. No infinito azul das águas infinitas não havia nem sequer um ponto de embarcação. O céu sem nuvens arqueava-se sobre o mundo, como uma redóma enorme de turqueza líquida, traspassada de luz.

— Repare, gente, como a Hortensia vem bonita! exclamou Fortunata, acenando para a filha do pescador Lino, que ali ia com o pai a caminho da Igreja. Ele muito alto, grisalho, ela com os cabelos loiros rutilando ao sol a um alegre brilho nos olhos azuis.

Fortunata suspirou alto:

— Eu só queria que você cantasse hoje, Hortensia, para essa gente da cidade ficar toda pateta!

— Uê! coitada de mim... quem sou eu!

— Rui diz que você é a Bonança!...

— Fantasia do Rui!

João Sérvulo, com a opa a fluctuar-lhe no corpo magro de ave pernalta, disse que seria bom irem tomando lugar na Igreja. Flaviano não esperou segundo aviso, e mais carrancudo, mordido por ignorada vêspera, fez sinal á noiva que o seguisse. Ela passou rente ao Marcos que, muito mais alto, todo se curvou para sentir-lhe o cheiro dos cabelos, lustrosos de brilhantina.

Com uma voz argentina, de inegalavel timbre, a Hortensia falava, olhando para o mar:

— Graças que chegou o dia dos peixinhos podem nadar na beira da praia sem medo nenhum... os remos estão descansados, as rêdes enxutas...

— Do que você se foi lembrar: dos peixes! interrompeu Fortunata rindo e depois: vamos, que aí vem o Rui, e conversa puxa conversa, não se acha depois lugar lá dentro!

Chegado ao alto, Rui não entrou na Igreja, queudou-se á espera, olhando para o caminho. Vestidos alegres tachonavam a encosta de tons de papoula e

boninas campestres. *Ela* ainda não aparecia, caminhou então para a frente, olhando para o horizonte largo. Que manhã, que doçura! dir-se hia a infancia do mundo, tal a pureza do mar e do céu sem uma sombra! Por um momento o seu espirito inquieto repousou deleitado naquela grande paz. Parecia-lhe que se a vida fosse sempre assim, o homem poderia viver mil anos sem sentir jámais o vinco da lagrima, a pulsação do esforço, a agonia do suor ou o amargor da saudade. Maio formoso despejava no ar um fluido de suave repouso, que adormecia na alma o sofrimento. Resoavam fóra os canticos da Igreja, e uma gaivota pairava no ar sobre a sua cabeça, comó a glorifical-o na natureza harmoniosa.

A abstracção foi curta. Uma voz chamou-o. Era a de D. Delfina, mulher do senador Guidão, que ía com a filha solteira, a impassivel D. Leonor dos olhos grandes, e pedia a sua companhia para ajudal-as a entrar na igreja, já repleta de povo. Rui teve de abrir caminho até faze-las passar para a capela-mór, e, só depois de mal ou bem as ter acomodado, foi que procurou ver a filha adoptiva de Rôla, essa formosa Ada, que não lhe saía um instante do pensamento.

Não procurou muito tempo. No meio de um bando de véus brancos e de grinaldas de rosas de comungantes, ela rezava de joelhos, com o seu lindo perfil levantado para o altar. Entre o grupo pálido das virgens veladas, a sua figura ressaltava num destaque sensual, com o seu vestido escuro degolado mostrando-lhe o pescoço roliço e branco, todo nú, o cabelo negro e abundante enrodilhado na nuca num rolo

traspassado por um prego doirado e um enorme ibisco escarlata sangrando-lhe o peito arredondado, feito para o amor. Parecia uma Venus de joelho, castigando a sua carne de pecado, e redimindo a sua alma no anseio desesperado das súplicas católicas.

— Que pedirá ela a Deus? pensou Rui, sem desprezar os olhos do seu rosto extático. Pedirá que eu a ame ainda mais? que os nossos destinos se unam depressa e para sempre? Toda aquela contrição, todo aquele enlevo nascerão do amor que me tem, este amor que é a nossa tortura e a nossa maior... a nossa única felicidade?! Nada a avisará de que eu estou aqui? Não... nada... ela percebe só que está linda e deixa-se contemplar naquela atitude, tão em desacôrdo com o seu tipo de deusa pagã... Como meu pai se riria se a visse assim...

O Coronel Mangino costumava dizer que Ada era só artifício, o proprio fingimento em fórmula de mulher.

Ouvindo tal, Rui revoltava-se, rompendo em protestos que a defendiam, mas no fundo do seu espirito ficava alguma cousa dessa acusação: a dúvida...

Ninguém em Copacabana sabia de quem era filha essa Ada, enfeitada á porta da Rolinha, em uma triste noite de chuva. Os pescadores antigos do lugar conheciam-na de pequenina, quando ainda de gatinhas se arrastava na praia, á vista cautelosa da sua mãe adoptiva. Todos eles tinham sentido nos braços o seu peso, a todos tinham puxado os cabelos as suas mãozinhas trêfegas. Todavia, á proporção que ia crescendo, e se ía embelezando, essa criaturinha sem

origem, tomava ares de filha de doutor, como eles diziam com resentimento e desdém. Mesmo as suas companheiras de infancia, nascidas e criadas no mesmo bairro, a Maria Adelaide e a Hortensia, eram agora evitadas por ela, que pendia toda para a Dona Leonor, filha do ricaço Guidão... Afinal, a Maria Adelaide, orfã de carpinteiro, era noiva de um pescador mestiço e a Hortensia fazia rêdes cantando para ajudar o pai! Ela insinuara-se, não se sabia como, em casa do senador Guidão; herdava os vestidos da D. Leonor, que chegava a leval-a ao theatro e a outras festas consigo. Se Ada fugia dos humildes, Rôla conservava o seu lugar entre eles. Era a médica dos pobres, com a sua caixa de homeopatia sempre pronta; e, quando Deus queria e o tempo lhe sobrava, servia-lhes de enfermeira...

Em baixo do púlpito e encostado á parêde, o pescador Marcos não tirava os olhos de cima da Maria Adelaide; por duas vezes a moça o fixára tambem, rápida e furtivamente; mas o noivo estava a seu lado, de sentinela, e ela retraía-se logo, assustada, apertando os dedos entrelaçados, em que luziam as pedrinhas falsas dos aneis dos mascates. Desfiava Padre-Nossos, sem pensar no que fazia, maquinalmente. Por seu gosto, voltar-se hia de todo para esse pescador branco, que a comia com a vista, e era por certo muito mais interessante do que o Flaviano, seu noivo... Quando se levantou, findo o officio, tinha os joelhos magoados e uma tristeza no coração. O noivo parecia ter adivinhado qualquer cousa e acercou-se dela carrancudo. Maria Adelaide teve então

vontade de fugir e meteu-se, calada, pelo grupo das mulheres dos pescadores — a Fortunata, desembaraçada, falando a toda a gente; a mulher do Rufino, com o seu rancho de creoulinhos, e a filha do Lino, a doce Hortensia, que a acolhia sempre tão bem. A mãe e as irmãs chamavam-na para o seu lado e ela fingia-se surda, queria rodear-se de outra gente, fugir do Flaviano, certa de que, dentro do peito dele, roncava trovoadas, pronta a desabar sobre ela...

Ao saírem da igreja, viu Marcos ao pé da porta. O seu vestido roçou nos joelhos dele, os seus olhos de cordeiro manso levantaram-se para o seu rosto queimado do sol e dos ventos do mar. Ele tinha um ar triste e luminoso ao mesmo tempo; ela empalideceu, como se lhe dera uma vertigem.

Fortunata propunha: — Vamos ficar aqui um bocado, para ver as moças de Botafogo?... Vocês estão reparando? Para estar todo o pessoal da *Guanabara* — falta só *seu* Freitas, *seu* Baptista e o Rubião... A gente da *Cruzeiro* tá quasi toda também... Só Pedro mudo não deixa os peixes em paz nem em dia sagrado. Está lá sózinho nas pedras... Lá vem Rolinha com a gente do Dr. Guidão... Olha só.

Flaviano comentou:

— Disseram que ontem ela foi apanhada aqui sózinha com o Rui...

— Apanhado é peixe; não venha já com malícia, exclamou Fortunata, ofendida. Tá vendo, João Sérvulo? ninguem escapa á lingua do mundo... D. Rôla é uma santa!

Flaviano respondeu:

— E' mulher.

— Que novidade, gente! Ser mulher é crime? uê!

— A mulher é perdição do mundo.

— E o homem é a tentação do diabo!

— Quando a mulher não é séria deve ser morta aos bocadinhos, como tatuí para iscas de cação!

Houve uma gargalhada. Só Maria Adelaide baixou para o seu vestido branco a vista toldada por uma nuvemzinha...

— Sabe que mais, Maria Adelaide? — aconselhou Fortunata, alto, com a sua franqueza sã: Eu se fôsse você procurava outro noivo, mais sossegado. Flaviano pensa que mulher é sardinha e que é tão facil passar a navalha em uma como em outra. Livra! Até estão fazendo a gente pecar com estas conversas depois da missa! João Sérvulo tá com cara de fome, adeuzinho. Até logo de tarde para a procissão!

Voltando-se para um pescador negro que viera á festa com a mulher e os filhos endomingados e tezos continuou sacudidamente:

— Compadre Rufino, o senhor vai connosco mais a comadre Rosa. As crianças têm cama, têm leite, tá tudo prevenido

— D. Maria da Conceição, disse ainda dirigindo-se á mãe do Marcos: — não faça cerimonia! quando quizer descansar, minha casa está ás ordens. Até logo p'ra todos!

A pouco e pouco foram descendo os fieis. Só Maria da Conceição segredou ao filho que ficasse com ela mais tempo ali.

Marcos olhou espantado para a mãe.

— Ficar ali, para quê?!

Maria da Conceição não respondeu logo e caminhou para a frente da igreja, postando-se a olhar muito séria e sombria para o mar. O filho tornou a indagar do que lhe queria ela.

— Quando estivermos sós eu t'ó direi! Espera!

Marcos girou sobre os calcanhares e foi espreitar para os lados da praia, a vêr se lobrigaria ainda ao menos um esvoaçar das fitas da Maria Adelaide. Entretanto, os fieis iam descendo e o outeiro em cima ficando deserto. Quando se vio só, Maria da Conceição chamou o filho, fêl-o sentar-se no gramado do chão, a seu lado, e depois de um instante de preparo, fixando nele os seus olhinhos azues, de ruiva, disse-lhe, com amargura:

— Tu gostas da Maria Adelaide!

O rapaz córou subitamente; depois, os olhos encheram-se-lhe de água e ele abaixou a cabeça.

Maria da Conceição estendeu a sua mão curta e engilhada, mais pelo trabalho do que pela idade, segurou na mão calejada e comprida do filho e ficou-se a contemplal-o, com pena.

Toda ela faiscava ao sol, nos seus ouros bem limpos e abundantes: as arrecadas das orelhas, os cordões do pescoço, os corações enormes de filigrana que se lhe espalmavam no peito sobre a casemira preta de um casaquinho sem abas, até nos cabelos ruivos, enrolados em tranças apertadas na nuca.

Marcos contemplou-lhe o rosto longo, sulcado de rugas e perguntou:

— Como foi que a senhora percebeu?...

— Olhando para ti. Sabes que não olho para mais ninguém; mas, filho, é preciso mudares de tenção. A pequena tem dono. E que dono!

— Ela não gosta dele.

— Hein?

— Ela não gosta dele.

— Cala-te; é sua noiva, deve querer-lhe bem.

— Teme-o.

— Cala-te. Vem fazer comigo uma promessa a Nossa Senhora. Vamos pedir-lhe, de joelhos, meu filho, que te faça esquecer essa paixão...

— Não quero. Prefiro sofrer. Ela não o ama, ainda poderá ser minha mulher...

— Como sabes tu isso? Ela disse-to?

— Adivinhei-o, mãe. Ela nunca me falou.

— Adeus! adivinhaste! Pensas uma cousa e ela é outra. Se o Flaviano, aquele bóde excomungado, sabe que lhe cobiças a noiva, mata-te!

— Que mate.

— E eu?

— A senhora é mãe, me perdoará.

— E' o pago que me dás!

— Mas o que é que a senhora quer que eu faça?! respondeu ele quasi gritando.

— Quero que me prometas que nunca mais has

de olhar para ela, nem lhe passares á porta, nem andares em companhia da sua gente...

— Que mais?!

— Que venhas comigo fazer na igreja uma promessa, para a esqueceres.

— Prefiro morrer com ela no coração.

— Lembra-te de que o noivo é um pescador como tu!

— Só isso, mãe, só isso é que é a desgraça...

— Um pescador não quer a infelicidade de outro pescador.

— Não, não póde querer!

— Bem vêes que tens de mudar de idéa.

— Oh, mãe!

— Já me tens dito que um pescador é como um irmão de outro pescador. Então não has de ser como Caim... Deixa a rapariga em paz...

— Sabe? a senhora não lucrou nada com dizer-me essas cousas... antes ficasse calada. Eu não vou dizer á moça que gosto dela... mas gosto... não sei por que... nem como foi... ela tambem gosta de mim... o resto é com Deus!

— Ou com o diabo!

Ao dizer estas palavras, a portuguesa sentio bafejar-lhe a nuca um sopro quente, como o halito de um animal. Voltou-se assustada. Atraz dela estava o mudo, agachado, de orelhas pendentes, como para guardar lá dentro o que tivesse ouvido.

— Arre! que bruto exclamou ela com mau humor.

Marcos aproveitou a ocasião para levantar-se e depois de sacudir-se, como se quizesse enxotar qual quer bicho importuno de sobre o corpo, disse:

— Vamo-nos embora; voltaremos para a procissão. Lembre-se, mãe, que eu não lhe prometi nada!

— E tu, lembra-te do que eu te disse!

Enquanto os dois desciam, o pescador na frente, com largas passadas, a mãe atrás pensativa, Pedro mudo atirou-se na relva, de bruços, grunhindo como um porco para o azul do mar e do céu

IV

A procissão vinha descendo pela encosta da igrejinha até á praia. As chamazinhas dos cirios, carregados por irmãos de ópa, ladeavam com linhas de reticencias luminosas os anjos apatetados, com azas de penas pintadas nas espáduas e corôas de pechisque na cabeça. Antes e depois do pálio, virgens enfasiadas, de saias escorridas e andar mole, levavam sem poesia o mistério do véu, que lhes escorria dos cabelos, chatos até á barra das saias, batidas pelos calcanhares. Na frente, um sacristão de olhinhos redondos, tangía a sineta, enquanto um outro sacristão de faces vêrdes balançava o turíbulo de que se evolavam pequenas espiraes opalinas e rescentes.

A tarde, de setim, tinha a serenidade da crença que nenhum argumento abala ou nenhum sofrimento perturba. Era uma dessas lindas horas de Maio, que na sua curta duração infundem na alma o sentimento da eternidade...

De pé, prendendo o filho pela mão, a Fortunata fazia exclamações, chamando a atenção das mulheres dos pescadores para os detalhes da festa:

— Gente! reparem para o filho do Jeremias, como vai bonito!... D. Rôla tem muito geito; foi ela que fez o vestido da Dudú. Também não sei que esperam estes pescadores que não dão um manto novo á Nossa Senhora... cáinhas como eles só!...

A procissão serpeava agora vagarosamente por um trecho da planície. As virgens e os anjinhos, de olhar estupidificado, arrastavam-se sem ritmo, num abandono da vontade, e no azul uniforme e suave da tarde as chamazinhas dos cirios tremulavam palidas, derretendo a cêra que escorria em fios grossos e pingava no chão.

Atraz da procissão, a mãe de Marcos caminhava de vagar, reluzindo ao peso dos seus ouros e murmurando orações a meia voz. Ao lado dela ia o filho, muito alto, com os cabelos ao vento e os olhos fitos adiante, nas fitas solferinas da Maria Adelaide, fitas que o vento fazia esvoaçar, atirando-lhes as pontas livres para as costas do Flaviano, como para enlaça-lo desde essa hora á noiva, que ia hirta como as imagens dos andores, que não vovem o rosto para lado nenhum... Dir-se hia que essas fitas vermelhas se reflectiam nas desbotadas pupilas de Marcos como traços de odio sanguinolento... A seu lado a mãe precipitava a alma em rezas e supplicas, ofertando corações de cêra ao altar, pela extinção daquele amor, que ela via nascer com tanto impeto.

Tinham corrido os moradores do lugar a vêr a procissão. O pescador Lino, alto, branco e espadaúdo, seguia a filha, que rescendia a raízes de capim cheiroso, o *vétivèr* com que embalsamava, a sua roupa branca.

A familia do Dr. Guidão tambem se dignara vir do Ipanema para acompanhar o cortejo religioso; mas D. Delfina e Rôla tinham-se quedado no alto da Igrejinha, enquanto o grupo das moças e dos rapazes seguia a procissão, entre risadinhas e cochichos, de que não participava a D. Leonor dos olhos grandes, que se conservava silenciosa e séria.

Uma amiga da cidade, a Yaiá Serra, de pulseiras lilintantes e quadris postiços, fazia espirito á custa dos pescadores e espicaçava com ditinhos picantes um sobrinho já moço de D. Leonor, fascinado pela beleza de Ada...

Esse sobrinho, neto mais velho do Dr. Guidão, e só um ano mais moço que a tia Leonor, cursava em S. Paulo os seus estudos académicos, e só por acaso se encontrava no Rio; Ada fôra-lhe apresentada nessa tarde e logo a Yaiá Serra, com um faro de loba, percebeu que o rapaz ficara impressionado e entre-tinha-se maliciosamente a provocar-lhe uma declaração... Eduardo Guedes, o Eduardinho, como todos o chamavam, aceitava risonhamente as insinuações, até que Rui, muito palido, se aproximou do grupo e caminhou ao lado de Ada, a quem falou, baixinho:

— Devo avisar-te de que este neto do Senador, não é rapaz a que uma moça possa dar confiança...

— Ora essa!

— Olha para mim, Ada!

— Podem reparar...

— Por que trazes um vestido assim tão degolado?!

— Porque é moda...

— Mas... na tua idade... nem todas as modas vão bem...

— Pois olha, ha até quem diga que o meu pescoço não é feio...

— Vaidosa!

— Sempre a mesma palavra; até parece que não sabes outra!

— Não é a que mais te tenho dito... Vais logo á casa do Dr. Guidão?

— Por força.

— Dançarás?...

— Também não gostas de me ver dançar?

— Não...

— Mas, Rui, o nosso amor não é um convento!

— Eu assim o queria! Aposto em como já tens par... E ele olhou de soslaio para o Eduardinho.

— Sim, já tenho, até á terceira valsa...

Preferirias que ficássemos conversando num cantinho da sala, como da outra vez?!

— Sim...

— Para teu pai me comer com os olhos e desfeitear-nos, a nós dois?

— Meu pai desta vez não irá á festa...

— E' o que pensas. Ele diz que não; e quando a gente menos o espera é que ele aparece. Faz de propósito... eu tenho medo dele, um medo horrível.

— Pelo amor de Deus, Ada!...

— De mais a mais não tens nada que me dizer que eu não saiba...

— Oh! Ada, tenho sempre tanto que te dizer! por mais que te fale, que te diga tudo quanto pareço sentir, quando estou a teu lado, vejo sempre que me esqueci de te dizer alguma... muitas cousas, depois de te ter deixado! Mas olha para mim; nunca olhas para mim!... Toda a gente sabe que te amo e que me amas... Não precisas disfarçar... O nosso amor enche a terra... até as estrelas sabem que nos amamos... Tenho-lhes dito tantas vezes que te adoro! E tu? que lhes dizes? nada... Tu não dizes nada!... Não é assim que eu quero que me olhes. Ha no teu olhar uma distração qualquer... Em que pensas? Dize.

— Qual! isso é sonho...

— Sonho que me alucina e que me mata!... Não mordas assim os beiços! eles já são tão vermelhos!

Ada tornou-se séria; ele continuou:

— O que falta para a tua beleza ser perfeita é a serenidade.

— Se gostas de serenidade olha só para Leonor...

Rui calou-se. Foi ela quem falou outra vez:

— Até parece que tens raiva de mim...

— Antes tivesse. Sofreria menos.

— Sofres porque queres.

— Sofro porque te amo doidamente!

— Então casa-te comigo.

— Tenho medo...

Ada voltou-se com um movimento brusco e contemplou Rui bem nos olhos. Ele fixou-a sem pestanejar. Estiveram assim um segundo, depois ela riuse, rematando com ironia:

— Poltrão...

— E' isso mesmo: poltrão. Se eu me casar contigo viverei jungido ao ciúme e ao desespero. Tu não renuncias á tua faceirice; eu não posso renunciar ao ciúme que está unido á minha alma como a minha pele á minha carne. Se é fraqueza não sei, é a verdade. Não te engano. Quando fôres minha mulher nunca mais consentirei que mostres assim o teu corpo a todos os outros homens, com esses decotes indiscretos... sinto que não terei sossêgo... viverei temendo a cubiça de toda a gente, fechar-te hei a sete chaves, só para mim, só para o meu orgulho e o meu amor!

— Um convento para nós dois!

— Não sorrias. E' assim que eu te amo, Ada... Tu bem o sabes, já t'o tenho dito... e se me amasses, um pouco ao menos, custar-te hia tão pouco fazer-me feliz!

— Como, meu Deus?!

— Escodendo... disfarçando a tua beleza... Tens um colo de deusa, nunca o mostres, sóbe as golas dos teus vestidos, guarda-o só para o teu espelho... A brancura do teu pescoço sugere idéas que me torturam; debes cobril-a...

— Com um habito de freira!

— Não; com um vestido de mulher casta...

— Que mais?

— Procura um penteado mais simples, engrossa essa cintura que tu esmagas, tiranicamente, talha os teus vestidos com menos arrogancia, faze-te modesta, aproxima-te da natureza e aproxima-te de mim, do meu amor eterno, da minha pobreza, da minha quietação!

— Para isso seria preciso...

— Sacrificar o teu corpo á tua alma, a tua vaidade ao teu critério; mais nada.

— E será pouco?!

— Não, não é; mas compreende-me, Ada; para poderes ser a minha mulher, a dôce mãe dos meus filhos, a companheira interessada de toda a minha vida de trabalho e de agitação, vida de homem pobre que só em ti acha alento para os seus esforços, deverás ser singela e muito, muito sincera! Oh, se tu me prometesses... se tu me prometesses esse sacrificio!

O olhar de Ada estendeu-se para um ponto indeterminado. Rui instou:

— Promete-me que farás alguma coisa para conquistar a felicidade futura... sê natural e nunca has de ouvir de mim uma queixa. Tudo se resumirá nisso.

— Mas, Rui, eu não sei como hei de disfarçar... tornar-me mais feia do que sou...

— Inocente! ah, vaidosa, eu estava esperando essa confissão...

— Não será mais justo eu pedir-te que sejas menos ciumento?

— Não posso...

— Pois eu serei mais forte; tentarei fazer o que me pedes.

— Pensa primeiro.

— Tentarei.

— Pensa ainda mais!

— Mas se eu não conseguir o que desejas?

— Conseguirás se a tua vontade fôr decidida.

— E depois?...

— Casar-nos hemos.

— Sem o consentimento de teu pai?...

— Com o seu consentimento.

— Duvido!

— Não duvides; o essencial é que cumpras o que me prometeste agora... Sei que deve ser doloroso esse sacrificio, mas sei tambem que de tudo é capaz uma mulher que ama. Eu adoro-te, Ada!

— Fala mais baixo!

— Gostaria de o dizer gritando!

— Estão olhando para nós...

— Que te importa?! tu és a minha noiva...

— Ainda não...

Nesse instante a moça dos quadris postiços, fazendo tilintar os seus berloques, voltou-se e enfiando o braço no braço de Ada disse-lhe, rindo, ao ouvido:

— Isso está escandaloso! O Eduardinho não tira os olhos de você e está ali está desafiando o Rui para um duelo!

A procissão voltava com a mesma lentidão. Ao prestito tinham-se incorporado agora o Bié e a Nita, ambos sujinhos, descalços, carregados de orquideas

e de bromélias em flôr. Atraz de todos os anjos en-
guirlandados de rosas de pano e canotilhos, aquelas
duas crianças semi-núas punham no artificio da so-
lenidade uma palpitação viva da natureza. Vinham
do mato. Tinham ido buscar orquideas para os an-
dores, mas a caminhada fôra aspera. O Bié escapara
de morrer num charco. Nita resvalara por uma rocha
e arranhára-se toda. Quando regressaram, ofegantes,
já o cortejo voltava para a Igrejinha.

Que decepção! As suas flôres não figurariam no
andor! Sempre mais audaciosa, Nita puxou pelo Bié.

— Vem pr'aqui!

— Mas...

Sem atender á hesitação do companheiro, ela pos-
tou-se ao lado de um anjinho lentejoulado, de andar
contrafeito pelas botinas apertadas, e diadema de plu-
mas sobre a cabeleira encacheada. Mas a audacia foi
logo castigada: a um olhar do padre, o sacristão arre-
dou com violencia para longe das sedas baratas do
anjinho os velhos frangalhos daqueles garotos des-
temidos.

— Para traz, cambáda!

E eles resignaram-se a caminhar atraz de toda a
gente, levando no corpo e nos cabelos um bafo das
florestas percorridas. Os seus olhos ardiam numa ex-
pressão de deslumbramento, sem rancor.

Quando Rôla, que esperava no alto a procissão,
os vio assim isolados, sujinhos, rotos e carregados
de pendões de bromélias e de orquideas, sentio as
lagrimas subirem-lhe aos olhos.

Constara á Nita que os anjinhos receberiam co-
feitos na sacristia, e insinuou-se entre eles, morta por
merecer igual recompensa. . .

A mesma mão que a arredara com violencia e
procissão, sacudio-a de novo, enquanto uma vo-
rugia:

— Fóra daqui! não se conhéce?!

Rôla interveio, acariciando os pequenos, prom-
tendo-lhes dôces melhores, em cartuxos que ela me-
ma enfeitaria de lacinhos. Que fossem no dia seguinte
buscal-os á sua casa. Ela ainda lhes contaria um
historia nova, muito grande e muito bonita!

A pouco e pouco a multidão ia-se desfazendo em
grupos ralos. Véus brancos de virgens fluctuavam em
ultimos adeuses á tarde mansa.

Gente da cidade, depois de pasmar os olhos para
a imensidade do mar, voltava as costas á igreja e des-
cia a colina á procura do bonde. Tinha acabado
festa e Rôla decidia-se tambem a partir, como toda
gente, quando Bié e Nita, trocando um olhar de in-
teligencia, lhe depuzeram as flôres aos pés e des-
ataram a correr. Já que não podiam ser para Nossa
Senhora. . . Rôla estremeceu áquella homenagem. Pe-
bres crianças, tão pouco afeitas estavam a caricias
que se tinham enternecido á sua piedade. Levantan-
do as flôres do chão, ela pensou na sorte dessas cria-
turinhas, criadas na absoluta independencia do ar
livre sem direção e sem carinho de ninguem.

Que aprenderia o Bié com aquelle tio mudo, tão
aspero e impenetravel? Que amor poderia Nita con-
sagrar á mãe, que a sovava como a um polvo, ao me-

nor pretexto, até deixal-a como morta no chão? Ah, ela era bem culpada de não remediar aquele abandono. O que valia a esses desherdados eram os pescadores. Quando o mar queria, ninguém tinha fome. Os pescadores têm compaixão. Vira mais de uma vez João Sérvulo dar um punhado de paratis ao Bié... Se ela fosse rica... se ela fosse rica!

Sobraçando as flôres, com os olhos maguados, Rôla desceu, por fim, e encosta, em que fluctuavam as bandeirolas alegres. Era preciso andar depressa. A patéta da Ada não se lembrava que tinha ainda de dar uns pontos no vestido com que devia ir á noite á casa do Dr. Guidão, e lá se fôra passear com as outras e o Eduardinho... Teria ela de correr para fazer esse serviço á filha.

Rôla morava em um chalet de porta e janela, alugado a meias com uma viuva idosa, D. Ricarda, que a auxiliava nas despezas e lhe fazia companhia, garantindo certo respeito á casa, tanto mais que era inimiga de pôr pés na rua. ocupada sempre em coser roupa branca para camisárias e particulares. Nessa tarde, vendo entrar Rôla sózinha, com ar atarefado, a viuva perguntou, com estranheza:

— E Ada!?

— Não deve tardar... anda com a agente do Doutor Guidão... o pior é que ainda tem de concertar o vestido..

— Sempre a mesma condescendencia... aposto em como você lhe vai fazer esse serviço! e ainda por cima não teme a boca do mundo.

— Não temo, não, D. Ricarda. Que nos dá o mundo em troca do que nos rouba? Sempre que não houver maldade nos actos que praticamos, por que havemos de temer as más linguas? Deixe que Ada goze e se distraia agora; lá virá o tempo de sofrer.

— Emfim, como ela não é minha filha, não tenho nada com isso...

— Também não é minha filha, mas a sua felicidade me interessa mais do que a minha. Na verdade, ela tem o génio um pouco arrebatado e independente; talvez eu devêsse contrariar-a. Mas que compensação lhe daria eu depois, D Ricarda? nenhuma... Creia que se estivesse em minhas mãos, eu daria felicidade a toda a gente... Olhe: aí vem ela!

Ada entrou establanadamente, com as faces em fogo, o olhar preocupado.

— Mamã! depressa, vamos concertar meu vestido. Fui vêr o de Leonor. E' lindo. Vim pensando pelo caminho que é melhor cortar as mangas do meu.

— Você deixa tudo para a ultima hora.

— Mesmo que eu chegue um pouco mais tarde não faz mal.

Rôla foi ao armario buscar o vestido de Ada, herança de D. Leonor. Era um vestido de seda amarela com ramagens de ouro antigo e guarnições de gaze já renovadas pela terceira vez.

Percebia-se na moleza do estôfo o cansaço de muitas contradanças e de muitas valsas.

— A senhora sabe da tesoura, mamã?

— Está aqui.

Ada arrebatou a tesoura, febrilmente e, sem um minuto de hesitação, cortou as mangas do vestido.

— Que é isto, menina! pelo ombro?!

— Pois então?! os braços devem ficar completamente nus... disfarço as cavas com tufos de gaze... isto arranja-se depressa!

— Mas minha filha, olha que não é um baile...

— Não faz mal. D. Maria Guedes vai decotada...

D. Maria Guedes é uma senhora de mais de trinta anos... de mais a mais muito rica...

— Não quero saber. As mangas já estão cortadas... Agora falta decotar o vestido. Ele precisava mesmo disso, porque a gola está muito encardida

— Não acho... por meu gosto...

Ada não quiz ouvir objecções; pegou de novo na tesoura e, sem trepidar, talhou o corpete no peito e nas costas.

— Sabe o que nos faz muita falta, mamãe? um espelho grande, em que a gente se veja toda!

— Ha cousas que nos fazem mais falta, filha...

— O que? perguntou Ada.

— O juízo, sentenciou do seu canto D. Ricarda. Ada franziu as sobrancelhas. Rôla continuou:

— Meu amor, é preciso compreender bem isto: nós somos admitidas na sociedade da familia Guidão, por benevolencia; lembra-te que somos humildes, que somos pobres e que não devemos ter a veleidade de nos apresentarmos vistosamente... como não podemos, visto as nossas circunstancias...

— Lá vem mamãe! pobreza não é vergonha.

— Se fosse só a pobreza...

— Que mais, então?

Rôla calou-se, córando até á raiz dos cabelos; mas a moça não deu pelo embaraço.

Tinha quebrado a agulha e desesperava-se: era sempre assim, quando tinha pressa! Meu Deus! como o relógio andava depressa! E ainda queria meter-se toda n'água, e aí estava a noite, e ainda não tinha acabado de concertar o vestido. Aquele trapo!

Depressa, depressa!

Ao mesmo tempo que cosia ella pensava:

Rui vai ficar furioso... mas... eu tambem não lhe prometi principiar hoje mesmo a desfigurar-me... é para despedir-me... depois, se se zangar o pior é para elle... a zanga ha de passar, como das outras vezes... tanto mais que hei de procurar fazer-lhe todas as vontades... todas!... Se me disser qualquer cousa, digo-lhe que não tenho outro vestido... Elle hoje estava tão pálido... que linda voz a dele!... Meu marido... meu marido...

A's dez horas Rui entrou na sala do Dr. Guidão. Dançava-se. Procurou Ada com a vista; não a vio. Quedou-se num vão de porta. Insinuavam-lhe que valsasse; havia falta de pares. Mas a dança aborrecia-o.

Preferiria estar lá fóra, na praia, ouvindo a Hortensia cantar, e o Rubião pescador acompanhal-a á viola.

Ele fizera umas trovas para a Hortensia: — a *Bonança* — morria por ouvil-as!

A sala tinha um ar burguez, familiar. Escasseavam pares, cessou a musica. As fisionomias tinham uma expressão expectante, estúpida

De repente, a atenção de todos voltou-se para a porta, num estremecimento de surpresa. Ada apparecia, com o colo e os braços nús, em *toilette* de gala. No meio de todos os vestidos afogados que enchiam o salão, o seu assumia ares de petulancia e de desafio, pelos seus tons flamantes e fórmias ousadas. De mais a mais todas as senhoras conheciam a origem daquella seda amarrotada, e não perdoavam que de tão moles trapos se expandisse tanta formosura. Correram logo rumores por detraz dos leques abertos. Que falta de pudor! Aquele disparate de um decote tão atrevido numa simples festinha de arrabalde! E havia risinhos de escarneo por aquelas rendas serzidas e aqueles filós engomados!

Ada parecia não perceber essas malevolencias, passeando a sua carne de setim sob os fócios mais intensos da luz. No fundo adivinhava tudo, revoltada contra aquella miséria que a sujeitava a tantos comentarios... A verdade era que se as mulheres olhavam para ela de soslaio, os homens abandonavam as outras para a rodearem de perto, como mariposas fascinadas pela luz... E era isso que a lisongeava.

Rui contemplou-a boquiaberto, numa paralisia de espanto. Que! aquella mulher seria a mesma Ada, que poucas horas antes, nesse mesmo dia de desespero, respondêra ás suas supplicas prometendo esconder, disfarçar a sua formosura provocadora, para se aproximar assim da felicidade que ele sonhava?! Aquella

mulher, cujos cabelos negros se entrelaçavam de pedrarias falsas, e cuja carne moça se ostentava, até á nascente dos seios bem desenhados, a todas as vistas, seria a mesma criatura em que ele encarnava o seu melhor sonho de felicidade casta e perfeita? O egoísmo da beleza seria nela mais poderoso do que o amor, ou o amor não seria nenhum?!

Abalado pela surpresa que o fazia tremer, ele via Ada passar e repassar pelo braço do Eduardinho, seguida por outros rapazes que a disputavam para a dança e lhe fixavam o colo nú sem disfarce, com atrevimento mesmo. Ela sim, é que disfarçava, que fingia não vêr a figura de Rui cosida ao umbral da porta, sem coragem de o encarar, com medo da censura...

Todo a vibrar de desespero Rui saiu precipitadamente da sala e abandonou a festa. Tinha um soluço preso na garganta e sentia a cabeça em fogo. Andou por muito tempo a beirar as ondas alagando os pés na areia molhada, com os cabelos ao vento e os olhos reluzindo de febre.

Queria matar o seu amor no peito e o seu amor não queria morrer. Para afoga-lo, para faze-lo desaparecer todo aquele mar infinito lhe parecia pequeno e insuficiente. Ada... Ada!

Tinha impetos de entrar pela água até á morte. Mais valia a morte. Mas ele queria vê-la ainda uma vez, ao menos uma vez, a essa Ada adorada e terrível e faze-la sentir o seu sofrimento... Se morressem ambos!... na terra as suas almas não se encontrariam nunca... Não acabara ele de ter disso uma

prova definitiva? Tres horas depois de lhe ter prometido fazer-se simples e modesta não entrara ela com tão impudica arrogancia numa simples reunião familiar?

Se aquilo era uma manifestação de pouco caso pelo seu amor, tanto pior. Ele saberia ser forte e resistir. Desejava vê-la? queria vê-la? Pois bem, não a veria nunca mais, nunca mais!

Inconscientemente tomou o rumo da Igrejinha. Na enseada, o pessoal da *Cruzeiro* preparava-se para uma pescaria de alta noite e os amigos faziam roda conversando, para passar as horas. Rui seguia de longe calado e turvo quando ouviu a voz da Hortensia numa das suas cantigas populares. A doçura inegualavel daquela voz fê-lo parar. Os humildes, os simples, esses eram a sua familia. Aquela pobre Hortensia abrandava-lhe a tormenta do espirito, como um raio de luar a negrura da noite...

Ela cantava uma trova feita por ele, afirmando que o coração, como uma barca, muda ás vezes de rumo... sem querer...

Em vez de caminhar para as ondas, Rui entrou no grupo dos pescadores. Não se espantaram, afeitos á sua presença.

Estavam reunidos ao pessoal da *Cruzeiro*, o da *Guanabara* e o da *Camponeza*, canôa afamada, vinda novinha das bandas de Sepetiba. Rubião abafou o ultimo acorde do violão e Hortensia suspirou a ultima nota.

Os pescadores conversavam:

— Gente! que fim levou D. Constança?!

— Essa! respondeu Fortunata, sempre faladora, onde estaria! Lembrava-se ainda do tempo (quantos anos, Deus do céu!) em que a via vestida de homem, montada a cavalo, com armas no cinturão e um chapéu desabado sobre os seus lindos cabelos pretos. Alma franca, porta do casarão sempre aberta para os pobres, què enchia das melhores frutas do seu pomar variado e com os melhores bolos, dos seus armarios... O marido, *seu Santos*, é que era um chôcho.

Parecia cousa de sonho a figura daquela mulher que passava pelo tempo a galope e não deixava traço senão da sua saudade...

— Boa alma! afirmou Lino com os olhos no espaço todo azulado.

— Ela era a dona de toda esta redondeza, e nem por isso vaidosa. Lembra-se da historia da mendiga, *seu Lino*?

— Não...

— Pois uma vez, a princesa D. Isabel, que aqui estava a ares, naquele tempo Copacabana ainda era só mato, foi parar um dia na chacara de D. Constança, e vai esta o que fez? Com aquele seu modo despachado, convidou a Princesa para tomar café! A sala de jantar, muito grande, tinha as portas abertas para o jardim. De repente appareceu uma mendiga. Dona Constança sabem o que fez, minha gente? Sentou a mendiga, com licença da Alteza, á mesma mesa e tomaram as tres cafézinho em chicaras iguais. Esta historia é tão verdadeira como são verdadeiras estas areias e a água do mar! Olha, *ta* aí tio Simão, que não me deixa mentir... eu era pequenina. Mas, ele!

Tio Simão era um velho pescador já fóra do serviço e que vagava agora por casa de filhos e netos, ora no Rio, ora em Angra, ora em Cabo Frio. Pescára lá por fóra, por todas essas praias que ele conhecia a palmos.

O seu desgosto era já não ter força nos dedos gotósos e que lhe davam ás mãos aparencias de aranhões do mar. Vista, graças a Deus, ainda tinha. Ouvido? que nem o do charéo. Pois os oitenta e cinco lá estavam a envolvê-lo todo. Quando a Fortunata lhe fez a pergunta, ele não respondeu, porque dizia a um outro:

— Ah, *seu* Lino, se vancê lançasse arrastão em praias de Cabo Frio é que havéra de vê. O peixe anda lá em cardume na flôr da água, desafiando a gente! Era lá que eu queria ter vinte anos, boa canôa, boa rêde e muita cabaria! Nasci num batelão. Estou tão acostumado a olhar para o mar, que mesmo quando olho para terra vejo tudo azul. . .

— Então Cabo Frio. . . insistio Lino, querendo colher uma informação.

— Tanto serve para encher a rêde candombe de camarões ou de iscas, como para atulhar as outras com peixe graúdo que nem vancê imagina. E' um mar abençoado e que não nega nada ao pescador, aquele mar. . .

Devagar, puxado pela curiosidade do Lino, ele foi dando com a lingua nos raros dentes, vociferando contra os matadores de peixe a dinamite, desleais e traiçoeiros, que iludem a vigilancia das autoridades e

prejudicam os pescadores honestos. Que fossem ver no meio da baía, para os lados de Paquetá... gente sem consciencia!... Por ele, preferiria dormir uma noite na ilha do fantasma a cometer semelhante delicto.

— Mas é verdade mesmo, tio Simão, essa historia do fantasma? indagou Fortunata de olhinhos acesos.

— Se é! A ilha fica dentro da baía. Todo dia se cruzam barcas e lanchas na frente dela, mas ninguem tem coragem de desembarcar... Móra lá um fantasma, que não aparece, mas tem sempre a seu serviço uma mesa que vai daqui até acolá, cheia de tudo quanto ha de bom, comedorias, dôces, vinhos e frutas... Os pratos estão todos arrumados, mas nem os passarinhos tocâm neles... Um cão preto, de rabo retorcido, arreganha os dentes para quem quizer se aproximar... O mais decidido fraqueia... é atôa, se tem basófia ha de se arrendê...

Mas do que o tio Simão gostava de falar era da beleza dessas praias, desde Angra dos Reis, onde as ilhas de areias finas semelham canteiros de jardins, de praias claras, feitas para o banho de fadas, até ás penedías da Pedra do Relogio e a insulsa planicie de Septiba, em cujos lodaçais o caranguejo abunda e se arrasta ao sol desafortadamente! Bem como as praias, ele conhecia a população de cada localidade, e enaltecia a de Paratí, onde os habitantes moram em choças, mas disputam o prazer da hospedagem a quem quer que apareça no lugar! Peixe, farinha e bondade não faltam em casa de pescador! Eu quero morrer na areia, vendo o mar e ouvindo meninas

rirem á roda de mim. E hão de ser as minhas netas! Só em Angra tenho dezesseis!...

— Hortensia, canta mais!... suplicou Rui.

E ela cantou por despedida as trovas do proprio Rui, cheias de esperança e de consolação... Quando ele entrou em casa, já tarde, atirou-se na cama a soluçar.

A voz de Hortensia dissolvera-lhe em lagrimas o rancor que o sufocava, e assim não percebeu que o pai abrira a porta e o contemplava hirto, cosido ao canto mais escuro do quarto...

V

Manhã nevoenta. Eram já cinco horas e ainda agora se ia esbranquiçando o céu com uma luz ténue. O ar, salitroso e áspero, cheirava a sargaço; as proprias ondas pareciam ter medo de se estirar na areia, arrepiadas de frio. Pela escala dos pescadores, naquele dia o lanço da praia pertencia á *Cruzeiro*; por isso a *Guanabara* se aventurava numa viagem ás praias da Gávea e da Tijuca. Ainda era lusco-fusco e já Sérvulo, Lino e mais dois homens embarcavam o arrastão. O diabo era o frio, espantador do peixe e que lhes tirava a esperança do proveito. Iam por ir; sempre é obrigação fazer pela vida; e ás vezes, quando não se espera, aí é que o peixe se vem oferecer! Afinal, *seu* Freitas empatara na *Guanabara*, contando rêde e tudo, para mais de cinco contos. Haviam de a deixar ali na areia, como um corpo morto? Marcos apareceu cedo, com os olhos pisados de vigília. Lino inquirio:

— Você está doente?

— Não. Quem falta?

— Flaviano e Rui.

— Que é que o Rui vai fazer com a gente?

— Sei lá... vai ver... mas olhe como o Rubião vem engraçado!

Rubião tossia, enrolado num manto de belbutina azul salpicado de estrelinhas de prata, com que o enteado se fantasiara de rei durante tres carnavais. Agora que o rapaz andava de soldado lá para os confins de Mato-Grosso, ele ia aproveitando o manto régio em mais util serviço.

— Qualquer dia começo tambem a usar as calças de turco que ele tem lá no baú, informou ele aos outros. Quem se vai ralar de inveja é o Flaviano... se ele pilhasse este manto para botar nos ombros da Maria Adelaide... hein?!

Marcos estremeceu e ordenou:

— Cala a boca, Rubião!

Uê gente! calar a boca porquê? Não estou ofendendo ninguém... Todo o mundo sabe que Flaviano tá só esperando a pescaria das cavalas para casar. Inda ontem ele disse que se a sogra consentisse em morar junto, nem ele esperava pelo verão! Não cação de companheiro nenhum... Pescador é irmão de pescador...

Marcos apertou com raiva a borda da *Guanabara*. Tinha razão o outro: Desde criança decora os preceitos da classe e os tinha sempre cumprido fielmente. Só agora, que entre um camarada antigo e ele se interpuzera uma mulher, é que o ódio por um outro homem lhe roncava no peito. Maria Adelaide! Ele já

não via outra cousa no mundo. O que o perturbava ainda mais que o seu amor, era adivinhar que através da distancia e do silencio a rapariga pensava nele tambem. Seria crível que se completasse tamanha desventura e que as duas almas se sacrificassem para alegria e triunfo de um terceiro?!

O riso da Fortunata estalou no ar frio da madrugada.

— Gente! Rubião quer fingir de São Pedro!

— E' só pr'ás mulheres me adorarem.

— São daí! Se você não fosse como bôto, que persegue todo o peixe, talvez que achasse mesmo alguma tola que rezasse de joelhos a seus pés...

— Entences não achei? Não tenho companheira?!

— Ha que tempos isso foi. Sabe Deus quanto ela já se arrependeu...

— Pois olhe, não parece. Tá só me pedindo pr'a eu casá com ela!

A mulata rio-se, acrescentando:

— Deixe de prosa, ponha o manto fóra e vá ajudar os outros. Aí vem Rui... aí vem Flaviano...

Vendo aproximar-se Rui, João Sérvulo avisou:

— Moço! ainda está em tempo de se arrepender. Quem vai pr'a o mar não sabe para onde vai... Depois, afóra o perigo, *seu* coronel póde não gostar... veja bem! Não quero historias.

Rui levantou os ombros.

A's seis horas a canôa largou da praia. Era um dôce raiar de dia de Junho, em que as cousas reais estavam ainda veladas pela imaterialidade de uma luz indecisa e mudavel. Ainda havia estrelas no céu

e já havia claridades brancas de sol, ainda havia silencio na terra alastrada de humidades de relento e já runiorejavam as gaivotas no ar, abrindo as azas em torno ás rochas denegridas, á procura de peixe.

Marcos e Flaviano iam um em face do outro. O mestiço presentia qualquer cousa que o apoquentava. Olhava para o pescoço comprido e o rosto de Marcos, como para uma torre de onde pudesse irromper contra ele uma ave sinistra, que lhe furasse os olhos.

Em vão procurava fixar as pupilas cristalinas do outro, que se volvia para o mar com uma expressão angustiada nas faces longas.

Em frente de Rui, o carão de Pedro mudo era como um muro de penitenciaria, em cuja porta o lema dantesco do inferno fulgurasse em letras de fogo. Mas, nessa hora, Rui, derreado para traz, olhava só para a ultima estrela da manhã transluzindo ainda no céu diafano como se ela o entendesse melhor. Para esquecer! Aquelas pescarias fóra de horas, as noitadas consumidas agora na cidade, o recrudescimento de atenção nos estudos, toda a agitação a que atirava o seu espirito, só tinham um intuito: esquecer o amor de Ada... Ele refundiria a sua vida, enche-lha hia de imagens puras e nobres, despojando-se pouco a pouco daquela saudade imensa, daquele imenso desejo de tornar a vê-la, desespero que lhe curvava os ombros para o chão, como á procura da sepultura... Não a tornara a enxergar desde a noite do baile, e não cessava de vê-la... Ela encarnava-se em todos os seus ideais, palpitante de febre, quer surgisse dentre

as paginas gloriosas do livro, quer viesse desmaiar em sonhos nos seus braços amorosos. . .

Naquele proposito, naquela ansia de esquecer a mulher mais amiga da sua beleza do que do seu namorado, Rui emagrecia, tornava-se taciturno, desigual de genio e aborrecido.

O pai redobrava de vigilancia, alarmado por aqueles modos retraidos. Tinha chaves falsas com que abria as gavetas do filho, querendo entrar-lhe na vida á força, até ao amago. Mal Rui voltava as costas, ele corria ao seu quarto, e era uma inquirição, uma busca miudinha, incansavel, terrivel, por todos os escaninhos. Não escapava um retalhinho de papel que não fosse lido e relido, nem caderno que não fosse folheado. O nome de Ada surgia ali a cada instante, entre exortações e maldições, molhado de lagrimas ou rutilando no delirio do desejo. . .

Ó pai conhecia agora bem o segredo do filho e exagerava-lhe os agravos.

Cada queixa de Rui contra o Destino, fermentava-lhe no coração o odio por aquela rapariga sem vintem e sem nome, recolhida por esmola por outra mulher igualmente desclassificada.

Com os olhos a arderem-lhe no rosto palido, como duas brasas num cinzeiro, ele revolvía a vida do filho, lendo-lhe os versos, os clamores das suas noites de insonia e de paixão.

Até onde levariam ao seu rapaz tantos arrebatamentos? E era então que estremecia, como um canço ao vento. A figura da mulher resuscitava na

ua frente, muito branca, hirta, com os grandes olhos negros dilatados pelo terror de uma visão descohecida...

A' força de querer espancar da lembrança a imagem dessa mulher, ele repetia com frequencia um estô em que, roçando a mão pela testa, num momento rápido, parecia querer enxotar alguma coisa da memória. Essa coisa era a mãe de Rui, a evocadora de sofrimentos irremediaveis.

Nesse dia, enquanto o filho andava pela pesca com a gatinha que ele abominava, pôde á vontade abrir as suas gavetas mais secretas, lêr e relêr os seus papeis. Do amontoado daquelas queixas e desvarios surgia um contentamento para o Coronel: o filho procurava livrar-se de Ada. O seu amor debatia-se ainda, como um passaro fórté entre varais de ferro, mas acabaria por triunfar.

A essas mesmas horas, no dilúvio da luz que ofuscava a terra, entre o mar e o céu, que buscava ele, o seu filho amado, senão o esquecimento? Agora, que estava no âmago do segredo de Rui, ajudal-o-ia a ser forte, a persistir na renuncia.

Fechado por dentro, no quarto do moço, com os cotovelos fincados na mesa coberta de cadernos e de tiras de papel, o Coronel decorava frases e recapitulava factos passados, em busca da origem daquela engeitada funesta que lhe roubava os carinhos do filho. O ciume, havia tanto tempo adormecido no fundo do seu coração, acordava com mais fome, como se lhe quizesse roer agora até os ossos! Arrependia-se de mal ter prestado atenção, uma noite, cuja data se

lhe perdia na memória a certo zumzum de que haviam posto uma criança á porta de Rôla e que esta andava num assanhamento exquisito, espalhando novidade por toda a parte. De quem se teria suspeitado? Nem já lhe ocorria isso... e então seria talvez facil pesquisar a origem dessa mal fadada criança... agora era impossivel: parecia mesmo que todos acreditavam que ela tivesse vindo ao mundo, como as meninas da lenda — dentro de uma alface!

Sacudindo as tiras de almaço, como se tentasse fazer cair delas as palavras de amor enfileiradas nas suas pautas, o velho espalhava no ar mudo do quarto, com o ruido seco dos papeis, o assombro dos seus gestos nervosos...

Ninguem o via; podia expandir ali dentro a sua alma concentrada. Dera volta á chave; estava bem sózinho. Reunia os papeis que espalhara, tornava a lèr os versos do filho, que ardiam nas labaredas da paixão.

As confidencias de Rui eram completas. Tambem ele estivera bem só ao escrevêl-as! Lendo a historia do baile, o Coronel bateu com a mão furioso no nome de Ada, como se quizesse esbofetea-la. Tal mulher seria a deshonra da sua casa; não consentiria que ela puzesse ali os pés... o filho nascêra para flôr mais fina... como a D. Leonor Guidão, por exemplo, com os seus olhos sérios, o seu ar socegado e o seu lindo nome. Essa seria uma esposa!

Lendo e relendo paginas e paginas, desarrumando e arrumando pastas e gavetas, saindo do quarto para voltar logo, o Coronel consumio horas do dia

Quando á tarde se sentou á mesa do jantar sentia-se cansado, como se viesse de batalhar no inferno.

Tia Antonia servia-o: de repente ele voltando-se para ela, perguntou-lhe:

— Você sabe quem poz aquela mocinha Ada na porta da Rôla?

— Uê! eu não sei, não sinhô...

— Você é moradora antiga do lugar... deve saber!

— Disse que foi Pedro mudo que botou a criança lá... eu não vi nada...

— O mudo... o mudo! mas quem a deu ao mudo?! Isso foi uma estupidez... já me não lembrava... o mudo! Você deve saber... você era lavadeira, entrava nessas casas todas, e nesse tempo havia tão pouca gente por aqui! Tão pouca.

— Eu não sei, não sinhô... disse que foi o mudo...

— Disse... disse!... quem foi que disse?!

— Uê! o povo...

Tia Antonia levou a terrina da sopa para a cozinha arrastando os pés de oitenta anos.

Disse! de que boca, que ninguem viu, saiu essa voz que todos ouviram? O mudo era o silencio. Ninguem lhe podia arrancar de dentro a menor confissão. Se ele pudesse torcer-lhe a lingua até fazel-o falar!... Porque teria servido o bruto de intermediario nessa historia criminosa e réles?

A Antonia voltou com outros pratos. O patrão agora comia calado, taciturno. Acabava ele a sua lanjanja da sobremesa quando Rui entrou da pescaria. Vinha ardendo em febre.

Tia Antonia foi logo despachada á procura do medico. O moço abandonava-se. Ajudou-o o pai despir-se e instalou-se á sua cabeceira, sem dizer uma unica palavra, mas a olhar para ele com modo tão penetrante que Rui puxou as coberturas até ás orelhas para pouco depois agitar-se e desatar a dizer cousas. Começava o delirio. O Coronel sofria a cada frase daquela loucura que lhe evocava na lembrança a da mulher, morta no hospicio...

— Tem paciencia meu filho...

Mas o filho apostrofava Ada que entrava pelas janelas como um ladrão, ou saía dançando das flôres cinzentas do papel rutilando semi-núa no seu vestido de brocado amarelo.

Suspeitando que Rui a tivesse visto naquele proprio dia, o Coronel curvou-se todo tremulo, querendo arrancar verdades da inconsciencia do enfermo:

— Conte-me tudo... você tornou a vêr essa mulher?... Ela não merece nada... nada... é preciso esquecê-la... sossêgue... mas onde a viu você?... Hein?!

— Psiu! ordenava o doente. Pedro mudo está-nos espiando... não quero que ele me veja com Ada... amanhã toda a gente saberia que eu a estive beijando...

— Beijando!... Então... onde estava essa desgraçada, Rui?!...

Rui não respondia.

Correu logo por todo o bairro que ele estava com febre perniciosa, e sem esperança de cura. Fortu-

nata foi vê-lo duas vezes no mesmo dia e ofereceu-se para enfermeira.

D. Delfina mandou-lhe as mais gordas galinhas do seu galinheiro e o pessoal da *Guanabara* fez a promessa de distribuir pelos pobres todos os peixes de uma pescaria, caso ele arribasse da molestia.

A Fortunata, sempre novidadeira, corrêra a dizer á Rôla que o pobrezinho do Rui estava ás portas da morte. Tinha vindo de lá. O pai, coitado, metia dó; mudo que nem uma arraia e branco como papel. Afinal sempre era pai...

Rôla não quiz ouvir mais: atirou a costura para a banda, traçou um chaile sobre os ombros magros e saiu para a rua. Mal tinha dado os primeiros passos, quando sentio Ada atraz de si.

— Eu quero ir tambem, mãizinha, quero pedir perdão ao Rui...

A mãe parou, interdicta.

— Mas...

— Estou com um medo, mãizinha!

— Volta para casa. Tudo acabou entre vocês...

— Não quero que ele morra assim... entende?! eu ficaria com remorsos. Deixe-me ir...

— Não...

— Rui ha de gostar de vêr-me...

— Não!

— Ha de!

— Porquê?!

— Porque ainda gosta de mim....

— Ele nunca mais te procurou... teve razão de

ficar zangado... talvez até a tua visita lhe faça mal. Deixa-o em paz, que ele ha de precisar de sossego.

— Eu é que não sosségo!

— Olha, eu vou só á botica pedir informações certas; lá hão de saber... Quem foi que te disse que ele ainda gosta de ti?...

— Ninguem, mas eu sei.

— Enganas-te... Volta para casa...

— Ele ama-me, ama-me, ama-me! Tão certo como este sol que nos alumia! Pelo amor de Deus!...

— O pai não consentirá que o vejas... Bem sabes.

— Na hora da morte não se nega nada a ninguem!

— E' o que pensas... Não chores... Estás sonhando... Meu coração me diz que nem o Rui está morrendo nem se importa já comtigo... Ha de casar com outra da sua condição... e será feliz. Volta para casa.

— E' o que a senhora imagina: não ha forças que me tirem do coração de Rui... só a morte... e eu nunca me lembrei da morte, mãizinha!

O dia estava ventoso; as ondas rebentavam com fragor na praia.

— Que frio! murmurou Ada tiritando.

— E' nervoso... disse Rôla, fazendo-a parar para aconchegar-lhe a capa ao pescoço. Na botica...

— Não! não vamos á botica; vamos á casa dele!...

— Estás louca!

— Não.

— Vais expor-te a alguma desfeita...

— Que me importa!

— Filha...

— Eu quero. Se mãzinha não fôr lá agora comigo, irei sózinha...

— Isso nunca.

— Então faça-me a vontade.

Seguiram as duas, caladas, até á porta do Coronel. A casa, terrea, estava completamente fechada. Rôla bateu á porta e esperou. Prestaram ouvido; nenhum rumor lá dentro; tornaram a bater com mais força, quedaram-se á espera, cosidas aos umbrais da porta. Os segundos pareciam eternisarem-se. Iam bater de novo, quando sentiram um arrastar de chinelos e o barulho da chave na fechadura. Era o Coronel. Ao separar com as duas mulheres, ele teve um gesto de espanto; mas logo tomando a porta, defendendo-a com o seu corpo magrinho, gritou fóra de si:

— Rua! rua! Pensam que eu não sei! Meu filho não quer vê-las. Deixem-o morrer em paz... Rua!

— Senhor!

— Nada, nada! Nesta casa, só entra gente honrada. Ouviram bem? Gente honrada.

Rôla fizera-se livida. Ada subio de um salto os dois degrãos de pedra e com uma chama de odio reluzindo-lhe nos olhos, gritou rente ás faces murchas do velho:

— E' mentira! Rui ainda gosta de mim!

Não teve tempo para mais nada. O Coronel pôz-lhe as duas mãos no peito e empurrou-a para traz, fechando logo a porta com presteza e brusquidão... Rôla teve apenas forças para evitar que a filha caísse de costas na rua. Cambalearam as duas pelo impulso

do choque, e contemplaram-se depois como assombradas.

— Ouvio, mãizinha, o que ele disse? Nesta casa só entra gente honrada! cachorro! Ele já se esqueceu que foi ele quem matou a...

Rôla tapou a boca da filha com a mão gelada e puxou-a para si docemente, docemente...

— Vamo-nos embora: Sempre me arrependo de ter feito as vontades...

— Não vou. Agora não saio d'aqui! Quero ver quem póde mais!

— Ele... está claro que ha de ser ele.

Ada, sem prestar atenção ao modo suplice da mãe, sentou-se resolutamente nos degraus da porta, com os cotovelos fincados nos joelhos e o queixo apoiado nas mãos.

— Filhinha, não me obrigues a dizer-te o que eu não quero dizer... Não temos remedio senão sofrer as caladas todas as humilhações...

A moça levantou os ombros.

— Vamos...

— Não, não e não!

— Quem passar...

— Póde dizer o que quizer.

— Comprometes-me...

— Pois vá-se embora, mãizinha, e deixe-me só.

Rôla calou-se e ficou.

A casa continuava silenciosa. Dir-se hia já um tumulto. O vento redobrava de força, uivando em furiosa brava. Ada cosêra-se á casa do Coronel, com o ouvido encostado afoitamente á madeira da porta.

Pelo lado de dentro, o velho permanecia em igual situação. Também ele aguçava o ouvido, colando-o á fechadura; mas de fóra não vinham senão os rumores do vento e o bramido do mar... Contudo, como se ele auscultasse atravez da porta o coração de Ada, como que lhe sentia o calor e as palpitações... "Ela está ainda aqui... fazendo o quê? esperando o quê?... quer acabar de matar o meu filho, talvez..."

Ele suspendia a respiração... escutava... escutava... e nada ouvia... tentava espiar e nada via! mas a certeza não o abandonava de qua elas estavam ali, furando com a vista as suas paredes, como dois corvos á espera da morte... Como a situação se prolongasse, ele abandonava o posto para ir de vez enquanto, vêr o doente, adormecido na remissão da febre

Chegou por fim o desanimo; Ada, cedendo a um olhar suplicante da mãe, levantou-se, dirigio-se á veneziana fechada de uma janela, e, unindo a boca ás fasquias, gritou com toda a alma para dentro:

— Rui! não querem que eu te veja. Adeus!

A casa estremeceu á vibração daquele grito. Rui sentou-se na cama, esgazeando os olhos. Era a voz dela, surgindo dentre a confusão do barulho do vento e das águas! O Coronel, ameaçando com o punho fechado atravez das parêdes mudas as duas mulheres, atirou-se para o quarto do filho, certo de o achar despertado.

Achou-o sentado na cama, com os olhos fulgurando-lhe no rosto lívido; logo que o viu, Rui pergun-

tou-lhe por aquele grito. Era a voz de Ada, queria vê-la. Sentia que o perdão lhe subia aos lábios. Já perdera a força para o ódio... renascia o amor... O pai titubeou:

— Foi sonho... você estava dormindo... descanse...

— Era a voz dela!

— Era o barulho do vento. Os pescadores, coitados...

— Ela chamou por mim!

— Um restinho de febre... ha de passar. Sossegue... durma!

— Abra a janela, meu pai!

— Eu vou mandar a Antonia vêr...

— Que vá depressa...

— O zunido do vento imita a voz humana...

— Não foi ilusão.

— Durma... sossegue!...

Desde esse instante Rui não teve um só minuto de solidão, em que pudesse olhar para a sua vida. Os olhos do pai fixavam-se pertinazmente nos dele, impondo retraimento ás próprias idéas. Quando a mulher do João Sérvulo o ia vêr, o Coronel não a deixava só, com medo que trouxesse ou levasse algum recado amoroso... Só a D. Delfina foi concedida essa confiança, que Rui não aproveitou, porque fingiu dormir... A' proporção que melhorava avigorava-se-lhe a convicção de que fôra realmente a voz de Ada que traspassára a sua casa naquela queixa lancinante:

— Rui, não querem que eu te veja... Adeus!

Punha-se então a pensar: ele pedira demasiado... Que mulher haveria tão forte, que sacrificasse nunca a beleza nem ao seu proprio amor! De certo nenhuma!...

Ela não fôra vaidosa... o vaidoso fôra ele, pedindo-lhe que por seu capricho renunciasse á sua graça e á sua formosura. Fôra um insensato. Um ciumento. Ela é que estava com a razão. Pobre amor... Doce amor!... querido amor!...

Sentindo através das pupilas do filho esvoaçã o pensamento de Ada, o Coronel inclinava-se, perguntando com impertinente curiosidade:

— Em que está pensando? Isso faz mal. Deve repousar

— Não penso em nada... respondia-lhe invariavelmente Rui, com a voz enfraquecida e uma expressão vaga na fisionomia. Tomou por fim o alvitre de fechar os olhos; mas, mesmo através das palpebras, o pai presentia o vulto de Ada passando e repassando nos olhos saudosos do filho e procurava interromper o devaneio sob qualquer pretexto futil ou despropositado. O duelo estava travado. Sentiam ambos que se guerreavam, temendo-se mutuamente.

Quem mais aparecia a visitar o doente era a Fortunata, sempre risonha e tagarela. Agora já levava na cestinha uma ou outra corocoróca ou curvina, que as pescarias desse frio Agosto era o que davam aos pescadores, para a dieta do doente. O coronel agradecia secamente. Rui estendia-lhe a mão, muito magra e perguntava pelos amigos.

— Tudo bem e com saudades suas!

— Tenho-os visto a todos. E saiba mesmo que os tenho visto melhor, depois que os não vejo...

— Uê! como é que se entende isso?

— Explicando. A você será preciso explicar; e assim mesmo os meus pensamentos lhe parecerão confusos... mas não faz mal, estou hoje com vontade de falar...

— E' a saúde que está voltando...

— Será. Agora que estou vadio aqui nesta cama, fixo melhor certas impressões antigas e mal definidas. A minha imaginação é como um espelho em que não se reproduzem só imagens materiais mas também sensações errantes e subtis. Creio que vou fazer um romance, Fortunata, um grande romance em que cada um de vocês será um simbolo.

— Não sou gente p'ra entender essas historias, mas ha de ser bonito...

— Não faz mal; nem todos que ouvem historias sabem entende-las; ha até pouco quem as entenda... O que eu quero dizer é que nas minhas horas de insônia eu via a vocês todos mais com a expressão espirital do que com a corporal. Olhe, por exemplo, a Hortensia. No espelho da minha imaginação a Hortensia anda sempre vestida de azul, como a flôr do seu nome. Um céu de Maio. Hei de lhe fazer versos; muitos versos novos... cheios de clemência e de amor á Vida. Hortensia é o optimismo incarnado num corpo de Primavera... Os pequenos... sabe? o Bié e a Nita, mal fecho os olhos transformam-se logo em gaiotas. Ela é uma devotada, ele é um poeta... não conhecerão a felicidade. Agora, a impressão mais ori-

nal, e a mais exacta, é a de Rôla. Essa é a Saudade — a superficie intermina do oceano á hora crepuscular, uma doçura infinita, em que alveja a vela branca de um barco de salvação... A outra... a outra é a Onda, que ora se ergue como uma torre, ora desfaz como uma renda... Ela mata... ela enleia, ela seduz, ela salva... Os olhos de Rui encheram-se d'água. Depois com resolução: De todos os simbolos, mais perfeito é o Pedro.

— O mudo?!

— Sim. Esse é o fundo do Mar; é o que todos ignoram. Os seus cabelos são algas, as suas unhas onchas, o ruido dos seus grunhidos — musica de camujos...

O Coronel, que ouvia tudo com as sobrancelhas contraídas, cortou as palavras do filho, resmungando:

— Fantasias... tolices... Trate de descansar!

Fortunata saíu aturdida, e nessa tarde segredou a João Sérvulo que o pobre do Rui ficara sofrendo da cabeça.

VI

A resaca durava havia uma semana; era cada vagalhão de meter medo. Com a tempestade viera frio. Os pescadores aproveitavam os lazeres forçados para remendar velas ou apanhar malhas caídas dos arrastões. A' tardinha reunia-se um grupo á porta de João Sérvulo. Para não perder horas. Rubião movia uma lançadeira de páo nos fios de tucum de uma tarrafa destinada ás suas manhãs de domingo na praia de fóra. João Sérvulo fumava e a mulher provocava a conversa dos outros com ditinhos e risadas.

— Flaviano tá hoje de cara á banda, que nem linguado... que assucedeu?

— Tou amolado lá com a baleia...

Todos sabiam que a baleia era a viuva Tobias, a mãe da Maria Adelaide.

— Uê, gente! por quê?

— Tá se fazendo agora de manto de seda, toda cheia de não prestas... Maria já não tem licença de vir falar comigo na cerca, nem nada; anda esquivada.

como a sardinha no inverno... Se minha mãe quisesse me ajudá... mas não qué!

— E Marcos? que fim levou, que não tem aparecido, hein? indagou Fortunata.

— Por que é que a senhóra foi se lembrá de Marcos? replicou Flaviano com vivacidade.

— A tôa... é um companheiro

— Não foi á tôa. A senhóra teve um pensamento...

— Eu não...

— Diga porquê.

— Sei lá! Ora essa!

— Nunca briguei com pescador... mas...

João Sérvulo interveio:

— Nem brigará. A pessoa de um pescador, haja o que houver, é sagrada para um companheiro. Não seja desconfiado. Marcos é seu amigo.

— Será...

— E'.

— A's vezes os olhos dele caem em cima de mim como o arpão; parece mesmo que querem arrancar, puxar qualquer cousa de dentro do meu peito... Outras vezes sinto que me rodeia, como se me quizesse contar uma historia, mas mal procuro prestar atenção, onde é que ele está? arrependeu-se... Fugio!... A modos...

— A modos o quê, homem de Deus?!

— Cá me entendo. Tá hi porque eu ando com cara de linguado...

Rubião soltou uma gargalhada e concluiu:

— O diabo tá scismado mesmo!

A' tarde caía rapidamente. Fortunata, sem se levantar da soleira da porta, onde estava sentada, provocando conversas, chamou o filho, o Antonio e agachou-o nas dobras da saia. Entretanto não cessava de falar:

— Bem diz João Sérvulo que pescador tem pelo de cortiça, tanto faz que haja vento como que haja sol, para ele tudo é o mesmo; o que quer é o ar livre...

Hortensia ajudava o pai a desembaraçar uma meada de linha hamburgueza, ela sentada num caixote, com as mãos estendidas paralelamente, ele do pé, enrolando o novelo. Fortunata animava a roda:

— Conta um caso, Rubião! historia de verdade ouvio? não venha com as suas mentiras, que eu já estou farta de caraminhólas... E desembuche, que seu Clarindo quer ir dormir cedo para vêr amanhã a briga de galos e Flaviano tá morto p'ra ir conversar com Maria Adelaide. Que sinal você dá para ela aparecer?

— P'ra que é que a senhóra quer saber?

— Ora, p'ra me lembrar dos meus tempos, quando João Sérvulo andava rondando a casa de minha mãe... aquilo era cada trilo que nem os do Baptista anunciando peixe... ele está fingindo que não escuta... depois de velho ficou sonso...

— O meu sinal é um assobio imitante ao da grana, informou Flaviano.

— Ela vem logo correndo?

— Qual! antigamente era assim; mas a baleia agora não deixa; tá com luxos...

Rubião pigarreou: ia começar o conto, mas Fortunata interrompeu ainda, com um gesto vivo:

— Espera um pouco, deixa chamar a vizinha; ela gosta de ouvir tudo desde o principio.

Detraz de uma cânôa surgiram as duas sombri-nhas do Bié e da Nita, que se aproximaram correndo e se deixaram cair na areia, perto dos pescadores. A vizinha acudio ao chamado. Fortunata ordenou:

— Póde contar, Rubião.

— “Conheço esse litoral todo, como a palma de minha mão. Nasci mesmo na areia de uma praia do norte e a bem dizer pelas areias vim, de pé no chão, parando aqui, parando acolá, comendo do que pescava, ajudando uns, pedindo a ajuda de outros, té perto de vocemecês. O caminho é comprido, mas meu pensamento não cessa de correr por ele todo com muito gosto e um pouco de saudade. . . Não sei para que choupana de pescador tem porta! Mal eu batia era só ouvir dizer: — entre! e se havia fartura logo me davam uma cuia de farinha e um bocado de peixe e toca a conversar até a hora de dormir. . . Alma de pescador é mesmo aberta como rancho de tropeiro; não esconde nada de ninguem. O que ha para um, ha para todos; extranhos ou filhos de casa todos são como um só! Não têm conta as pousadas que fiz e os dias que passei com este, com aquele, ou com outros mais. Em toda a parte vi sempre a mesma paciencia e a mesma franqueza; sómente, elas foram tantas, as familias por onde andei, que sempre ha um ou outro caso delas para contar. . . Vancês querem um caso de pescaria, ou querem um caso de amor? . . .

— Um caso de amor! optaram as mulheres. —

— Pois lá vai um caso de amor! Siá Hortencia, abra bem os ouvidos... Olhe que não é mentira nenhuma!

— Anda com isso, Rubião! exclamou Fortunata já impaciente.

— Lá vai:

Um dia eu andava lenhando lá para o extremo sul da Ilha de Marambaia, perto da Pedra do Sino, quando topei com uma caboclinha sentada num páu de mangue derrubado na praia. Ela estava tão séria olhando para o mar, que nem estremecia quando a pedra tocava. Aquilo é bonito mesmo. Deus botou no coração da pedra um grande sino escondido que dóbra quando o vento passa. E cada badalada de bronze de fazer fé na gente...

— Nunca ouvi dizê...

— Quanta cousa ha no Brasil que ninguem sabe!... Pois era tão bonitinha, o diabo da pequena, que nem sei que fraqueza me deu nos joelhos, que assentei de andar devegar com o serviço, como se quizesse tar espiondo a coitadinha da moça... A pobre devia estar beirando os seus quinze anos... era espigadinha e estava se vendo bem que pobre como a mim; não tinha meias nem sapatos e a saia de chita parecia ter mais idade do que a dona... Eu andei... eu tossi... e nada da menina me prestar atenção... Vai senão quando, aponta lá longe na praia um mocinho todo esbaforido, estudante da cidade ou cousa assim, e ela volta logo a cabeça, treme como uma cana no

vento e atira-se para os lados dele, como uma veadi-
nha contente. Abri a boca. O boneco não dera sinal
de si, — nem assobio, nem palmas, nem nada. Como
foi que ela adivinhou que ele vinha chegando?! An-
daram por ali de mãos dadas. Pareciam feitos um
para o outro... O meu feixe de lenha nunca ficava
completo... O amor sempre acende a curiosidade na
gente... O que eles diziam não sei; vieram outros
lenhadores, pelos modos conhecidos dela, e o casal-
zinho se separou, foi cada um para seu lado. Nessa
noite indaguei no arraial quem era a pequena e me
disseram que era a unica filha do pescador Roberto,
um magricela barbudo, melhor que um santo...

O rapaz viera da cidade tomar ares numa cha-
cara de um tio... Ele era bonitinho, ela era linda;
não havia nada que admirar. Mas Satanaz não des-
cansa, e atçou num primo da caboclinha, meio alua-
do, uma grande paixão por ela. Também não admi-
rava... a mocidade ía raiando para os tres na mesma
hora... Tá facil de perceber: ditos miudinhos como
manjubas começaram a ferver em roda da mocinha.

O primo, já se sabe, tóca que tóca avisando o tio,
assanhando o tio: que a prima fazia isto, que a prima
fazia aquilo, um inferno. De maneiras que o velho
pegou e proibio a filha de ir com as outras meninas
buscar água santa na lagôa do Pico da Marambaia,
uma águazinha pura que vem debaixo do mar, vara
todo o monte até lá em cima e se despeja do alto em
cascatinhas frescas, que matam a sêde melhor que
todas as águas e curam as doenças melhor que todos
os remedios...

A pequena costumava ir de longe em longe pescar na lagôa vermelha com outras camaradas; pois tambem isso ele proibio, e para maior segurança da filha não pôr pé fóra de casa, pespegou uma comadre velha e muito braba na porta. A menina, coitada, calou a boca muito bem calada, e o que se passou lá dentro do seu coraçãozinho nem eu, nem vancês, nem ninguém sabe. O mocinho tambem deixou de aparecer, curtindo saudades dentro da chácara do tio. Agora o primo, esse é que andava saltando, como sapo quando adivinha chuva... A caboclinha não sabia lêr... não sabia escrever... a velha tinha tanto cuidado que nem um gato ou cachorro deixava entrar na porta da cabana... vão vendo só! Pois uma tarde, o pescador Roberto amarrou a sua canôa num recovão da praia e foi p'ra casa dormir.

Não sei que sonhou a caboclinha, que às tantas da noite, quando a velha dormia, sai da cabana com uma saia pela cabeça e, pé cá, pé lá, vai até ao recovão onde estava amarrada a canoinha do pai. A noite estava escura como breu. A menina mesmo se espantava dos passos que ia dando; era a primeira vez em sua vida que saía sozinha áquela hora! Roberto tinha levado os remos para casa; vai a filha sungou as saias, entrou na água até aos joelhos e já achou dentro da canôa quem lhe desse as mãos e a suspendesse...

O mocinho estava lá dentro esperando por ela!...

Mas agora me digam: quem levou a combinação dessa entrevista, se não entrava viv'alma na choupana do pescador?! Só se fosse o diabo, nas suas

artes que os velhos já não entendem... Assim, fôra satanaz, que tinha puxado todos pela mão para aquele sitio... queria levar tres almas de uma assentada para o inferno, por isso, mal a caboclinha entrou na canôa e caio nos braços do dito mocinho, o primo, que estava espreitando tudo, cortou com uma navalha muito afiada a espia da canôa, para que o primeiro beijo de amor dos namorados fosse trocado no caminho da morte... A canôa foi-se embora. Não se ouviu uma queixa... mas o vento zunio com fúria e então a Pedra do Sino dobrou a finados. Virgem Nossa Senhora, era cada dobre que reboava pela noite fóra... Deitado de bruços na orla do mar, tapando os ouvidos para não ouvir as vozes da pedra, com o peito enxarcado de água e salsugem, os olhos em sangue e a boca cheia de espuma, o assassino urrava como um bicho imundo. Quem o tinha avisado tambem? O odio. O odio ás vezes é como o amor: adinvinha!

Pois ainda era escuro quando o velho Roberto abriu a porta da sua cabana e logo todo se imperdigou, muito pasmado. No fundo do horizonte, onde o mar beija o céu, que foi que ele vio? Até fico arrepiado!... Vio a sua canôa vogando... vogando... toda iluminada... com a filha dentro, vestida de noiva... com o mocinho vestido de noivo... e as portas do céu abertas para os receber... E a Pedra do Sino vibrando... vibrando... Foi por isso que ele não chorou a morte da filha, nem extranhou que ninguem, por mais que procurassem, pudesse nunca encontrar vestigios da embarcação nem dos namora-

dos... O amor tinha seguido o seu destino. O odio, esse foi para o inferno na alma do assassino, que escabujou no lodo e morreu como um cão danado, mordendo as mãos..."

Rubião falava ainda, quando João Sérvulo se ergueu de repente, apontando com um gesto tremulo uma luzinha que aparecia e desaparecia na negridão do mar.

— Um navio em perigo!

Levantaram-se todos, impelidos pela mesma ansiedade, e correram alvoraçados para a orla do mar, onde alvejavam os brancos penachos dos vagalhões em fúria.

— Se a *Guanabara* aguentasse... aventurou João Sérvulo; mas antes que ele concluísse a frase, a mulher acudiu:

— Não vê que eu deixava!

— Nem eu esperava pela licença de ninguém. Seria a minha obrigação...

— Então a obrigação do pescador é se matar pelos outros? E o que fazem os outros por vocês!?

Reboou no espaço o tiro de socorro. Apertando o braço de Rubião, nervosamente, João Sérvulo exclamou:

— E' uma vergonha a gente não fazer nada diante de uma desgraça...

— Isso é...

— Quem sabe se a *Guanabara*...

— Deixe-se de historias. Aquele navio está longe... quando é que uma canôa haverá de chegar lá? Coragem é uma cousa, temeridade é outra.

A luz mudava de tamanho e de côr; parecia afofar-se e logo emergia mais intensa do fundo da água. O farol da Rasa piscava, a pupila rútila em frente àquela estrelinha louca com que as ondas brincavam e que agonizava em lampejos, pedindo nos ultimos esforços que a salvassem.

— Quem sabe se ha crianças a bordo... murmurou Fortunata pensando no Antonico...

— E mulheres...

— A Fortaleza de S. João já deve ter dado as providencias...

— Quem sabe?...

Comovidos na sua inercia, os pescadores olhavam aflitos para aquelas águas tumultuosas, que uivavam de incompreensivel desespero, encrespando-se, alteando dorsos monstruosos, rebentando na praia num estrondo que abalava os ares frios da noite. No céu escuro, entre nuvens flocosas, de crépe, a lua ia surgindo, sem irradiação.

— O mar já esteve pior... comentou Flaviano.

Aparecendo e desaparecendo, a estrelinha doida vinha nos arrancos em demanda da barra até que partiu de terra o aviso de socorro.

— Ora graças! exclamou Lino, temendo inda assim que a luta com os vagalhões não desse ao navio tempo de esperar...

— Se o mar não estivesse tão ruim...

Partiam foguetes de bordo. João Sérvulo conhecia os sinaes e traduzia-os gaguejadamente ao mulherio assustado, que lamentava a sina dos que estavam naufragando...

— E' uma vergonha, Rubião! é uma vergonha nós não fazermos nada!

— Com embarcação desarvorada, como é que nós havéra de resistir a tamanho embate?

Foi então que Hortensia, afastando os cabelos que o vento lhe espalhava sobre o rosto, rompeu a cantar uma ladainha que sabia de cór:

— “Nossa Senhora da Copacabana, tende misericórdia de quem anda por sobre as águas do mar...”

E á sua dôce voz cristalina, responderam os homens comovidamente numa melopêa magoada e implorativa:

“Nossa Senhora da Copacabana, tende misericórdia de quem anda por sobre as águas do mar...”

— “Estrela do Céu, Virgem Maria, trazei a porto de salvamento quem periga no mar!”

— “Estrela do Céu, Virgem Maria, trazei a porto de salvamento quem periga no mar!”

Apezar da humidade, apezar do vento, os homens traziam os chapéus na mão, seguindo Hortensia que, com a sua dôce voz molhada de lágrimas, espalhava pela praia junto á fúria das águas as suas orações suplicantes.

E era como um largo sopro de bonança o timbre daquela voz virginal, unguida de piedade:

— “S. Pedro, bom pescador, guiai a barca desarvorada...”

— “S. Pedro, bom pescador, guiai a barca desarvorada...”

Pouco a pouco, parecia a todos que a tempestade amainando. Hortensia não cessava de cantar, com olhar sumido na amplidão trevosa das águas...

No cérebro assombrado da mulher de João Sérulo resuscitavam as palavras de Rui:

— “A voz de Hortensia tem o misterioso poder de acalmar as tempestades; ela é o espírito do Mar que representa a Bonança...”

Quando isso ouvira, ela, pobre ignorante, julgara tais expressões filhas da loucura ou da febre... Certamente que ela nunca saberia definir daquele modo cousas tão afastadas da sua compreensão, mas como tinha tido quem lhe abrisse os olhos, via-as muito bem agora... Eram lindas. Bem se via que Rui era poeta. Seria então bem verdade que só os poetas entendem todas as vozes da natureza? E ela, que espalhara por toda a parte que ele tinha ficado sofrendo da cabeça, quando, ao contrário, era ele quem via e conhecia tudo no mundo, por dentro e por fóra!

As ondas já não eram tão impetuosas; a estrelinha doida parecia orientar-se nas águas.

Hortensia continuou:

— “Lua de prata, Candeia dos Santos, iluminai os caminhos do mar!...”

E os pescadores:

— “Lua de prata, Candeia dos Santos, iluminai os caminhos do mar!...”

VII

Flaviano interrompeu a ladainha, seguindo em direcção á casa de Maria Adelaide, com o sentido de a vêr, bem que por poucos minutos.

Cortou caminho por um atalho novo. Os pés ardiam-lhe nos sapatões sem meias. Escuridão em cima, escuridão em derredor; tudo negro e cheio pela voz formidavel do mar iracundo.

Maria Adelaide ía ter uma surpresa; ela não esperaria que ele a chamasse á cerca por aquele tempo tão feio... Ainda se a peste da mãe a deixasse vir! mas o mais provavel era que a prendesse lá dentro, como das últimas vezes...

No fundo da sua consciencia ele supunha saber a razão por que a familia da noiva começava a aborrecer-se dele. Era porque o via muito parado, esperando que o destino por si só se encarregasse de lhe ageitar a vida.

Queriam talvez que ele se matasse procurando outro emprego, ou metesse ombros á sorte, forçando-a

dar-lhe o que ela lhe negava; mas nada se faz sem tempo, e ele havia de mostrar para o que servia. O que não podia admitir era que o enganassem ou se divertissem á sua custa... Lá por serem brancas, nem as marrequinhas das cunhadas nem a baleia da sogra haviam de poder mais do que ele...

Percebia bem que a propria Maria Adelaide já andava tambem um tanto arredia, com um arzinho e enfado... Talvez fôsse scisma; fosse ou não, já gora, se ela não quizesse casar por vontade cederia força. Com ele não se brincava... Ela que tivesse cuidado. Agora mesmo ia por ir, quasi sem esperança e a vêr, só para vigiar... Adivinhava que alguma cousa puxava Maria Adelaide para traz, depois de estar já quasi nos seus braços... Haviam de ser obras a mãe, que por já não precisar dos seus obséquios, fiçava o aborrecimento por ele no coraçãozinho da oiva...

Sentia-se ameaçado, queria adivinhar já o motivo verdadeiro dessa ameaça.

Saindo da treva densa da mataria do atalho, Flaviano entrou na estradinha das pitangueiras, a poucos metros do sitio em que morava a moça. Depois de uma curva de caminho, onde um velho cajueiro reborescia convulsivamente os braços, havia no sopé do porro uma cancelinha de páu da velha chacára arruinada, cercada de postes carunchosos e fios de arame arpado, comidos de ferrugem. Era ali. A escuridão a noite era tal que não lhe permitira atinar tão bem com aquele local abandonado, se o instincto e o amor não tivesse guiado.

Um pé de jasmim-manga plantado rente á cancela aturdiu o ar enegrecido com o seu perfume voluptuoso.

Antes de assobiar como a graúna, ele ergueu a vista, como a procurar no céu uma estrelinha que pudesse guiar até ele os passos da mulher amada.

Na casa, abarracada ao centro do terreno e alicive havia uma claridadezinha frouxa, de luz de kerosene. Flaviano não queria ir lá dentro afrontar a sogra e as cunhadas, e esperou um bocadinho antes de trilhar, com assobio de mestre o seu canto de grana... Estava assim, na expectativa, quando sentiu um rumor indistincto, para os lados do coradouro.

— Os cães... pensou ele, e assobiou alto, na cantilena do estilo. Calou-se á espera, de ouvido atento com as narinas dilatadas, farejando no ar outro cheiro mais entontecedor que o dos jasmins-manga que estrelejavam na noite as suas flôres de chama. O que ele sentia, nem o sabia compreender... Era como um frémito de amor atravessando a negrura do espaço, saindo da terra brava de areas e cactos para o céu negro.

O cheiro de Maria Adelaide, aquele cheiro inconfundível de óleo de côco e bogarim, que ela costumava pôr nos cabelos, parecia impregnado em todo o ambiente da chácara. Flaviano estremeceu de susto. Estaria a moça conversando com alguém naquela hora da noite?! Trilou de novo o seu canto de grana e estendeu o pescoço, curioso. Houve um farfalhar de panos que se arrastam, no coradouro e logo depois uns passos de veludo caminhando para ele.

— Não seja tão impaciente, Flaviano, eu não sou surda!

— Quem é que estava ali com você?

— Ninguém...

— Não minta.

— Ninguém. Eu tinha-me esquecido da roupa no coradouro e estava ajuntando tudo, quando você asobiou. Não torne a fazer isso; já sabe que mamãe não quer que eu venha aqui sózinha!

— Ela não sabe. Porque é que você está só olhando para traz? Nunca teve medo e agora é que chegam os sustos?

A moça retraía-se, recuando, a cada movimento do pescador, como a preparar uma fugida rápida para entrar em casa. Ele preferia aquelas entrevistas, a ter de afrontar lá dentro da casa da noiva a cara feia da sogra, que se tornava implacável para com a sua indolência, estimulando-lhe os brios com remos e conselhos... Mas Maria Adelaide, cada vez mais fria, respondia apenas ás perguntas que ele lhe fazia, com vibrações impacientes e, ao mesmo tempo, tímidas de voz. Chegou um momento em que, desesperado, Flaviano estendeu o braço procurando segurar-lhe as mãos; mas a moça, furtando o corpo áquele gesto, correu aterrorizada para casa. Flaviano abriu a boca, espantado. A noiva criara medo dele! Já as ultimas vezes que lhe tinha apertado a mão sentira-a tremer como uma ovelhinha entre as patas de um lobo. Porque? Ser temido alegrava-o; queria que a fraqueza daquela mulher vivesse acorrentada e arrastada pela sua força; mas tanto assim, também não. Sentia-se

agora ofendido e mais desconfiado... Que diabo teria ela?...

Hirto, junto á cancela tosca da cerca, o pescador olhava para a chácara, em que as arvores farfalhavam, sem poder descortinar senão lá dentro a luzinha pálida da casa de moradia, ainda aberta.

Porque seria aquela mudança assim tão brusca? Teria presentido os passos da mãe?...

Voltando o seu caminho, picado por um despeito que o atordoava, Flaviano parou de repente com um movimento de surpresa: a figura de Marcos' desenhava-se nitidamente em seu espirito. Seria o filho da galega que se andava misturando nos seus negocios?!

Porque lhe saltava assim na memoria a lembrança do seu companheiro de trabalho no mar?

Se havia entre ambos uma pontinha de desconfiança, era cousa sem fundamento, cousa de official do mesmo officio... Agora mesmo sabia muito bem que o Marcos andava dentro da baía, pescando nas chalanas com os portuguezes de Santa Luzia. Rubiãc tinha-o visto dias antes estendendo uma rêde em frente ao hospital da Misericordia; todo o pessoal da *Guanabara* estava sciente disso. O homem não era milagroso, para estar ao mesmo tempo em dois lugares diferentes... em todo o caso, ele entrara a desconfiar do Marcos, ao mesmo tempo que Maria Adelaide se fazia de tôla... Haveria alguma combinação entre eles?... Quem sabe mesmo se o Marcos não simulava trabalhar para outros lados e não estaria fechado em casa de dia, para andar de noite

condando por ali, como uma alma penada? Hein? Se ele tivesse certeza... um fio da verdade... mas as suas desconfianças eram vagas como um sonho... Ninguém lhe dissera nada de positivo, nem sabia por que desconfiar agora do Marcos; mas a verdade é que desconfiava dele. Lembrou-se então do caso de amor, contado poucas horas antes pelo Rubião. Ha segredos com azas. Na historia da ilha de Marambaia ninguem se tinha falado e todos se reuniam, sem combinação, para o mesmo fim do goso e da vingança. Amor e odio são duas forças proféticas!

Ai do Marcos, se ele se metesse com a sua vida! Não era crível. Pescador não engana a pescador. Daquele não sairia acto de deslealdade... O tólo era ele, em pensar essas asneiras... Marcos talvez estivesse naquela hora vendo matar peixe a dinamite, lá para as ilhas vizinhas de Paquetá... havia de vir cheio de historias para contar aos companheiros na porta do João Sérvulo... Todavia... Já afagava o projecto de apertar no dia seguinte a mão de Marcos até vê-la espirrar a verdade.

Internando-se pelo atalho, ouvindo o rastejar das cobras, lembrou-se do avô, o pai da mãe, apanhador de viboras, fabricante de filtros e contravenenos. Fôra aquele velho que lhe ensinára a fazer pouco caso dos homens e dos animais. Parecia vê-lo mover-se nas trevas, com os seus olhinhos vermelhos de velho, de onde se irradiavam dois raiozinhos malignos, e o busto semi-nú enrolado pelas serpentes mordiças, que da cintura ao pescoço o cingiam como um adorno vivo.

Não nascêra para a vida do mar. O homem lá fóra não tem casa nem patria; tudo é instavel, movediço, sujeito ao vento e á luz, dois elementos que se não podem dominar, nem apalpar, nem vencer! Ele gostava de vêr na terra o fundo sinal da sua pégáda, queria, olhando para traz, no mato, perceber, pelos galhos quebrados, o caminho aberto pelo seu corpo robusto.

Pescava hoje como amanhã faria outra qualquer cousa, sem amor á profissão. Estava no officio de empréstimo; gostaria muito mais de caçar animais de sangue quente, que espadanasse em terras asperas. O peixe enfadava-o. Tinha saudades de andar como o avô, rastejando nos capinzais atraz das cobras...

Quando entrou em casa encontrou a mãe fumando cachimbo, agachada a um canto.

— Oh, a senhóra tá sempre pitando!

— Que lhe importa? não é você que paga o fumo...

— E depois ainda a senhóra diz que não póde me ajudar p'ro casamento... Maria Adelaide até já está ficando sentida com tanta demóra e todo o mundo me censura...

A preta resmungou uma resposta ininteligivel num ruido cusparento.

Era uma velha magra, muito considerada pelos pobres, porque soubéra fazer dinheiro com taboleiros de dôces e de angú. Mas desse presumido dinheiro não dava um real ao filho e opunha-se a que ele se casasse com mulher branca, certa de desgraça... Queria ser sempre a principal figura da familia...

No dia seguinte, pelas onze horas, Flaviano saíu de casa em direcção á de Marcos.

O dia endireitara; o céu estava de um azul cálido, marchetado de raras nuvenzinhas brancas. O mar roncava ainda. Flaviano deu volta pela praia, com o sentido em uma indagação.

João Sérvulo e Rubião, acorados na areia, punham fogo embaixo da *Guanabara* suspensa sobre estivas, besuntando-lhe com cebo derretido a parte inferior do casco. Feita essa limpeza, pinta-la hiam ás riscas, da linha d'água para cima. Tão entretidos estavam os dois pescadores, que mal corresponderam ás palavras do Flaviano. Queriam aproveitar o sol e o descanso para rejuvenescerem a canôa.

Depois de pequena demora, Flaviano perguntou, simulando pouco caso:

— Vocês não teriam visto o Marcos por aí?

— Homem, ele disse que ía pescar na baía, mas o Bié e a Nita contaram á Fortunata que ele anda por cá...

Flaviano pensou: então era certo; o demonio fugia da praia e andava pelos matos cocando enredos... O mais acertado era ir procura-lo de uma vez e acabar com essa historia...

Marcos morava a curta distancia de um cortiço, onde a mãe passava o dia lavando roupa com outras mulheres. Flaviano sabia disso: vendo a casa do companheiro fechada, foi direito ao portão da estalagem. Efectivamente lá estava a Conceição estendendo lençois, toda curvada, mostrando as pernas nús e os tamancos de páu.

Ouvindo o seu nome, voltou-se, e de vermelha fez-se lívida ao deparar com o mestiço.

Flaviano esperou-a encostado ás grades, mas reparando que ela não se movia, perguntou-lhe alto pelo Marcos.

— Marcos? respondeu a lavadeira, como se não tivesse ouvido bem, e andando devagar, para dar tempo ao cerebro de fórmular uma resposta. Que quereria aquele animal? matar-lhe o filho? Teria ele já descoberto os amores de Marcos pela assanhadinha da Maria Adelaide? Certamente que ele não procuraria o outro para bom fim. . .

Já impaciente, Flaviano pôz a mão no ferrolho para abrir o portão; ela então apressou-se com um sorriso desbotado, disfarçando angústias:

— Que deseja o senhor?

— Falar com seu filho.

— Meu filho?!

Flaviano fez com a cabeça que sim.

— Ele não está. . . anda por fóra.

— Máu, máu. Eu sei que ele está em casa.

— Não está.

— Basta de fingimento; é melhor ir dizer a Marcos que apareça de uma vez, se é homem e não tem medo de mim.

— Medo do senhor? ora essa! porque? Meu filho não tem de que ter medo de ninguem, que não é ladrão nem assassino; vive do seu trabalho e não pensa na vida alheia. Se quer deixar algum recado, deixe; quando ele vier eu lhe direi que o senhor cá esteve e o mais.

Ela agora falava alto, com atrevimento sacudindo as falripas côr de fogo do cabelo em desalinho e a enrodilhar com as mãos curtas e vermelhas o avental de zuarte empapado d'água.

— Historias, resmungou Flaviano.

— Historias não! veja lá como fala!

Eu já lhe disse o que tinha a dizer: Marcos não é vagabundo, anda ao trabalho. Se tem algum recado a deixar-lhe, deixe-o; se não tem: viva!

Como a portuguesa falava muito alto, de um modo aspero, acudiram as moradoras do cortiço, curiosamente. O que ela queria era chamar para si toda a raiva do Flaviano e desviar-o do filho: por isso acrescentou: — Se quer a chave da minha porta, tome-a. Olhe, é aquela casa acolá. Vá vêr por seus olhos se Marcos tem medo de alguém. Desaforo!

O mestiço medio-a de alto a baixo, com desprezo; não queria saber de negocios com mulheres. E depois:

— Pois se ele tem coragem, que continue a rondar minha noiva, que ha de se vêr comigo!

— Sua noiva?! Para que a quer o meu filho? Ora a beleza! A estrada é livre: se ele passa por lá é por que lhe faz caminho! Fresca figura, a da tal Maria Adelaide!

Flaviano cresceu. A ira fuzilou-lhe nos olhos fundos, pronto para avançar; mas já um grupo de mulheres rodeava a lavadeira, que não recuou, muito vermelha, na refulgente aureola dos seus cabelos ruivos. Ele dominou-se:

— A minha conversa é com seu filho. Ele sabe bem do que eu sou capaz. . .

Tal a expressão com que ele falou, que todas as mulheres se entreolharam com medo. Só a portuguesa deu um impulso ao corpo ao vê-lo afastar-se, como para retê-lo. As outras seguraram-na num círculo estreito, até que, vencida, ela se sentou arrependendo os cabelos crespos, imprecando os céus, e suplicando ás amigas que nada dissessem ao filho quando ele voltasse para casa. . . Se o Marcos soubesse de tal afronta, teriam de chorar grandes desgraças. . .

Nesse dia Nita e Bié andavam á cata de ovos e de orquideas pelo mato. Tinham saído cedo de casa, ele com pedaços de pão duro nos bolsos sujos, ela com umas bolachas mofadas escondidas no seio. As primeiras horas foram sem proveito. Se deparavam com algum ninho, ele estava vazio e flôres não as encontravam senão em petalas soltas, esparsas pela ventania da noite anterior. Mas, como se divertiam pelo caminho, isso não lhes causava decepções nem cuidados. O céu estava azul; o sol dourado, voavam as camaxilras pela galharia reluzente e as pitangueiras salpicadas de frutas pretas ou vermelhas ofereciam-lhes os braços macios, enquanto uma viração deliciosa fazia voar os trapinhos da saia e os cabelos despenteados de Nita. Que mais seria preciso para se ser feliz? A certeza de que áquella liberdade não chegava o olhar do tio, bastava para alegrar Bié; e Nita, com a sua filosofia alegre de criança, sentia-se á vontade correndo assim descalça pelas restingas ou pelo mato, galgando rochedos só pelo prazer de afron-

tar dificuldades, ou deixando-se adormecer em qualquer canto, sem pensar nas horas nem ter medo de nada. No Bié juntava-se ao amor da liberdade uma curiosidade intensa por cousas da natureza, que o impelia a colecionar conchas, estrelas do mar, insectos e ovos de passarinhos. A seu lado, Nita era como uma cabritinha selvagem, roedora e lépida. Fruta que ela agarrasse, levava-a á boca imediatamente; valo que visse, saltava-o logo a pés juntos, sempre pronta a consumir as ações mais arriscadas ou mais problemáticas.

Parando aqui, ali, acolá, por causa de uma flôr, das raizes de uma arvore, ou de um insecto, eles chegaram á clareira onde um velho pedregulho de dois metros de altura emergia da terra para amparo das baunilhas cheirosas que o abraçavam molemente, ondulosamente. No topo chato da pedra uma bromelia erguia um belo penacho côr de fogo, e á roda dela, no chão, sobre um gramado leve, salpicado de flôr-rinhas, pairava, como um véo alvo e movediço, um enxame de borboletas brancas, quasi microscopicas. Nita tratou de espantar as borboletas, correndo entre elas; Bié parou, absorto, olhando. Cansada de correr, a menina propoz:

— Vamos subir na pedra, Bié? Olha, ela tem uma escadinha...

Nita chamava assim a umas ligeiras anfractuosi-dades, onde mal lhe caberiam os dedos dos pés.

— Você cae...

— Eu não...

Com as pontas dos pés e das mãos Nita subiu pela pedra, como uma lagartixa. Bié seguio-a. Em cima havia pequeninos lagos feitos pela água da chuva, cercados de limo.

— Não parece um jardim de bonecas?

Bié respondeu:

— E' o nosso jardim.

Nita deitou-se de bruços e ocupou-se em esvasiar um dos lagozinhos, remexendo-o com a mão rapidamente.

— Deixe essa água quieta...

— P'ra que?

— Pr'os passarinhos.

Ela fez um muchôcho e continuou.

— E' verdade mesmo que seu sabiá morreu?

— E' sim.

— Pensei que fosse de brinquedo.

— Tio Pedro torceu o pescoço dele...

— Você viu?

— Vi.

— Então porque é que você deixou?

— Uê... eu gritei... corri... mas ele não fez caso.

— D'ai?

— D'ai eu chorei muito. Pois então?

— Porque é que *seu* Pedro mudo tinha raiva do passarinho?

— Ele não gosta de nada. E' por isso que eu escondo as minhas conchas e os ovos da colecção...

— Eu tenho medo dele...

Com a sua fanfarronice de rapaz, Bié afirmou:

— Eu não. Se ele não fosse meu tio, eu dava uma bofetada nele!

Calaram-se ambos, ouvindo cantar um bemtevi. Depois, Nita tirou do seio umas bolachas e repartio-as com o companheiro. Bié tirou araçás do bolso e deu-os a Nita...

— Você sabe uma cousa, Bié?

— Não...

— Estou com sono!

— Dorme.

— E você?

— Eu fico aqui mesmo... D. Ada disse que amanhã D. Rôla faz anos. Se a gente achasse uma parasita bonita...

— Você sabe como é que a gente faz anos? perguntou Nita com uma faisca de curiosidade nos olhinhos já amortecidos pelo sono.

— Fazendo.

— Eu gostava de saber fazer anos, para ganhar presentes...

— Bôba! Pois você também faz anos.

— Eu? Quando?

— No dia em que você nasceu...

— Eu nasci no dia de meus anos?!

A explicação do Bié foi confusa e pouco adiantou á Nita, entretanto foi demorada. Ainda ele falava quando ouviram cantar um sabiá. Calaram-se para o ouvir. Bié estendera-se ao lado de Nita e ouvindo o sabiá adormeceram os dois.

Por entre as palmas flabeladas dos coqueiros o pássaro cantou ainda embaladoramente por largo

tempo. Vespas zumbiam num tronco velho, trazendo á sua colmeia o mel das flôres douradas e o perfume das resinas que exsudavam das arvores benignas. Com o seu vôo fulgurante, uma enorme borboleta azul agitou as asas lentamente sobre as cabeças das crianças, como um pedacinho de céu que se desprendesse para vir abençoar tanta inocencia, e sumiu-se por entre os cipoais, para reaparecer de vez enquanto luminosa e grande.

Era a hora clara do dia, hora do seu maior triunfo, em que a luz que vinha do firmamento caía sobre o rochedo como um manto de ouro. Os pequenos dormiram por uma larga hora, sem sonhos, respirando o aroma das plantas, aquecidos pelo sol do inverno, sem os pensamentos que embaraçam a vida, e sem os terrores que a amesquinham.

Dir-se hia que respiravam pela mesma alma dos vegetais...

Tal era o sono, que não sentiram alguém aproximar-se; e só acordaram a um violento puxão que lhes davam nas pernas. Sentaram-se. Deante deles estava o Flaviano, de má catadura.

— Bié, diga a verdade; onde é que você hoje viu Marcos? inquiriu logo o mestiço.

Bié, estremunhado, respondeu:

— Eu não sei... eu não vi Marcos nenhum!

Mas Nita, com a memoria mais clara e perfeitamente desperta, atalhou:

— Vimos, sim! Na estrada velha, lá para os lados da casa de Maria Adelaide.

Foi tal a expressão de odio na cara de Flaviano, que as crianças estremeceram, aparvalhadas, sem compreenderem nada.

— Venha me mostrar o lugar em que você vio ele, ande!

Bié retrucou:

— Ela não viu nada...

— Vi, sim! ele estava parado ao pé...

Bié fez sinal a Nita para que se calasse. Era tarde; ela, já muito atrapalhada, concluia a frase:

... ao pé da cerca da Maria Adelaide...

VIII

Chereletes... anxôvas... corocórocas... curvinas... a rêde trouxera peixe de vários tamanhos e diferentes feitios. Setembro não nega lanço a pescador, embora não seja de tanta fartura como na força do verão.

Quando a *Guanabara* manobrou, era muito cedo e já havia gente no banho. A maré descia; o céu muito algodoado tinha uma luz pálida que permitia descanço á vista e arrefecêra bruscamente o tempo, que fôra de extremos em Agosto. A quêda da temperatura fizera crer ao João Sérvulo que perderiam atôa as suas horas no mar. Quando nessa madrugada o Baptista assobiou do alto anunciando o peixe, ele pusera os pés na canôa sem entusiasmo. Agora, vendo estorcer-se no chão aquele amontoado de corpos vivos que saltitavam, arqueavam-se, caíam uns sobre os outros em embates desesperados, dizia lá consigo que a natureza tem caprichos de mulher: dá quando se não espera, recusa quando se supplica...

Rubião, agachado, roçava o peixe com as barbas. Um saltou-lhe na cara. Fortunata, que acudia sempre a vêr o pescado, deu uma gargalhada sonora.

— A sororóca queria já entrar para a sua boca. Que pena comer um bicho tão esperto, que até parece cavala!

— Vancê tá se lembrando dissõ, porque ela não está no seu prato...

— Palavra que no dia em que eu vejo pescar não tenho vontade de comer... olha só p'ras tainhas, coitadas, estão como doidas... até os animais têm medo da morte.

— Só o pescador não pensa nisso...

— Vocês são de cortiça.

Entretanto, *seu* Freitas distribuia peixes por alguns curiosos que o tinham ajudado, a puxar o arastão e mais ao Bié e á Nita, surgidos ali como que por encanto.

O pequeno não corrêra até ali com o sentido nos magros paratis ou nas chatas corocorócas que lhe caíssem por esmola nas mãos. Acudia pressurosamente até á beira d'água, sempre que via ou sabia de alguma pescaria, a observar se no fim, ao sacudir da rêde, caía das malhas miúdas do *cópio* alguma estrela do mar, alga, concha ou caramujo.

Nita, mais gulosa, mal recebia o seu quinhão pensava logo no melhor modo de o preparar, na sua cozinha improvisada no bosque dos cajueiros, entre as pedras e as bromélias. Nesse dia não curtiriam fome.

— Uma estrela do mar!... Um caramujo azul!

A exclamação partira do Bié, que se atirara de bruços na areia, com uma fulguração luminosa nas pupilas negras. Era preciso esconder depressa no seio aquele lindo caramujo de tão rara côr, antes que o tio mudo o quebrasse ás pedradas até ver-lhe lágrimas nos olhos. Também ele, o Bié pensou no bosque dos cajueiros, onde escondia agora os seus tesouros numa tóca abandonada, entre um tronco retorcido e cupinado de arvore velha e um penedo rachado pelo raio.

O pessoal da *Camponeza* tinha combinado que se a noite fôsse escura haveria um lanço de caracas (1). Teria ele a fortuna de alcançar então outra cousa com que andava sonhando: uma arvore do mar?

João Sérvulo empurrou-o.

— Sai daqui, pequeno... Você está como tatuí, querendo entrar na areia!... Olhe, seu tio aí vem...

Bié ergueu-se de um salto e olhou para traz. O mudo vinha perto, com um samburá enfiado no braço esquerdo, um caniço na mão direita. As calças arregaçadas até ao joelho, mostravam-lhe as pernas finas desprovidas de pelos, quasi luzidias. O chapéu de palha de côco, de copa alta e largas abas, ensombrou-lhe o rosto mole, côr de cêra suja, onde mal se desenhavam os fios castanhos de um bigode ralo, descaído nas pontas.

O mudo tinha percebido o gesto do sobrinho e caminhando para os outros fixava nele com indagações curiosas os seus olhinhos estreitos, côr de café fraco.

(1) Madreporas.

— Seu tio tá zangado, Bié... notou um pescador, rindo; alguma você lhe fez...

Nita acudio em defesa do amigo, sacudindo no ar os peixes que tinha pendurados das mãos:

— Qual fez, qual nada! Seu Pedro tá furioso porque Bié escondeu no cajueiral a colecção dos ovos e das conchas... Ele é ruim como cobra!

O mudo voltou-se para a pequena com ar tão vivo, que se diria tivesse ouvido tudo.

Rubião deu uma gargalhada, concluindo:

— A modo que ele percebeu...

— Que me importa! Ele é mau mesmo... afirmou Nita.

Pedro retomara a sua placidez.

Rubião indagou ainda:

— Em que cajueiral você estava falando?

— Perto da pedra rachada, junto do morro da Babilonia...

— Quem é que mora lá?

— Ninguém... a gente fez armário dentro da boca da pedra... ao menos lá o malvado não escangalha nada...

Na certeza de que o mudo não ouvia nem o estampido da fortaleza, nem os ribombos do trovão, toda a gente dizia dele o que bem lhe parecesse, mesmo á sua beira.

João Sérvulo indagou com a vista o que o mudo trazia no samburá. Peixe de pedra: uma salema de prata riscadinha de ouro, duas corocorócas boca de

fogo e um sardo de marimbá. A pesca fôra proveitosa; entretanto, João Sérvulo atirou para o balaio do mudo um cherelete gordo, com pena do desgraçado que tinha lingua e não podia contar as suas desventuras; tinha ouvidos e não podia ouvir as cantigas da Hortensia...

— *Seu João*, indagou um pescador, o peixe vai por terra na carroça, ou vai mesmo na canôa para a praça?

— Homem... tanto por tanto, embora o dia esteja fresco, que vá mesmo na canôa... a corrente está de feição...

Para os quatro remos foram logo designados quatro homens. *Seu Freitas* iria com eles negociar no mercado.

João Sérvulo e o compadre Lino ficaram na praia, enrolando a cabaria branca e a preta, de cipó imbê.

— Amanhã a escala é da *Camponeza*... Em lua nova e em lua cheia a água corre para léste... amanhã é lua nova... a *Camponeza* vai ter bom pescado...

— Quem sabe? Foi num quarto de lua, com água correndo para' o sul, que a gente viu aquele negro de corocorócas...

— Pr'aí umas trinta mil...

— Nem sei como a rêde velha não arreventou... E o Marcos, que não aparece!

— Está nas chalanas dos portugueses, pescando peixe grande na baía... A mãe foi hoje á minha porta... parece que o Flaviano disse qualquer cousa que a incomodou...

— Asneiras... cada um que se meta com a sua vida... estão ameaçadores que nem vento oeste... Porque? para que? Você pensa? se não fossem pescadores já se teriam atracado aí... Quando fôr tempo da garôpeira (1), então é que hão de fazer as pazes. Lá fóra: longe da vista, longe do coração!... O vento livre varre os maus pensamentos...

Sem interromper o trabalho, Lino indagou, distraidamente:

— Afinal, por que é que eles estão zangados?

— Rabo de saia...

— Hum...

— Zangados, zangados não... Não declararam guerra porque as cousas não passam de desconfiança... Fortunata tem faro de tainha, não sei como percebeu a historia... Mulher é o diabo! Foi ela que me contou... Parece que o Marcos foi iscado pela songamonga da Maria Adelaide. Ele anda cozinhando a paixão dentro do peito; como é leal, fugiu para a cidade... a moça está prometida a um companheiro: é sagrada. Por ele eu ponho as mãos no fogo; agora pela moça... não; porque é sonsa, e mulher sonsa é mais perigosa numa casa, que baiacú numa rêde... Que isto fique entre nós, compadre.

Fortunata, que viêra vêr o pescado na praia, escolhera duas gordas sororócas, que era ver duas cavalas, para mandar levar de presente á Rolinha, que não lhe quisera levar nem um vintem pela sua ultima costura. Ao mesmo tempo tinha com isso pretexto

(1) Pesca da garoupa no mar largo.

para um bocado de prosa e desabafo de certas novidades.

A-pesar-de pobre, Rôla tinha sempre uns cinco mil réis guardados para acudir nas crises de miséria a algum pescador menos previdente ou mais cansado, como ao velho Tiburcio, inutilizado desde um naufrágio; ou mesmo a Fortunata Sérvulo, que lhe pedia recursos a titulo de empréstimo, na ignorancia do marido, segundo afirmava.

Nesse mesmo dia, após a visita de Fortunata, estava Rôla cosendo á máquina, ao lado da viuva D. Ricarda, quando bateram á porta.

A viuva disse de si para si:

— Aí vem peditório...

Rôla levantou-se sorrindo, certa, talvez por sugestão, de que chegara a hora de fazer bem a algum necessitado; mas logo ao abrir a porta recuou sorprendida. Rui estava diante dela, muito abatido, com a gola do sobretudo erguida até ás orelhas e os olhos engrandecidos, brilhando na palidez do rosto.

— Rui!

— Eu mesmo... Não me manda entrar?

— Que imprudencia...

— Já estou bom, não tenha cuidado...

— Sente-se aqui, neste cantinho mais agazalhado...

— Estou bem... Lá em casa sentia-me mal... muito triste...

Rui percorreu com a vista os ângulos da sala, procurando alguém. Rôla tinha um ar constrangido...

— Sabe o que vim fazer, Rolinha?

— Não... e...

— Agradecer-lhe a sua visita e a de Ada e ao mesmo tempo pedir-lhes desculpa pelo modo por que foram tratadas...

Compreendo que meu pai estivesse fóra de si... julgava que eu morresse...

— Perfeitamente; não falemos mais nisso; em todo caso, diga-me: como soube?

— Pela Antonia... a preta velha lá de casa... ela viu tudo... contou-me tudo...

— A casa estava fechada!

— Olhou atravez das venezianas... Eu ainda duvidava... vejo que ela não me mentiu!

— Talvez tivesse exagerado... não se aflija. O que nós pediamos ao céu era que você não morresse. O mais!...

Ela encolheu os ombros.

Rui perguntou:

— Onde está Ada?

— Dormindo. Toma agora banhos de mar... levanta-se cedo, ao meio-dia tem sono...

— Com franqueza: ela sofreu por minha causa?...

— Nós todos tivemos muito cuidado...

— Não é isso. Sei que são meus amigos; pergunto pela espécie de preocupação que porventura lhe causei, *a ela*... Não me responde? Nenhuma?

— Eu não disse nada... supuz que os sentimentos de minha filha lhe fossem já indiferentes... Estavam afastados... imaginei um rompimento...

— Que a alegrou!

— Não digo que não... cada vez esse casamento se torna mais impossível...

— Não ha nada impossível entre dois corações que se amam... e ela ainda me ama...

— Quem lhe disse?

— Aquele grito! A voz de Ada não me sai do ouvido. Ficou gravada no meu cérebro. Chame-a; quero pedir-lhe perdão... fui um vaidoso... penitenciar-me hei...

— Rui... fuja... faça a vontade a seu pai... não insista numa idéa que...

A porta da alcova abriu-se e Ada appareceu com os olhos espantados e a face vincada por uma dobra da fronha. Trazia o calor da cama na pele rosada e ainda como que um mistério de sonho na fronte mal encoberta por uma onda mole do cabelo escuro.

O rosto do moço iluminou-se ao vê-la. Ela aproximou-se calada, empurrou um banquinho de costura para a frente da cadeira de Rui e sentou-se, quasi unida aos seus joelhos, erguendo para os olhos dele os seus lindos olhos impenetráveis. Ele tremia. Ela disse:

— Se você não viesse, eu tornaria a ir á sua casa, embora seu pai me botasse outra vez as mãos no peito para me fazer cair de costas na rua!

Lívido, trémulo, o moço curvava-se para ela, de quem se evolava o calor do corpo repousado.

Vestida com uma saia de lã usada, de tom escuro, e um casaco de casemira alvadio, mal abotoado sobre uma blusa de chita desbotada, num desalinho

caseiro de menina pobre, ela parecia-lhe a ele mais íntima, mais *sua*.

— Tenho tido notícias suas todos os dias... A Fortunata transmite-nos o que sabe... Foi segunda-feira que o médico lhe deu alta... Quarta que deu a sua primeira volta no jardim... Bem vê que estou informada...

Sim... era isso mesmo. Ele sorriu, morto por acariciar-lhe os cabelos macios e despenteados; ela continuava:

— Aquela pescaria fez-lhe mal... Meu Deus, como as suas mãos estão frias! Mamã! arranje uma xícara de leite quente para ele...

Rôla olhou para D. Ricarda, que ageitava os óculos para recomeçar a costura, e saiu.

Ada e Rui ficaram no mesmo cantinho, ele embevecido, ela falando sem aludir nunca ao desgosto do baile, como se o não tivesse percebido e a ausência de Rui datasse unicamente do período da doença. Assim, não tinha de que se arguir. Se havia ali alguém arrependido e humilhado era ele... Para distraí-lo chamou-lo ao presente, ela desfiou um rosário de banalidades, respeitando a presença de D. Ricarda, toda sorridente. Mas a ele pouco importava agora o sentido das palavras, o que ele amava nela era a música da voz.

A's vezes Ada fazia-lhe perguntas que ficavam sem resposta; Rui ouvia-a como a um passarinho deleitando-se sem procurar entendê-la. Se ela se queixava da sua falta de atenção, ele replicava:

— Não era isso que eu esperava que você me dissesse. . . mas fale, fale sempre!

Ela enchia os olhos de inconsciência, como se não compreendesse o sentido daquela queixa. . . Toda ela agora exalava ternura e felicidade. Ele voltava ao seu amor voltando á vida; ele corria para os seus braços amorosos em busca da felicidade, da gota de água indispensavel á sua sêde insofrivel! Era isso que ela percebia com um vislumbre de triunfo irradiando-lhe entre as meiguices do olhar e da voz. Ah! o velho tonto, o velho orgulhoso, abrir-lhe hia um dia por suas próprias mãos, para recebê-la como filha, a porta de que a expulsára com tão criminosa brutalidade! Esse desafio ela o atirava agora ao destino, do fundo da sua alma, na certeza de vencer. A beleza assegurava-lhe a vitoria, a vontade aticava-lhe o ânimo.

Foi no fim da visita que Rolinha, sentando-se ao pé de Rui, lhe disse com modo grave, em que flu tuava a sombra de uma grande tristeza:

— Tivê muita alegria em vê-lo hoje; mas peço-lhe que não volte a minha casa. . .

Ada ergueu-se de um salto.

— Oh! mamã, não diga isso!

Rôla repetiu, calcando as palavras:

— Não volte a minha casa. Seu pai considera-nos como inimigas. Não deve contraria-lo. E' cedo para resistir á sua vontade. Espere.

— Meu pai convencer-se ha de que não tem razão. . .

— Mas ele tem razão; conhece a minha história e sabe que esta menina não tem nem origem nem fortuna. Não é a noiva que lhe convém.

Ada avançou, com os lábios trémulos e as sobrancelhas contraídas.

— A senhóra está louca?! exclamou ela com raiva.

— Não, filha, não estou louca. Escute, Rui. Pense bem: frequentar a minha casa é comprometer esta menina, com quem você não casará nunca.

Ada ergueu a cabeça com um sorriso de profunda ironia:

Rui balbuciou muito pálido:

— Meu pai terá de submeter a sua vontade á minha... A senhóra verá como ha de ser ele quem lhe venha pedir a mão de Ada...

Rôla teve um gesto de incredulidade.

— Pois só depois desse dia você poderá voltar a esta casa.

— Assim... despéde-me?...

— Despeço-o... com muito desgosto. Bem sabe quanto sou sua amiga... como se fosse meu filho... Isto não quer dizer que não nos falemos em qualquer parte onde nos vejamos...

Ada continha a custo uma grande revolta e antes que Rui saísse murmurou-lhe rente ao ombro, rapidamente:

— Amanhã á tarde, em casa do João Sérvulo...

Foi ela quem lhe fechou a porta desabridamente, voltando-se logo para a mãe, numa fúria:

— Como a senhóra gosta de me humilhar! Não tenho origem! e a dele?! Parece que tem prazer em

lembrar a todo o mundo que sou uma engeitada! Antes a senhóra não me tivesse apanhado da rua, e me deixasse á chuva, para os cães famintos!

— Ada!

— E' isto mesmo. Seria mais caritativo deixar-me na lama para onde me atiraram, do que recolher-me para isto! Para quem me destina a senhóra? Para algum filho engeitado, como eu? Procure-o então já, para se ver livre desta peste!

— Ada!

— Eu não tenho culpa do crime de meus pais, para arrastar toda a vida a sua responsabilidade. Tenho jús a viver e a ser amada, como as outras mulheres. Sou bonita, sou moça! E' o principal.

— Você não faria a felicidade de Rui...

— Mas ele fará a minha.

— Não basta. E' preciso que ambos sejam felizes. Você é dominadora e amiga do luxo. Deve procurar um homem rico.

— Não tenho origem.

— Tem beleza, é o principal. Rui é um nervoso e um ciumento. Tudo nele é espirito. Vocês não se entenderiam.

— Mas que tem a senhóra com isso?

— Tudo, visto que sou sua mãe. Se Rui conseguir que o pai venha pedir-me a sua mão, você me agradecerá esta acção.

— Ele não virá.

— Quem sabe?...

— A senhóra, que parece ter interesse em não me casar com Rui.

— Ah! ingrata.

Ada saiu da sala, batendo com a porta.

— Aí está a recompensa de se criarem filhos alheios... criticou a viuva, do canto em que permanecêra como espectadora.

— Cale-se, D. Ricarda, cale-se! suplicou Rôla, com os olhos rasos de água.

— Sim, agora não ha outro remédio; é aguentar... Aquela menina... aquela menina tem pinta; eu nunca me enganei... Deus queira que...

D. Ricarda resmungava, muito indignada. Rôla, fincando o queixo na palma da mão, procurou encaimhar seus pensamentos para uma solução definitiva. Era ela afinal, quem tinha a obrigação moral de esclarecer, de dirigir... A cada resolução, o seu passado saltava para diante de si, como uma barreira insuperável. Só via um meio: tentar ainda, fosse como fosse, uma entrevista com o pai do Rui, suplicar-lhe misericórdia a afirmar-lhe que desapareceria daquele lugar para sempre no próprio dia do casamento de Ada. Se a sua pessoa era o que servia de embaraço, esse embaraço sumir-se hia como por encanto...

Lá fóra erguera-se bruscamente uma forte ventania, que fazia tremer os caixilhos das janelas, como se tambem a casa comparticipasse da crise que fazia estremecer as moradoras.

Fôra no meio de uma confusão igual, a que se juntára o barulho calamitoso de grandes vagalhões, que uma certa noite, havia dezanove anos, ela ouvira quasi indistintamente os vagidos de uma criança

junto á sua porta. Abrira apressada. Na soleira estava uma menina recém-nascida, enrolada em flanelas usadas. Rôla erguera-se espantada, aconchegando a pequenina ao seio magro; depois tornou a fechar a porta, muito calada, transida de piedade.

— Que é isso?! inquirira a viuva, já então sua companheira.

— Uma filha, D. Ricarda; veja!

A viuva, mais prática, menos sentimental, revoltára-se.

— Que! era urgente ir falar á policia. Que não fosse tôla. Adoptar a pequena seria comprometer-se. Todos sabiam da história ainda recente dos seus amores, e de como o amante lhe fugira dos braços; julgariam a criança fruto dessa ligação transitória, que era preciso esquecer. A criança lembra-la hia eternamente. Que não fosse idiota. Que ía fazer?

— Dar-lhe leite e cuidar dela. Fôra a sua resposta. Com a criança no regaço, já aquecida no seu chale, já confortada por umas colherinhas de leite, ela reconstruia o seu passado, em que o abandono predominava em tudo. O Destino fizera-a para a tristeza. Ficara orfã cedo e como orfã fôra educada num collegio de Irmãs, em que a caridade não dissimulava a esmola... Depois, o tio recolhera-a e cubiçara para si a esbelteza do seu corpo de lírio... fôra então que ela vivera na vizinhança dos pais de Rui, vendo sofrer a D. Angela, fugindo da casa do tio para o quintal da vizinha, onde passava os dias com o pequenito no colo, já toda maternal e carinhosa. Depois... depois o seu amor pelo guarda-marinha que morava de-

fronte, aquela paixão embriagadora, a sua fuga com ele numa noite escura...

Depois... o abandono *d'elle*, a sua partida para uma viagem de que nunca mais voltou, e os dias sem fim que ela passara voltada para o mar, numa esperança irrealizada, numa saudade tão dolorida e tão longa... que a cobrira de luto como a das viúvas... Vinha-lhe daí uma grande simpatia pelos deserdados da ventura. A criança atirada á sua porta trazia o nome cosido aos cueiros:

— *Ada*. — Era pouco, mas era alguma cousa. Com o rosto cheio de lágrimas, Rôla ergueu a criança á altura do rosto e beijou-a longamente. O vento reunia as sementes da mesma planta — o abandono; não era uma filha que lhe vinha para o regaço: era uma irmã!

Desde essa hora, nada faltára á linda criaturinha, que foi crescendo a seu lado, como uma rosa junto a uma sepultura. De que lar tinha vindo aquela menina? Diziam uns terem-na visto como um embrulho nas mãos do Pedro mudo. Em vão Rôla lhe suplicou que lhe aclarasse o mistério. A cada um dos seus rogos ele uivava como um cão, relanceando olhares intraduzíveis.

Diziam outros que a pequena era filha de uma italiana de teatro, ave de arribação que ali tinha pousado por alguns meses e que fugira deixando a filha fóra do seu caminho. Mas o pai... quem seria o pai, indagava agora Rôla de si para si, morta por ir pedir-lhê como socorro para a felicidade da filha — o seu nome... A idéa dessa exigência do Coronel,

fê-la sorrir de ironia. No meio da sociedade contraditória, desordenada em que viviam, aquela imposição não representava um escrúpulo, mas uma arma.

— Chegou o dia que eu esperava com medo, mas que era inevitável, suspirou D. Ricarda do seu canto.

Rôla voltou para ela um olhar transfigurado, muito pálida, numa inquirição muda.

— O dia da ingratidão, afirmou a velha, dando o nó á linha da costura.

IX

Assim que viu Flaviano na cancelinha do quintal, Maria Adelaide fugiu para os fundos da casa e foi esconder-se atrás do galinheiro.

— Maria Augusta! suplicou ela á irmã, diga que eu estou na cidade.

O mestiço recebeu o recado mas teimou por entrar, mal convencido, afirmando não vir vêr a moça, mas falar com a mãe a seu respeito.

A viuva andava desconfiada com a tristeza da filha e attribuia-a a arrufos com o noivo. Com os braços enterrados na goma até aos cotovelos, gritou da janela ao rapaz que entrasse. Não era de cerimónias; ela não podia interromper o trabalho.

Ele entrou, relanceando a vista pelos cantos.

— Que novidade... gentes! por aqui a estas horas!...

Flaviano desabafou logo; vinha decidido a uma deliberação: marcar o dia do casamento e acabar com essa história de uma vez. Até já tinha vergonha; toda

a gente lhe perguntava; — quando casa?... você casa mesmo? Parecia caçoada... Pedia urgencia.

A viuva tornou-se séria, chamou a outra filha, Maria Aurora, para continuar o seu serviço, que não devia ser interrompido e, enxugando as mãos e os braços rosados pelo calor da goma cozida, veio sentar-se diante do pescador.

Houve uns momentos de silencio, em que só se ouviam o chapinhar das mãos de Maria Aurora na bacia da goma e o cacarejar das galinhas fóra, no quintal. A viuva começou pausadamente, fixando com penetração os olhos de Flaviano:

— No dia em que o senhor veio me pedir a mão de Maria Adelaide, se lembra do que eu lhe respondi?... Respondi que ela havia de sair de casa de sua mãe para entrar na casa de seu marido.

Quando o senhor tivesse com que sustentar familia, então casasse. Só assim. Sabê que eu sou pobre, não posso com mais ninguem. Deus sabe já o que me custa carregar com o meu fardo. Sua mãe tem muito dinheiro, mas não dá nada; quer o seu sossego... e não atura nem o ouvir falar no nome da minha filha.

— Todo o mundo diz que minha mãe tem muito dinheiro, mas ninguem viu o dinheiro dela...

— Não fui eu que inventei essa riqueza...

Só sei que se este casamento não ata nem desata, a culpa é sua, e quem mais sofre é minha filha, que enquanto espera pôde perder outro casamento, — que ela não é nenhum peixe pôdre...

Os olhos de Flaviano fuzilaram de raiva. Ele julgara perceber a intenção das ultimas palavras.

Já se pensava em outro casamento e era isso que ele queria obstar! Com todo o corpo a tremer-lhe, protestou:

— Isso não! Ela é minha noiva, é o mesmo que ser minha mulher. Ninguém pôde voltar com a palavra atrás...

— O mesmo do que ser sua mulher... não... Ha muita diferença...

A observação fez explodir o ciúme do mestiço. Queria vêr só, se tinham coragem para romper um pacto tão sério. Veriam que desgraça sucederia, se tal se desse. A verdade é que eram todos egoistas e contra ele.

Se, casado com Maria Adelaide, viesse morar com a sogra e as cunhadas, seria um elemento de prosperidade no lar. Ele ajudaria a manter a casa, com o seu trabalho.

A viuva a isso é que não queria ceder: conhecia as pessoas e não se fiava em promessas.

Confessava ter aceitado a proposta do casamento, pensando que ele se realizasse cedo e estar nesse tempo desanimada e com dívidas deixadas ainda por seu defunto marido. A vida apavorava-a. Mas o caso mudara de figura. Com a ajuda de Nossa Senhora, já pagara tudo e agora, mais desafogada, não se precipitaria numa resolução tão grave... Era prudente, era prática, e não queria criar embaraços futuros... Ele que montasse casa, e então lhe falasse!

E que não perdesse tempo em conversas; ela tinha um montão de camisas na goma e queria aproveitar o

sol; era natural que ele também quizesse aproveitar as horas...

As cousas eram ditas clara e chatamente, sem reticencias nem rodeios.

Se quer é assim, se não quer vá-se embora!

Flaviano farejava o ar com o sentido na noiva, adivinhando perfidia. Por vezes como que aspirava o cheiro de lima e óleo de côco com que ela amolecia os cabelos, e lhe ouvia o ruído das chinelinhas no chão arenoso do quintal. Do canto da sala, perto da janela, Maria Aurora espreitava o pescador, disfarçando a custo a vontade de rir.

Era bem feito. Por seu gosto a irmã não se casaria nunca com tal sujeito. Só a idéa de um sobrinho mulato!...

Quando ele por fim saiu, com assomos malcriados, ela correu a avisar Maria Adelaide, que podia entrar, que o *cabra* já se tinha ido embora.

Maria Adelaide é que não ria. Estava lívida. Entrou pela porta da cozinha, onde a outra irmã preparava o feijão e foi para o quarto sentar-se calada no seu baú, aos pés da cama. Não saberia explicar o que sentia nem por que se transformara em medo a confiança que desde os tempos da escola depositava em Flaviano! A sua presença agora aterrorizava-a, como se dele tivesse recebido alguma ofensa grave. A sua imagem tomava proporções grotescas e a sua pele, a cuja côr se habituara desde menina, repugnava-lhe agora... não saberia tampouco explicar porque o pescador Marcos lhe ocupava com tanta insistencia o espirito.

Querendo pensar em Flaviano, só pensava nele. Marcos enxotava o outro, ocupando já todo o seu coração. Seria um grande crime aquilo? Parecia-lhe que sim.

Com ele nunca falara, só tinha trocado olhares; mas pelo Flaviano... até se deixara beijar uma vez, na volta da estrada, á sombra do cajueiro...

A' lembrança desse beijo torpe, toda arrepiada e enojada, a moça esfregou a face no ombro, em movimentos consecutivos, até senti-la arder.

Seria crível que só o olhar do Marcos lhe tivesse posto n'alma aquela inquietação?

Que rumo daria agora á sua vida? Casar com Flaviano, nunca, antes morrer... um pouco de querozene nas saias, um fósforo aceso, e o fogo purificaria a traição nas chamas, a carne nas cinzas e só dela ficariam flutuando na memória dos outros as sílabas dôces do seu nome... No turbilhão de angústias em que se agitava luzia a ventura de uma esperança... Amal-a hia Marcos? Sim. Diziam que ele era brincalhão, volúvel com as outras, mas percebera, com o seu instinto de mulher, que por ela o sentimento era outro, muito verdadeiro, muito dolorido... Como havia de ser?! Flaviano era vingativo... Marcos não teria coragem de se declarar... sabia-a noiva do outro... Demais a mais, eram ambos pescadores...

Com os olhos parados, fixos na nudez do quarto, Maria Adelaide voltava a pensar em cousas já bem pensadas, morta por fugir dos braços do Flaviano, doida por alcançar com a sua boca fremente de virgem amorosa, a boca do pescador branco...

A irmã espreitou-a duas vezes, sem ser percebida. Na meia obscuridade da alcova, o rosto comprido de Maria Adelaide parecia feito de pedra branca, varada de luar. . . O seu corpo delgado, apenas coberto com uma saia e um paletózinho de chita desbotada, torcia-se sobre o baú em contorsões lentas e nervosas.

Toda a familia se entreolhava com certo espanto, sem poder penetrar no segredo daquela aflição. Que teria dito o Flaviano á noiva, para faze-la zangar assim? Ela era sempre de um natural tão calado, que ninguem se gabava em casa das suas confidencias. O tempo esclareceria o caso; já agora que a situação se modificara para melhor, ninguem se entristeceria se o casamento fosse desmanchado.

Nesse dia Maria Adelaidé não quiz jantar. A mãe zangou-se: — que não fosse tôla de se matar por um homem. Bem se importam eles! Com o alvoroço da chegada do noivo e aqueles amúos idiotas de sinhá-zinha rica, até se esquecera dentro do tanque de um grande naco de sabão que se teria derretido todo se não fosse ela! Aquilo era o mesmo que pôr dinheiro fóra. Ali estava a negra para o ganhar. Tomasse juizo. Ela tambem fôra moça, tambem namorara e casara, mas nunca fizera semelhante figura! Pobre não tem luxos!

Maria Adelaide parecia surda. Estava agora como se talhada em granito. As palavras da mãe vinham em ondas, sem lhe causarem o menor abalo. Nem uma resposta, nem um estremecimento. . .

Constara-lhe que estava combinada para essa noite uma pescaria entre o pessoal da *Guanabara*.

E de repente, acudio-lhe a idéa de ir á praia provocar um encontro com o Marcos... Já uma grande saudade a impelia para esse desejo e uma absoluta necessidade de o vêr... Era a ultima prova; queria sentir os olhos dele nos seus olhos, lêr-lhe a alma na expressão do seu rosto. Decidiria tudo depois... bem podia ser que estivesse enganada e que o Marcos fizesse tanto caso dela como da primeira camisa que tivesse vestido... Se nessa noite percebesse isso, apressaria no dia seguinte o casamento com o outro, para castigar o coração maluco e fugir daquele pensamento. Ao anseio de vêr Marcos, juntava-se o pavor de um encontro com o noivo, que havia de estar também na pescaria e talvez abandonasse o trabalho para vir pela noite escura acompanha-las até a casa... Acontecesse o que acontecesse, ela veria o Marcos.

A' noite influiu toda a gente para o passeio; calçou meias e sapatinhos amarelos; tirou do baú a saia nova, pôz fitas no cabelo e Água Flórída no lenço...

— Uê! como Maria se enfeitou! exclamou atônita uma das irmãs, acostumada a vê-la mais singela nos seus passeios nocturnos; e concluiu:

— Mal empregados sapatinhos... agora que ninguém vê! Eu cá, vou com as botinas rôtas...

A noite estava calada e cheirosa. Os cajueiros começavam a florir e o seu aroma de mel aveludava a atmosfera mórbida. Pirilampos verdes abriam pontos de luz errante nas márgens do carreiro sinuoso, beirado de carrapichos e cabeças de frade em flôr. As irmãs de Maria Adelaide cochichavam rindo, acompanhadas pela mãe e um tio velho que tropeçava a cada

instante desafiando a hilaridade das raparigas e mesmo da matrona pesada mas firme.

Maria Adelaide não murmurou em toda a estrada nem um monossílabo. Só ao passar junto ás faldas do morro dos Cabritos, ouvindo tremular no ar um berro de cabra, longinquo e longo, sentiu uma grande piedade por aquela voz isolada, que parecia queixar-se á natureza de um desgosto irremediavel.

Corria em todo o bairro de Copacabana que esse alto morro, que elas iam ladeando, era habitado por um fato de cabras selvagens, que nenhum caçador se atreveria nunca a perturbar.

Elas viveriam ali ignoradas, se de longe em longe um ou outro cabrito se não despenhasse, resvalando de penhasco em penhasco pelas ribanceiras mais resvaladiças, até cair em baixo, traído pelas surpresas do terreno numa das suas correrias, ou empurrado na luta por um dos seus irmãos. Ensanguentado, arfante, morria então de olhos voltados para a penedia abrupta onde ficavam os seus. . .

O berro traspassava o ar sereno da noite, como um gemido de orfão suplicando misericordia. Maria Adelaide sentiu que as lágrimas lhe subiam aos olhos, predisposta por uma sensibilidade que as irmãs não participavam. Elas continuavam a espicaçar a paciencia do tio velho, com risinhos e chufas. Ao desembocarem na praia, Maria Adelaide puxou violentamente pelas duas irmãs e dando-lhes os braços poz-se entre ambas, defendendo-se de um possivel encontro com Flaviano. A sua carne tremia. O seu olhar ia

como uma lanterna alumando o caminho, a vêr se encontraria Marcos.

Dirigiram-se para a enseada da Igrejinha, onde as canoas dos pescadores dormem encalhadas em colchões de areia até á hora em que o fado as faz ir ás suas aventuras do mar. Se não houvesse lanço conversariam ao menos um bocado com a Fortunata, sempre novidadeira e interessante e que morava ali mesmo, perto da Arrecadação. . .

Não se tinham enganado. A *Guanabara* aprestava-se para a pesca e com ela a *Cruzeiro* e a *Camponeza*, combinadas para uma função em comum, pelos seus mestres. Ao aproximar-se do grupo dos pescadores na praia, Maria Adelaide inteiriçou-se nos braços das irmãs que se voltaram para ela assustadas; mas não passou aquilo de um movimento em que os seus nervos de aço readquiriram logo a flexibilidade natural. Ela conhecera a voz de Marcos e o distinguira entre os outros, alto como uma torre. Quando se aproximaram, Fortunata acolheu-as rindo:

— Ai, meu povo! Senta aqui mesmo na areia comadre, ela é mais fôfa que um sofá de molas. . . Ih! como Maria Adelaide está cheirosa!

Ouvindo aquele nome, Marcos voltou rapidamente a cabeça para o lado das mulheres. Maria Adelaide percebeu o movimento e estremeceu de alegria. Ele recuou um passo, ela avançou outro. Olhavam-se.

— Que milagre foi esse? inquiriu a Fortunata, obrigando a viuva a sentar-se na areia.

— Idéa de Maria Adelaide, que deu na mania de querer vir por força vêr a pescaria. . .

— Fez ela muito bem... mas olhe, o Flaviano ainda não está cá...

Enquanto as outras mulheres conversavam, Maria Adelaide olhava para Marcos.

Ele voltara nessa mesma tarde das chalanas dos portuguezes, cheio de saudades deste mar largo, de outra côr e outro sopro.

Alguns metros afastada da última canôa, fervia sobre tres pedras, em cima de um brasido, uma taxada de cascas de aroeira para a tintura da linha de algodão.

Para não perder tempo, como não teria logar na canôa, Rubião tirara um punhado de cascas do taxo e esfregava com elas uma meada do fio branco, para o tornar imputrecivel e excelente para a fabricação de uma nova rêde.

Ninguém sabia manejar tão ligeiramente a lançadeira, nem com tamanha certeza como ele. Quem quisesse boas linhas de tucum ou de algodão impermeavel, era só falar-lhe. Gostava de conversar com as mulheres e trabalhar ao lado delas, sentado sobre os calcanhares descalços, provocando histórias ou relatando os seus contos do Norte... Já ensinara á Hortensia várias cantigas e chegava a chorar quando as ouvia desdobradas pela linda voz da moça, que acabava de chegar com uma cestinha cheia de camarões vivos, trazidos pelo pai de uma pescaria na Lagôa. Muito risonha, ela anunciava:

— *Seu* João Sérvulo! Camarões para iscas!

João não gostava de pescar ao anzol, mas entrara na combinação entre os mestres que, se não perce-

bessem manta de peixe, se pacientassem na pesca á linha. Sujeitava-se.

Fortunata dizia já estar lambendo os beiços com a idéa do belo bijupirá que lhe trariam de presente, ou do gordo badejo, que ela não era tôla para comer sororoca por cavala, nem se contentava com as tainhas magras da primavera...

Rubião caçoava:

— Mulher de pescador lá sabe o gosto de peixe fino! Para ela cação, para as outras linguado ou mérote! Que a bem dizer, mulher não sabe distinguir o sabor de peixe nenhum. O paladar dos homens, mais acostumados com iguarias finas, sim, é apreciador...

Ha sujeitinho que vê o peixe retalhado no prato, já sem rabo e sem cabeça, sem escamas e sem côr de pele, com folhas de alface por baixo e môlhos amarelos por cima e diz logo: isto é tal ou tal pescado. E acerta.

Parece mentira... E' preciso ter muita pratica de comer... Tambem o Rio de Janeiro devora mais de tres mil contos de peixe por ano...

Pareceu a todos exagerada a soma... Ele afirmou que não, sabia pelo Pipa, do mercado. Era a cifra.

— Então, se é assim, por que diabo vocês são tão pobres? indagou a Fortunata entre risonha e incrédula.

— Uê! porque somos nós que trabalhamos. O dinheiro fica sempre nas mãos do que se esforça menos...

— Injustiças da sorte...

Maria Adelaide e Marcos não podiam resistir á tentação: voltavam-se um para o outro embevecidos

e calados, em momentos furtivos e eternos. Ele iria na canôa com *seu* Freitas, o Sérvulo, o Baptista e o Pedro mudo, que supplicara por gestos tal favor.

Flaviano não tinha apparecido em todo o longo dia e o Lino voltava cançado da pescaria com outros camaradas na Lagôa.

O mar parecia dormir um sono leve. As ondas suspiravam apenas, como um ofêgo natural de corpo sem febre. O céu, sombrio mas limpido na escuridão, arqueava-se pontilhado de estrelas amorosas. A areia branquejava, como um diadema enorme de prata polida, cingindo a orla escura das águas.

Iam sair as canôas, já de lanterninhas acesas. As mulheres levantaram-se, sacudindo-se, e caminharam para os últimos adeuses. A *Guanabara* foi a primeira a balançar-se na onda mansa, logo depois a *Cruzeiro* e por fim a *Camponeza* e todas tres vogaram com o seu farolzinho reproduzido no reflexo do mar para a aventura do acaso.

Maria Adelaide, hirta, entre as duas irmãs, olhava, adivinhando o rosto de Marcos todo voltado da canôa para ela, e aspirava com força o ar suave da noite morna, como para sorver os beijos que elle lhe mandasse e que ella sentia sobre a sua carne amorosa.

Nem uma palavra, nem um aperto de mão — e tinham-se dito tudo! Enquanto pôde distinguir o vultozinho negro da canôa na escuridão do mar e o seu farolzinho, cada vez mais pequeno, como a luz de vagalume perdido nas águas, a moça nem se moveu nem pensou em mais nada, até que as irmãs puxaram

por ela. Não haviam de ficar ali até á meia-noite, á espera!

Lino estendera-se na areia, com a cabeça sobre os joelhos da filha e os olhos pasmados para as estrelas.

Fortunata contava ás outras mulheres que ás vezes nessas pescarias de acaso, em noites de quarto crescente, como aquella, os pescadores colhem tantos peixes, que até, por amor do peso, têm de rejeitar a metade deles, atirando-os outra vez á agua.

O grupo foi se desmanchando; em pouco tempo só o Rubião continuava a preparar a linha, ao lado do Lino e da Hortensia, que cantava versos do Rui, num fio de voz cristalina.

Maria Adelaide e a familia tinham retomado o caminho de casa, acompanhadas pelo tio velho que, já de cançado, mal arrastava os pés. Um estirão!

Agora estavam todos mortos por chegar. Maria Adelaide parecia ter asas. Ia com uma alvorada na alma e já nem se lembrava de que em qualquer volta da estrada pudesse esbarrar com o Flaviano...

As irmãs scismavam:

— Que diabo de história será esta! Maria vestiu-se que nem para a missa... agarrou-se á gente que nem uma ostra e agora vai como um passarinho!

A felicidade iluminava o rosto da moça. Voltava convencida do amor de Marcos. Flaviano poderia rezar pela alma do seu. Batia-lhe o coração: os olhos procuravam com deleite as estrelas do céu. Apressou o passo, caminhando na frente, como se tivesse pressa de correr para o futuro; mas de repente pareceu-lhe divisar um homem, imovel junto á cancelinha do ter-

reno. O sangue coagulou-se-lhe nas veias, ela estacou subitamente e a sua boca, até então muito calada, desferiu um grito agudissimo:

— Flaviano!

A mãe precipitou-se: o que a filha supuzera ser o noivo era um velho tronco arrimado á cerca desde essa manhã: as irmãs acudiram-lhe tambem mas já ela caía para traz inteiriçada.

Quando acordou estava dentro de casa, coroada de panos embebidos em vinagre. A mãe aquecia um prato de sopa, sentenciando:

— Foi fraqueza... Ela não jantou... Brigam lá com os namorados e depois sou eu que tenho de atuar os chiliques. Estou vendo que o Flaviano tem razão e que o melhor é casar de uma vez.

X

Fôra para essa noite de pescaria á linha que o Marcos tinha voltado das bángulas dos portugueses. Quando entrou em casa, a mãi começou logo a rodea-lo, como se tivesse novidade para lhe dizer.

— Que é que a senhóra tem? Está doente?

— Não tenho nada. Tu é que estás mais magro...

— Qual; isso é sonho!

— Estás, sim. E' por causa dessa consumição...

— Adeus, adeus!

Marcos fez um gesto de aborrecimento e a mãi começou a desabafar em suspiros. Ele não extranhou; a mãi tinha a queixa fácil, mas o excesso de lamurias impacientou-o e indagou por fim, já irritado:

— Se a senhóra não tem nada de mais, por que está só suspirando?!

— Eu cá me entendo...

Marcos levantou os ombros e foi procurar uma caixa na prateleira em que tinha guardado uns anzóis. Se a mãi não queria dizer, que não dissesse!

Ela, porém, sentiu-se como que ofendida por aquela falta de curiosidade e já não podendo resistir ao desejo de falar, resolveu relatar a visita do Flaviano, procurando atenuar-lhe os agravos, para não exacerbar o filho. No fim suplicou-lhe que tivesse prudência e foi quando Marcos se precipitou para fóra da porta, na provocação de um encontro.

Melhor seria que o outro o matasse, do que andar com a Maria Adelaide no pensamento dia e noite, tirando-lhe o ânimo para trabalhar e cuidar na sua vida. Aquela obsessão era um tormento. Se Flaviano a percebera, tanto melhor, não tinha génio para traição.

Perseguido pela imagem da moça, fugira para as chalanas dos portugueses de Santa Luzia, mas lá a saudade crescera-lhe tanto no peito, que o sufocaria se não viesse de noite rondar o terreno de Maria, com a esperança de a vêr sem ser visto, só para acalmar a febre do coração...

Passara duas vezes sem bater, pela porta da mãe, para quem ele era a propria luz do dia, com o sentido de espreitar, na cêrca da estradinha velha, as paredes núas da cozinha da moça... Como da primeira vez estivesse muito escuro, da segunda viera ao lusco-fusco, cortando por atalhos da Babilonia. Nunca vira ninguem, a não ser, na ultima tarde, o Bié e a Nita, que andavam na colheita de pitangas e mal teriam dado fé da sua pessoa.

Fôra melhor assim. Se a moça lhe tivesse aparecido naquela solidão, teria ele tido coragem para sus-

ter a palavra que a todo o instante lhe queria irromper da boca?...

Compreendia agora que o perigo estava em vê-la. Deveria evita-la. Ela era o diabo em figura de mulher, vindo ao mundo só para tenta-lo. Já tivera outros amores, nenhum o perturbara assim, nem lhe tirara dias de alegria e horas de sono... Até já pensava em se fazer embarcação, fugir para sempre daquele fruto proibido, que cada vez mais lhe atiçava a gula.

Mal empregado nos dentes do Flaviano!

Quem lhe diria, um ano antes, que ele se havia de apaixonar pela noiva de um companheiro, um pescador como ele! Era esse o grande crime.

Se a mãe o tivesse zurzido em pequeno todas as vezes que ele faltava á escola e não o deixasse á solta na praia atraz dos pescadores, talvez que ele nunca tivesse posto os olhos naquela maldita Maria Adelaide, e vivesse tranquilo por outras bandas, com mais capacidade para ganhar a vida. Agora era fazer-se de forte e cumprir calado o seu destino. A *Guana-bara* lá estava á beira da onda, á sua espera, toda pintadinha de novo, alegre como uma noiva. Ela, o trabalho e o tempo ajudariam a sarar a chaga daquela paixão criminosa. Fizera mal em não rezar com a mãe naquele domingo de festa. Que especie de carne era a sua, tão transparente, que todos lhe liam na cara os segredos do coração? Já a mãe adivinhara tudo, logo no principio. E agora era o proprio Flaviano que desconfiava. Como? Porquê?!

Atirando as pernas compridas nas suas largas passadas, Marcos procurou o caminho mais sinuoso e

longo, passando por varios pontos onde haveria probabilidade de encontrar o noivo de Maria Adelaide morto por enfrenta-lo, sem provocação, só para saber. Não usava armas comsigo; nem mesmo um canivete. Tinha os braços fortes de bom nadador e musculos flexiveis. Não pensara nunca em defender-se, nem em atacar ninguem. Nascido e criado naquelas areias brancas, não havia um palmo de terreno que não lhe fosse familiar, nem criatura humana que não contasse como amiga. O seu destino agora era a casa de João Sérvulo; contava lá chegar com o peito aliviado e a consciencia tranquilizada pelo encontro e explicações com o Flaviano; mas não o vira em todo o longo caminho.

Quando ele transpoz a porta do mestre Sérvulo, Fortunata exclamou muito alto, toda risonha:

— Quem é vivo sempre aparece; mas assim mesmo foi preciso que meu *velho* lhe mandasse chamar, hein?!

— Mesmo que ele não mandasse eu vinha. Já estava com saudades...

— Mas não de mim...

— Sim, da senhóra e de todos...

— Hum!... Antonico! gritou ela para o filho: olha só como seu Marcos veio bonito!

A diferença é que, em vez de chapéu de palha de côco, ele trazia uma boina azul, condizente com a camisa de meia do mesmo tom escuro, que lhe adoçava o ardor da pele queimada, côr de tijolo.

Com os seus olhos observadores de mulher, Fortunata extranhára a mudança de vestuario do pescador.

— Você copiou a moda do Baptista; sómente o gorro dele é preto. Agora só falta a cinta; ponha uma cinta para completar. D. Conceição é que houvera de ficar contente quando visse você assim, que nem um português... Ela outro dia esteve aí na porta falando com Sérvulo. Você deve ser muito amigo dela...

— Pois então não sou? Mas que foi que ela veio fazer?

— Pergunte ao Sérvulo. Só sei que vinha com os olhos que nem duas pitangas, só de chorar.

— Chorar porquê? Palavra que não entendo...

— Pois nanas! Olhe, eu falo como amiga, já se sabe que não tenho papas na lingua. Brinca-brincando póde-se chegar a um caso muito sério.

— Cada vez entendo menos...

— Quer mais claro? pois então tá hi: — cada qual com o que é seu. E finja agora que não percebe.

— E não percebe.

— Então você deixou a sua inteligencia lá nas chalanas dos portugueses.

— Póde ser.

— Nesse caso, lá vai a verdade bem escarrapachada: Flaviano foi procurar você para uma explicação, em casa da sua mãe; ela então veio cá...

— Mas que é que o Flaviano tem que se meter na minha vida?

— Uê, ele pensa que você quer lhe armar uma peça... mas não faça isso. Se alembre sempre que

pescadores são como irmãos. Falo para seu bem, mas já falei demais. Se João Sérvulo estivesse aqui eu não diria metade... Só quero que me prometa uma coisa

— Qual é?

— Não brigar com Flaviano...

— Eu não quero brigar com ninguém. Nem tenho motivo...

— Morda aqui, respondeu a mulata, mostrando o dedo mínimo, carnudinho e curto, de unha achatada. Ela continuou:

— Você estava bom p'ra casar sabe com quem? Com Hortensia. Mas os homens são tôlos, passam perto da fortuna e viram a cabeça p'ra o outro lado...

— Eu não quero casar.

— Porque não póde.

— Minha noiva é a *Guanabara!*...

— Essa é noiva de muita gente...

Pensa que meu marido gosta menos dela que você? Pois sim! Eu até chego a ter ciúmes... com franqueza... nunca vi paixão mais forte...

Marcos ouvia apenas a voz da mulata, sem atentar na significação das palavras, que soavam perto dele como zumbir de abelhas ou chiar de cigarras. Toda a atenção se lhe prendera nas meias declarações do principio da conversa. Receava que a mãe fosse indiscreta e tivesse trazido para aquele lar feliz a sombra do seu coração desgraçado. De mais a mais, exasperava-o aquela humilhação de vêr que toda a gente sabia do seu amor... A única pessoa a quem confiara tudo fôra a mãe... Revendo a scena dessa luminosa manhã

de domingo, quando depois da missa ficára a sós com ela no alto da Igrejinha, acudiu-lhe á idéa a cara do Pedro mudo, surgindo como por encanto entre o seu ombro curvado e o ombro estreito da mãe, no justo momento das confidencias dolorosas... Mas desse, coitado! nada tinha a recear. Era o fundo de um poço. Melhor: o fundo do mar, como dizia Rui.

A pouco e pouco chegaram os outros pescadores. Ia-se reunindo o pessoal da *Guanabara*. Marcos tomára a sua resolução. Desfaria as suspeitas do Flaviano. Seria leal. Fazia de si para si o juramento de nunca mais em sua vida trocar um olhar com a Maria Adelaide. Quando a visse de longe, ou a adivinhasse apenas, voltar-lhe hia as costas e fugiria. Chegára a hora de experimentar a sua coragem. Seria forte. Ela estava prometida ao outro, era do outro, acabou-se!

O pessoal da *Camponeza* e da *Cruzeiro* rodeava as suas canôas. Estavam agora todos na praia e já Rubião se instalára, ora vigiando a tachada de cascas de aroeira que fervia no lume, ora preparando as linhas de meada, junto das mulheres que vinham á praia por curiosidade e desejo de palestrar.

O dia morria sem sobresaltos. Estava tudo tão calmo que, na expressão da Hortensia, até a água do mar parecia doce.

Nada faltava ás tres canôas que iam de parceria pescar á linha no mar.

Era quasi á hora da partida; Marcos, de pé entre os companheiros, olhava de face para o mar, quando sentiu atraz de si o farfalho de saias engomadas e logo, como uma seta passando rente aos seus ouvi-

dos, a voz da Fortunata, dizendo o nome da Maria Adelaide.

Foi como se o mar tivesse recuado diante dele infinitamente e a terra o elevasse para tornar a baixo-lhe a outra superfície. Perdeu a noção de tudo, esqueceu o juramento e voltou-se com sofreguidão. Na sombra da noite só divisou Maria Adelaide, vestida de branco, com os olhos luzindo, a traspassa-lo, como a quererem ver-lhe o coração! As outras pessoas formavam como que uma massa compacta, mal distinta. Só ela existia, ardendo num clarão forte que o ofuscava.

Olharam-se mais uma, mais outra vez e todos os projectos de fortaleza se desmoronavam no espírito do pescador. Quando as canôas partiram, no silencio pacifico das águas, ele remava na *Guanabara*, com os olhos postos nessa amaldiçoada, que parecia ter correntes que o enleavam e puxavam para si... Quando já a manchinha alvadia do vulto de Maria Adelaide se confundia com as sombras, Marcos sentiu que lagrimas grossas lhe desciam em fio pelas faces e teve um grande desejo de correr para a mãe, como quando era pequenino, e pedir-lhe socorro!

Em todo o tempo que durou a pescaria, o seu trabalho, outrora ligeiro e energico, foi frouxo e distraído. Houve mesmo um instante em que João Sérvulo, pondo-lhe a mão no ombro, disse com timidez:

— Você parece outro homem...

Foi como uma bofetada. Ele estava tão fraco, tão submetido ao seu sofrimento, que já até o mestre lhe notava a moleza e a indiferença! Reagiu, forçou a vista a penetrar na água negra, forçou o pulso a apressar

os movimentos da mão habil e corajosa; mas passados curtos minutos só via no seu horizonte uma coisa: um vestido branco cheirando a flôr de pomar e a luz de uns olhos cortando a escuridão, como dois raios!

“Se fosse eu só a gostar dela... pensava o pescador; mas afinal ela também gosta de mim... Não é por maldade que me olha daquele jeito... O que eu sinto, ela sente!”

No meio do seu desespero, essa idéa irradiava como um sol de felicidade. Amar sózinho é que seria triste. Aquela participação de sofrimento enchia-o de gloria. Tinha pena dela, mas preferia assim...

A pescaria foi pobre. Algumas garoupas pescadas á linha animaram um pouco os outros, que tinham o pensamento ali, no seu trabalho. Cada vez que Marcos fixava Pedro mudo, sentia impetos de o segurar com força e obriga-lo a declarar se ouvira a confissão do seu amor por Maria Adelaide á mãe e se fôra ele que andara espalhando por descampados e recôncavos o segredo do seu martirio. A cara mole e chata de Pedro alterava-se agora nas comoções da pescaria. Os seus olhinhos fuzilavam a cada empuxão do anzol, e se fisgava peixe, a larga boca se lhe distendia num riso calado, arreganhando os beiços, a mostrar as gengivas arroxeadas e os dentes curtos e ponteados, como os dentes das serras.

A’ superficie da água enegrecida, corriam em levíssimas flutuações, ora aqui, ora além, retalhos de faixas luminosas, como escomilhas de baile lentejoulladas de prata... No céu veludoso os astros parecia corresponderem-se com as fosforescencias do mar.

Tremeluziam as estrelas no espaço limpo, enquanto os ventos dormiam e as ondas mal esboçavam o arredondado dos flancos.

Todo o vasto seio da noite se abria ás amarguras do pescador Marcos, cuja mão nem sentia a trepidação da linha ao agarrar o peixe na isca, a ponto do mestre tornar a avisa-lo:

— Que diabo, você está cada vez mais distraído, homem!

Marcos não respondeu. Pouco se importava ele com o pescado nem com a fortuna. Para ele só havia no mundo uma coisa digna de interesse: a Maria Adelaide, calada, cheirosa, de saias engomadas, alvejando entre os vultos esguios das irmãs vestidas de escuro, como um anjo tumular entre dois ciprestes... Nem calculou o tempo que esteve no mar. Agora o relógio da sua vida era o amor. Inutilizava-se para o resto. Na sua comparação, era como uma barca desarvorada; seguiria o destino que os ventos e as correntezas quisessem. Toda a sua energia, toda a sua vontade de homem, que ele julgava inflexíveis, se quebravam como vidro frágil diante do olhar daquela triste rapariga.

Que mais poderia ele esperar do destino?

Acabada a pescaria, ao voltarem para terra, alta noite, os outros cantavam. Ele remava calado, em frente de Pedro. Por vezes os seus olhos se encontravam e era de parte a parte uma interrogação. Dir-se hia que o mudo lhe extranhava o silencio e ardia por indagar da causa de tamanha tristeza. Marcos desejaria descer á alma do outro, como o seu anzol des-

cera ao seio das águas, e trazer de lá a certeza de uma dúvida que o afligia. Porque a verdade é que, a não ser á mãe e ao mudo, que se interpuzera entre eles na hora da confissão, não dissera a ninguém que morria de amores por Maria Adelaide, e todavia toda a gente lhe lançava em rosto esse segredo!

A *Guanabara* escorregava no mar como se ele fôra de azeite. Os pescadores cantavam. Estava uma noite linda!

XI

Setembro expirava entre brumas e borrascas e os primeiros dias de Outubro diluíam-se em claridades doces, de primavera. O ar, cortado de asas, tinha transparencias lavadas, em que flutuavam apenas penugens brancas de pequeninas nuvens. E' o mês das aves no Rio de Janeiro, das andorinhas viajoras, de vôo rápido, que mal dão tempo aos olhos curiosos de lhes admirarem o dorso azul-ferrete e o papinho alvadio. Os tico-ticos, as camaxilras, os bem-tevi, os chan-chão côr de folha seca, os canarios côr de musgo e mesmo os gaturamos de cabeça azul, têm audacias nunca observadas noutra estação.

Nas faldas do Corcovado, nas florestas da Tijuca, da Gávea, do Leme, as pombas-rôlas vêm aninhar-se á beira dos caminhos e lindas saíras de esmeralda fartam desassombradamente a sua fome nos cachos das bananeiras. A' noite as corujas assaltam os pomares, e ao romper d'alva irrompem das penedias á beiramar gaivotas, fragatas e mergulhões, em vôos fremen-

tes, cheios de alegria, enquanto que nas praias do Imbuí e da fortaleza de S. João as garças brancas abrem os leques deslumbrantes das suas asas.

Se em outras quadras o ardor do sol e a atonia da atmosfera sufocam a voz dos pássaros, na primavera todo o espaço vibra á harmonia dos pipilos e gorgeios. Os ninhos transbordam. Dos proprios espinheiros surgem cabecitas ainda desplumadas, mas que já escutam a alma errante do som, e já espreitam o céu lindo, na ansiedade do vôo. O mês de Outubro é a adolescência do ano, em que tudo desperta e confia, alma milagrosa da terra, nadando no lago azul de uma esperança alacre. As abelhas zumbem mais delicadamente sobre a cheirosa flôr da laranjeira, e o seu mel será por isso mais puro e mais perfumado. Não ha nem as sombras da morte entristecendo os valados ou os montes num galho seco de arvore ou no dispersar das folhas; tudo é verde, macio e novo; ignora tudo o seu destino efémero e parece esperar um bem eterno! A inexperiencia gera a confiança: os pobres passarinhos, tão sacrificados sempre, aproximam-se do homem com mais afoiteza. O tiro assassino não os amedronta. Vêm pousar nos muros e nas ramarias dos quintais, saltitar pelas telhas dos telhados ou depenicar nos terraços e nos páteos migalhinhas de pão das toalhas sacudidas. Ainda não conhecem a perfidia que bem depressa os afastará para longe. . .

¶ Coleiros cantadores voejam pelos capinzais, onde a arapuca os espera de boca aberta e nas grandes folhas flabeladas das palmeiras os sabiás cantam as

suas melopéas inconfundíveis. Ar e céu só têm promessas; a natureza espera; a natureza ri.

Bié e Nita sabiam admiravelmente bem os segredos dos pássaros e distinguiam no ar até os minusculos bico-de-lacre, salpicados de poeira argentea e de biquinho da côr que o nome indica; os tiês de papo encarnado, os pichanchão pardacentos, e os ceirabeija-flôr, maiores que os colibris do verão, azuis e negros, de pézinhos rubros, brilhantes como joias; os galos-da-serra, assetinados, com uma pena escarlata, á guiza de penacho, luzindo como uma chama num punhadinho de cinzas e o lutuoso vira-bosta, ou a negra graúna luzidia, ou o alegre e vistoso azulão!

O pequeno arremedava tão bem os cantos das aves, que eram ás vezes concertos de horas e horas a que Nita assistia, deitada de bruços, com os cotovelos fincados na relva, o queixo magro nas mãos e os olhares scismadores perdidos na atmosfera verde da mata. Ao lado dela, sentado ou de joelhos, com os dedos na boca o Bié silvava, imitando ora uma ora outra das aves, que respondiam sucessivamente, ao principio com timidez, depois confiantes e desembaraçadas.

Os dois pequenos vagabundos tinham penetrado bem na almã da mata. Os arroios, as pedras, os troncos, linham expressões vivas de sêres conscientes, que os acolhiam mais ternamente do que os homens. Eles sabiam quais as arvores mais procuradas pelo passaredo e as lagôas onde se iam desalterar e tomar banho as pombas bravas e as saíras luminosas. Quando as ramagens farfalhavam, o Bié obrigava a Nita a estar

calada, querendo interpretar os segredos das folhas agitadas pelo vento. Não se sentiam sós: rochas e plantas, águas e areias, luz e sombras, cousas impassíveis ou animadas, palpitavam numa viva expressão protectora ante os seus olhos inocentes. Eles sentiam, sem reflectir, compreendiam, sem procurar entender, as afinidades de todos os sêres criados e de apparencia inerte ou muda. Havia sobre tudo num recanto da planície, rente ao morro da Babilonia, um trecho de que tinham resolvido fazer o seu ponto de parada.

O terreno formava nesse lugar uma bacia de vegetação variada. As águas, descidas da montanha, encontravam ali a resistencia de uma grande pedra rachada, erriçada de bromélias e piteiras selvagens e formavam um pequeno lago, já frequentado por marrequinhas alegres. Sobre esta rocha truncada pelo raio, estendiam-se galhadas côr de cobre doirado de cajueiros antigos, de troncos ondulados e copas espreguiçadas e tortas. Ao redor da água, limos e avencas cresciam como orlas de pelucia, de um verde lindo que circundava a lagôa, bordava a pedra na sua face posterior e sorvendo as humidades do sólo subia ainda a aba do morro e desaparecia entre a negrura do cipoal e dos bambús em touceiras espessas e impenetraveis. Cercando embaixo os cajueiros, alguns coqueiros estrelavam as suas frondes, de um verde carregado, sobre outras mais pequenas. Mas a devoção do sítio fôra inspirada pela pedra silenciosa, descansando de um lado na água da lagôa, do outro lado em terra enxuta, de onde subia, serpeando por ela acima, como um reptil de grandes vértebras, um forte pé de

baunilha brava. Voltado para o céu o seu perfil rude, lembrava uma cabeça de gigante, que decepada na hora de um sonho extático, nele se tivesse eternizado. Faziam-lhe cabeleira hirsutas bromélias, e uma larga cavidade simulava a boca, paralizada num bocejo ou num grito de admiração.

Era nessa abertura, bem no fundo, sobre as pelúcias de limos, que o Bié guardava os seus tesouros: asas de insectos matizados de açafrão e de azul-persa, de rosa velha e de nankim; casulos suspensos de galhinhos secos, ou casas velhas de maribondos, de um pardo escuro. Mas a sua gloria maior eram os ovos, ovos de andorinhas do mar, côr de musgo seco, com manchinhas acastanhadas; ovos de sabiá-laranjeira, côr de mostarda; de canarios da terra, côr de ferrugem e brancos; de gavião, de fundo verde tachonados de cacáu; de coruja, côr de perola; de tico-tico, pequenos, côr de marfim velho, salpicados de rôxo antigo; ou de pica-páo, brilhantes como alabastro polido. Ovos pedrentos, ovos salpicados de poeira rubra ou de cinza, uns pequenos como amêndoas, outros grandes, como um de avestruz do Rio Grande do Norte, que Rubião lhe oferecêra num dia de felicidade...

A par da coleção de ovos e de insectos, havia ouriços do mar, chatos como pequenas placas de cimento, em que se desenhava uma flôr francamente desabrochada; ou redondas e estufadas como bonés ornamentados de missangas do mesmo tom pardacento; estrelas do mar, brancas como se fossem de gesso, e fúngias semelhando boinas de bonecos, todas pregueadas...

O tesouro era completado por um punhado de conchas; umas microscópicas, côr de âmbar, côr de leite, côr de nácar, outras maiores, em riscos espiralados ou circulares, sombreadas de ardózia, de pinhão, de violeta, com reflexo de aço ou fundos assetinados róseos, crême ou anil aguado. Algumas daquelas conchas tinham história: para apanhar a maior, de que não havia outra igual, argentea com gravaduras carmezim, laranjada nos rebordos e que lembrava a pétala de uma magnólia em que a mão caprichosa de uma fada artista tivesse desenhado inconfundíveis motivos ornamentais, custara ao Bié quasi a vida, na Praia de Fóra, quando para a desencravar da areia tivera de saltar como um doido pelo fraguado bruto, de pedra em pedra, escorregando em declives sobre frestas em que a água espumava.

Uma das fascinações do menino agora era o ultimo caramujo azul, colhido pelo arrastão da *Guanabara*; e que brilhava como uma luz no meio dos outros: por fóra côr de mel, cingido por cordões de veias aneladas de um tom de carne, por dentro de um azul de turqueza vidrada e uniforme. Chegado bem perto do ouvido, que de segredos tumultuosos sussurravam dentro desse búzio luminoso! Bié não se cansava de escutar aquelas vozes, sorrindo para o vácuo, com os olhos chamejantes, como se as entendesse!

Entre os caramujos havia dois, pequenos, escuros como cágados, todos salpicados de manchas côr de café, a que a Nita chamava "nossas tartaruginhas". Havia um outro esborcinado no bocal, côr de manteiga por fóra, côr de gema de ovo em gradações esbatidas,

por dentro, que eles denominavam: — *Vovó*; outro arredondado, com estrias cinzentas e dedadas pretas, que era a *mamã*, e um pequeno, em fôrma de fuзо, branco e côr de morango, que era o *filhinho*.

Compunham assim famílias, cujas vozes ouviam com recolhimento.

— Escuta, Nita...

— Se a gente pudesse entender...

— Escuta, Bié...

Trocavam sorrindo os búzios que tinham nas mãos, logo os aproximavam do ouvido e quedavam-se silenciosos, até que Nita comentasse:

— Este tem a voz do seu tio Pedro...

— Cala a boca.

— Tem, sim; ronca tal e qual como ele.

Nita desertava primeiro; não era contemplativa como o outro. Estava ali e estava pensando nas suas obrigações domesticas: ir cortar vassourinha para varrer o seu salão e ajuntar gravetos para acender o fogo na cozinha.

Aquela casa dava-lhe um trabalho, era tão grande, com as suas paredes feitas de colunas e as suas abóbadas de esmeraldas!...

Enquanto o Bié, como um sacerdote diante de um altar, se quedava junto á pedra do seu relicário, em adoração ás asas das borboletas, ás estrelas do mar e ás algas dissecadas por ele entre folhas de papel fornecido por Ada, ela, como uma formiguinha, ía e vinha apressada, fingindo-se uma rica senhóra no exercicio de todas as obrigações do lar, ora na copa, ora na sala, ora no jardim...

As horas voavam sem que elles percebessem como. Nita sabia de cór os lugares onde encontrar as melhores goiabas e as pitangas mais maduras. Junto da cerca da Maria Adelaide, uma grande touceira de bananeiras fornecia-lhes alimento precioso para os seus jantares, e do mesmo sitio não raro traziam mamões, de que tasquinhavam até a casca. Iam-se fazendo uns bandidozinhos, assaltando a propriedade alheia, como se fôra essa a acção mais natural do mundo.

Nita afrontava o perigo e era quem atiçava na alma do Bié o desejo dessas empresas temerarias. Se os mamões e as bananas nasciam á beira da estrada, era para que elles os aproveitassem de súcia com os passarinhos. As corujas não iam também saciar-se nas frutas? E havia código criminal para as corujas? Nem a gente da Maria Adelaide parecia importar-se com aquelas arvores que se ofereciam a quem passasse na estrada, como a pedir por misericórdia que lhe provassem os frutos!

Apesar disso, elles tomavam as suas precauções no assalto...

Nessa maravilhosa manhã de Outubro as crianças caminharam radiantes para o lugar da pedra rachada. Seu Pedro do restaurante tinha oferecido ao Bié, na véspera, á noitinha, cinco belas penas de pavão, trazidas do parque de um ministro por um seu afilhado da Tijuca.

A mania colecionadora do pequeno era conhecida de toda a gente. Seu Pedro aproveitara a criança num recado e pagara-lhe daquelle geito. Fôra uma paga principesca. Bié não desfitava o olhar das penas maravi-

lhosas, fazendo-as rutilar ao sol, obrigando Nita a observar que, vistas de certo modo, elas eram verdes, de outro modo azuis, com reflexos de ouro. Se a menina desviava o olhar, ele dizia que visse bem aqueles desenhos, abertos como iris de pupilas luminosas... e tão bem feitos que nem pareciam naturais...

Oh, como o seu tesouro se enriqueceria com esse feixe de luz dardejando no seio da pedra, entre as pétalas róseas das conchas e os corpos inertes de besouros esmaltados...

Mal tinham almoçado. Bié fugira antes que o tio e o pai precisassem dele para qualquer trabalho, como ir catar tatuís para iscas, ou ir levar cestas e anzóis ás pedras. Comêra apressadamente um punhado de farinha escaldada e peixe ensopado e fugira com o seu ramalhete de penas até rente á casinhola de Nita, que mal enguliu o café e se engasgou com o pedaço de pão, ao ouvi-lo assobiar o sinal convencional. A menina ergueu-se sem sossego. A mãe mandara-a ajuntar roupas sujas pelos cantos e levar-lh'as á tina; ela achou preferível partir, mal engulido o ultimo gole de café, da sua tigelinha de pó de pedra...

Fugiu para a estrada, deixando a porta aberta. O dia estava resplandecente, e era tanta a viração que a sua saia de chita, rente ao corpo, teimava em querer subir-lhe para os ombros, como um guarda-sol, que se virasse do avêssô.

Bié mostrou-lhe as penas.

— Oh!...

Ela nunca tinha visto semelhante beleza.

— Vamos depressa... antes que o tio Pedro dê pela minha falta e me persiga...

Entranhados na espessura do mato, andaram mais vadiamente. Ela queria levar provisões para a sua casa, araçás e côcos baba-de-boi, que havia em abundancia por aquelas bandas.

Ele estacara de vez em quando, arregalando os olhos:

— Escuta, Nita, é um sabiá... tá vendo só?! é aquele de papo amarelo... no ramo da aroeira...

— Se a gente pudesse apanhar...

— Deixa o pobre... D. Rôla não gosta que a gente apanhe passarinhos...

— Que me importa; ela não é minha mãe! Você, Bié, tudo é D. Rôla, D. Rôla!

— Ela ontem esteve-me contando que as andorinhas são passarinhos que voam mais depressa; comem, bebem, juntam cousas para fazer o ninho, sempre voando; só param de noite, no escuro...

— E você acreditou nessas bobagens? Como é que D. Rôla pôde saber disso, se as andorinhas não falam?

Pergunte então a ela onde é que as andorinhas se escondem quando faz frio ou quando faz calor!

— Pois ela contou isso também:

As andorinhas diz que vôam uma milha em um minuto...

— Que é uma milha?

— Não sei... e que adivinham os lugares bonitos no tempo das flôres... Eu gostava de ser andorinha...

— Eu também... ao menos mamãe não me batia...

— Nem tio Pedro me maltratava...

— Maltrata porque você é tôlo. Se fôsse eu, fugia.

— Qual... Escuta agora!

— E' um periquito.

— Bôba! periquito não canta: é como tio Pedro. Aquilo é um coleirinho macho.

Nita foi encaminhando o companheiro para os lados de um velho sítio abandonado, onde existiam apenas quatro pilares arruinados de tijolos, sustentáculos talvez de algum telheiro destruído pelo tempo, e uma ou outra árvore de pomar, embaraçada pelas lianas da hervá de passarinho ou do cipó-chumbo.

— Você ha de me dar seu chapéu para eu botar as amoras dentro, ouviu, Bié?

— Sim...

Tinham alcançado um ponto de repouso, de vegetação baixa e um ou outro pedregulho encravado no morro. Um fervilhar de sons de asas e pios enchia o espaço límpido. Nunca os olhos do Bié se tinham maravilhado ante tamanha variedade de passarinhos.

Andorinhas voltejavam em delírio, mais baixo, mais alto, despedindo reflexos da lápis-lázuli das penas dos dorsos, numa vertigem entontecedora. Tícos e camaxilras côm de greda saltitavam airoosamente, petulantemente, entre canarinhos da terra e viuvinhas escuras.

Outubro regia a sua orquestra, tendo por batuta um galho de laranjeira em flôr. As aves que mais alegravam as crianças eram as saíras, faiscantes como se fossem feitas de safiras.

Nita, sempre mais activa, marinhou depressa pela amoreira, de grossas varas carregadas.

Havia abundancia: poderia fartar-se e ainda levar muitas amoras para o templo da pedra rachada...

— Apara com o chapéu, Bié... gritou ela de cima, alvoroçando o passaredo. Mas o pequeno, que estava morto por poder reunir as radiosas penas de pavão, que lhe aqueciam os dedos, ás outras preciosidades de que não desviava o sentido, zangou-se por fim. Que maçada! havia já quatro dias que não via nem apalpava as suas coleções e a gulosa da Nita nada de querer descer dos galhos, toda encarrapitada como um macaco!

— Fingir que eu sou a cozinheira, gritava ela rindo. Estou fazendo as compras para o jantar...

E simulava diálogos com a arvore: — isso é muito caro!... não dou mais de dez mil réis pelo frango... Tome duzentos réis pelo queijo... e dois mil réis pelas laranjas!...

Mas Bié impacientou-se e ela teve de descer. Ele fizera entretanto uma gaitinha de taquara e ensaiava o canto do jacú...

Quando chegaram ao bosque da pedra, perceberam logo á entrada que ali tinha estado alguém...

Havia agora no chão, estendido sobre o tapete de folhas de cajueiro, um tronco de arvore cortado a machadadas, e ramos lascados á mão.

Nita sorriu, apontando para o tronco:

— E' o meu sofá!...

Mas Bié saltou, com um pressentimento horrível no coração, e, colando o rosto á abertura da pedra, olhou para o esconderijo do seu tesouro.

Nada! tudo vazio, o proprio limo da pedra fôra raspado por unhas ávidas. O pequeno voltou-se lívido, com a boca aberta, sem poder, sufocado de espanto, articular uma unica sílaba! mas quando por fim a voz lhe irrompeu da garganta, foi num grito estridente e doloroso.

Nita acercou-se com medo, acreditando que o companheiro tivesse sido mordido por alguma cobra.

— Que foi... Bié... que bicho te mordeu? Fala!... Vamos embora d'aqui... Bié... Bié!

O menino, apontando com a mãozinha trémula para a concavidade da pedra, desatou num pranto sem consolação. Ela olhou receosa e, percebendo tudo, atirou os bracinhos magros ao pescoço do companheiro, affectuosamente:

— Não chora, Bié... eu sei onde estão muitas conchas bonitas... mais bonitas do que as outras...

Sei tambem de ninhos que você ainda não viu... eu vou procurar tudo... não chora... quem roubou as suas coleções ha de ir p'ra o inferno... D. Rôla me prometeu uma estrela do mar... é p'ra você... Eu tenho uma cigarra lá em casa... Não chora assim... era tudo tão bonito... Quem seria?! Não chora...

Bié arrepelou-se, atirando-se no chão, num choro convulso, como se lamentasse a morte de um ente amado. O seu tesouro representava grandes sacrificios, sustos, investidas pelo mato a dentro, horas de fome, quédas, arranhões, trabalhos atrevidos, pertinazes, de meses e meses consecutivos, por montes, praias e restingas...

A seu lado, magrinha, morena, desgrenhada, a infeliz Nita repetia aflitivamente promessas sobre promessas de lindas dádivas preciosas, como se bastara a vontade do seu coraçãozinho para fazer cair nas mãos do camarada as mais raras preciosidades do mundo...

Ele parecia surdo, ela recomeçava, ameigando-lhe o ombro com pancadinhas leves:

— Escuta, amanhã cedinho eu saio; na Praia de Fóra, bem lá no fim, eu vi uma concha de ouro... *seu* Flaviano vai-me dar um periquito... Rubião me prometeu uma arvore do mar... Tudo é para você... não chora... Eu sei de um besouro verde... escuta... em vez de chorar não era melhor a gente ir procurar o ladrão? Eu cá não tenho medo. Aposto que foi o Antonico? Ele é mais pequeno do que nós, com um tapa eu derrubo ele no chão...

Bié sentou-se; as lágrimas secaram-se, como por encanto, e ele, voltando-se para a companheira, murmurou aterrorizado:

— Foi tio Pedro!

Nita encolheu-se, como uma ostra sob uma gota de limão.

— Foi tio Pedro, sim!... você outro dia disse na vista dele onde a gente escondia o tesouro...

— Ele não escuta!... ele é mudo...

— A culpa é sua!

— *Seu* Pedro... não escuta... repetia ela engasgada, já toda trémula...

— Foi ele! foi ele!... foi ele!! Bié levantou-se resolutamente e deitou a correr como um louco. Nita seguia-o apavorada.

XII

Era a hora do plenilúnio. A praia do Arpoador esbatia-se em claridades brancas. A água, recamada de florões argenteos e movediços, distendia-se em dobras fundas e marulhosas. A maré vasava, espalhando plumas de neve por toda a beira do mar. Entre o céu alvadío, que as estrelas pontilhavam fervilhando, e as ondas iluminadas, flutuava um nevoeiro delicado, escumilha de prata diluida, que envolvia os montes da Tijuca e da Gávea e mal velava além o olho inquieto ora verde, ora rubro, do farol da Rasa.

Entre a Avenida e a orla inclinada do mar, cipós negros, vassourinhas e cactus rasteiros punham no chão tapetes mosqueados como peles de tigres.

Sózinho no meio daquela imensidade, Rui ia e vinha, á espera de Ada, que lhe prometera dar volta pela praia, quando viesse de casa do Dr. Guidão. Ela tardava. Talvez se tivesse esquecido da promessa, embebida na palestra do Eduardinho... porque era pro-

vavel que esse enfatuado estivesse em casa do avô. Não se podia esquecer dos seus olhares atrevidos, es-corregando pelos braços e os ombros nús de Ada, na-que-la maldita noite do baile, e tremia á idéa da inti-midade que já por certo se teria feito entre ambos, conquistada pela audácia de um e a condescenden-cia da outra...

A seus pés o ervaçal rasteiro, de cipós e cabeças-de-frade, desenhava sombras exquisitas, de animais fantásticos, aranhas negras, tarântulas formidaveis, polvos estendidos sobre o leito branco do chão... A cada passada, Rui julgava vêr moverem-se á roda de seus pés esses sêres extranhos, numa ameaça silen-ciosa.

De longe em longe, detritos trazidos pela enchente da ultima maré desprendiam um cheiro forte de sal-sugem. Parando de vez em quando para desenrolar com a ponta da bengala as fitas enoveladas de algas ou traçar na areia molhada, distraidamente, um ara-besco qualquer, Rui pensava obstinadamente nos olhares que talvez estivessem trocando entre si na-que-la hora a sua noiva e o neto do Dr. Guidão. Des-esperado, subia então até á beira da rua, para es-preitar para os lados de Ipanema, e tornava logo a descer, na ansia do minuto que tardava.

Desde que Rôla o proibira de visitar Ada, ele vivia naquela consumição, vendo-a fugitivamente, em encontros de acaso simulado, em que mal tinham tempo ás vezes de articular novas combinações... Rui scismava em como poderia o pai ter já percebido isso mesmo. Ainda poucas horas antes, durante todo

o jantar, a conversa, testemunhada pela tia Antonia, fôra toda de indirectas. Por entre meias palavras e reticencias, o coronel tinha afirmado que Ada não era mulher talhada para esposa, para os sacrificios de um lar de pobre e as grandes abnegações da maternidade. Toda ela era leviandade, um canteiro de flôres que recendia veneno... E repisara na grande culpa: ela era a incógnita, saída de um ventre impuro e atirada como um sobejo para a porta de uma mulher desonesta. Rui sentia ainda arrepiado a voz do pai, apresentando tais idéas em termos curtos, por entre goles de água e um impertinente barulho de mastigação. Oh, como se lhe escaldava o sangue nesses instantes de brutalidade, que ele não podia reprimir... Agora sózinho procurava justificar todas as atitudes da acusada. Se ela fosse a mulher puramente vaidosa e de máus instintos, como dizia o pai, não se sujeitaria a viver tão pobrementemente, usando vestidos já aproveitados por D. Leonor e concertados todos pelas suas proprias mãos... Submetia-se sem queixa ao seu destino e não era responsavel pela beleza daqueles olhos tenebrosos e daquela pele de setim. A verdade, que ele sentia, é que voltara para ela definitivamente. Agora era para sempre. Resistira por longos dias; se não fôra a doença... se ela o não tivesse procurado e o pai não a tratara tão brutalmente... tudo pareceria extinto, embora no fundo do seu coração o fogo ardesse sempre. Ela não tinha culpa de ser bela, não tinha culpa de ser pobre, não tinha culpa de não ter familia... Com o seu grande amor ele redimiria um passado ingrato e injusto. Os terrores do pai, que o

tinham contagiado um dia, eram um insulto para a moça, que ele defenderia a todo o custo, com o seu nome, com o seu corpo, com o seu sangue. Aperfeiçoaria o coração de Ada com a constancia da sua supplica e do seu amor... Ela era uma alma generosa... por que não havia de crê-lo?

Na areia pálida as nódoas negras do ervaçal cada vez se moviam mais sob o clarão das estrelas. A onda estendia-se num suspiro lento e Rui sentia-se feliz, em sonhar com a mais formosa das mulheres naquela noite formosissima...

Quando divisou um grupo de pessoas na Avenida, caminhou ao seu encontro. Ada, distanciada dos outros, vinha muito na frente, sobraçando um embrulho. Os outros eram Rôla e um velho, cunhado do Dr. Guidão, que a caminho da propria casa se pron-tificara a acompanhar as senhóras á sua.

— Por que te demoraste tanto, Ada? Indagou Rui, já com uma pontinha de censura.

— Estavamos conversando. As horas passaram tão depressa!...

— Se me amasses como eu te amo, as horas de ausencia te pareceriam infindaveis, como me parecem a mim! Não sei que feitiçaria me fizeste, que não cesso de pensar em ti. Chega a ser um martírio!

Ela sorriu, volvendo para ele um olhar apaixonado.

— Vamos para a beira do mar?

Ada não respondeu mas desceu com Rui, afundando os pés na areia.

— Amas-me? tu nunca dizes que me amas, Ada!... Estava morto de saudades!

— Eu também. E a prova é que vim correndo adiante de mamãe por este caminho todo, só para estarmos juntos mais um bocadinho... Nem queriam vir por aqui. Pudera! Mas eu não me importei e vim andando...

— Meu amor!

Rôla e o velhote alcançaram-n-os. Rui afirmou que andava por ali admirando a noite...

Rôla disfarçou um sorriso triste e disse:

— Sabe do que eu me espanto? é de não ter lido ainda versos seus nos jornais. Você sempre foi poeta. Olha para a natureza com uns olhos tão apaixonados...

O velhote interveio, afirmando que o sentimento poetico nem sempre se revelava na fórmula estreita do verso. Ha espiritos rebeldes á métrica e que são todavia de verdadeiros poetas, assim como ha outros de menos imaginação e menos pensamento para quem essa cousa é familiar e até espontânea. Como ele se voltasse para Rôla e começasse a proposito a contar a historia de um amigo seu da mocidade que não conseguira nunca fazer uma estrofe, apesar de ter sempre o cérebro escaldado por grandes ideais, Rui caminhando ao lado de Ada, recomeçou baixinho o diálogo interrompido:

— O Eduardo estava lá?...

— O Eduardinho? Esteve, mas saiu cedo... tinha um compromisso...

— Ele está apaixonado por ti...

Ela não disse que não. Rui tirou-lhe o embrulho das mãos e continuou baixinho: — Ele ainda não te disse nada?

— ... Não... A voz dela escorregou numa negativa mole.

— Dize a verdade, ele já se deve ter declarado, que não tem nada de tímido nem de respeitoso; bem vejo pelo modo por que te aperta as mãos, por que te olha, por que fala contigo. Chega a ser insolente. Não sei como toleras...

— Que culpa tenho eu que ele goste de mim?!

— Isso tens...

— Como, meu Deus, do céu?!

— Bem o sabes. Eu não queria repetir-te o que já uma vez te disse; mas se finges não te lembrar, a culpa será tua...

— Cada vez entendo menos...

— E' isto: o Eduardo ama-te porque tu provocas a sua admiração.

— Que idéa!

— Idéa bem justa; não serias tão linda se não quizesse ser bonita, não atraírias a atenção de ninguém se fosses simples e modesta... Lembras-te agora de que já te pedi, já te supliquei que te fizesses feia, feia para os outros, bela só para mim?

— Mas, Rui, eu não me pinto, não finjo o que não sou. Não sei se sou bonita, sei que não posso ser outra cousa...

— Pódes, porque a tua perfeição não é só do corpo: vem de dentro, da tua vontade. E's pobre e vestes-te como uma mulher de sociedade; o teu pen-

teado, o teu sorriso, o teu andar, o decote dos teus vestidos, o polimento das tuas unhas, denotam a preocupação de seduzir. Desejava que fôsses mais simples, mais sossegada, porque tenho ciumes... sim, tenho ciumes, porque tenho medo e sobretudo porque te quero para minha mulher.

— Então casa-te comigo. O que eu te prometo é depois não sair de casa...

— Mas eu não quero isso!

— Nesse caso não te entendo. Dizes que tenho a preocupação de agradar e que me visto como uma moça rica! Sabes o que vai nesse embrulho? Um vestido velho de Leonor, que ela me deu para eu ir ao baile do Dr. Guedes!

— Um vestido de seda?

— Um vestido de seda que ela fez o ano passado e com que já foi a tres ou quatro festas! Parece mais rico do que é; vou faze-lo para mim. Aí está a minha vaidade!

Rui tremia.

— Ada, tu não vestirás este vestido...

— Por que? Se eu não aceitasse favores das amigas, que seria de mim?

— Não irias aos bailes...

— Não sairia de casa!

— Para sair de casa ha sempre uma saia de lã ou um casaco modesto... mas quem não tem fortuna para vestir veludos e rendas, não as veste de favor!

— Ora, quem poderá imaginar que o vestido de

seda que vir em meu corpo já pertenceu a outra pessoa!

— Tanto peor. Todos sabem que és uma moça pobre; se te virem coberta de setins vistosos, darão ao teu vestido uma origem ainda menos digna...

— Com o que os outros pensam é que eu não me importo.

— Ada!

— Que é?

— Promete-me que mandarás amanhã outra vez este vestido a D. Leonor...

— Não posso fazer semelhante desfeita... depois, já prometi a D. Mariquinhas Guedes ir ao baile... não devo faltar... precisas ser razoavel; amor não é escravidão. Eu sou moça, gosto de me divertir, não tenho fortuna para comprar vestidos, mas desde que uma amiga generosa me ofereça um, não sei por que não hei de aceitar. Não sou pobre soberba...

— Ada, tu bem me entendes! D. Leonor não te presenteou com um vestido, dá-te os seus vestidos velhos. Tu, pobre e como pobre devendo usar roupas modestas, ostentas sêdas amarrotadas por outro corpo e que pela magia da tua habilidade parecem novas no teu. Sei o que dizem por aí... A lingua do Rio de Janeiro é pérfida e eu quero-te acima de toda suspeita e de todo comentario, porque te amo e desejo dar-te o meu nome. Entendes agora?

— Se me amasses deverías desejar a minha felicidade; mas a verdade é que só pensas em ti. E's um ciumento.

— Sou, e queria que o fôsses também e que renunciasses a tudo só para seres minha!

— Mas eu não sou de mais ninguém!

— E's de toda a gente...

— Rui!

— Porque desejas agradar a toda gente. E' isso que me desespera, não te basta o meu amor e a minha admiração. Nunca me esquecerei do desgosto que me causaste no dia da procissão, a que aludi agora. Lembra-te? Pedi-te para disfarçares a tua beleza, pedi-te que não andasses com o pescoço descoberto, como andavas nesse dia, até na igreja! E tu prometeste-me que farias tudo que eu pedi, para nessa mesma noite appareceres decotada e de braços nús em uma reunião familiar e onde todas as senhóras estavam de vestidos afogados! Como hei de eu agora acreditar nas tuas promessas?!

— Eu não tinha outro vestido...

— O que não tinhas era coragem para cumprir o sacrificio que te pedi. Talvez não tenhas culpa. A tua natureza exige homenagens de todo mundo. Nem todos podem ser modestos...

— Pois se não tenho culpa, não me censurem. E preciso acostumares-te. Eu gosto de dansar.

— E eu não quero que danses...

— Gosto de bailes, gosto de andar bem vestida e não tenho vergonha de vestir os restos de uma amiga bôa e discreta como Leonor, já que não tenho dinheiro para comprar vestidos. Quando eu me casar contigo, cessarei de receber... esmolas; por enquanto preciso delas.

— Ada! és má! bem sabes que não depende de mim casar-me agora... Vê que não te quero ofender, que eu quero é que me ames, e que renunciés a tudo pelo meu amor; o que eu quero é que ninguém use balbuciar o teu nome senão com adoração e respeito; penetra no meu pensamento, compreende-me, Ada!

— Já compreendi. Amo-te mais do que tu a mim, porque só desejo a tua felicidade!

— Prova-me isso, não indo a esse baile, devolvendo este vestido a D. Leonor!

— Não posso, Rui... já prometi...

— Não queres então devolver este vestido?

— Não...

— Pois não irás com ele ao baile!

— Rui!

Era tarde: com um movimento rápido e nervoso o moço atirara o embrulho das sêdas ao mar.

Teias de prata boiavam á flôr das águas e a areia cristalizada fulgurava ao luar. Uma onda que recuava levou longe o lindo vestido de dona Leonor.

Ada estacou, gritando, com os braços estendidos e os olhos arregalados de espanto. Rui, arrependido á da sua brutalidade, disse-lhe baixo:

— Perdôa, perdôa, dar-te hei outro vestido, novo... mais bonito... escolhido por ti!...

Rôla, que se deixara para traz, a conversar com o cunhado do Dr. Guidão, aproximou-se assustada:

— Que foi? Que foi?!

Ada, sufocada, não podia falar; Rui murmurou:

— Não foi nada. Ada, cuidando vêr um bicho naquelas algas, atirou-lhe o embrulho que trazia na mão.

— Oh! e agora?!

— Agora, acabou-se. O mar levou-o.

Rôla percebeu a verdade, de relance, e calou-se. O velhote teria percebido também qualquer cousa, mas, por isso mesmo, não comentou o caso. Ada começou a andar com mais pressa, doida por chegar a casa. Rui seguiu-a de perto, suplicando-lhe perdão por aquele acto de desespero. Ela não respondeu nada ao principio; por fim, desesperada, disse:

— Procure outra mulher, Rui, que o compreenda. Eu sou imperfeita e adoro a minha imperfeição, para poder emendar-me. Não nasci para freira, nem tampouco para mulher de um homem capaz de me deixar presa em casa pelas tranças... como... como... alguns ciumentos que ha por aí. E agora fique sabendo que hei de ir ao baile seja como fôr e que hei de dansar até á madrugada!

Rui tremeu, todo transtornado com a alusão á mãe. Aquela mulher capaz de ficar presa em casa pelas tranças, era o espectro que enlutava a sua mocidade. A pobre doida parecia surgir diante dele, pálida como as areias, como se fôra feita daquela claridade fluidica e veludosa que enchia todo o espaço e iluminava o mar... Ela explicava tudo; era a origem de tudo. Vinha dela aquella febre que o alimentava, aqueles arrebatamentos que não sabia conter... A mulher capaz de ficar presa pelas tranças, arrastava-o através da vida, como uma cousa inerte...

Ada sabia de tudo! Fôra cruel! para que lembrar uma historia tão dolorosa? Bem certo é que a vingança não escolhe armas quando quer ferir. Ela vingara-se; devia estar acalmada. Um soluço desprendeuse involuntariamente da garganta oprimida de Rui.

Ada voltou-se e observando a palidez do noivo, disse com piedade:

— Afinal, é preciso que me compreendas tambem

— Tens razão... fui um bruto. Mas fica certa de que o meu ciume nunca chegaria ao desatino de te maltratar... Arrependo-me... Não te afligirei nunca mais. Fui um bruto... perdôa...

Ada parecia reflectir. A sua fisionomia adoçou-se e ela murmurou por entre dentes, como num esforço supremo:

— Procurarei fazer as tuas vontades...

— Não prometas...

— Mas quando eu não souber cumpri-las, aceita-me como sou. Se eu não te amasse tanto nunca mais te falaria... nunca mais!

— Tens razão, fui um bruto. Perdôa-me... já que te soubeste vingar tão bem...

Olharam-se demoradamente em silencio.

— Amo-te, Ada, adoro-te, apesar de tudo!

Ela calou-se, voltando o rosto para o mar, a vêr se distinguia ainda o vestido de Leonor boiando nas águas de prata. Não viu nada; suspirou.

Rui, muito comovido, tirou do dedo um anel de ouro e po-lo na mão da moça.

— E' uma aliança: símbolo da inquebrantavel cadeia que me liga a ti...

Ela conservou-se por algum tempo calada, depois com gesto lento tirou do peito uma rosa meia murcha e disse:

— Lembrança de pobre, é o que tenho; toma.

Ele beijou a rosa, ela olhou para o anel.

Atraz deles o velhote ia dizendo a Rôla:

— Esta sua pergunta faz-me considerar no vão sentido das cousas que me pareciam eternas na mocidade, quando não ha nada de estavel e tudo muda, se não na sua origem, ao menos no seu aspecto... Quando eu disse á primeira mulher que amei, que a adorava e que a adoraria até á morte com o mesmo ardor impetuoso e extático, disse-o com sinceridade. Foi a primeira mentira inconsciente. Encontrei depois essa senhóra várias vezes na vida, sem a menor comoção, casada com outro homem, mãe de filhos que nem sequer se pareciam comigo, — e nem por isso lhe guardei rancor... Eu tambem já amára outras, já colhera em outras bocas o mel do beijo e já a outros ouvidos sussurrara a mesma mentira, que era para mim uma verdade purissima: amar-te hei até á morte, meu único amor! meu grande amor! Ah, como estas cousas agora me fazem rir!...

Rôla voltou-se espantada. Na clara luz do luar, cuja doçura ela sentia penetrar-lhe até ao fundo do coração, a cara daquele homem meteu-lhe medo. Era um rosto largo, redondo, de queixo sumido pela falta de dentes, todo sulcado pelos vincos das rugas que se uniam umas ás outras, franzidas por um riso de ironia, que o desfigurava, um riso doloroso de impotencia e de rebelião.

Sem responder, ela penetrou no verdadeiro sentido daquelas palavras de desdem: a saudade! a inveja!

A magia do luar, o som baloiçado das ondas, o ar tépido da noite em que flutuavam amorosos segredos de sêres invisíveis, aqueles namorados moços que iam ali apaixonados e unidos, tinham despertado na alma da velhice a saudade da juventude, do único bem perfeito da vida e que jámais se póde renovar...

Todas as cousas mudam... não ha nada estavel... Que vaidade a do homem, quando só ele se transforma e passa diante das cousas impassíveis e eternas!

A ela a aproximação do mar á noite apavorava-a. Parecia-lhe a todo o momento que uma onda lhe levaria a filha imprudente, como levara o vestido de D. Leonor... Tinha percebido o manejo; estava explicada a insistencia da filha por virem pela praia. Eram irreflectidos; não se lembravam que no dia seguinte já o coronel saberia de tudo, julgando-a cúmplice nessa entrevista. Que deveria fazer para sair daquela situação? Enquanto o velho recitava uns versos trôpegos da sua juventude, ocorreu-lhe a ela explicar-se directamente com o pai de Rui... Como... quando... onde?... isso não sabia, mas era absolutamente imprescindível uma explicação entre ambos. Receava não ter coragem... mas, mesmo que ele lhe batesse, ela deveria falar-lhe.

XIII

Raras vezes em Copacabana se via o mar assim tão manso.

Encostada á canôa *Cruzeiro* — com um enxugador felpudo no braço. Rôla esperava que a filha, saísse do banho. Não tirava dela os olhos nem um só momento, receosa de alguma traição das ondas. Adaria-se, batia com as mãos na água como uma criança, assustava a mãe com mergulhos repetidos e gritinhos terminados em escalas de riso.

Rôla percebia a razão daquele alvoroço: havia na praia gente nova; moços que tinham vindo em um automovel e que terminavam talvez, naquela hora matinal da praia, uma noite de orgia ou de jogo...

Ada divertia-os. Achavam-n-a bonita, apesar da touca de oleado que lhe cobria a testa até ás sobrançelas. Os braços eram lindos, nús desde a raiz dos ombros até aos pulsos, ora arqueados sobre a cabeça, ora distendidos sobre as águas, em gestos que davam tempo ás admirações.

A mãe tentara inutilmente evitar o exagero da-

quela blusa sem mangas, mas tivera de ceder ante a pertinácia da filha. O pescoço livre surgia muito branco da flanela preta da roupa, aberta sobre o peito em um largo colarinho á marinheira, e ela derreava a cabeça para traz, como para mostrar ao céu a beleza do colo admiravel... Em um desses gestos mais prolongados, os pés subiram-lhe á flôr do mar e ela boiou, com os braços abertos, os pés nús e as pernas, de que a água arregaçava os calções até aos olhos, desenhando-se muito brancas na superficie rémula das águas.

Era uma imprudencia: ela não sabia nadar.

Rôla bracejou, zangada. A praia sempre perigosa, não permite brincadeiras. Como obrigar aquella criaturinha a ter juizo?! Ela parecia não ouvir as supplicas da mãe; com os olhos cerrados, o corpo abandonado, deixava-se embalar pelas vagas... Quando se quiz pôr em pé a água batia-lhe pelo queixo e a areia parecia fugir-lhe. Então teve medo, a consciencia do perigo abriu-lhe os olhos numa afflicção, a voz sumiu-se-lhe e foi num esforço instintivo que ella conseguiu aproximar-se de terra e recuperar o ponto que perdera. Durara tudo um segundo, mas o pavor aumentara-lhe a sensação do tempo. Receou que tivessem percebido o seu embaraço, envergonhada por não saber nadar, visto que nadar é um desporto elegante. Disfarçando o arrepio, arrancou da cabeça a touca de oleado e sacudiu os cabelos, fazendo-os flutuar na superficie da água.

Tinha certeza de que os seus cabelos eram lindos e que ninguem ousaria rir-se agora dela. Saiu do ba-

nho gotejante, com a flanela da roupa unida ao corpo e os lábios entreabertos num sorriso.

Rôla atirou-lhe para os ombros o lençol felpudo e ela, aconchegando-o a si, passou rente aos moços que se voltaram para vê-la passar.

Em casa a mãe admoestou-a:

— Se Rui soubesse...

— Lá vem mamãe com Rui... saber o que? que é que eu fiz!?

D. Ricarda ria-se, o que exasperava a moça. Ela não era escrava das opiniões dos outros... Rui ainda não era seu marido. E que fôsse! Todos a aborreciam. O que ela deveria ter feito era não ter saído do banho e ir boiando, boiando, para o mar largo...

Rôla contraiu-se numa angústia. Não sabia que julgar. Ainda na véspera, em casa do Dr. Guidão, Eduardo Guedes permitira-se certas familiaridades que lhe tinham desagradado. Amando Rui, a filha aceitava a côrte do outro... Ouvira que tinham combinado um passeio de automóvel para o domingo... Ada queria um véu branco, um véu grande e fino que lhe cobrisse o chapéu e a envolvesse. Certamente que uma cousa de luxo não haveria de custar uma ninharia... Ela via às vezes á noite, á porta dos hotéis certas mulheres elegantes, que se apeavam dos automóveis com véus assim... Ainda se a ocasião fôsse boa... mas tinha o dinheirinho certo para o aluguel da casa e a conta do armazem... graças a D. Ricarda que era pontualíssima nos pagamentos... O mês fôr mau para costuras...

Ada desencantara um vestido branco do fundo d

ala, o vestido das ocasiões, e que estivera recolhido durante o inverno, depois de ter trabalhado valentemente em dois estios. Ideou logo um novo cabeção e rendas, para tapar as misérias da blusa já serzida.

Ela mesma lavaria o vestido e o engomaria, para passeio de automóvel no domingo com D. Leonor e sobrinho...

As rendas para o cabeção ela as arranjaría também de qualquer modo, tiraria as do vestido amarelado com que fôra ao baile do Dr. Guidão... O jardim do vizinho forneceria um ramo de flôres, para o into... não lhe faltavam também as luvas, nem o chapéu, embora velho... só lhe faltava o véu... Se fôsse outra, dizia, precisaria de tudo, e nem tornaria a pôr na cabeça a fôrma deformada daquela tampa de ajús... nem um vestido tão velho... ela porém, resignava-se ás dificuldades da situação.

D. Ricarda protestava:

— Se você fôsse outra, regeitaria o convite...

— Se eu tivesse a sua idade... respondia a moça com um amúo.

Rôla intervinha, apaziguava, achando explicações para tudo:

D. Leonor queria a companhia da moça e ela, que devia tamanhos favores áquela familia, não lhe podia negar cousa nenhuma...

Além do dinheiro, para a compra do véu seria necessario ir á cidade, o que representava um dia perdido de trabalho... mas já que era indispensavel um véu para andar em automóvel, far-se hia um sacrificio... Afinal, Ada não a ajudava nas costuras?

Era ela porventura indolente e imprestavel? Não. A propria D. Ricarda lhe gabava a habilidade a presteza. Tinha uns dedos, o diabinho da pequena, quem os de uma parisiense amestrada! Agora mesmo lá estava ela na tina, lavando o seu vestidinho branco esgarçado e fino como a pele de um ovo. Outras mãos menos cuidadas rasga-lo hiam todo...

Como os véus não se compram só com palavras boas intenções, já Rolinha resolvera não fazer a vontade á filha, quando no dia seguinte esta lhe perguntou no tom mais natural do mundo:

— Mamã, se eu empenhasse o anel que Rui me deu, chegaria o dinheiro para comprar o véu?

A mãe advertiu-a:

— Filha, o anel que o Rui te deu não deves tirá-lo do dedo senão para o dares a ele mesmo, se mudares de idéas... olha: agora me lembro que a pobre de Maria Adelaide ainda me está devendo um resto de dinheiro do vestido cinzento... Vou falar com ella. Tem paciencia...

Daí a poucos minutos Rôla caminhava pelo atalho da tóca para a casa de Maria Adelaide. Não tinha andado muitos passos quando Bié passou por ella com uma flecha, e logo atraz Nita, arfando, numa aflicção Chaniou-os; mas as crianças não ouviram. Iam com o vento. Rôla parou e seguiu-as com a vista. Ellas suspiraram-se, ella suspirou:

— Pobres crianças... afinal passam-se os dias e eu não faço nada por ellas...

A maior amargura da sua pobreza era essa, de não poder chamar a si todos os deserdados da vida...

Agora, lá ia muito contrafeita reclamar uma dívida que por seu gosto esqueceria. Era sempre um constrangimento, quando tinha de cobrar dinheiro de alguém. Se o véu não fôsse cousa indispensavel! mas afinal, ninguem podia passear de automovel sem esse adorno... bem via as outras. O que pedia a Deus era que daquele convite não saísse embrulhada... D. Ricarda começava a incutir-lhe um certo terror das cousas; o seu critério limitava-lhe o caminho da vida. Um passo para um lado ou para o outro já lhe parecia uma ameaça. Era levar muito longe o medo do mundo! Que mal havia num passeio de automóvel? O ciume de Rui era um martírio!

Maria Adelaide estava no tanque, lavando roupa; foi a irmã, Maria Aurora, quem veio á cancelinha do terreno livrar Rôla das investidas dos cães, e fazel-a entrar na sala, onde a mãe lustrava os colarinhos do senador Guidão.

Foi um espanto.

—A senhóra cá em casa! Maria Aurora, repica os sinos! que milagre, gente! Senta aí, cómadrinha! Rôla era madrinha de crisma da terceira filha da viuva. Fizeram roda; foi abandonado o serviço. Havia muita cousa a contar.

Teria Rôla conhecimento de que o Flaviano destroncára um pé no próprio dia em que ali fôra aprasar o casamento com a filha? Não?! Pois estava ha que dias de perna estendida, numa esteira. Ele já mandára recado a Maria Adelaide, mas a moça teimava em não querer ir visita-lo... Ela tambem andava sofrendo dos nervos; já tivera dois ataques e só

falava em morrer... E' para que se criam os filhos. E continuava: A mãe do Flaviano cheirava a sarro de cachimbo e talvez tambem um pouco a parati... Vicio de negra velha. E' o diabo! de mais a mais, diziam que o filho já não se contentava com a briga de galos nos domingos, nem com a bisca no barracão da arrecadação, e entrava a jogar tambem no bicho, como um danado! Ela via comprometido o futuro de Maria Adelaide, mas não sabia como fazer para desligar a promessa com o Flaviano, que perseguia a noiva como o cação a anxova! Pedia conselho.

Rôla não atinou com o que dizer. A viuva continuava:

Já imaginara que Maria Adelaide tinha o diabo no corpo. Estava com vontade de leva-la á menina santa do Leme... Uma benzedura faz mais que mil remedios. Felizmente, tinha bons freguezes e já não pensava em casar as filhas para aliviar-se. Ao contrario, qualquer delas lhe faria falta. Vinha cada trouxa de roupa, que só vista! Voltava a falar do Flaviano, de quem tinha certo medo, que não escondia. Do contrario, já lhe teria fechado a porta na cara. Começava a acreditar que a mãe do mestiço era tão rica como qualquer das duas, que ali estavam sem vintem... Pois era possivel que uma mulher com dinheiro dormisse no chão, entre trapos e não déssé ao filho nem um tostão para cigarros? Tinham inventado aquelas historias de riquezas da quitandeira só para decidi-la a deixar a filha casar... caira na mentira, como uma sardinha na tarrafa. E agora?!

E concluiu:

— Olhe: aí vem Maria Adelaide; veja se parece a mesma!

A moça, muito emagrecida, tinha o rosto pálido invadido por dois círculos roxos das olheiras. As saias escorregavam-lhe pelos quadris estreitos; via-se-lhe a camisa entre a blusa e o cós da saia. Não teve um sorriso. Pagou a sua dívida com modo distraído e sumiu-se de novo pela mesma porta por onde tinha entrado.

— Que acha, comadre Rôla?

— Que é preciso ter cuidado...

— Com quê? eu não obriguei ela a casar nem fui eu que escolhi o tal Flaviano. Era amor do colégio. Gostavam-se desde crianças... eu só cedi pelas circumstancias. Bem que me arrependo! Muita falta faz um pai, é só o que eu lhe digo...

A' saída Rôla decidiu dar volta pela estrada velha e passar pela casa do pescador doente, de quem não tinha queixas.

E era ainda uma caminhada, entre arbustos contorcidos e cardos de areias quentes.

Aqueles sítios eram-lhe familiares desde a infância; prazos destacados da antiga fazenda de D. Constança, onde ela brincara o — esconde-esconde e a cabra-céga — em pequena. Depois, já mocinha, andara também muitas vezes por ali, com Rui ao colo, acompanhando a pobre D. Angela, que ia na frente, abstracta, aos suspiros. Eram os únicos passeios que o marido lhe permitia, de longe em longe... Uma vez, que essa distracção fôra procurada sem sciencia sua, a mãe de Rui fôra esbofeteada por ele, em plena face, em casa. Rôla assistira á ofensa retraindo-se de en-

contro a uma parede e apertando Rui ao coração. Ela sabia muito bem, agora, que ha antipathias inexplicaveis, ódios sem causa, de almas doentias, mas attribuia a origem da raiva do coronel por ela, áquella scena, em que ele se sentira humilhado por aquella testemunha de quinze anos, começando desde aí a trata-la mal. Discreta por natureza, calara-se muito bem calada, mas guardava nitidamente na memória a lembrança daquella mão pequena e seca, com que as mãos de Rui se pareciam, batendo brutalmente no rosto pálido da mulher. Um bruto, aquele homem magro e calado, de quem sempre tivera um medo instintivo. Entretanto, via que ele era bemquisto por toda a gente e que não faltava quem o lamentasse como uma vitima do destino... E' que a sociedade perdôa o mal, mesmo a quem ela sabe que procura iludi-la com as apparencias do bem... O que a espantava agora, depois de tantos anos de silencio, era saber pela propria boca de Rui que os sofrimentos da pobre D. Angela não tinham ficado enterrados com ela no cemiterio, depois de terem gemido sob os varões de um cárcere de hospicio... Rui reflectia-lhe as queixas, adivinhara a alma dolorosa da que morrêra com o seu nome entre os labios desamados... Esse saíra á mãi no génio: era um sincero e um crédulo... conhecia-o desde criancinha, nunca ele lhe mostrara duas caras, como o pai, que era um em casa e outro na rua! Achava exquisito que o moço se preoccupasse tanto com um passado extinto, e não acreditava que o pai receasse vê-lo herdar a molestia da mãi... aquilo eram fantasias do Rui! Bem sabia o

coronel que o cérebro da mulher adoecêra pelos martírios que elle infligira e mal diria ella que havia de chegar um dia, em que tivesse necessidade de provocar uma entrevista com aquelle homem, que jurara evitar a todo o transe. E desde que tinha concebido essa idéa, já não pensava em outra cousa. Só via um meio para obter do coronel uma meia hora de conferencia: a intervenção da mulher do senador Guidão. Esse velho, que era um bruto para toda a gente, desmanchava-se em formalidades e delicadezas para com a Sra. D. Delfina e não se negaria a um pedido seu. . . Mas em Rôla a coragem dessa resolução embaraçava-se num medo quase invencível e ella reflectia, procurando orientar-se melhor e acabando sempre por entender que teria de afrontar essa hora de imprevisto e de desgosto. . . A felicidade da filha e de Rui exigiam-lhe tal sacrificio. . . Atravéz dos sapatos rotos, que tinha forrado em casa com palmilhas de papel, sentia a areia do chão escaldante e áspera. Contava justamente com o dinheiro da Maria Adelaide para um par de botinas e eis que elle ia servir para um véu. . . Quem tem filhos é assim, suspirava acrescentando que se a alegria tambem se pudesse comprar com dinheiro, acharia talvez geito de a comprar para Ada. . .

A casa de Flaviano ficava retirada do caminho, pegada a outra igual, do Maméde carroceiro; ambas acalanhadas pelo uso do tempo e cercadas de um terreiro, onde duas carroças repousavam nos varais, á sombra de uma grande amendoeira. Era assim: os pescadores queixavam-se de que a gente da cidade

lhes ia invadindo o bairro, tomando-lhes as cazinhas da praia, obrigando-os a afastarem-se do mar para tócas rusticas do mato, menos caras. . . enquanto das suas antigas habitações ella fazia chalés e palacetes.

— Já se dizia que a propria arrecadação e o córrer dos casébrs do João Sérvulo, do Lino e dos outros pescadores tinham sido comprados por um ricaço da cidade para fazer no lugar um casarão de luxo. Nem haveria depois lugar na praia para a *Guanabara*, nem canôa nenhuma! Que visse quantos pescadores já se encarapitavam pelos morros. Por enquanto, em todo caso, ainda Copacabana era sítio simples, bom para a pobreza, mas estava mudando depressa. . . *Seu Maméde* é que podia dizer quantas carroças guiava com materiais de construcção!

O pescador estava sentado numa esteira, ao pé da porta escancarada, trançando cipó-cerejeira para uma tampa de mercado. Sabia do officio desde mocinho, quando por morte do avô, pegador de cobras, a mãe o entregára á madrinha, moradora no Curral de Fóra. Vivêra ali, no municipio de S. Gonçalo, ora de facão em punho, abatendo cipó-una no mato, para fabrico de tampas de camarão e cestas, ora vadiando pelas restingas abrasadas ou atolado até o pescoço nos brejos, cortando o pau mole de tabebuia, para boias de rédes e para tamancos, que era uma das industrias do lugar. Aprêndera depressa a fazer esteiras de tiririca para cangalhas e de tabúa para forrar barcos e tapar mercadorias que vinham para o mercado, nas canôas; reunia, brincando, grandes feixes de junco e distinguia de relance o cipó-una preto, reputado o melhor,

do cipó-una branco, do *carneiro*, ou de qualquer outro. Tinha sido isso dos doze aos dezaseis anos entre o tempo da escola ao lado da Maria Adelaide e o dia de lançar a primeira tarrafa na praia do Leme.

Rôla quiz saber quem o tratava e o que dizia o medico; se ele voltaria a andar em breve e se ficaria sem defeito.

Confiando pouco na habilidade da mãe do Flaviano, ela fôra até lá com a intenção de prestar algum serviço e indagou logo do doente se carecia de alguma cousa. Ele explicou que o vizinho Maméde tinha remediado tudo. Um homem valente! Tendo-o encontrado a gemer, sentado sem alento na beira do caminho, tinha-o carregado ao colo e posto dentro de uma carroça de areia, que ía conduzindo para a cidade. Por amor disso tivera de voltar pela estrada velha e atrasar o seu trabalho... Fôra ainda o Maméde quem chamára o doutor e incumbira a mulher, sua vizinha, de velar por ele, quando a mãe saía para as suas voltas... O que vale é que no mundo ha muita gente bôa. Rôla estava ali, dando uma prova disso. João Sérvulo tambem estivera de manhã. Desesperava-se por não poder sair... exactamente agora que o Marcos voltára da cidade e que ele estava morto por aborda-lo! Parecia um castigo do céu! Saira da casa da noiva um pouco arreliado, porque ela não lhe apparecera e tão distraído vinha com um pensamento máu na cabeça, que ao passar rente á tóca do Machado, não déra fé num buraco do chão e bumba! destroncára um pé! Queixava-se ainda: tinha mandado pelo Maméde varios recados á noiva, contando o des-

astre, e nem ela nem nenhum dos diabos da casa vinham vê-lo... Desconfiava que Maria Adelaide não se quisesse encontrar com a velha... quem lhe podia valer agora era Rôla, que intercedendo pelos namorados, abrandasse o coração da mãe e procurasse uma solução feliz... Ele amava Maria Adelaide como um doido!

Muito constrangida, Rôla procurou desviar a conversa para outro assunto. Onde estava a mãe?

Saira, mal lhe déra de almoçar... nunca dizia para onde ia, nem quando voltaria... e se estava em casa era para falar sózinha... Se ele tivesse dinheiro, prescindiria da aquiescencia da mãe, mulher teimosa e impertinente, apesar de que a noiva se opunha a casar contra a vontade de alguém! Queixava-se da sorte. Se em vez de o terem mandado rapazinho para as restingas do Curral de Fóra, o tivessem apertado num trabalho duro, ele teria tomado outra direcção e não dependeria de ninguém... Só para que ele não casasse, a mãe negava-lhe até os tostões para cigarros... mas o tempo não passa atôa, ela havia de vêr...

Ao despedir-se, Rôla ofereceu-se:

— Você disse que queria falar ao Marcos, se quer algum recado para ele eu vejo-o todos os dias...

Flaviano mudou de aspecto.

— Não. O que eu tenho para dizer a ele não póde ser dito por mais ninguém...

— Ele é um bom rapaz...

— Será, será. Adeus, D. Rôla. Lembranças a D. Ada.

XIV

Chovia a cântaros e Rui ainda não entrára da rua. Saira mal agasalhado de casa nessa tristonha manhã de segunda-feira. O pai pensava nisso, passeando no corredor da saleta á cozinha. Era uma das suas manias o andar, calado, pela casa, horas inteiras, de cá para lá, num abominavel arrastar de chinelos. O filho chegava a entontecer com a monotonia regular daquele movimento. Tia Antonia mesmo, mais indifferente, impacientava-se ás vezes de vêr o patrão naquelas idas e vindas continuadas.

Nesse dia a agitação era maior. Rui deveria estar como um pinto! Se adivinhasse onde encontra-lo... Quem sabe? Talvez em casa daquela peste de rapariga, que ainda na véspera, á tarde, lhe pássara pela porta, de automóvel, toda enfeitada, como uma filha de doutor! Não fôra tão tôlo que não percebesse que Rui tivera um abalo fortissimo ao vê-la sentada ao lado do Guedes, como se fôsse sua mulher ou sua irmã. Por si, tinha gostado; tomára ele vê-la casada com o outro... mas tal milagre não o podia esperar. Espan-

tava-o comtudo a aceitação que a moça e a mãe tinham na casa do senador, um homem tão rigoroso e tão sensato... enfim, era das tais facilidades do Rio de Janeiro, que o revoltavam até á medula. Se não tivesse medo de ser descoberto, escreveria uma carta anónima ao Dr. Guidão, abrindo-lhe os olhos, para que ele fechasse para sempre a porta da sua casa honesta áquelas duas especuladoras... Desgraçadamente, o filho não se poderia ter engraçado por cousa peor!

Como sempre, as suas locubrações acabavam por fixar-se na filiação de Ada, de quem toda a gente cantava a beleza em prosa e verso e que no seu ódio ele chegava a achar feia. Daria alguns anos da sua vida para saber de quem tinha nascido essa criatura e desesperava-se por não ter tido a mesma curiosidade de no dia em que se tinha espalhado por toda a Copacabana que aparecera uma criancinha na porta da Rôla. Então talvez não tivesse sido difícil saber a verdade...

A figura de Ada passava-lhe e repassava-lhe pela cabeça, tal e qual como a vira na véspera de tarde com o seu véu branco ao vento e o rosto voltado para as suas janelas, em ar de provocação, ao mesmo tempo que parecia sentir ainda o movimento de espanto e de desgosto do filho, todo inclinado e surpreendido para o automóvel que ia correndo... voando...

Prouvéra a Deus que nunca mais voltasse...

Tanto a tarde da véspera fôra linda e luminosa quanto a manhã desse dia aparecera escura e tempestuosa... e Rui lá se demorava sob a chuva grossa.

Se ao menos lhe pudesse mandar pela Antonia o sobretudo e as galochas...

Mas a preta, interrogada, não soube dizer onde estaria o moço, e o coronel, contrariado, coçando a cabeça grisalha, recomeçou no seu passeio silencioso, enfadonho, interminável. O seu terror era que o filho adoecesse, mal precavido sob o águaceiro. Achava-o cada dia mais indiferente e distraído... O que o impressionava mais que tudo era um certo modo que aprendera agora de mover a cabeça numa oscilação quasi imperceptível e que reproduzia absolutamente um gesto preferido da mãe... Como estas cousas se transmitem através do tempo, Senhor!

Na solidão da casa, entre o rumor da chuva continuada e a bulha ritmada de seus passos, o coronel fazia e desmanchava planos de futuro, com que pudesse salvar e defender o filho das garras de duas ameaças terríveis: a loucura da mãe e o amor de Ada...

Magro, com os olhos claros pequenos, de um azul que tomava diferentes gradações, conforme o pensamento que lhe atravessasse o cérebro; de fartos cabelos finos e grisalhos e uma barbinha espumosa e leve cercando-lhe o queixo em ponta, ele tinha um aspecto concentrado de homem triste.

Fôra assim toda a vida. Em pequeno martirisava os amigos, zangando-se por cousa nenhuma. O pai morrera de um desastre, deixando-o com treze anos. Aos dezoito já ele era empregado publico. Aos vinte, o padrinho puzera-o na Guarda Nacional, de que tinha hoje o posto de coronel... A imagem mais viva do seu passado era Angela... achara-a linda, com o seu

rosto pálido, os seus negros olhos aveludados, os cabelos setinosos e tão longos que lhe serviriam de corda, se se quizesse enforçar!... A sua consciencia acusava-o de ter maltratado aquela mulher submissa, que o amára ao principio, que o tolerára depois, e que dos seus braços saira aos gritos numa explosão de cansaço que lhe alterára o cérebro. Julgára que a historia do seu ciume tivesse acabado nessa hora triste, e eis que ela continuava agora no filho, que ele amava mais do que julgára possivel poder-se na vida amar a alguem, mais do que amára a mãe, o pai, a Angela, a todos juntos!

Quando ás cinco horas Rui bateu, o coronel simulou com esforço serenidade e foi abrir-lhe a porta.

— Muito molhado, hein?

— Um pouco...

O coronel não se contentou com a resposta: passou as mãos nervosas pelo fato enxarcado do filho.

— As botinas devem estar cheias d'água... vai para o quarto... já lá está um par de meias em cima da cama e a roupa branca... a Antonia arranjou tudo... A humidade nos pés é uma cousa terrivel... talvez seja melhor calçar meias de lã...

— Não...

— Sim...

Rui furtou-se ás mãos do pai, que lhe examinava até o colarinho, e fechou-se dentro do quarto. Estava bem certo de que não fôra Antonia quem lhe preparara a roupa, bem se importaria ela! Sentia-se fatigado, cheio de tristeza. Ada passeara-lhe o dia inteiro, de automóvel, ao lado do Eduardinho Guedes, pela

maginação. Que idéa absurda fôra aquella! Arrepentia-se da sua fraqueza: melhor seria não ter tornado vê-la e deixa-la definitivamente com o outro... Cada provocação era um tormento maior.

Mudada a roupa branca, estirou-se na cama. Saíra para a cidade, para a sua aula de Direito e nem pusera pés na Escola. O seu amor absorvia-o de tal modo, que tudo o mais perdia para ele o interesse... A propria carreira, escolhida com entusiasmo, pesava-lhe agora como uma aborrecida obrigação. Se fôsse rico voltaria as costas ao estudo das leis e, casado com Ada, iria estudar todo este littoral do Brasil, armando tendas aqui e além, sondando águas, examinando areias, sorprendendo na alma viva do oceano os seus mistérios mais deslumbrantes ou mais tenebrosos. Longe da sociedade perturbadora, Ada seria unicamente sua. As gentes simples das povoações praianas com que convivesse e que observasse, completar-lhe haviam as alegrias do coração. De praia em praia, ora numa barraca de lona, ora numa cabana de sapé, colleccionando os productos do oceano ou descrevendo as paisagens maritimas, procurando interpretar todos os segredos das águas e das terras ribeirinhas, tão lindas umas, tão desconhecidas outras, ele iria espalhando a gloria da sua felicidade e Ada o esplendor da sua formosura!

Tinham ambos nascido á beira-mar. O mar era um pouco a sua patria. Ele não poderia adormecer sem ouvir o marulho das ondas. Fôra essa a cantiga que lhe embalára o sono desde o berço. Ada já lhe dissera a mesma cousa... Tivera ele fortuna e se

aperceberia para essa vida independente e errante com bons livros, bons aparelhos e comodidades para a companheira que desejava isolar sem sacrificio. Enquanto a imaginação tecia a tela dourada de sonhos, o seu critério ia-os atirando para o ridículo. O dinheiro era escasso. Com medo de extravagancias e desperdícios, o pai contava os tostões que lhe punha no bolso. Ele submetia-se sem queixa, sabendo que não eram ricos, mas irritava-se. A vida afigurava-se-lhe cousa bem mesquinha...

O coronel, já inquieto e cansado de esperar pelo filho, bateu á porta:

— Rui?

— Senhor?!

— Vem tomar um prato de sopa.

— Não tenho vontade.

— Embora. Eu não quero jantar sózinho.

Rui levantou-se amuado, vestiu-se ás pressas e foi para a mesa com olhos de sono e de aborrecimento.

O pai inspeccionou-o da cabeça aos pés:

— Não seria bom vestir um sobretudo?

— Não estou com frio.

— O ar está muito húmido...

— Se chove!... mas o senhor tambem não está agasalhado!...

— Ah! eu!... não andei pela chuva nem estive doente ha pouco tempo...

Os olhos do coronel mediram a quantidade de vinho que o filho vasou no copo. Contrariava-o que Rui não dispensasse vinho ao jantar; e não se coíbia d

conselhar que lhe misturasse água para quebrar feitos nocivos.

O alcool é o maior inimigo dos nervos excitaveis, dissera-lhe um dia o médico da sua confiança; desde então, para evitar que o filho tomasse vinho, ele mesmo se absteria dele ao almoço, consentindo em servir-se ao jantar parcimoniosamente. Rui percebia-lhe a vigilancia e constrangia-se.

O coronel obstinava-se em fazer-lhe o prato. Dir-lhe hia que os quinhões vinham pesados, como se se tratasse de um doente.

Chegada a hora da sobremesa sim, ele empurrava a fruteira para perto do filho e fechava os olhos. Fôra ouvira almanaques e livros de medicina e capacitara-se de que a alimentação do filho devia ser constituida de um certo modo de que nunca mais se afastou. Rui aceitava algumas cousas, com modo distraído, mas regeitava diariamente vários copos de leite que a diversas horas o pai queria obriga-lo a ingerir.

O coronel não desanimava, e todas as noites a Antonia deitava na pia leite azêdo, resmungando contra o desperdicio.

O barulho da chuva era agora ensurdecedor.

Na pequena sala de jantar, de janelas fechadas, os dois homens sentiam-se morrer de aborrecimento. Os cigarros eram permitidos com avareza. A refeição terminara entre uma ou outra frase curta, que vagava sem interesse no ambiente melancólico.

Foi já ao acender do gaz que o coronel disse, olhando de soslaio, como se temesse contemplar o filho de face:

— D. Delfina Guidão mandou-me pedir ainda agora pelo padeiro para eu ir lá amanhã. Saberás do que se trata?

— Não...

— Suponho que precise de alguma informação...

— Informação de que?!

— Não sei... naturalmente da Rôla...

— Ela sabe muito bem quem é a Rôla.

— Talvez não saiba...

— Mas que vai o senhor dizer?

— A verdade.

— A verdade é que ela é uma mulher digna de respeito...

O coronel riu-se e levantou-se para o seu passeio no corredor.

Rui tremeu de raiva, percebendo a ironia do pai e amarfanhou a ponta da toalha que a Antonia, relaxada, ainda não viera tirar da mesa. Mil pensamentos cruzavam-se-lhe no espirito.

A aproximação de Ada com o Eduardinho Guedes acabara de convencê-lo de que eram eles dois o assunto da entrevista solicitada por D. Delfina Guidão ao Coronel.

Toda a gente sabia do seu amor pela moça; a boa senhóra queria talvez o pai de desvanecer nele esse sentimento, solicitada pelo neto... Ada passara com ele de automóvel... dançava com ele nas suas salas... ele era rico... audacioso... elegante...

Cada vez que o coronel chegava á porta da sala, lançava ao filho um olhar rápido e tímido. Arrepentia-se de o fazer sofrer e não sabia como remediar a

sua imprudencia. O moço parecia abstracto. Só as narinas lhe arfavam e os olhos chispavam como se tivessem fogo.

Nessa noite não dormiu. Sentou-se á secretária e escreveu a Ada uma carta de vinte páginas. Da sua alcova entreaberta, o coronel desesperava-se, olhando para a bandeira de vidro iluminada do quarto do filho.

A's duas horas não se conteve: foi-lhe bater á porta. A pena de Rui rangia no papel.

— Já são duas horas!

— Eu sei...

— Então?!

— Vou-me deitar...

— As noites são para dormir... isso faz mal...

Rui não respondeu. A pena corria desesperada, nervosamente. O pai voltou suspirando para o quarto, mas só se deitou quando ás tres horas o filho apagou a luz.

A chuva diminuia; a casa estava agasalhada no torpor do silencio. Tudo seria dôce se o pensamento maldito não perturbasse a paz dos homens. O coronel revolia na mente as atitudes do filho; suas palavras, a expressão do seu olhar ardente de moço apaixonado... Que fim teria aquilo tudo?

D. Delfina vinha por sua vez perturba-lo, com um recado seco transmitido pela boca do padeiro comum nessa feia tarde de chuva. Que lhe quereria ela? Era evidente que se tratava de Ada...

Passou-lhe então pela cabeça que o Dr. Guidão e a sua gente soubessem alguma cousa sobre o passado

d'aquela moça faceira e sem vintém, e o mandassem chamar para o persuadirem de que devia consentir no casamento dela com o filho... Que se ninassem!

Talvez entendessem que o Rui não merecia nada superior, por ser filho de um homem solitario e sem outra fortuna que a aposentadoria do seu emprego... Mas ele punha o filho em mais altas esperanças. Se o que queriam dele era isso, estavam bem enganados; diria mesmo que dava a Ada de presente ao Eduardinho Guedes e reservaria o Rui para mulher de outra ordem. A sua vontade não recuaria; saberia mantê-la. Arrastado pelas suas idéas obcecantes tornou a cogitar nos moradores antigos de Copacabana pelo tempo do nascimento de Ada, a vêr se á força de investigar descobriria quem eram os pais dela.

Nesses dias aquele sitio era apenas uma praia de pescadores, sem ruas, sem chalés, sem os palacetes e sem a população variada de agora... contudo, a tarefa só teve um resultado: prolongar-lhe a insónia. Oh, se ele pudesse arrancar a lingua inútil do bruto do Pedro mudo, e espiar-lhe no coração a verdade daquele segredo que o torturava! Fôra Pedro, diziam todos, quem depuzera na porta da Rôla a engeitada... Mas quem vira isso, para poder afirma-lo? E d'aí, filha de rico ou de pobre, de criminoso ou de inocente, ela não deixava por isso de ser quem era: a preferida de Rui, o grande amor de Rui. O ciume que lhe tinha escaldado a alma na mocidade reacendeu-lhe as brasas no fundo do peito desde o dia em

que verificou já não ser ele, mas essa mulher, o idolo do filho. Jurou então que a guerrearia a ferro e a fogo, incessantemente.

Se ao menos ela fôsse rica, se tivesse um nome, se se apresentasse na sociedade como alguém...

Logo que se fez dia o coronel levantou-se. Cessara a chuva; a madrugada prometia um bom dia.

Rui tinha o quarto fechado por dentro; o pai atravessou o corredor em pontas de pés e foi para o quintal tratar dos pombos. Aquele homem rancoroso e calado tinha um sentimento amavel: proteger as aves...

No dia do aniversario de João Sérvulo, Fortunata tinha combinado que Rubião trouxesse a sanfona e o compadre Rufino o violão. Hortensia cantaria modinhas. *Seu* Freitas emprestava para a festa o telheiro da arrecadação. Maria Adelaide e as irmãs viriam dançar com os pescadores da *Guanabara* e da *Camponeza* e Rôla não deixaria de comparecer á brincadeira com a formosa Ada.

A's dez horas estaria tudo acabado. Um pão de ló e uns quilos de biscoitos da padaria contentariam os convidados.

Fortunata era alegre e fazia a vida fácil. Arranjou tudo de relance. Queria festejar o marido.

— Pescador tambem é gente! costumava dizer com arrogancia. Na véspera do folguedo quis o tempo contraria-la. Vendo cair as bátegas de chuva grossa, a mulata olhava enfurecida para o céu que lhe trans-tornava os projectos. Mas nem todos os dias são

iguais; no dos anos do pescador o sol reapareceu radiante.

Ajudada por Hortensia e Pedro mudo, Fortunata desatravancou o barracão dos remos, cabaria e velas que se acumulavam nele, arredando tudo para um canto do fundo. Depois encheu as vigas de festões, de lanternas de papel e galhos de pitangueira e folhagens do mato. Bié e Nita, que andavam arredios, apareceram como por encanto, carregados de flôres.

A menina tinha agora no olhar uma expressão pensativa.

A mãe, cançada das suas vagabundagens por montes e vales, determinara leva-la para uma costureira da cidade, onde ela iria servir de copeira e aprender officios domesticos.

Nita não se resignava, mas curtia em silencio o pavor da proxima separação do seu camarada. Bié emagrecera tambem; trazia pontos falsos na testa, de uma pancada do Pedro mudo, quando, no desespero de ser roubado, o pequeno o interrogava sobre o paradeiro do seu tesouro. Percebendo a impertinencia e a raiva do sobrinho, o mudo atirara-lhe com o tamanco, abrindo-lhe um golpe fundo na fronte. Bié caira desmaiado. Quando acordou viu-se nos braços de Rôla, dentro de uma farmácia. Não sabia explicar cousa nenhuma, a sua memoria fixava-se no desgosto inolvidavel do seu lindo tesouro, para sempre perdido. A presença do tio irritava-o; já não podia tolera-lo, certo de que ele era o causador da sua desgraça, e exactamente agora obrigavam-n-o a mais demoradas estadias a seu lado, sob o pretexto de apren-

der a fabricar rêdes e tarrafas, para ajudar a viver os outros de casa. Com o ter emagrecido, parecia também ter crescido muito em poucos dias, o que ajudava a família a sobrecarrega-lo de responsabilidades. Como o olhar de Nita, o seu turbara-se pela sombra do irremediavel desgosto de vêr fugir para sempre a alegre quadra da infancia. O homem e a mulher eram neles chamados antes de tempo para as rudezas do trabalho sacrificador.

Nesse dia de Novembro, que a grande chuva da véspera adoçara numa frescura de Abril, eles tinham corrido ao barracão, a chamado da Fortunata, que sabia aproveitar serviços e favores e escolher com geito os seus auxiliares dentro de uma classe tanto ou ainda mais modesta do que a sua. Mal a mulata lhes disse:

Crianças, vocês vão buscar flôres no mato para mim; eles, que por proibição dos pais viviam afastados desde a catástrofe do Bié, atiraram-se como flechas para as sombras da sua predilecção. Sem se consultarem, correndo ao lado um do outro, foram até ao lugar da pedra rachada, que intitulavam ainda: — *nossa casa*.

Desde o dia maldito do roubo que lá não tinham posto os pés e este agora seria o da ultima visita, pois que já estava marcada a hora da partida da menina para a cidade, para uma casa, como lhe dissera a mãe, onde não havia quintal para as suas cabritadas e onde

a janelinha do seu quarto se abria entre grades de ferro sobre as telhas negras de um telhado velho...

Chegaram anelantes ao recinto da pedra. Nita, de relance, notava o abandono do seu famoso salão de colunas, encimado pela larga cúpula de ouro, de bronze e de esmeraldas dos cajueiros ainda em flôr. A sua vassourinha de *ménagère* lépida desaparecera abafada pela espessura das folhas largas, caídas com a tempestade; e o fogãozinho de pedras estava desabado pela ponta de algum pé irreverente ou de alguma pata. Nas sombras azuis e côr de ouro velho, projectadas pelos cajueiros, voavam borboletinhas brancas e a água da montanha, engrossada pelas chuvas da véspera, rumurejava com mais força, lambendo os cordões de avencas e de musgos que desciam do misterio de um cipoal e vinham pela encosta rodear a lagôazinha e emoldurar a pedra côr de violeta, laivada de negro e de branco. Num dos ramos mais baixos do cajueiro, Nita amarrara um trapinho á guiza de rêde, que representava o berço da filhinha na modesta pessoa de uma bruxa de pano. A rêde pendia, presa por um lado só, como um lenço cançado empapado pelas lágrimas de um ultimo adeus. A filha, desaparecera enterrada na lama e no humus espesso do chão.

Bié olhava em redor, atónito, como um sacerdote poderia olhar para o templo de que tivesse sido bandido.

Nunca a beleza casta daquele lugar lhe parecera

tão enternecedora. As largas folhas metálicas dos cajueiros matizavam o sólo aqui de ouro, ali de grana-das, acolá de ferro oxidado; e as enormes plumas dos bambuais agitavam-se docemente, vagarosamente, fa-zendo dançar sombras suaves sobre o tapete poli-cromo.

Bié caminhou calado para a pedra e olhou para a cavidade onde tanto tempo escondera o seu tesouro adorado. Uma lagartixa correu ao pressenti-lo, subin-do rapidamente pela rocha.

Nada mais; a mão criminosa não se arrependêra.

Nem uma simples concha... nem uma asa de in-secto, nem uma esquirola sequer das suas pedras e dos seus caramujos...

Estoicas, as duas crianças continuavam caladas, pequeninas, atónitas, para a beleza imperturbavel da-quele canto de flôresta, onde a sua infancia e a sua liberdade ficavam para sempre sepultadas.

A vida reclamava-as, tinham de obedecer á vida.

Nita, sempre mais atrevida, sacudiu o torpor que lhe amolecia os ombros sem ela perceber porque, e incitou o amigo a fugirem dali para sempre, sem voltar a cabeça para traz.

Era preciso apanhar as flôres para a mulher do pescador...

Como as cigarras chiavam! Dizia a mãe que na cidade não havia cigarras... Que se lembrasse tam-bem o Bié que ainda tinham de ir, por mandado da mesma Fortunata, visitar Flaviano...

Enquanto andavam, ele mais contemplativo, ela mais viva, confidenciavam um ao outro as amar-

guras daqueles dias passados. Ela ficara presa pela mãe, depois de ter levado uma surra de vara de marmelo, como cúmplice das diabruras do Bié e causa indirecta do ferimento que lhe fizera o tio. A lógica determinara que, sem o concurso de Nita, o pequeno teria sido um santo, e que era assim o diabo, merecedor do castigo que sofrera. Bié sentia-se incompatibilizado com o tio; afirmava que não dava um passo sem sentir a sua vigilancia e que os olhos do mudo escarneciam dele...

Era crença sua que o ladrão escondera o tesouro em outro sitio qualquer, na areia ou na montanha, e que o segredo morreria com ele... A partida de Nita enchia-o de saudades. Não via nada no futuro. Até ás vezes sentia vontade de morrer...

Falando assim, chegaram á casa do Flaviano, que estava ainda de perna estendida, sentado na esteira, entrançando cipó-una.

— D. Fortunata mandou perguntar se o senhor está melhor... Se já puder andar, para ir lá, que ela dá uma festa no barracão de *seu* Freitas...

Flaviano levantou a cabeça admirado. Uma festa! Que festa?

— Um baile, logo de noite...

Era impossivel. Ele não podia andar ainda. Mas que esperassem os pequenos; queria mais informações. Quem ia á festa?

— Todos...

As figuras de Marcos e de Maria Adelaide apresentaram-se enleadas na dança, á imaginação esquentada do mestiço. Atirou os cipós para longe, num ar-

remesso de raiva e quis levantar-se; mas os ossos do tarso causaram-lhe uma dôr horrível e ele recai na esteira, banhado em suor.

— Sabiam se Maria Adelaide ia também?

Os pequenos encolheram os ombros, na ignorância. O pescador desentranhou um níquel do fundo do bolso e, entregando-o a Bié, suplicou:

— Você corra e vá pedir a Maria Adelaide que não vá logo de noite dançar... que seu noivo está morrendo numa esteira, abandonado... que se ela fôr, se arrepende... Escutou bem?!

Os pequenos saíram assustados pela expressão angustiosa do mestiço, que repetia em voz alta atrás dos seus ombros:

— Você escutou bem, Bié?

Era mais uma volta: ir á casa de Maria Adelaide, passar pelo mais querido trecho da estrada velha, ora ao sopé do morro dos Cabritos, ora ensombrada pelas jaqueiras da fazenda abandonada de D. Constança, entre penhascos, piteiras e cercas de arame arrebetadas, naqueles verdes caminhos, onde a voz do mar chegava e onde se ouvia também a voz dos passarinhos.

Nita olhava para tudo com o olhar da saudade de que não tinha consciencia, mas que a fazia sofrer. Bié estava como alguém condenado a uma operação inevitavel, que lhe ha de decepar um membro e alterar as funções do organismo. Continuaría a viver, mas de outro modo, menos intenso e menos livre.

— Nosso mamoeiro tem um mamão maduro. Olha lá!

Bié olhou. Eles chamavam suas todas as arvores frutíferas de terrenos incultos e sem dono conhecido. Seriam os senhores absolutos de toda a mata de Copacabana, se não considerassem os pássaros e os insectos como seus socios. Colheram e comeram a fruta em silencio. Depois espalharam as sementes ao redor da planta, para que nascessem outras e ficasse uma lembrança do seu ultimo repasto em comum.

Não passavam como ingratos através da alma adorada do mato tranqüilo. Como os insectos e as aves transportam pólen de flôres ou sementes de frutas que enfeitam montes e campos solitarios, eles espalhavam com as suas mãozinhas trêfegras, o germen das arvores que tantas vezes lhes mataram a fome.

Maria Adelaide estava engomando perto da janela. Preparava o seu vestido branco de laços côr de rosa para a festa da Fortunata. As saias das irmãs já resplandeciam, brunidas, no quintal, penduradas ao sol, para secar e endurecer a goma.

Maria Aurora cantava alto, prelibando o gozo do baile. A mãe estendia roupa na corda.

Logo que souberam que os pequenos traziam um recado do Flaviano, correram todas a rodea-los.

— Pois sim! se a gente deixava de aceitar um convite por amor dele! exclamou a mãe de Maria Adelaide, indignada. Se ele está doente que se trate. Não foi minha filha que lhe quebrou o pé! Depois conversaremos. Vão embora. E voltando-se para as filhas:

— Amanhã eu vou explicar tudo a Flaviano... não tenho mesmo remédio senão fazer-lhe uma visita! Ora se Maria Adelaide havia de ficar sózinha em casa!

Maria Adelaide não disséra nem uma palavra. Levantara os ombros e depois de uma ligeira interrupção no serviço, recomeçara a engomar. Tinha uma expressão abstracta: com a magreza o seu rosto parecia mais longo e os olhos maiores. O convite da Fortunata alvoroçara-lhe o coração. Marcos estaria lá com certeza. Talvez dançasse com ela! A idéa de que a mão grande e calosa do pescador tocasse na sua mão, que o seu braço enlaçasse a sua cintura delicada e os seus olhos se fixassem demoradamente nos seus, dava-lhe desmaios de gozo. Flaviano estava doente, estava longe, não veria nada. Era um ausente, um morto. Se ele morresse daquela torcedura do pé... ela ficaria livre, como aqueles passarinhos que andavam voando diante da janela!

Após uma longa concentração, indagou:

— Que é que a senhora vai dizer amanhã a Flaviano, mamãe?

— Uê! que você não podia ficar sózinha de noite em casa! Era o que faltava, que ele te desse leis antes do casamento... Cruzes!

As horas daquela tarde voaram ligeiras.

Fortunata rabiava de casa para o barracão e do barracão para casa, varrendo, limpando, enfeitando. Para cúmulo de felicidade, João Sérvulo viera dizer que o arrastão da *Guanabara* colhera mais de mil cavalas, fóra um cardume de pescadinhas bicudas, tão

apreciadas no mercado. Chegava o tempo da fartura, o abençoado tempo das cavalas, que vão á mesa de toda a gente! Pois admirava, com aquela temperatura suave, que mais parecia de Abril que de Novembro... Que fôsse vêr na praia como os peixes se debatiam num montão, reluzindo ao sol!

Fortunata achou geito de interromper o trabalho e correr até á beira do mar. Uns pescadores agachados contavam o pescado. João Baptista, em pé, na canôa, ao lado do Lino, que segurava os remos, colhia a rêde vasia para leva-la a estender nas pedras da Igrejinha. Os seus movimentos eram ritmados e harmoniosos. Com a boina achatada sobre os cabelos crespos, a camisa preta de meia degolada até á raiz do pescoço e as calças enroladas pelos joelhos, ele desenhava-se na luz forte do dia, como uma figura criada de proposito para completar a beleza e a poesia do quadro.

Uma viração branda, impregnada do cheiro de maresia, parecia desplumar com mão leve o flanco das ondas mansas e espalhar penugens brancas pela orla do mar. Na linha do horizonte, muito ao longe, uma facha de luz polvilhada de ouro e de violeta unia as águas ao céu.

Os pescadores acolheram a mulata com imenso agrado.

— Então vamos ter festa? Que milagre!

Ela, cada vez mais risonha, afirmava que sim; que daria uma festa de estrondo; e recomendava-lhes que se lavassem com muito sabonete e umas gotas de Água Flórida, porque o diabo do cheiro do peixe

entra na pele e ela não queria saber de morrinha de pescado em seu salão.

Fossem dispostos a brincar até á meia noite. Não queria casmurros ao pé de si... já tinha mandado chamar as moças... Rubião que requebrasse a viola e a sanfona; Rufino tocaria tambem. Até se haveria de ajuntar gente da cidade na porta, só para espiar...

Era pena que o pobre Flaviano não pudesse vir; mas a Maria Adelaide não faltaria.

Falando na noiva do outro, ela olhou para o Marcos. Os seus olhares trocaram-se rapidamente; houve um estremeccimento entre ambos e logo a Fortunata se apressou em mudar de assunto, pedindo ao marido que não fôsse sovina e lhe levasse peixe bom para casa; ela ia dali arranjar uns caixotes vazios com seu Pedro do restaurante, para representarem de sofás no barracão... mandara chamar Rôlinha, que era a mãe dos aflitos, para ajuda-la, e o Bié e Nita lá andavam pelo mato colhendo flôres... Que não faltasse ninguém.

A figura musculosa do vigia João Baptista gravara-se na imaginação da Fortunata, a ponto que, mesmo entretida com os preparativos da sua festa ela pensava que assim bonito e desembaraçado seria um esplendido marido para Hortensia, sempre tão serviçal e bondosa. Admirava-se de não ter pensado nisso ha mais tempo. Que faziam os tôlos, que se não namoravam? Resolveu de si para si faze-los dançar juntos nessa noite e dizer uma pilhéria que atiçasse o fogo... A's vezes está em tão pouca cousa a gente gostar de alguém... olhassem para o Marcos, pen-

sava ela, como se apaixonara pela molenga da Maria, uma mulher já com dono... e como Rui bebia os ares pela Ada, sém vintem, ele que podia aspirar até a D. Leonor, ou outra qualquer assim!... E' verdade! e ela que ainda não tinha avisado o Rui, tão condescendente e amigo dos pescadores! Ele não deixaria de vir, e... quem sabe? talvez até recitasse alguns versos, que não tinha orgulho nenhum! um anjo, aquele mocinho...

Havia pouco, quando fôra combinar as compras na padaria, vira passar o Coronel para o Ipanema, todo recostado e pensativo no banco de um bonde. Que iria fazer áquela hora para aqueles lados o magricela do velhote?... Esse é que não mostrava os dentes a ninguem. Talvez pensasse que ser coronel da Guarda Nacional, fôsse o mesmo, pouco mais ou menos, que ser imperador! Até parecia mentira que aquele branco atrevido fôsse o pai de Rui!...

Toda a vizinhança da Fortunata ardeu naquele dia na fogueira do seu entusiasmo. Não só a gente do lugar, a Hortensia, que nem tempo teve de comer sossegada um escaldado e uma posta de cavala, como também uma familia que ali estava a banhos e que morava ao pé da Igrejinha, puderam tratar de outra cousa que não fosse a festa do João Sérvulo! Nita e Bié, vermelhinhos, suados, iam e vinham, do mato, carregando grandes feixes de plantas — bromélias, lianas, gramíneas empenachadas, hastes de murta agreste, galhos de pitangueiras salpicados de frutas. A mulata corria a recebê-los, enchia-lhes as mãos de biscoitos, passava-lhes carinhosamente os dedos pelos

cabelos sujos de folhas secas e de pó dos vegetais, e induzia-os a novas caminhadas, apontando-lhes com a grave recompensa de um tostão! Gostava da balburdia, de vêr gente correndo com medo das horas que não esperam. As suas gargalhadas faziam estremecer as ondas, se o mar não estivesse já um tanto crespo; e confessava que, de tanto gesticular para o Pedro, na intenção de se fazer compreendida, já os ombros lhe doíam que não era graça!

O barracão, iluminado por dentro com lanternas de papel e velas de cebo, entre festões de folhagens, suspensas das trevas, pareceu-lhe a ela como a imagem do proprio paraíso. Cobertos com colxas e cortinas de chita e alinhados junto ás paredes, os caixotes emprestados pelo restaurante esperavam os convidados... Ao fundo, a canôa *Sereia* — já velha e pr'ali á espera de concerto, servia de corêto, na alegre expressão da mulata, aos violeiros e ao mestre da sanfona.

— Até Pedro mudo há de dançá o maxixe, afirmava ela rebolando os quadris. Mas nisso é que não consentiria o João Sérvulo, homem de moral rígida e costumes severos, todo cheio de praxes...

A's oito horas estava armada a primeira quadri-lha. Fortunata juntara as mãos do João Baptista com as da Hortensia, piscando para o marido, a quem já fizera as suas confidencias... Maria Aurora e Maria Augusta, todas empavezadas de fitas e cassas bem engomadas, dansavam com pescadores da *Camponeza* — Fortunata e o marido tomavam a cabeceira, para dar o exemplo aos convidados; velhos e moços tinham

de entrar na folgança. Sentados só ficaram Maria Adelaide a um canto, que resistiu a todas as súplicas e investidas, e de outro lado, ao fundo, a mãe de Marcos, fazendo rutilar na sombra os lampejos dos seus ouros e dos seus cabelos fulvos.

Para não dançar, Marcos escondêra-se dentro da *Guanabara*, na praia, e só apareceu no barracão ao ir a contradança em meio.

Os seus olhos ardentes acertaram logo com a figura pálida da Maria Adelaide, encolhida, sózinha, com as mãos cruzadas sobre os joelhos. Já ela o vira. Era como uma chama escondida em um blóco de neve, a traspassa-lo sem o dissolver, devorando-se, consumindo-se... Ele desviou a vista. Ela também. Os outros pulavam, riam, faziam roda, obedeciam á voz de *seu* Freitas, que era o mestre-sala. Até a mãe de Maria Adelaide saracoteava em uma alegre ilusão de mocidade!

Torcendo e destrocendo a ponta do lenço, nervosamente, a moça levantou de novo os olhos do chão e fixou-se em Marcos. Ele tremeu. As pálpebras bateram-lhe como para proteger a retina ofuscada...

Entre os lampejos dos ouros do pescoço e das orelhas, a mãe do pescador procurava em vão cortar com o domínio da sua vontade aquela troca de olhares que ardiam e cada vez com mais intensidade.

Um grande ódio crescia-lhe no coração contra aquela rapariga, que não valia dois vintens de gente, pamonha amarelada, e que sem dizer sim nem não, estava a dar voltas ao juízo do filho! Também que

fazia o estúpido do Flaviano, que não arranjava nunca dinheiro para casar?

A sanfona do compadre Rufino fazia prodígios. Valia uma orquestra. Todo o barracão vibrava ao estrepido da musica e do sapateado.

Pedro mudo mesmo, sentado dentro da *Sereia*, ao lado dos tocadores, franzia o largo carão em um riso, pasmado para os que dançavam.

— Coitado! Dizia a Fortunata, sempre que relanceava os olhos por ele — Pedro não escuta nada e está gostando... que diria se escutasse! A's nove horas Rôla entrou, esgueirando-se rente á parede té perto da Conceição, que fãiscava... Ada não viera; e Rui, que já tinha chegado, veio sentar-se entre ela e a mãe de Marcos.

— Ada não quiz vir?...

— Está adoentada...

— A verdade não é essa. Ela não quiz vir á festa dos pescadores...

— Fale baixo...

— Para ir á casa do Dr. Guidão...

— Não a comprometa... Realmente, D. Leonor não a dispensa...

— Nem o Eduardinho tampouco... Demais a mais esta gente humilde não mereceria a sua presença... nem eu!...

— Que tolice!...

— Quer saber uma novidade? Meu pai foi hoje ao Ipanema, a chamado de D. Delfina...

— Eu sei...

— Ah! Já!? e para quê? saberá também para que?

— Como não hei de saber, se foi a pedido meu?

Precizo muito conversar com seu pai; queria fazer isso em segredo, mas vejo que não é possível e vou dizendo já... Mas que fique isto entre nós...

— Por força. Mas que lhe vai dizer, Rôla?!

— Quero falar-lhe a respeito de vocês dois. O Coronel não permitiria nunca que eu entrasse em sua casa, não é assim? pedi por isso a intervenção da D. Delfina, que ele considera muito e ficou resolvido que nos encontrássemos amanhã ás duas horas, no chalé de Ipanema... Adeus! é uma cartada... Não arregale assim os olhos, eu não tenho medo, nem quero que você se impressione com isto...

— Rôla, a senhóra bem sabe que meu pai é um homem violento... por vezes injusto...

— Estou preparada para tudo.

— E' tempo ainda de evitar um desgosto...

— Mas, filho, nós precisamos sair desta situação...

— Ele cedeu facilmente?

— Não; ao principio relutou; mas D. Delfina conseguiu convencê-lo... Ela é uma santa...

— A senhóra precizará armar-se de paciência...

— Ninguem a tem mais do que eu...

A sanfona antes de terminar o ultimo som da quadrilha transformara o compasso para o de uma valsa, o que fez rir muito os pares. Mas João Sérvulo, que se prestara por cortesia á contradança, não se submeteu á valsa. A mãe de Maria Adelaide também não. O entusiasmo parecia arrefecer e era isso o que não queria a Fortunata, que, relanceando a

vista pelos cantos, viu Maria Adelaide isolada e, na boca do barracão, o Marcos, hipnotizado e mudo, como se fôra um homem de pedra. Antes que ele lhe percebesse os movimentos, ela agarrou-o por um braço e levou-o até á moça.

— Tenham santa paciencia, é só uma voltinha, que isto não é cemitério nenhum. . .

Maria Adelaide disse que não com a cabeça, mas o corpo suspendia-se-lhe para o par.

— Uê! tudo isso é tristeza por amor do pé de Flaviano? exclamou rindo a mulata.

Então Maria Adelaide levantou-se córando, como se tivesse recebido uma chicotada na face, e estendeu os braços para Marcos, que a recebeu calado. As mãos dele estavam frias que nem a água do mar no verão. O corpo dela tremia. . .

Foi no instante de eles darem os primeiros passos que a Fortunata se lembrou que acabava de cometer uma imprudencia. . .

Eles não se falavam; iam e vinham num ritmo incerto; ela pendida como um lírio, ele direito como uma torre. No fim ele levou-a para o seu lugar, ela deixou-se cair e nem se olharam. Mas ambos vibravam da felicidade daquele instante rápido de contacto e de silencio. . .

XVI

No fundo da cozinha, com as mãos atoladas na água gordurosa da pia em que lavava as panelas, tia Antonia revoltava-se em silencio contra o negregado fadário que a obrigava a suportar aqueles passeios do patrão no corredor! Naquela manhã, o delírio das caminhadas entre paredes chegava a dar-lhe nauseas.

O coronel ia e vinha, com olhos preocupados por visões interiores. Os chinelos batiam ritmadamente nas taboas do assoalho, numa cadencia regular, nunca interrompida. Ele não falava, ou, se tinha urgencia de dizer alguma cousa, dizia-a por monosílabos, sem diminuir o movimento da sua marcha. Nem as aves tinham conseguido chama-lo ao quintal nesse dia, em que mal se sentara á mesa do almoço para mastigar, á pressa, a carne seca da *roupa-velha*. Rui saira cedo, sobreçando livros. Ele ficara só, nos seus passeios de penitenciária.

De cá para lá, de lá para cá, o Coronel ruminava pensamentos já pensados, esforçando-se por penetrar a fundo nos planos da senhóra D. Delfina para aquela

singular entrevista... Procurando abroquelar-se contra os ataques da Rôlinha, julgava perceber em que consistia o interesse da mulher do senador em aproxima-lo da outra...

Saltava aos olhos de toda a gente que o Eduardinho Guedes fazia a côrte a Ada... era preciso afastar de casa o perigo de uma paixão idiota, atirando o embaraço para os braços sentimentais do Rui... Depois... toda a responsabilidade seria do filho... D. Delfina fazia obra de diplomata; só mesmo a sua argúcia lhe poderia descobrir a intenção. No fundo, bem se importaria ela que Ada casasse ou não casasse com Rui, se não temesse vê-la antes embaraçando a carreira e a felicidade do neto! Ah! como as mulheres ardilosas o queriam envolver nas malhas da sua rêde, a ele, menos tólo do que todos julgavam!... Rôla solicitava-lhe, pela boca de D. Delfina, uma entrevista para interesse de seus filhos... Ora! como se ele precisasse de ouvir alguma cousa dos lábios daquela desgraçada sem nome, sem eira nem beira e cujos pensamentos podia pesar todos juntos na concha da sua mão! O seu primeiro impulso fôra dizer imediatamente que não. Conhecia os designios de Rôla, que passasse por lá muito bem! Mas o rosto macio e calmo da senhóra D. Delfina, tão aristocrática, tão importante, intimidou-o e por delicadeza consentiu numa aproximação que lhe repugnava. Para com a gente do Guidão ele queria parecer sempre um modelo vivo de cortesia; era uma familia respeitavel, influente na politica e no commercio, a essa gostava de dizer a tudo que sim, e supunha que não tinham

razão de queixa... Desejavam uma entrevista com a Rôla, com todas as solenidades do alto estilo? Pois concedia uma entrevista á Rôla. Com esta, porém, outro galo cantaria; fal-a hia recuar para o seu lugar... Mas que diabo lhe quereria dizer a estúpida? Como-ve-lo com as suas lérias? Estava bem aviada!... Lembrar-lhe... sim... lembrar-lhe scenas passadas...? Talvez nem ela já se lembrasse... Fôsse o que fôsse, o resultado estava previsto. Rôla ia suplicar-lhe que consentisse no casamento de Rui com Ada, essa Ada sem pai nem mãe, surgida da lama e revolvendo na lama o seu lindo corpo de criatura impura, feita e criada para a devassidão. Estava bem com o Eduardinho... que ficasse com o Eduardinho e não atordoassem o espirito fraco de um estudante pobre e fantasta. Se o filho não se sabia defender, defende-lo hia ele até á ultima gota do seu sangue...

No fundo do seu espirito a figura de Rôla passava e repassava em várias quadras da sua vida. Via a menina, fazendo todo o pesado serviço da casa do tio, sem um queixume e sem consideração... via-a partir como orfã para o colégio de caridade e voltar moça do colégio para a sua vizinhança, achegando-se com simpatia á sua mulher, para ajuda-la desinteressadamente a cuidar do Rui... Ele não lhe déra nunca um vintem por esses serviços e revoltava-se agora contra aquela antiga avareza que o privára de atirar ás mãos da rapariga pobre e serviçal um ordenado qualquer, embora mesquinho. Como faria agora retinir esse dinheiro aos seus ouvidos!... Por aquele tempo amaldiçoado, por vezes Rôla fôra testemunha

de certas brutalidades que ele não pudera reprimir... Angela fizera dela a sua confidente... era essa uma das razões do seu ódio... Já a mulher estava no Hospício quando correra a noticia de ter Rôlinha fugido com o oficial de Marinha, de quem ele tanto suspeitara com a mulher. Indirectamente, Angela fôra vítima de Rôla. Vendo o moço rondar as duas mulheres, quasi sempre juntas, não podia supôr que fôsse á outra e não á sua que ele pretendesse. As soluções do destino vêm ás vezes tarde demais; essa chegára quando a mulher estava já no Hospício, entalada na camisola de força, onde morreu. Desde essa hora a loucura de Angela parecia estar sempre viva a seu lado, pronta para saltar sobre o Rui...

Era quasi uma hora quando o coronel deixou de passear no corredor, para se ir vestir. Por ironia, mais que por consideração á senhóra D. Delfina, em cuja casa seria a entrevista, enfiou o seu fato solene, sobre-casaca, calças escuras e a sua gravata de mais preço. Um sorrizinho sardónico, desenrugava-lhe a boca rasgada, de beiços pálidos. A senhóra D. Rolinha mereceria luvas de pelica e cartola, mas as luvas ficariam na intenção, visto que as não tinha...

Lembrou-se, porém, de ter visto umas cinzentas no Rui, no dia em que o estudante fôra com os colegas numa comissão falar ao Presidente da Republica, e foi-lhe revolver as gavetas. Lá as encontrou; estavam imprestaveis, já cobertas de môfo e resequidas. Mas se as luvas não valiam nada, ali estavam os papeis de Rui, que o ajudariam a esperar a hora do bonde para Ipanema. Tinha ainda o tempo

necessario para a tia Antonia lhe preparar o café e ele passar os olhos por aquelas páginas de cadernos, atirados a esmo por entre colarinhos e gravatas. Gustavo de surpreender os segredos do filho; pois ali os tinha. Abriu o primeiro caderno e leu:

UMA PAGINA DE RENAN PARA A MINHA ADA LER

NOEMI

“... aos vinte anos Noemi era uma maravilha; os seus cabelos, que ela em vão aprisionava sob uma pesada touca, escapavam-se-lhe das tranças torcidas como feixes de trigo maduro. Ela fazia tudo quanto podia para esconder a sua beleza. A cintura admiravel dissimulava-a com uma capinha; as suas mãos longas e brancas perdiam-se dentro de meias luvas. Mas isso não valia de nada; á Igreja formavam-se grupos de moços para vê-la rezar. Ela era bela demais para a nossa terra e tão ajuizada quanto bela.”
— (*Souvenirs d'enfance et de jeunesse.*)

“Noemi... Ada... que abismo entre ambas!”

HORTENSIA

“Ela simboliza o mar nos dias de primavera, o céu sem nuvens, a felicidade. Quando a oiço, a dôr adormece no meu coração. Ela veio á terra só para cantar e fazer esquecer a maldade dos homens. Afigura-se-me que a sua alma é como um cisne immaculado num lago azul... azul como o seu nome.”

PEDRO

“Todas as vezes que encontro o mudo sinto um arrepio agitar todo o meu sêr. Os seus olhos dizem-me segredos que eu não decifro; a sua pele, que cheira a salsugem, parece repelir contactos humanos; os seus membros bambos acordam-me a idéa de algas colossais de uma flora desconhecida e animada. Ele é o que se não vê e mal se adivinha; ele é só superfície, nunca varada pela percepção mais aguda. Os rugidos mal articulados da sua voz fazem-me crer que ele sirva de jaula a uma féra. Não é homem; é um abismo. Simbolizará no meu poema — o ignoto, o fundo do mar...”

RÔLA

“Esta mulher piedosa será intitulada nos meus cânticos: — Barca de salvação. Ela tem o poder evocativo de imagens lendárias de opostas significações. A’s vezes, vendo-a entre os pescadores, ameigando crianças descalças, penso nas mulheres da Biblia; outras vezes ela como que se imaterializa, até parecer feita só de luz crepuscular. Mas a imagem que melhor a caracteriza é a primeira: — barca humilde em mar de escolhos, acolhendo náufragos abandonados.”

FORTUNATA

“Risonha e tagarela, Fortunata é a imagem da onda mansa, que vai e que vem, sempre no mesmo

caminho sem deixar traços de si; água que se desfaz em água e cujo trabalho não consiste senão em avançar para retroceder. O seu riso tem a espontaneidade daservas nativas, que brotam em qualquer terreno mas nunca chegam a dar nem flôr nem fruto.”

BIÉ E NITA

“Encontrei-os no Leme, deitados de bruços na praia, rabiscando com os dedinhos na areia. Estavam quase nus. Aproximei-me. Não percebi os desenhos que faziam. Perguntei-lhes que era aquilo, responderam sorrindo: — cartas. Eu não entendi nada, mas eles entendiam tudo; diziam-se que se amavam. Assim as gaivotas, quando vôam umas após outras, vão traçando com as penas das asas no ar e na onda as expressões do seu amor...”

FLAVIANO

“O olhar deste mestiço tem reflexos de punhal na sombra... Será sugestão de Otelo? Talvez. Realmente, sempre que o vejo com a Maria Adelaide, acodem-me á idéa o mouro de Veneza e Desdémona. Mas o que possa haver no outro de franqueza, traduzo neste por perfidia... Flaviano é como uma corrente viva, redemoinhando na água sobre um único ponto... sempre, sempre, sempre.”

MARCOS

“Alto como um mastro, rijo como um penedo, ele tem nos olhos claros lealdades de farol.”

ADA

“Em vão tento studia-la e mais em vão enten-
dê-la! Ela é bonança, tempestade, luz de raio e luz
de estrela, onda que mata e porto de salvamento;
volúvel como o vento, poderosa como o destino! Nas
suas mãos pequeninas *serei, bem o sinto, o que ela
quizer que eu seja...*”

As mãos do coronel tremiam; ele releu:

Serei o que ela quizer que eu seja!... Ah! mal-
dita, e era assim! O seu filho compreendera-o já e
não reagia contra tal predomínio?! Onde estava en-
tão o juízo, a providencia, a vontade do homem?

Num desespero frenético, revolveu mais papeis,
escolhendo só os que falavam de Ada, em períodos
avulsos e entrecortados. Leu ainda:

— “Como o primeiro amor de Renan, *la petite
Noemi, qui mourut parce qu'elle était trop belle*, eu
quereria, não que a minha Ada morresse, mas que
ocultasse a sua beleza, disfarçando-a de tal modo que
só eu a notasse. Ah! mas a vaidosa ama-se mais do
que me ama a mim.

Em todo o mundo nunca houve senão uma
Noemi...”

Ainda numa outra folha, já amarrotada, o co-
ronel leu:

“Eu tinha jurado não tornar a vêr Ada; mas de
que serve jurar o que se não póde cumprir?! As pro-
messas que faço a mim mesmo desfazem-se como
bolhas de sabão, pela alegria — se a vejo, ou pela
saudade — se deixo de a vêr...”

Bastava. O coronel atirou raivosamente a papelada para dentro da gaveta e saiu para a rua. Fôra bom aquilo. Afiara-lhe os nervos. Se Rui se deixava assim prender de corpo e alma nas mãos de Ada, ele saberia arranca-lo delas.

A's duas horas em ponto entrou cerimoniosamente no salão de visitas do senador Guidão; não consentiu em ocupar a cadeira que o criado lhe apontou e fez timbre em ficar de pé, com a cartola na mão, na atitude do mais profundo respeito... Poucos segundos esteve sózinho. Abriu-se uma porta do interior e Rôla entrou.

Ela vinha extremamente palida. Os cabelos, de um castanho cobreado, emolduravam-lhe a fronte alta em dois bandós lisos, rematados por um rolo forte na nuca. Os seus passos não faziam bulha; ela deslizava contrafeita sobre o assoalho encerado, como puxada por um sêr invisível. Caminhou assim até se deixar cair numa poltrona, ao lado do sofá. Vinha com uma saia de lã preta escorrida e uma blusa verde-garrafa de setineta. Entre o negro da saia e o tom sombrio das mangas, as mãos alvejavam, longas e palidas, como procurando aflitivamente os gestos convenientes que não encontravam...

O coronel não se moveu uma linha do lugar em que estava; apenas um sorrizinho lhe encrespou subtilmente os pelos curtos do bigode. Zumbia uma abelha, debatendo-se contra os vidros da janela fechada. Nenhum sussurro mais.

Estiveram assim uns minutos. Rôla percebeu que seria ela quem houvesse de falar primeiro, mas a ti-

midez daquele momento angustioso fê-la esquecer as palavras que ensaiara desde a vespera, em casa, e que viera repetindo mentalmente pelo caminho... Disse outras, com esforço, começando baixinho, em tom de queixa:

— Desde que morreu D. Angela, toda a gente me diz que o senhor tem raiva de mim... Dantes... confesso, isso não me atormentava muito, porque supunha que pudéssemos viver muito bem cada um para seu lado... mas... ha tempos, as cousas mudaram, como o senhor sabe... e agora, achei que era precisa uma explicação...

O coronel não indagou nem respondeu. Continuou imperturbavel. Aspirando com força o ar que a oprimia, Rôla proseguiu, já com um timbre mais vibrante de voz:

— Pedi-lhe esta entrevista, só para saber uma cousa: se sou eu a causa da sua opposição ao casamento de Ada com Rui...

O coronel deu á fisionomia uma expressão quasi cómica de fingida surpresa e de interrogação.

Esperando em vão uma resposta, e córando até á raiz dos cabelos, Rôla continuou:

— Rui gosta de Ada... o senhor não o ignora... todo mundo o sabe. Minha filha é uma moça sem familia, é verdade, mas honesta, trabalhadeira e de bom coração... Não acredito que o senhor, que é pai, vote ódio á pobre menina, por faltas de que ella não é culpada... Suspeito por isso que o motivo da sua antipatia esteja em mim...

O coronel sorriu com desdém.

— Nesse caso o que lhe posso empenhar para a felicidade de seu filho é a minha palavra de que no dia em que Ada se casar com ele... eu desaparecerei para sempre!

Desta vez o coronel saiu do mutismo, com um rizinho de escárneo, logo reprimido. Como a abelha continuasse a debater-se de encontro aos vidros da janela, doida pela liberdade lá de fóra, ele condoidamente abandonou a rigida posição em que conservava desde a entrada e foi abrir a folha da vidraça, para felicidade do insecto. Depois, tornando a fechar a janela, voltou até junto de Rôla, que olhava para ele atónita, e perguntou-lhe então num fio de voz de que reçumava a ironia:

— E quem me afiançaria a sua palavra?

Ela tornou-se livida; ele sorria sempre.

— Oh, o senhor é terrível, exclamou Rôla, com vivacidade. Compreendo o seu pensamento; quer dizer que uma fraca mulher, só porque errou uma vez na vida, não pôde ser acreditada nem...

— Nem? interrompeu ele com um relampago de curiosidade a fuzilar-lhe nos olhos.

— Nem atendida... concluiu ela mais baixo.

Na verdade o seu pensamento fôra outro. Ela ía concluir: — quer dizer que uma fraca mulher, só porque errou uma vez na vida, não pôde ser acreditada nem por um assassino de mulheres? O coronel, muito desconfiado, percebera a intenção e fixava agora nela com raiva as suas pupilas côm de aço.

— O senhor cavará a sepultura de Rui, se o contrariar. Não digo isto para comove-lo; é a minha

convicção. Se eu tivesse menos coragem já teria saído por aquela porta; mas jurei ir até ao fim. Repito a proposta que lhe fiz e a que o senhor não respondeu; se é a minha pessoa que o impede de consentir no casamento de Ada, eu desaparecerei para sempre.

— A sua pessoa!... que me importa a mim a sua pessoa!

— Então...

— Ora essa, acho muita graça no seu espanto, como se se não lembrasse de que essa moça é uma engeitada... uma...

Foi tão perversa a expressão do coronel ao dizer estas palavras, que Rôla, vibrando de indignação da cabeça aos pés, replicou, soerguendo-se precipitadamente:

— Se é por isso, antes ser engeitada do que ser filho de louca!

O coronel avançou para Rôla, que, já arrependida, punha as mãos num gesto de suplica, falando com doçura:

— Para que me obriga a dizer cousas que eu não quero dizer?! Seu filho adora minha filha, ele é todo sentimento, todo bondade e intelligencia... é a imagem viva da mãe, que o senhor tão mal comprehendeu! Se o contrariar não teme que lhe venha a acontecer o mesmo que sucedeu a D. Angela? Diga! Ada é engeitada, mas tem saúde, tem alegria, tem beleza...

— Prefiro vê-lo morto.

— Oh!

— Prefiro vê-lo morto; ouviu bem? insistiu o coronel, aproximando o rosto duro do rosto espantado de Rôla; antes morto que marido dessa...

— Não a insulte! atalhou Rôla quasi num grito.

— Fale baixo, ordenou ele, e curvando-se continuou: — volte para a sua casa e diga á outra que o filho de uma louca só se deve casar com uma mulher de juizo.

— O senhor não me entendeu. Eu tenho medo do futuro e quis evitar o mal. Fique certo de que Rui saberá dispensar o seu consentimento; mais alguns meses e ele será maior. Eu não queria que fosse assim; mas o senhor quer, lavo daí as minhas mãos.

O coronel estacou, pela surpresa daquela idéa, que lhe não ocorrera, e, procurando repelir tal ameaça retrucou num gesto decisivo:

— A senhóra não sabe o que diz. Esse casamento é impossivel.

— Mas impossivel por que?!

— Basta o que afirmei. Não posso dizer mais nada.

— Não basta; não me aventurei a este sacrificio para respeitar razões ocultas. Quero saber porque é que Rui não se póde casar com Ada...

— Ora porque... porque Ada é...

O coronel susteve-se, procurando os termos para completar a sua frase, ao mesmo tempo que uma idéa diabolica feria repentinamente o cerebros de Rôla. Seria Ada filha do coronel? O espanto augmentou-lhe o tamanho dos olhos; um arrepio gélido,

nervoso, percorreu-lhe o corpo, dos calcanhares á nuca. Ele observava-a agora, um pouco espantado do efeito produzido pelas suas meias palavras... mas era tão clara a expressão daqueles olhos e daquelas faces descaídas pelo assombro, que ele, num relance, compreendeu a suspeita que se debatia naquella pobre alma. O espirito de um comunicára-se ao do outro, sem que fosse proferida a ultima confidencia. Como aquella suspeita fosse uma arma, o velho apoderou-se dela sem relutancia; por isso, quando Rôla, ainda sufocada, indagou:

— Diga a verdade; só isso o desculpará. Ada é sua...

Ele apressou-se em cortar-lhe o fim da frase, fazendo um gesto afirmativo.

E continuou firme de pé. Rôla deixou-se cair como um trapo sobre o espaldar da cadeira. As lagrimas corriam-lhe agora em fio pelas faces pallidas. Toda ella era amargura, toda ella era alma! O coronel sacudiu-se. Retomou o chapéu que em um momento depuzera no sofá e, com um brilho de inquietação a tremeluzir-lhe nas pupilas, esperava que passasse aquella crise de choro para se ir embora.

Depois de um largo espaço de prostração, ella murmurou:

— Por que não declarou isso desde o principio?! Se Rui soubesse que Ada era sua irmã, tel-a hia amado de outra maneira... Pobres crianças... que vai ser delas!

— Não lhes diga nada. Ordenou o coronel, muito agitado.

— Como não?! mas é indispensavel que todos, todos saibam quem é o pai da minha pobre Ada, para que a não acusem de leviana... Ninguem ignora que ela é a namorada de Rui; quero que saibam porque não será sua mulher! Não a engeite mais uma vez! Como o senhor é máu!

Ele, confuso, girou em silencio pela sala; depois sentou-se bem perto de Rôla e falou-lhe rente aos ouvidos:

— E' que não tenho a certeza... sabe? suspeito apenas... a mãe era casada... Ada tanto pôde ser minha filha... como não ser...

Rôla afastara o corpo e olhava de face para o rosto transtornado do pai de Rui. Os seus olhos tinham-se-lhe secado de repente e mergulhavam agora, ávidos, agudos, nas pupilas turvas do coronel.

— Pouco importa; ser; preciso declarar isso mesmo a seu filho...

— Não..

— Sim!

— Não!

— Nesse caso, ele esperará a maioridade e casar-se ha com Ada, quer ela seja ou não sua irmã!

— Isso seria um crime!

— Não será o primeiro cometido na familia...

— A responsabilidade será sua!

— Será nossa, visto que o senhor não se declara...

— Nem me declararei nunca!

Rôla apertou a cabeça com as mãos; não podia compreender aquilo.

— Nem a senhóra dirá nada a ninguém! a ninguém, ouviu? Prometa que isto ficará entre nós dois só...

— Não prometo. Os seus segredos pesam demais... O meu interesse é espalhar este por toda a parte!... Basta-me o outro! O senhor esqueceu-se...

Ele fez um gesto que se calasse. E com voz prudente:

— A senhóra fala muito alto. Lembre-se de que não estamos em nossa casa... Por hoje basta. Pense no que lhe vou dizer: Rui é excessivamente sensível; a declaração deste segredo causar-lhe hia um mal horrível... um mal irremediável. E' prudente agir de um outro modo; empenhemo-nos de preferencia em separar esses namorados... ele exactamente agora precisa de muita calma para os seus estudos...

— O senhor só pensa no Rui... e ela?!

Ele fez irreflectidamente um gesto de indiferença, rematando, com um sorrizinho:

— Case-a com outro... talvez não seja preciso procurar muito... hein?!

Rôla levantou-se indignada. Uma onda de sangue coloria-lhe agora o rosto, até então lívido.

— Mas que espécie de homem é o senhor, que...

— Não perca tempo com palavras inúteis. A nossa comédia dura ha quasi uma hora... e começo a sentir-me fatigado. Suponha que eu lhe menti, e resigne-se. Isto de entrevistas... só de amor, e em outras idades... Não tenho mais nada a dizer, e passe muito bem.

Petrificada, no meio da sala, Rôla não fez sequer um gesto. Ele voltou-lhe as costas com indiferença e saiu. No patamar da escada do jardim encontrou D. Delfina, que subia com as mãos carregadas de flôres. Ele gabou-lhe as rosas e ofereceu-lhe um casal de pombos brancos, que lhe mandaria nessa mesma tarde.

— Aqui está um homem bem delicado... pensou de si para si a esposa do senador Guidão.

XVII

D. Ricarda cosia á maquina no seu cantinho costumado, quando Rôla entrou em casa. A viúva abaixou a cabeça, para contemplar a amiga por sobre os olhos e indagou:

— Você está doente?!

— Não, D. Ricarda, estou triste... Que é de Ada?

— Saíu. Foi á cidade. Disse que era dia de dentista... Eu nem sabia que ela estava tratando dos dentes!...

Rôla parecia já não ter forças para falar, mas murmurou ainda:

— Sózinha?!

— Não... parece que já tinha combinado tudo com a filha da vizinha, ali defronte. Foram juntas. De chapéu, de véu... umas pimponas!

Rôla sentou-se ao lado da viúva, com ar abatido, sem coragem de ir mudar de roupa.

— Sabe quem veio cá, logo que você saiu? o Flaviano. Trouxe uma tampa de cajús e pediu empres-

tados cinco mil réis... Sáem sempre caros os presentes do Flaviano...

— Coitado, ele tem estado doente...

— Hum...

Houve um momento de silencio, em que a viuva teve de prestar a maior atenção á costura. Estranhando depois a prostração de Rôla, perguntou:

— Mas, por que é que você está assim?

D. Ricarda era uma amiga segura, grandemente criteriosa e bôa conselheira. Sem sair do angulo mais iluminado da sua saleta de costuras brancas, onde trabalhava para camisarias e particulares, ela criticava com acerto acções alheias e as suas sentenças eram tão exactas, que Ada costumava chamar-lhe com antipatia — boca de praga. Rôla tinha por ela um grande respeito. Fôra D. Ricarda quem lhe dera a mão para transpôr o passo mais penoso da sua existencia e que a auxiliava ainda a viver. Dela só lhe tinha vindo beneficio e consolação. Assim, contou-lhe ponto por ponto todos os episodios da sua entrevista com o coronel. Acabou chorando.

— Você foi tola em se aproximar de um homem que tantas vezes nos tem desfeitoado, e que a estas horas se está rindo da sua credulidade. Depois, para quê? Estou certa que ele é tão pai de Ada como eu sou a mãe; mas tambem isso pouco importa. Ela já não gosta do Rui...

— Não diga isso, D. Ricarda!...

— Foram passos no ar. E' o que lhe digo. Ainda ontem de tarde, Ada estava ali no banquinho polido as unhas, quando Rui passou e deu o sinal

do costume... Ela nem se moveu. O rapaz andou ai fóra para traz e para diante, repetindo os assobios. E ela indiferente... Por fim, com pena dele, ainda a avisei: — parece que é o Rui!... ela levantou os ombros, com pouco caso.

— Algum arrufo...

— Pois sim!

— Afinal?

— Afinal, ele cançou-se e foi-se embora. Um dia irá de todo e o pai ficará contente. Vocês andam no mundo da lua e não percebem o que se passa embaixo do seu telhado! Ada não é a mesma; está alvoroçada, mais faceira ainda... e mais bonita...

— E' por causa dos banhos de mar...

— Qual o quê! é por causa do Eduardinho, isso sim. Cá por mim de quem tenho pena é do Rui, que nem estuda direito, anda com a cabeça á roda. O que vale é que tudo passa neste mundo, e que por maior que seja um primeiro amor, vem outro depois... Por um lado o pai tem razão. O rapaz terá por força de mudar de idéas...

Desde esse dia Rôla começou a observar a filha com redobrada atenção. Não queria crêr na advertencia da viuva. Ela sabia bem que Ada não era extremamente sentimental; mas julgava conhecer a fundo o seu character sincero. Se tivesse deixado de amar o Rui, ela não o entreteria com promessas e sorrisos vãos, nem lhe leria as cartas... Se ela dava um bocadinho de corda á côrte do Eduardinho, era por faceirice e sem a menor intenção de um desenlace positivo; bem sabia que esse moço voltaria em

breve para os seus estudos em S. Paulo, e que faria então dela tanto caso, como da primeira camisa que vestiu. Ada era mais inocente do que os outros supunham e era a sua propria ingenuidade que a comprometia. A gente maliciosa estraga pelos seus máus pensamentos os actos da mais sincera confiança. Se Ada fosse uma hipocrita, uma sonsa, todo o mundo a acharia um anjo; como era alegre, expansiva e franca, todos desconfiavam dela. Pobre da sua filha!

Defendendo Ada diante dos seus pensamentos, Rôla debatia-se ao mesmo tempo na idéa de declarar ou não a Rui tudo o que lhe tinha dito o coronel na malfadada entrevista de Ipanema. Previa que o rapaz lhe haveria de perguntar por tudo, e ela não teria coragem para dizer a verdade! Toda se arrepiava revendo a expressão do coronel e o sentido das suas palavras. Quando teria ele mentido? na hora em que afirmava, ou naquela em tinha negado uma paternidade que era um estorvo á felicidade daquelas pobres crianças?!

Para não ouvir conceitos injustos a respêito de Ada, Rôla deixou de falar á viuva nos enredos que a consumiam. Cada dia que principiava era para ela um martírio, pensando nos assaltos de Rui, que não cessava de pedir que lhe repetisse as palavras do pai. Na porta do João Sérvulo, uma vez a insistencia fôra tamanha, que ela, atralhada e nervosa, respondeu que o coronel tinha tido razão no que dissera. Rui devia cuidar da sua saúde e dos seus estudos. Não lhe podia dizer mais nada.

O moço pressentia a mentira, e desesperado por saber pormenores por que ansiava, desatava a queixar-se de Ada, que ora lhe escrevia cartas enormes cheias de paixão, que o alvoroçavam, ora bilhetes laconicos... ora passava dias e dias sem lhe mandar uma simples letrinha...

Rôla voltava scismando para as suas costuras. O raio ha de cair, pensava ela, sentindo a tempestade sobre a cabeça da filha e do Rui; mas como cairá ele, Senhor?!

Uma manhã, em que exactamente tinha acordado mais tranquila, acompanhando Ada ao banho, encontrou, junto á *Guanabara*, o Eduardinho Guedes, já em trajes de banho, pronto para o mergulho. O coração bateu-lhe com uma suspeita. Por que viria o estudante á enseada da Igrejinha, quando tinha ás portas da casa do avô a praia do Ipanema? Num impeto, que a prudencia susteve a tempo, esteve quasi a indagar o motivo daquela extravagancia. Aproximando-se de ambas, com um riso largo em que os dentes brilhavam muito brancos, ele cumprimentou Rolinha, olhando para Ada.

A moça atirou o enxugador felpudo que a envolvia para o rebordo da *Guanabara* e estendeu ambas as mãos ao estudante, para entrarem juntos na água. Ele fixou-lhe os braços nús, os pés, de que ela sacudira as sandalias, e o colo, emergindo muito branco da flanela preta, e foi-a puxando docemente, vagarosamente, para o mar.

Petrificada de espanto por aquella scena inesperada e vexada pela humilhação de se vêr ali como

a mais reles das criadas, Rôla encostou-se á canôa para aguentar o corpo que desfalecia. Que fazer agora senão esperar o fim daquela entrevista, que ela não cortaria sem escandalo nem ofensa? Sim, porque aquilo era uma entrevista... houvera, com certeza, combinação... Ada fazia-a representar um papel de cumplice...

Na água mansa, o Eduardinho ensinava agora Ada a nadar. As suas mãos magras, de longos dedos, tacteavam-lhe o corpo esbelto e lindo, suspendendo-o sobre a água mole, fazendo-o ir e vir de um a outro ponto. Ela agitava-se, ria-se, ou, obedecendo por momentos ao conselho do mestre, deixava-se levar por ele passivamente, executando os movimentos da natação, para logo os interromper com risadinhas amorosas...

Punha-se depois em pé, desaparecia num mergulho, voltava a aparecer e deixava-se deitar de costas, boiando, com os olhos para o céu, os braços brancos abertos, como uma cruz de mocidade, em extase para o azul do céu. O Eduardinho a seu lado, em pé, olhava-lhe todo curvado para a carne nua do colo, dos braços, dos artelhos e dos pés... até que, reagindo, e debatendo-se na onda, ela procurava levantar-se, sacudindo sobre ele as madeixas dos cabelos empapados... A água espreguiçava-se numa volupia, deitando-se na areia em ondas cansadas. Toda a manhã era como um suspiro de amor...

Rôla impatientava-se. Aquele banho parecia não ter fim. Quando o julgava acabado, eis que recommçavam os exercicios natatorios. Eduardo movia os

braços compridos em gestos exagerados, como se se quizesse fazer compreendido de longe e só parava para, segurando o cinto da moça, obriga-la a executar mais uma vez os mesmos movimentos.

Assim iam e vinham, juntos e semi-nús, no mysterio da onda. Houve um momento mesmo em que o Eduardinho se curvou tanto sobre a cabeça de Ada, que pareceu a Rôla querer beija-la; sacudida então pela indignação, ela ia gritar, quando ouviu um grunhido de animal atraz de si, na *Guanabara*, rente do seu pescoço. Voltou-se sobresaltada. Pedro mudo estava dentro da canôa, sentado sobre um rolo de cabaria com os cotovelos fincados nos joelhos, o queixo pousado nas mãos e os olhos luzindo, luzindo para o grupo de banhistas. A sua pele mole, còr de tabaco fresco, toda se engelhava nas faces arrepanhadas pelos dedos; as orelhas largas arfavam como agitadas pelo vento; ele ria-se, e aquele riso vinha como um sopro do deserto, cheio de cousas ignotas...

Pela primeira vez em sua vida, Rolinha teve medo daquele homem. Nas suas pupilas pequenas brilhava um fio de intelligencia maldosa; ele exprimia bem agora uma velha definição do Rui: — a malicia de um sátiro numa sepultura de carne.

Vencendo a comoção que a abalava e ainda mais com o sentido de desviar o olhar atrevido do caboclo de cima daquele quadro que tanto o deleitava, a costureira pousou-lhe a mão no ombro e chamou-o. Ele

não fez caso dela. Rôla então postou-se bem defronte dele, interceptando-lhe a vista, para obriga-lo a pensar noutra cousa. Ele grunhiu como um porco e inclinando-se todo continuou a olhar para os banhistas.

Desesperada, Rôla avançou até á borda da água e gritou para a filha que saísse.

Nunca a sua voz fôra tão imperativa.

Regressando a casa, Ada apressava-se na frente da mãe, toda enrolada no enxugador, sem consentir em observações. Só depois de mudada a roupa e alizado o cabelo, confessou que fôra a pedido seu que o Eduardinho começara os banhos na enseada da Igreja, com o fim de ensina-la a nadar... Rôla declarou-lhe então, peremptoriamente, que aquele fôra o ultimo banho. Avisasse D. Leonor para comunicar isso mesmo ao sobrinho. Ada amouou. Queria continuar; estava anemica... defendia a sua saúde e não daria satisfação aos papalvos de Copacabana. Que mal havia em que o Eduardinho a ensinasse a nadar? Ela não era peixe, para saber tal prenda sem ter um mestre... Fizessem como ela, que não se importava com a vida dos outros. Demais a mais não vira conhecidos na praia... Só o mudo. Mas esse ou ninguem, era a mesma cousa. Que a mãe se deixasse de fantasmagorias!

Mas a mãe desta vez persistiu no seu proposito: Aquele fôra o ultimo banho. A responsabilidade afinal era sua. Conhecia a lingua do mundo.

Do seu canto, emergindo entre os .morins das roupas brancas, D. Ricarda assistia á contenda, sem dizer sim nem não.

Por vezes os seus olhos se encontravam em relances significativos com os olhos de Rôla, mas logo se desviavam para o caseado das camisas...

Ada sacudia-se, espalhava no ar a humidade dos seus cabelos negros e abundantes, excitava-se, falando com vivacidade nervosa. Apostava em como todos aqueles medos eram por causa do Rui, que não atava nem desatava, com receio do pai! O velho implicante, que teimava em viver, quando morria tanta gente bôa!

Se a apoquentassem muito ela acabaria com tudo, logo de uma vez!

Rôla atalhou:

— Por força: se você já não gosta de Rui, deve ser franca, e não entreter o pobre rapaz com esperanças mentirosas!

Ada empalideceu e estacou. Não. Ela queria muito bem ao Rui, desde mocinha... Vê-lo sofrer seria para ela a cousa mais horrivel deste mundo; mas ele exigia dela sacrificios sobrehumanos... Julgaria alguém possivel que ele consentisse em desobedecer ao pai para casar-se com ela?! Não.

Ele era um fraco. Só obstinado no ciume... Sómente ela, Ada, não teria a passividade de uma dona Angela... ah, isso é que nunca!

— Você não compare Rui ao pai! protestou Rôla.

— O sangue é o sangue, mamã!

— E' pena que você não se tivesse lembrado disso.

ha mais tempo... em todo caso, ainda não é tarde. Onde está o anel que ele lhe deu? Eu mesma o levarei hoje com as suas despedidas, porque eu não quero que ele viva enganado. Acredite mesmo que o único desgosto que tenho com este rompimento é a certeza do que ele vai sofrer.

— A senhóra sempre gostou mais dele que de mim...

— Isso é uma tolice. Mande-lhe o anel e nunca mais falarei nesta historia. Mesmo porque ela não me dá satisfação nenhuma...

Mas não houve palavras capazes de decidirem Ada a entregar o anel nem a desenganar o namorado. Queixava-se de que a não compreendiam, que a atormentavam; acusava os outros, debatia-se num grande desespero. Concedeu interromper os banhos; deixou de ir uns dias á casa do senador Guidão, pôz-se a escrever cartas ao Rui, a correr á janela mal lhe ouvia o sinal. Apesar de ser indiferente aos versos, decorou os ultimos mandados por ele; toda ela arfava, empalidecia num ardor concentrado, que lhe pisava os ilhos, fazendo-os mais sombrios e mais lindos.

O seu aspecto tornara-se meditativo, o seu andar mais pesado. Saía menos. Esquecia-se ás vezes o dia inteiro com o mesmo vestidinho velho, desde pela manhã.

E foi por essa semana de sossego que chegou aos ouvidos de Rui que o Eduardinho Guedes passara uma vez uma longa hora metido nágua a fazer Ada nadar.

Aquela noticia fê-lo escrever immediatamente á moça, num desatino: "com outro qualquer não se importaria... mas conhecia o character e as intenções do Eduardinho... já a tinha avisado; para que insistir numa convivencia perigosa? Ele não via no mundo outra mulher, ela era a sua idéa fixa, a sua estrela, a razão única da sua vida, e era assim que correspondia a tanto e tão longo amor?!"

A carta não tinha ameaças, como as dos outros tempos; tinha supplicas.

Ele entregava-se como um escravo nas mãos de Ada. Ah! se fosse rico, depositaria a seus pés, para realce da sua formosura, todos os seus tesouros... Já não lhe pedia que se fizesse feia, como a dôce Noemi de Renan, por amor dele; no seu egoismo de homem insuflava-lhe a chama da vaidade, perguntando-lhe do fundo da sua ansiedade que desejaria ela além dos seus beijos e do seu amor em extase... Oferecer-lhe hia a lua, as estrelas, o firmamento constelado, todos os seus sonhos de poeta amoroso, todas as suas ambições, para que ela não pensasse, nem fugitivamente, em mais ninguem, e soubesse esperar até o dia em que, maior, assente na vida, ele a fosse buscar para a doçura do seu lar!

Desatava então em frases apaixonadas a descrição dessas horas honestas de amor consagrado, numa habitação pequena como um ninho, em que ambos trabalhassem e amassem como as aves... A febre alastrava-se incendiando outros periodos em que ele afirmava que depois de formado tambem ele a levaria a passios vertiginosos em automoveis, através das

avenidas chamejantes... também ele a levaria aos teatros e aos cassinos, onde a sua beleza refulgisse como um astro. Propunha tudo, oferecia tudo, compreendia afinal que a mocidade de Ada tinha exigências diferentes da sua mocidade de sonhador; penitenciava-se arrependido do seu rigor antigo, daquela absurda imposição de a fazer disfarçar a sua beleza, justo motivo do seu orgulho. Ela que lhe perdoasse uma, muitas vezes. Prometia trabalhar como um doído, só para poder leva-la a bailes com vestidos sumptuosos, que se arrastassem rugindo no chão; cobri-la-hia de joias e de flôres raras, — mas que, pelo amor de tudo o que mais quisesse, o amasse a ele só, só, só!

A carta palpitava nas mãos trémulas de Ada. Um grande espanto mesclado de piedade invadia-lhe a alma a cada letra. Rui a oferecer-lhe passeios vertiginosos... sedas de bailes... noites de teatro... com que dinheiro?! Ele, tão modesto, sem haveres, eternamente distraído e eternamente observado pela vigilância de um pai sovina e pobre, onde iria, senão em imaginação, buscar esse luxo tentador que lhe oferecia como prémio de um amor de que exigira dantes tantos sacrificios?! O vulto de Rui, com os seus ternos de casemira baratos, as suas gravatinhas de linho, os seus chapéus inferiores, passou-lhe pela mente, num contraste ridículo com aquela linguagem recamada e opulenta... Teve ao mesmo tempo vontade de chorar e vontade de rir...

Nessa noite mal dormiu. Repetia em sonhos o sentido da carta de Rui, vestindo-o com a pele e as roupas de Eduardinho... Aquela confusão pô-la

nervosa. Não sabia como responder áquelas palavras de fogo; suspirava pela morte.

Nesse mesmo dia, á tarde, um criado do Dr. Guidão levou-lhe um bilhete. Era de D. Leonor, chamando-a para ajuda-la a vestir-se para uma festa.

Ada não vacilou; os pedidos da amiga constituíam ordens para ela. Como deixar -de obedecer prontamente á vontade de uma pessoa que lhe dava vestidos de seda e a fazia passear a seu lado de automovel pelas rúas da cidade? Tinha determinado responder naquele momento á carta delirante de Rui, mas já então adiaria isso para depois. . . afinal, adviera-lhe com a experiencia de certos factos a certeza de que o amor dele parecia aumentar a cada provação. Assim, mais uma, menos uma, que importava?

Alinhavando em mente as ponderações e afirmativas que tencionava escrever no dia seguinte ao Rui, numa carta séria e carinhosa, ela foi caminhando para a casa do senador. Logo á entrada, no patamar da escada exterior, deu de rosto com Eduardinho, refestelado numa cadeira de vime, apreciando um havana. . . A' sua vista, ela não percebeu se era contrariedade ou alegria o que sentia. Ele estava só; ao senti-la perto, levantou-se e puxou-a suavemente para si, num aperto de mão lento e amoroso.

O criado que a tinha acompanhado sumira-se por uma portinha do porão. Ada viu-se sózinha ao lado do homem de quem determinara fugir. . . Ele envolveu-a toda num olhar que ardia mais que a ponta em brasa do seu charuto. Todo ele rescendia a tabaco fino e a um discreto aroma de água de *toilette*.

As casemiras inglesas, bem talhadas, do seu terno claro, realçavam-lhe a elegancia das linhas. Ada observou tudo num relance, com vaidade, satisfeita de ser querida por um rapaz assim...

Todo o corpo lhe tremeu no momento em que, fixando os seus olhos de veludo nos olhos dele, ouviu Eduardinho murmurar sofregamente:

— Adoro-te!

Ada não teve tempo de responder, D. Delfina, fazendo ranger com força a porta de vidro, appareceu no limiar.

Que entrasse, Leonor esperava por ela; já que a puzera naquele costume, que a fôsse pentear e vestir... Sempre estava ficando uma exquisita, aquela Leonor!

Atravéz das suas palavras sentia-se o travo de um aborrecimento. Nem permitiu á moça o apertar-lhe a mão, disfarçando com volta súbita o gesto de cortezia que desmanchou. Ada seguiu-a embaraçada, e o Eduardinho, que adivinhára o motivo do máu humor da avó, levantou os ombros, sacudindo a cinza do charuto sobre as trepadeiras do gradil...

De que valeriam aquelas zangas, se já tinha resolvido que Ada havia de ser sua!

Enquanto no quarto, picando-se em alfinetes, enfiando e desenfiando agulhas, a moça se arrastava de joelhos no chão, corrigindo os defeitos do vestido da amiga, cuja imagem se reproduzia impassivel no cristal do espelho, lá fóra o estudante, de olhos semi-cerrados, antegozava num devaneio o prazer de a cingir nos seus braços... Não saíria dali sem tornar a vê-la,

sem lhe dizer de um modo ainda mais expressivo que a amava. A avó que tivesse paciência... Persuadiase de que Ada nascêra para uma das melhores horas da sua existencia e não se resignaria a perde-la...

Uma sombra veio contraria-lo. Rôla appareceu, enrolada num chaile. Vinha doente, buscar a filha que lhe tardava... A sua voz era como um suspiro.

Desde essa tarde a inquietação de Ada era tamanha, que toda a gente a notava. As costuras, frequentemente interrompidas, arrastavam-se por sobre a mesa e a cama, sem terem fim. A carta do Rui ficára sem resposta; não atinava com os termos para escrever-lhe. A's vezes, ouvindo-lhe o sinal e sentindo-o perto da janela, corria para abri-la, mas logo recuava, toda vermelha, escondendo o rosto nas mãos geladas.

Entretanto, Eduardinho tivera a habilidade de arranjar um novo passeio de automovel, uma noite. Para que a avó, já desconfiada, se não opuzesse, ele saíra de casa só com a tia, a D. Leonor, ainda ignorante da astúcia, e fôra afoitamente parar á porta de Rôla.

Percebendo o stratagemma do sobrinho, a moça retraiu-se, muito sevêra, como ofendida pelo papel que a faziam representar á força. O Eduardinho era muito demonstrativo para que o não comprehendessem; ela voltou para ele um olhar de repreensão, recebido com absoluta indiferença.

Rôla acudiu a desculpar a filha, que era forçada nessa noite a fazer serão para acabar umas costuras... agradecia muito o convite, mas não podia aceder...

A' relutancia de Rôla em consentir no passeio, Eduardo pretextava que seria esse o ultimo e duraria curtos instantes. Era uma noite de iluminação na cidade e a bôa titia Leonor só consentiria em ir na companhia de Ada!

Leonor não esboçou nem um gesto com que respondesse a um olhar interrogativo de Rôla.

Sem atender á recusa da mãe, Ada gritava de dentro que esperassem, e mudava ás pressas, febrilmente, uma blusa de cassa, apertava sobre a saia de lã um cinto velho de seda, colhido ao acaso, na atribulação da azáfama e punha sobre as ondas negras dos seus cabelos maravilhosos um chapéu de palha puída, em que uns ramos de papoulas rubras descaíam amarratados e encardidos sobre os filós das abas. Quando appareceu no limiar da porta, Eduardinho estremeceu de alegria. Rôla gaguejava ainda um — não — tímido, e a filha saltava para o automovel com um movimento decidido.

Na certeza de que as mulheres preferem os audaciosos, o Eduardinho sentou-se ao lado da moça e comeu-a com olhos de faminto. O automovel rodava, como se fosse levado pelo vento.

As ruas de Copacabana e de Botafogo desapareciam numa vertigem. D. Leonor, sentada de face para o sobrinho, parecia uma esfinge. Nem um músculo do seu rosto palido se contraía e os seus grandes olhos sérios pareciam ainda mais tenebrosos. Por ironia ou por querer fugir ao contacto da amiga, ela tinha-lhe cedido o seu lugar sem dizer uma única palavra. Ada aceitára inconscientemente o favor, sem

notar mesmo o amúo da outra. Pouco a pouco Eduardinho apoderava-se da sua mão, disfarçadamente, esmagando-a em pressões repetidas e dôces, e falando-lhe baixo, quasi rente ao ouvido.

Ele dizia banalidades, que a titia ali em frente poderia ouvir sem estranheza se quisesse prestar atenção, e não era o sentido das palavras, mas o tom amoroso da voz em que elas eram ditas que significava tudo. O seu corpo ardia como uma fogueira ao lado da moça...

Quando entraram no fervilhamento de luzes da Avenida Central, Ada sentia-se desmaiar. Ia como num sonho. Toda a rua tumultuava, palpitava, sob a onda movediça do povo, dos carros e dos automoveis cheios. Até do asfalto e das pedras inanimadas das calçadas irrompia a animação da febre. Olhando por entre as palpebras alquebradas para as tres enormes filas de luzes, Ada tinha como que a sensação extravagante de que elas teriam sido acendidas em seu louvor! Nunca a certeza da sua formosura lhe sugerira uma idéa tão clara do seu prestigio na terra; afigurava-se-lhe que toda a gente voltava para ela os olhos, como para uma rainha que passasse num cortejo admiravel.

Outros automoveis se cruzavam com o seu; alguns conduziam mulheres menos belas do que ela, mas refulgindo de luxo e de pedrarias. O Eduardinho comentava o gosto e a elegancia de certas mulheres: Ah, ele detestava a fita amarrotada... os leques de papel... os vestidos baratos... o calçado inferior... A mulher que fôsse sua só trajaria sedas

e rendas e exalaria o odor das mais raras essencias... Ele adorava as esmeraldas, cada vez mais preciosas... o fulgor dessa pedra fazia-o devanear cousas divinas. Compreendia o monoculo de Nero. Daria á sua noiva um colar rutilante de esmeraldas quando se casasse... mais tarde, ao sentir-se triste, bastaria repousar a cabeça sobre os ombros da amada e vêr-lhe a carne moça através do lampear verde das pedras, para julgar-se num astro...

Toda a rua fulgurava nas lâmpadas electricas e combustores de gaz. Ada tinha a sensação de estar vivendo dentro de chamas.

O passeio na Avenida não tinha termo. Em cada fim de volta o Eduardinho ordenava logo outra volta, lenta, que dêsse vagar a contemplações... Mas eles não contemplavam cousa nenhuma, sentiam-se apenas, adivinhavam-se, esmagando-se um de encontro ao outro num contacto amoroso e perverso, que fazia vibrar pela primeira vez todo o corpo de Ada num estremecimento de volupia que a enlanguescia. O Eduardinho era um revelador: o único homem, cuja pele lhe parecia ter voz. Um simples aperto da sua mão suave segredava-lhe misterios atraentes que a enlouqueciam mais e melhor do que todos os versos sentimentais do Rui...

Aos lados do automovel ondulava um tapete humano num arfar quente e rumoroso de que se desprendia um cheiro acre de febre que sensualisava o ambiente...

Foi D. Leonor quem numa ordem seca determinou a volta para casa.

Quando tomaram a Avenida Beira-Mar, a aragem fresca e salitrada da baía despertou Ada de um sonho magnífico, de tentação. Nas águas trémulas bailavam reflexos de luzes disseminadas como estrelinhas fluctuantes e modestas. Vinha dali outro sentimento menos fictício e mais amargo. Era o mar, o seu velho amigo da infancia, que lhe mostrava o seu grande seio inquieto, para a despertar daquele enleio de virgem pecadora... era o mar que punha de pé, diante dos seus olhos ainda deslumbrados, o fantasma da sua origem e da sua pobreza, para onde o automovel a levava de novo rapidamente.

D. Leonor também voltava o rosto para as águas escuras. O seu perfil sereno e austero desenhava-se na noite, como um medalhão de alabastro sobre veludo preto. Iam ha largo tempo calados, quando Eduardinho, num gesto flexuoso, disfarçado sob a capa de Ada, lhe enlaçou a cintura com o braço, atrevidamente.

A moça estremeceu, mas não o repeliu, e ficou-se vencida dentro daquele meio circulo poderoso e inflexível.

Quando chegou á porta de casa, Leonor mal lhe deu a apertar as pontas dos dedos frios. Os seus olhos ardiam-lhe, como se a devorasse extranha febre. Eduardinho ajudou Ada a descer e disse-lhe rapidamente ao ouvido:

— Quer ir amanhã só comigo?

Ela cambaleou; ele amparou-a sorrindo. Rôla estava já diante deles.

XVIII

Tinha rompido um Janeiro águacento. Os pescadores, aborrecidos e sem vintém, maldiziam da sorte. Se havia uma estadia aproveitavam-na logo, num açodamento; mas a maior parte dos dias as chuvas eram continuadas e tão fortes que lhes não permitiam o lançamento de uma simples tarrafa. Demais a mais o diabo da gente rica ia invadindo cada vez mais a praia, transformando as antigas e pobres habitações em casas confortaveis, empurrando para longe da orla do mar os pobres que do mar viviam e precisavam a todo instante de estar junto dele. Os felizardos eram ainda o João Sérvulo e o Lino, que tinham sabido guardar o seu ninho no sopé da Igrejinha, ali mesmo de sentinela ás canôas, mais *seu* Clarindo da *Camponeza* e o vigia da arrecadação. Os mais viviam espalhados aqui e acolá, longe da musica embaladora das ondas e da vista adorada do oceano sem fim... Dentro de poucos anos aquilo deixaria de ser uma praia de pescadores para ser só uma praia de luxo.

Já se falava até em derrubar a Igrejinha, crédo, Senhor! — para se fazer uma fortaleza!

Para não morrerem de aborrecimento nos seus quartos, os pescadores reuniam-se ás vezes para jogar a bisca, no telheiro da arrecadação, ou na tóca de um outro pescador já meio aposentado do trabalho — o tenente do Leme. Nessa casa, oculta por dois rochedos que lhe faziam uma espécie de portico, havia logo á entrada uma grande sala tosca, sem assoalho, onde os homens se reuniam para jogar ou para o fabrico de rêdes e mais utensilios de pesca.

Da gente da *Guanabara* só o Rubião frequentava este pescador, seu confterraneo e tambem como ele grande conhecedor de todo este litoral, que era fechar os olhos e vêr inteirinho, com os seus brandos recortes e as suas linhas estiradas e brancas, que parecia não terem fim.

O tenente, muito gabarola, desafiava o outro, asseverando conhecer mais praias do que ninguem. Rompia assim o tiroteio de afirmações e negações, que durava horas.

Se o Rubião dissesse que as melhores ostras eram as criadas no pau do mangue, branco ou vermelho em águas de mar sossegado, logo o outro pulava, dizendo que não, que tal julgamento era de quem não tinha paladar ou não entendia das cousas — as melhores ostras eram as criadas nos reconcavos, em pedregulhos e rochedos. Se era o tenente que elogiava o sabor dos camarões grandes, de águas claras, o Rubião ria-se da ignorancia, asseverando que o gosto do camarãozinho do cisco de água baixa era mais

acentuado. Ele queria ter de contos de réis como de vezes tinha pescado de uns e de outros camarões, com a rêde — *cai-cai* — ou de noite escura, com archotes que punham na água manchas trémulas, côr de sangue... O tenente contrapunha áquelas pescas banais e sem perigo as que ele fizera ás cavalas, não de arrastão, como os pescadores medrosos de Copacabana fazem, mas de currículo. Depois de ter deitado da canôa para a água a corda erriçada de anzões com as competentes iscas, aquilo é que era remar, *seu Rubião*, deslizando na onda como um socó pelos ares! Ora, ora! como se o Rubião não tivesse conhecimento de pescaria de currículo, ele que até já ajudára a arpoar a baleia, na Baía! Poderia alguém ter mais sabedoria, mais coragem do que ele é que não! Bastava dizer que desde pequenote sabia apanhar a braço o polvo, virando-lhe a carapuça com tamanha destreza, que o bicho não lhe escapára nem da primeira vez. Aquilo era pôr o joelho em terra, enfiar o braço pelas fendas das pedras, deixar o ladrão do polvo agarrar-se-lhe á carne e logo, numa volta habil e inesperada, torcer-lhe o corpo para que a posição da carapuça invertida o cegasse: o animal afrouxava, vencido. Se o tenente afirmava que quem quizesse vêr belas conchas fôsse a Cabo Frio, o Rubião negava a informação, dizendo que esse alguém deveria ir de preferencia á linda lagôa de Araruama.

De vez em quando, porém, por fadiga ou por entusiasmo, concordavam em como não havia em todo o Brasil pescado delicioso como o de uma certa praia, nem mar tão belo como o do seu arraial. Estavam

tambem de acôrdo em que a arte dos pescadores de Copacabana era limitada, e que eles eram tímidos.

O largo mar batido não lhes permitia usar de todos os recursos dos outros pescadores do interior da baía. João Sérvulo mesmo, que era o sabichão do lugar, talvez não soubesse fazer num remanso um curral bem feito de esteira de pindoba e corda de imbé, como esses que a gente de Sepetiba arranja para apanhar corvinas...

Se voltavam a contradizer-se, o recurso esmagador do Rubião era apelar para a coerencia do seu passado. Que tinha ele sido, desde que se conhecia neste mundo? Pescador, só pescador. Não acontecera o mesmo ao outro, que estivera anos no Exercito, de que lhe adviera o titulo de tenente, quando em bôa verdade nunca tinha passado de soldado raso...

O certo é que tinham vindo ambos, de praia em praia, do Norte ao Sul; parando aqui, parando ali, em pousadas sob telheiros ou choças de sapê, ajudando uns, ajudando outros, contentando-se com um pedaço de peixe e meia cuia de farinha durante o dia e uns harpejos de violão á noite, com modas inventadas ou repetidas...

Para chegar á casa do tenente era preciso transpôr areais em que os pés se afundavam. Ali se reuniam, na grande sala térrea, onde havia por única mobilia dois bancos compridos de pau ladeando uma mesa de pinho, coberta por novelos de linha hamburguesa, lançadeiras de pau, chumbos de arrastão, cartas de jogar e um tinteiro quebrado com borra de tinta seca no fundo.

Embora essa habitação fôsse longe, no sopé da montanha, o Rubião ia de Copacabana até lá num fôlego. A's vezes encontrava no caminho a mãe do Flaviano, de andar mole, cachimbô na boca, chaile nos ombros, á chuva ou ao sol, sem resguardo, na sua filosofia de preta velha. Ela ía quasi sempre para o mesmo destino: a palestra em casa do tenente, de cuja mulher era amiga. Ali chegada, com as roupas empapadas, reacendia o cachimbo meio apagado, agachava-se com a outra, igualmente feia e suja, a um canto e, ou ficava em longos silencias cortados apenas pelas chupadelas salivantes no tubo do cachimbo, ou em frases curtas ía informando a mulher do tenente do que se passava lá fóra. A's vezes Rubião prestava o ouvido e pasmava. Como podia aquela mulher, de cuja convivencia tão poucos se gabavam, saber tanta cousa?! Os seus olhos, de globulos compactos como a clara de ovos cozidos, viam atravéz das paredes, conheciam minúcias do interior de certas casas. Tal homem engravatado especulava com a mulher, mantendo luxo á custa dela... tal outro recolhia-se da jogatina ás tantas da madrugada... esta senhóra escrevia cartas anónimas intringando os vizinhos; aquela outra senhóra consumia os ordenados dos empregados e o dinheiro das compras diarias em bilhetes de loteria; e ainda outra saía diariamente para sabe Deus aonde, deixando as crianças sem vigilancia e a casa á matrôca. Um certo coronel espiava os passos do filho atravéz dos escritos que lhe ia remexer na gaveta. Esse era um homem miudinho, calado, que não se esquecia de assentar todas as manhãs as despesas

da quitanda e da venda e de contar os ovos que tirava do armario para dar á cozinheira. A verdade é que tudo andava limpo em sua casa; ele passava as mãos sobre as colchas, a vêr se os lençóis teriam rugas e ia á cozinha cheirar as panelas... A sua mania era caminhar no corredor horas consecutivas, para traz e para diante, como um maluco serio, e indagar da criada quem seria o pai de uma mocinha costureira, que andava a tentar-lhe o filho!

A mulher do tenente abria os ouvidos com a avidez de quem vivia como o caracol, sempre em casa, longe do bulicio e das comoções da vida. Essa, era uma mulher magra, desgrenhada, de raça acaboclada.

O marido tinha-a presa ao seu lado, fazendo-a compartilhar de vez em quando, á guiza de consolação, de um calice de parati...

A mãe do Flaviano conhecia a vida alheia por palestras nas esquinas ou na soleira da porta com as parceiras, criadas de servir que extravasavam nela as suas confidencias e as suas queixas, de mistura com os ridículos e as fraquezas dos patrões... De si raramente falava; mas um dia em que, por empapada de chuva, a amiga lhe fez beber mais de um copo, ela expandiu-se numa lamúria.

— O filho queria casar com a peste de uma songamonga que fingia de branca e haveria de mais tarde pôr-lhe o pé no cangóte! O bôbo estava pelo beijo, mas enquanto ela vivêsse tal casamento não se realizaria. Eles *tudo* pensavam que ela era rica, que das suas quitandas tinham ficado moedas de toda a qua-

lidade, e fôra por isso que a mãe da tal Maria Adelaide, de má sorte, aticára a paixão do Flaviano... Ela, quanto a isso, só achava graça... teria que rir no fim! Onde é que estava o dinheiro?

A mocinha, se não casasse com outro ficaria solteira toda a vida; Flaviano não ganhava nada e tinha genio desperdiçador; ela mesma alimentava a indolencia do filho, com o sentido de prolongar aquela situação. Depois, quando não tivesse outro recurso, teria ainda o da feitiçaria... Não queria saber de nóras que se puzessem nas suas tamanquinhas e se julgassem mais e melhor do que ela!...

— O que tem de ser tem muita força... comentou a outra.

Ao que a negra redarguia:

— Certo, só a morte... e quedava-se agachada no seu canto, com os olhos fixos numa idéa e os grossos beiços franzidos no cachimbo fétido.

No centro da sala, o tenente saltava, batendo um murro na mesa:

— Quê! As ostras de Santos serem as melhores! E' porque o Rubião não conhecia as de Santa Catarina, de um sabor a mar acentuadissimo e de uma frescura que pareciam sair de água gelada.

As de Santos talvez não houvesse no mundo outras tão grandes, mas esse tamanho mesmo, afirmára-lhe um capitão de navio costeiro, homem entendido dessas cousas, era devido a uma doença que atacava os moluscos como a hidropisia ataca os homens...

Rubião achou graça naquela doença, que não poupava uma única ostra e as tornava tão saborosas!

— E saiba você, afirmava o tenente, que em toda a costa do Brasil não ha ostreiras, como na Europa, porque nós não sabemos apreciar o que é bom!...

Outra gargalhada do Rubião.

— Homem, você já esteve na Europa?

— Não; mas esse mesmo sujeito que me contou da tal doença das ostras de Santos, foi que me disse isso. Que necessidade tinha ele de mentir?... é Brasileiro como nós!

— Basofias! Se eu fôsse acreditar no que os outros dizem, haveria de imaginar que o gosto do bagre gordo é, bem preparado, tal e qual como o do bacalhau!

— E é. Fique você sabendo que é!

— Qual nada! João Baptista inventou essa caraminhola e você acreditou.

— Uê! pois entonces eu nunca comi bagre e nunca vi bacalhau?!

Rubião torceu-se de riso, e depois:

— E' como a historia da corvina chorar alto que nem criança...

— Oh! desgraçado, por se você nunca ouviu corvina encurralada chorar, então não é pescador! E tanto chora a corvina, que os pescadores, quando elas entram no curral, não as pescam todas, — deixam sempre algumas para atraírem outras com o seu alarido... O charéu ouve; a tainha tem faro; a corvina chora... E' o que lhe digo. Bem pensado, não ha nada que não sinta, neste mundo! Direitamente, nem

a gente deveria pescar tainhas nem corvinas, quando vêm nas mantas para desovar na beira dos rios ou dos mangues. E é aí que o pescador se assanha. Veja quanto pescado se perde em cada ova dessas tainhas de Junho...

— Se nós não pescássemos senão cassacas (1) estávamos bem servidos com o mercado...

A's vezes, mais enternecidos por um golinho de parati, devaneavam:

“Ah! quem conhecêsse palmo a palmo todo este litoral, onde ha praias que dividem com uma só linha branca a terra do mar, e outras que circumdam rochedos e montanhas, mudando de côr e de feitio em cada sinuosidade! O Rubião tinha reflectido nas retinas o verde claro das ondas em que se banhára em pequeno.

Achava enegrecido, turvo, o mar do Sul. E falando do mar, lamentavam ambos a gente serrana, a triste gente do interior, que vive com a alma abafada na matéria escura, sem aquella grande e luminosa liberdade das águas movediças.

As aventuras da pesca entretinham-os largas horas, esquecidos do baralho da bisca e da monotonia da chuva; e a conversa, começada em contradições e querelas, morria heroicamente no meio de descrições de valentias.

Rubião contava o modo trágico por que, tendo-se virado uma canôa no mar, ele matára um dia, á faca, dois formidaveis tubarões; ao que o outro anotava, sardónico:

(1) Tainhas desovadas.

— Havéra de ser jamantas... Por si tinha proezas de outra qualidade: as caçadas ao jacaré, nos igarapés do Amazonas...

Apezar de lhe subir o sangue á cabeça quando questionava, o Rubião, ao sair da casa do amigo, sentia a alma aliviada, como se tivesse voltado de uma viagem ás paragens onde vivêra na sua mocidade.

Na arrecadação, em Copacabana, as conversas eram outras. As mulheres intervinham; Fortunata embarafustava com opiniões e risadas sobre isto ou sobre aquilo, e a Hortensia, com a magia da sua voz, interrompia a zanga dos homens, que, instintivamente, paravam de falar para ouvi-la.

— O diabinho da moça a modos que tem uma se-reia na garganta, dizia o Rubião, acrescentando que se elle fosse solteiro e tivesse menos uns dez anos, seria aquella dôce mulherzinha que elle escolheria para companheira de toda a sua vida, porque ela curava melhor os desgostos dos outros, do que a raiz do mangue vermelho cura os ataques de asma. E olhassem que não havia remédio para asma comparavel á raiz de mangue!

Assim, em ócios e conversas, se passou a primeira quinzena de Janeiro; ainda ela não estava bem extinta quando houve uns dias de estiada.

Pela escala, cabia a primeira pescaria á canôa *Cruzeiro*, mas o pessoal das outras, saudoso do trabalho e do bom tempo, reuniu-se de manhã cedo na

praia, para vêr o lanço e apreciar as manobras dos colegas.

O céu, côr de pérola rosada, tinha uma claridade fôska. As águas acinzentadas, golpeadas de córtes verdes, estendiam-se rumorosamente na areia palida. Vinha de terra, das matas, das montanhas, já como uma débil musica delicada, a chilreada ciciante das cigarras.

Voltava o calor de Dezembro, que a chuva tinha interrompido. As águas, sujas pelas enxurradas, tornariam os peixes mais confiantes, favorecendo as pescarias.

Atraído pelo bom tempo, Rui tinha feito madrugada e observava o movimento da praia, encostado á quilha da *Camponeza*. Ao vê-lo Fortunata não conteve uma exclamação, achando-o côr de cidra.

Ele explicou: era canção dos estudos: aproximava-se o dia dos exames... e depois, procurando rodeios, indagou se Ada e Rôla tinham aparecido por ali... Fortunata cortou logo o embaraço com decisão: Ada fugia da gente pobre como dos leprosos. Só vinha á praia para o banho. Suas preferencias estavam todas voltadas para os lados do Ipanema, com as familias que roncavam sedas, dos senadores e dos doutores! Agora, meu, amigiunho, eram passeios de automovel... chapéus de flôres... até luvas! Rôla matava-se em cima da agulha para a soberba da filha olhar os da sua igualha por cima do ombro! Gostava mesmo de ter ocasião de dizer estas cousas ao Rui,

porque não era falsa e desejava que soubessem todas as suas opiniões.

Se ela fôsse o Rui, mudava de idéas; mas os homens são tolos e correm para o perigo. Ele que desculpasse, mas estava morta por dizer essas cousas, custasse o que custasse! Já lhe constára que o coronel tivera uma entrevista com a Rolinha em casa do senador. Para quê? Seria isso verdade?

Rui encolheu os ombros. Fortunata deixou entrever que já se murmurava da assiduidade do Eduardinho na casa do avô, onde outrora só vinha de longe em longe, e dos seus passeios com a tia silenciosa e a Ada faceira... Quem bem me avisa meu amigo é, concluiu ela resolutamente.

Rui defendeu Ada das antipatias da outra. A boca do mundo é perversa, não acreditasse em metade do que se dizia... Achava natural que o Eduardinho rodeasse a moça de cortezias, mas essas cortezias caíam no chão. Estava tão certo do amor de Ada como de estar ali em pé na praia... Ele dizia tais cousas com uma voz diferente da costumada, em um timbre falso.

A verdade é que a sua ultima carta, tão apaixonada e tão longa, ficára largos dias sem resposta, para só vir na véspera um bilhete numa caligrafia apressada e num sentido obscuro. Supondo que ela aproveitasse a manhã bonançosa para o banho, ele viéra á praia na esperança de vê-la e, em vez disso, a Fortunata desenganava-o daquele modo...

— Escute, continuava a mulata, Rôla proibiu á filha a vinda á praia, só por causa do Eduardinho, que se metera a ensina-la a nadar! Não falava por ter visto, mas por ter ouvido dizer... olhasse: ali estava quem assistira a tudo. Rui olhou.

Pedro mudo, com um balaio enfiado no braço, as calças de algodão arregaçadas, o chapéu de palha de côco desabado sobre as orelhas enormes, passava a caminho das pedras da Igrejinha.

Atraz dele, carregando uma tarrafa e dois caniços, ía o Bié, crescido, magrinho, com ar triste.

De que serviria ao Rui o testemunho daquele homem? Deixou-o passar sem fazer um gesto, mas foi-o acompanhando com a vista, como se quizesse lêr-lhe através do corpo, no coração...

— Bié está magrinho, comentou Fortunata. E' o crescimento. Está ali, está um homem. Como as crianças mudam em poucos meses!... A cabritinha da Nita já está ganhando a vida na cidade...

Rui interrogou a mulata, com espanto. Ela respondeu:

— Está de copeira em casa de uma modista... imagine que de louça ha de quebrar...

— Tão criança, coitadinha!

— Pobre não tem idade. E' assim mesmo. A mãe teve razão. Nita só podia aprender maldades, quando andava solta por aí...

— São capazes de bater-lhe...

— Ah! por força. Quem dá o pão dá o ensino... a mãe recomendou isso mesmo á modista...

Os olhos de Rui encheram-se de água. Pobres gai-votas da praia, bem cedo a vida lhes cortava as asas; e seria para sempre... para sempre!

Ao redór dele, na amplidão dos céus, das areias e das águas sem fim, tudo parecia criado para a liberdade. Com o rosto vincado por sulcos de tristeza, o estudante comparava esse imenso quadro cheio de luz, onde a pequenita trêfega costumava mover-se como no seu elemento, com a estreita cozinha onde ela estaria agora apertada, entre painéis engorduradas, esfregões sujos e paredes cobertas de fumo. Que saudades teriam os dôces olhinhos da Nita, criada á solta como os bem-te-vis, quando, da janelinha do seu presidio, sobre os telhados da casaria velha, procurassem traçar, no espaço limitado da sua nesga de céu, o caminho daqueles morros e daquelas areias tão amadas!... A sua simpatia corria ao encontro daquela ansiedade: só se entendem as almas que sofrem, mas a dele era de homem, já com envergadura para a luta; a da outra, coitadinha, não saberia ainda senão chorar...

A conquista do dinheiro nunca se lhe afigurou tão brutal. A pequena ia trabalhar como uma besta, sob a chuva de pancadas e de repelões. Conhecia essa historia: a negregada exploração da criança... afinal, para que tão duro sacrificio, se ela nem tinha noção do valor do dinheiro, e tanto peor se a tivesse, porque ele tão cedo não lhe cairia nas mãos... Era doloroso pensar que tambem para essa pobre cria-

turinha selvagem e inocente a vida já fosse um duro esforço. Oh! quem pudesse esbofetear essa Justiça impassível, que preside a tão varios destinos sem se inclinar para os mais fracos e os mais infelizes!

— Que idade tem a Nita?

— Dez anos...

— Uma bela idade, não é verdade, Fortunata, para se brincar com bonecas e aprender a lêr...

— Se todos nascessem para a mesma cousa!..., observou a mulata.

— Seríamos todos irmãos, concluiu Rui. A outra riu-se do disparate. Ele olhou melancolicamente para as ondas, que se desmanchavam em espumas...

XIX

Ada não tornára a voltar á casa do senador Guidão, receosa de ter desagradado á D. Leonor. Esperava que a chamassem; havia de chegar a hora em que no chalet do Ipanema precisassem que ela fosse prégar os alfinetes ou pentear os cabelos da amiga desageitada. No fundo da sua consciencia não achava motivo para o amúo da outra, de quem revia a todo o instante, na memória, a expressão rancorosa dos seus grandes olhos, dantes sempre postos nela com exagerada ternura. Percebêra que toda a velha amizade de Leonor se transmudára em aborrecimento naquela noite tão singularmente perturbadora do passeio em automovel. Por que? Ela não tinha culpa de que o Eduardinho a amasse, nem de que fosse tão audacioso; tampouco fôra ela quem inventára o passeio nem quem desinquiétára ninguem para sair. Se em vez de a comer com os olhos, a Leonor falasse, ela lhe diria isso mesmo. Estava bem sossegadinha em sua casa, ia até escrever ao Rui, quando a foram

tentar com rogatórios para o passeio. Não soubera resistir, fôra esse o seu crime, — mais nenhum. E a cada hora que passava, ía-se sentindo mais fraca, mais dominada pela seducção daquela noite de vertigem...

O olhar de Eduardinho crestava-lhe na alma todos os sonhos antigos; e as contracções amorosas e lentas das suas mãos faziam-lhe vibrar todas as fibras do seu corpo; era uma outra mulher. O grande amor de Rui, tão arrebatado e ao mesmo tempo tão extático, dava-lhe a sensação de ser ela um idolo cuja adoração impunha reverencias; ele vivia a maldize-la e a adora-la de longe, de joelhos, rugindo anátemas ou cobrindo-a de louvores! Pensando nele, o seu coração enchia-se de lagrimas. Rui era o seu amor, desde menina, o seu primeiro segredo; fôra o seu pensamento que a ensinára a olhar para as estrelas, a ouvir o murmúrio das ondas, a querer penetrar os doces misterios da natureza... Diante dessa grande paixão, ela começava a sentir-se humilhada e pequenina. Por vezes Rôla encontrou-a abstracta, a costura caída nos joelhos, o olhar espalhado numa vaga de sonho.

As semanas passavam assim naquela inquietação. D. Leonor não a mandava chamar, quando antes não passava dois dias sem a vêr! Rui andava ás voltas com os exames; recebia dele cartas preocupadas, quasi dolorosas. Eduardinho não lhe deixava a porta, sempre elegante, sempre correcto nos seus trajes ingleses, suavemente impregnado de uma essencia subtil.

Uma manhã, antes de saltar da cama, com os olhos parados para as taboas do tecto, Ada em quem o sono aquietára os nervos, começou mais serenamente a comparar as figuras dos dois rapazes, imaginando o futuro que cada um deles lhe poderia oferecer.

Casando com Rui, ela, jungida para sempre á pobreza, iria partilhar as magras sopas do velho implicante, o inimigo feroz de toda a sua mocidade, eternamente vestida de chitas e algodões, espiada pelo ciume do marido e o rancor vingativo do sogro...

Casando com Eduardinho, deixaria de usar os restos da Leonor, para sortir-se na mesma modista; moraria em casa aparte, ajardinada, sem dar satisfações dos seus actos a sogros antipaticos... Teria sedas, joias, cruzaria as rúas da cidade em automoveis e carros elegantes; a sua beleza resplandeceria como um astro no céu. Teria ela o direito de sacrificar tanta felicidade ao cumprimento de uma promessa infantil? Rui fôra o seu primeiro amor... ela era o primeiro amor de Rui... e daria tudo por consola-lo e faze-lo feliz... porque a expressão do seu olhar, o timbre da sua voz, o sentido das suas frases, o calor das suas mãos, a doçura do seu sorriso, tudo que era dele, que vinha dele, estava fundamentalmente gravado, eternamente gravado no seu coração. Ela amava-o ainda... sentia que o amaria sempre, mas sem frenesi, com um sentimento que envolvia a saudade e a piedade...

Ardia agora em desejos de ir á casa do senador Guidão, abreviar com a sua presença o desenlace de

uma situação difícil de sustentar. Afinal, ela assim encolhida em casa, pareceria aos olhos dos outros ter medos de criminosa.

Não via razão para ódios. Se Leonor passára do extremo dos seus abraços para aquela sequidão, gostaria de fazer-lhe compreender que a culpa não era sua.

De resto, estava convencida de que, desde que a amiga precisasse dela, não tardaria em manda-la chamar; mas corriam as horas sem que viesse o esperado convite.

Teria D. Leonor deixado de frequentar espectáculos e bailes? O Eduardinho, sempre que ia ou voltava da casa do avô, lentava os passos á sua porta e não podia haver olhares mais significativos do que os seus... Uma tarde ele ousou mesmo, com o maior desembaraço, encostar-se á janela da salinha da frente. Ela cosia rente ao peitoril. D. Ricarda, no seu canto, entre um mar encapelado de morins, rodava a máquina silenciosamente.

— Por que não tem aparecido lá em casa, perguntou-lhe ele. Tem-se notado a sua falta...

— Não tenho podido... muito trabalho...

— Mázinha!... essas lindas mãos não foram feitas para o trabalho... mas agora reparo... usa um anel de casada! que é isso, tão feio?

Ada corou.

— Foi um presente...

— Dele?...

— Não...

— Bote-o fóra... Achei outro dia um com um brilhante e não sei o que hei de fazer dele... trago-lhe qualquer dia...

— Não!

— Sim... Vá amanhã de tarde ao Ipanema; preciso falar-lhe... sim?... diga que sim...

Rôla apareceu; não houve tempo para explicações.

Dentro da cabeça de Ada ficaram girando idéas e imagens num movimento estonteador: — Estavam notando já a sua falta... logo, a Leonor não estaria zangada... talvez que a própria D. Delfina a considerasse como uma ingrata... Deveria acreditar no que lhe dissera Eduardo? Como a receberiam no challet do Ipanema? Admirava-se de que Rolinha não tivesse ainda percebido aquele arrufo... seria mesmo prudente acabar com aquilo, antes que a mãe soubesse... mas que pretexto arranjaria para se apresentar assim espontaneamente, depois de tantos dias de ausencia? Ao mesmo tempo, as figuras de Rui e de Eduardo alternavam-se, perseguindo-se, uma risonha e desdenhosa, outra palida e aflita... E como seria o anel?... talvez parecido com o de Leonor, que lhe iluminava os gestos e poetisava as mãos...

Nessa noite veio uma nova carta de Rui. Era um grito; era um soluço. Sabia já do outro passeio em automovel, rente ao Eduardo... da sua convivencia... lembrava-lhe a reputação de estroina do outro, que se não fiasse em promessas, quem a amava para a vida e para a morte era ele! Tivesse cuidado! O outro era só vaidade, mentira, e demais astucioso como um caçador, Se era pelo amor do luxo que ela se dei-

xava tentar, ele faria tudo por dar-lhe luxo igual, já o jurára em outra carta, tornava a jura-lo agora. O seu amor era puro, era toda a sua vida passada e era a unica esperança do seu futuro; não lhe fugisse, não o abandonasse, não o enlouquecesse!

As promessas de Rui enterneciam Ada, sem convencê-la. Onde iria o pobre buscar dinheiro para as ofertas de luxo que fazia? Por aquele caminho, poderia ir até ao crime... Arrepiou-se com a idéa de que ele, tão bom, chegasse a qualquer desatino só por amor dela! Molhou a carta com lagrimas, reflectiu que era ao lado deste grande coração que ela encontraria a felicidade. Eduardo era o desvario; Rui era o amor. Ficaria para sempre nos braços do seu amor antigo...

Durante toda a noite revolveu-se na cama, sem poder dormir, fixando-se na resolução de fugir para sempre do Eduardinho e da familia Guidão. Toda ela devia ser de Rui, a quem já se prometera desde o lindo raiar da sua mocidade. Voltaria para ele, modestamente, honestamente. Ele fizera bem em escrever-lhe aquela carta tão sentida, tão profundamente verdadeira. Pensando bem, o Eduardinho desgostára-a com a sua grosseira oferta de joias; vinha-lhe o arrepio do arrependimento. Voltava para o seu amor antigo, como uma andorinha para a primavera! Sabia bem o que a esperava; sacrificio e pobreza; mas a sinceridade de Rui merecia-lhe aquela abnegação. Depois, se os outros esperavam humilha-la perderiam bem o seu tempo. Seria ela quem se afastaria primeiro. Como o dia tardava! Ansiava agora por correr

ao lindo chalet do Ipanema, onde tantas vezes se arrastára de joelhos pregando os alfinetes nas saias da amiga egoísta, para lhe dizer um adeus altivo e dissuadir o Eduardinho. Compreendia enfim que só a tinham estimado por precisarem dos seus favores, mas que todos se empertigavam agora, só com a simples idéa de que ela pudesse vir a ser da família. . . A sua dignidade revoltava-se. Decidiu fazer ponto naquele capitulo de faceirice voluptuosa que a ía enredando.

No dia seguinte pediu ao filho de um vizinho que a acompanhasse até á porta do chalet Guidão, recomendando antes a Rôla que a fôsse buscar uma hora depois, e saiu com um ar tão grave e tão firme, que D. Ricarda comentou com extranheza:

— Que terá ela hoje, que está tão diferente?!

Sim, ía diferente, resolvida a dar um golpe mortal num dos mais risonhos periodos da sua existencia. Aquela visita era uma despedida; diria isso mesmo a D. Leonor. Adeus bailes do Ipanema, vestidos de seda, embora já usados por outro corpo mais feliz, passeios alegres em automoveis, atravéz das noites veludosas e perfumadas. . . O seu destino ingrato obrigava-a a permanecer na sua cadeira de costura, picando os dedos, desperdiçando a beleza de que tinha tão nítida consciencia. . . ía por suas mãos enterrar a flôr da sua mocidade, pôr a pá de terra pesada sobre o corpo alado da esperança feiticeira. . .

Quando abriu o portão do jardim e despediu o pequeno que a tinha acompanhado, teve impetos de correr para traz e voltar, sem dizer uma única palavra, para junto da mãe; mas áquele movimento su-

bito de timidez succedeu outro de resolução. Ouvia a voz de Eduardinho discutindo alto na sala com outra voz masculina, mais baixa e escorregadia. A presença do moço reacendeu-lhe a coragem quasi extinta, subiu correndo os degraus de pedra da escada exterior e vibrou com dedo firme a campainha electrica. Nesse instante viu através dos vidros da porta passar lentamente, do salão para a sala de jantar, a figura impassivel de Leonor, que voltou para ela o rosto pallido, em que os olhos pareciam ainda mais serios e mais frios, e sumir-se sem dar um passo ao seu encontro. Ada sentiu impetos de quebrar os vidros e ir lá dentro sacudir pelos ombros a amiga. Os labios tremeram-lhe de raiva, afoguearam-se-lhe as faces e ficou immobilizada pelo espanto no patamar da escada, morta por que o Eduardinho a visse e corrigisse a má-creação da outra.

Uns segundos de espera pareceram-lhe uma eternidade; vibrou de novo, desaforadamente, a campainha electrica, no acesso da raiva que lhe entumecia as arterias e queimava as pupilas. Veio por fim um criado dizer-lhe, por uma frincha da porta mal aberta, que as senhóras não estavam em casa... E, bem instruido, mal acabou essas palavras, fechou a porta e voltou-lhe as costas.

Um frio de neve envolveu Ada da cabeça aos pés, paralisando-lhe momentaneamente a acção. Diante dela pareciam multiplicar-se as portas e os ombros chatos de criados desatenciosos... Segurou-se ao corrimão de ferro, compreendeu que precisava fugir, desceu a escada, cambaleante e trémula. Ao sair para

a rúa levantou ainda os olhos para as janelas da sala, na esperança de vêr assomar a uma delas o Eduardinho; mas em vez dele foi a cara escarninha do coronel que ela viu inclinar-se lá de cima sobre a sua miséria... Ele ria-se. Ada fugiu... A sua consciencia confundia a realidade com um pesadelo. A figura odiada do pai de Rui acabára de a desorientar. Tinha-lhe ódio e medo. Um medo de criança por papão negro de telhado, que lhe haveria de comer a carne e ainda chupar os ossos...

Que fazia o malvado naquela casa, onde antes nunca ía? fazia intriga... urdia a sua desgraça... Não tendo asas para voar, Ada queria correr, mas os seus passos tornavam-se cada vez mais pesados, recuando na areia quando pretendiam avançar. Receava agora encontrar algum conhecido no caminho, supunha levar estampada no rosto a sua vergonha... A confusão aumentou ao sentir que alguém vinha apressadamente no seu encalço. Esperou a punhalada nas costas, vibrada pela mão seca do pai de Rui... mas não era ele, — era o Eduardinho!

O moço vinha indignado, pedia perdão por todos, e com os olhos fuzilando lumes, propoz-lhe a fuga nessa mesma noite. Ele esperaria de automovel na esquina da rua da Nossa Senhora, ás nove horas: só saltando por sobre o escandalo ela seria um dia sua mulher... E ela seria sua mulher! Queria então vêr se a tia Leonor não a viria receber á porta, cada vez que pelo seu braço entrasse em casa do avô!

Ada não repeliu a proposta, tão aceso estava nela o sentimento de vingança. Ele repetia, sinceramente comovido:

— Esta noite, ás nove horas, na esquina da rua de Nossa Senhora, perto daquele terreno que fica aos fundos da sua casa... não me faça esperar em vão! Amo-a... adeus!

Ada não respondeu e entrou em casa com a cabeça em fogo.

D. Ricarda e Rôla pasmaram de a vêr:

— Que é isso, você já voltou!?

— Não é nada!

E fechou-se no quarto, batendo com a porta.

— Que lhe teriam feito, meu Deus! sabe, D. Ricarda? Eu ando desconfiada que abri a porta da casa do Dr. Guidão ao coronel... Só me faltava essa desgraça!

— Por quê?

— D. Delfina disse-me que ele tinha prometido voltar lá, levando um casazinho de pombos... e ontem Rui me contou que o pai andava escolhendo um terreno no Ipanema, por ordem de um amigo... foi uma mentira que ele pregou ao filho; o terreno que ele procura é intrigar-nos com a gente do senador...

— Não duvido...

— Sabe que eles nos protégem e quer ter o gostinho de tirar-nos até a ultima migalha da boca... ontem estive vai não vai para dizer tudo a Rui... ele anda amofinado... pensa que Ada já não gosta tanto dele como gostava antigamente... e eu talvez

devesse mesmo ter aproveitado a ocasião para revelar o segredo do pai... mas tive pena e fiquei quieta... Ele tem uma paixão doida por ela... tenho tanta amizade ao Rui, D. Ricarda, que, se penso nestas cousas, até sinto vontade de chorar!... coitado, tantas vezes o adormeci em pequenino e o passei em meus braços! Era uma criança adoravel, mas sempre um pouco pensativa... ninguem ha de dizer que é filho daquele homem... fico toda arrepiada quando imagino que Ada tambem possa ser filha do coronel...

— Qual o quê! ainda outro dia aquela velha, cozinheira deles, esteve aqui dizendo que o patrão tem perguntado, nem sabe já quantas vezes, se conhecera a mãe de Ada... Aquilo foi manha, só para perturbar a sua ingenuidade... Havia de ser comigo!

— Quem sabe...

— Sei eu!

— Não se brinca assim com uma questão tão séria...

— Não se brinca quando se tem consciencia... Olhe: ele lá vai!... disse D. Ricarda apontando para a rua pela janela aberta. Rôla olhou. O coronel parecia levado pelo vento: ía atirando as pernas em longas passadas. Vinha dos lados do Ipanema e corria naturalmente para casa.

— Vai salvar o pai da forca... exclamou D. Ricarda rindo.

Certamente que o coronel não ía salvar o pai da forca, mas ardia na impaciencia da perversidade, por contar ao filho a desfeita por que Ada tinha

acabado de passar. Os olhos fulguravam-lhe de alegria. Nunca os seus pés se tinham movido mais depressa, nem menos cansaço sentira o seu peito de quasi sessenta anos...

Mal entrou em casa gritou para a Antonia:

— Onde está meu filho?

Ao que a velha respondeu, entre resmungos:

— Ainda não veio, não sinhô.

Começaram logo os passeios pelo corredor, chegadas á janela, aborrecimentos.

Onde estaria o menino?! A'quela hora, em vespas de exames o seu lugar devia ser ali, á mesa, inclinado sobre os livros abertos... ía apostar que ele abalára para a praia, a vêr a pescaria das cavalas, em palestras e intimidades com os pescadores! Aquelles malditos pescadores!

Caía para a noite a tarde, quando em uma das idas á janela o coronel viu a curta distancia o filho a conversar com o Marcos. Pareciam muito interessados. O pescador, muito alto, inclinava-se todo para Rui, que a seu lado se afigurou ao pai mais franzino.

Que diria o diabo do Marcos, aquella torre de campanario pobre, que assim prendia o moço estudante, talhado para outras convivencias?

Chegou, enfim, o momento de se separarem, e Rui entrou em casa. O pai embarçou-se, tentando disfarçar a sua vontade de desabafo. Queria dizer o que sabia, sob um pretexto natural, que empurrasse a confidencia, sem que transparecesse o proposito que tinha de a revelar; mas, como tal pretexto não

lhe acudisse, ele disse sem já poder conter a sua impaciencia nem procurar rodeios:

— A filha da Rôla passou hoje por uma bôa vergonha...

Rui suspendeu-se numa interrogação muda e aflita; o pai continuou, desviando o olhar para um lado:

— Foi expulsa da casa do Dr. Guidão.

— E' impossivel!

— Eu estava lá. Eu vi.

— Mas porquê, porquê?!

— Ora, que grande admiração! Porque o comportamento daquela moça tem-se tornado de tal modo escandaloso com Eduardinho, que a D. Leonor, muito sensata, resolveu pô-la na rua, para sempre! Hoje ela foi lá... D. Leonor atravessou a saleta, bem de vagar, diante dos olhos dela, encarou-a de face, e mandou dizer pelo criado que não estava em casa!

— Oh!

— Dizem que ela tem tão pouca vergonha que ainda é capaz de fingir que não percebeu nada e voltar lá... Sempre lhe hão de fazer falta os vestidos velhos de D. Leonor, mas se isso acontecer, será despedida ainda mais rudemente. E' bem feito, para a gente séria não admittir canalhas na sua convivencia...

Rui já não ouvia nada. Latejavam-lhe as fontes, as faces ardiam-lhe ao influxo do sangue revoltado. Levantou-se de chôfre, tomou o chapéo no cabide e fugiu para a rua, sem que o pai tivesse tempo de formular um juizo ou sequer uma hipótese do que se ia

passar. Ele estendera a mão para reter o filho, dissera ainda uma frase de suplica, que não foi atendida, porque Rui partia como uma flexa, com a respiração zunindo e os olhos acesos. Seria prudente correr atrás dele, até a casa de Rôla e traze-lo por uma orelha, como um menino de escola? e arrependido de ter dito tudo assim de repente, o coronel deu alguns passos na rua, mas voltou logo para traz. Era tarde; Rui já não era uma criança, a sua intervenção agora talvez ainda fosse mais desastrosa; limitou-se a esperar. Entrou de novo em casa, remoendo rancores contra a peste daquela rapariga, enquanto o filho, anelante da carreira, entrava como um doido em casa dela.

Como as costuras eram com pressa, Rolinha e D. Ricarda estavam ainda, toca que toca, a puxar pela agulha. Vendo o moço, interromperam o trabalho, assustadas.

Ele perguntou logo por Ada, espantado da calma das duas mulheres. Rôla explicou:

— Deve estar deitada... Ela entrou da rua com ar de doente e fechou-se no quarto... Já fui lá duas vezes bater, não me quiz abrir a porta... pediu-me pelo amor de Deus que a deixasse sossegada... está com dôres de cabeça... Mas você agora põe-me tonta! Diga depressa, por que é que veio cá!... E tão alterado!

Ao mesmo tempo que falava, Rôla levantava-se, espalhando no assoalho agulha, dedal e carreteis. O rosto ficára-lhe branco como as camisas que estava caseando.

Rui explicou tudo o que ouvira do pai, nervosamente. Vinha afirmar a Ada, mais uma vez, o seu amor e consola-la da brutalidade dos outros. A ofensa doera-lhe como um golpe mortal... Se ela o tivesse ouvido, não passaria nunca por aquela humilhação... Que a chamassem, que a chamassem depressa... Faltavam só dois meses para a sua maioridade... ele redobraria de esforços no estudo, para fazer a sua independencia e casar-se. Não bastaria a Ada o seu amor, e não estaria ela ouvindo lá dentro a sua voz?!

— Talvez seu pai tivesse exagerado um pouco... observou D. Ricarda do seu canto; sabe que ele é nosso desafeiçoado e não perde ocasiões de nos deprimir... Rolinha, eu acho bom você ir falar com Ada... O senhor acalme-se... afinal em tudo isto póde haver um pouco de confusão... Ha intrigas que ferem... que matam. E afinal que são?... mentiras...

Rôla sentira o sangue transformar-se em gelo quando ao bater na porta do quarto da filha, a porta cedeu. Dentro não havia luz, mas a janelinha aberta para o terreno inculto da vizinhança deixava entrar a claridade tenuissima de fóra. Ada não estava lá, e como não tivesse saído pela porta que dava para a saleta de costura, era evidente que tinha saltado pela janela sobre a galharia das pitangueiras anãs e dos cactos espinhentos...

Rôla correu á janela, com um pressentimento horrivel, e quiz gritar pelo nome da filha, mas a voz prendeu-se-lhe na garganta. Olhou; só viu a escuridão. Cantavam os grilos nos ervaçais e estrelinhas luziam

longe, no céu profundo... Voltou para dentro, tateou com as mãos trémulas as roupas da cama e os vestidos pendurados no cabide, em baixo de uma colcha de ramalhões azuis... Nem junto da parede, nem em cima do colchão encontrou Ada. Com a mão a tremer-lhe cada vez mais, riscou um fósforo e acendeu a vela do castiçal em cima da mesa, e logo os seus olhos viram uma folha de papel almaço em que Ada traçára, no seu cursivo regular:

“Mamãi.

Perdôe-me e diga ao Rui que eu não era digna dele. Não me negue a sua bençãam quando eu vier bater na sua porta... Sigo o meu Destino!

Ada.”

Rolinha apertou as mãos na boca, para não gritar; os cabelos erriçaram-se-lhe, arregalou os olhos para o espaço silencioso, mas logo, vibrando de desespero, voltou espavorida á saleta, sacudindo no ar o papel escrito pela filha. Era preciso correr, alcança-la, traze-la para casa. Ela ía iludida, era uma criança... tivessem pena, perdoassem... Mas onde ir busca-la, Senhor!

Rui arrebatou-lhe o papel das mãos; leu-o e tornou a le-lo, sem compreender uma palavra, de tal modo as letras dançavam diante dos seus olhos. Que era aquilo? que queria dizer aquilo! Foi preciso que D. Ricarda, impondo silencio ás exclamações de Rôla, que se debatia pela casa revistando os cantos, ainda duvidosa da verdade, explicasse ao moço:

— O que o senhor não quer entender é isto: Ada fugiu com o Eduardinho. A sua dignidade saberá aconselha-lo melhor do que eu. Só lhe digo que seu pai é um homem forte; sabe fazer as cousas. Console-se com a idéa de que, a crêr no que ele disse a Rôla, o seu casamento com Ada era impossivel. Chegou a hora de dizer as verdades.

Rui tornou-se livido; os joelhos vergaram-se-lhe e deixou-se cair, inerte, numa cadeira. Já Rôla, completamente desiludida de encontrar a filha, corria para a rua, quando ainda D. Ricarda a agarrou pelos ombros, fortemente:

— Fique qui; quanto menos barulho melhor... Eu vou á delegacia. Ha só um mal para que não ha remédio — a morte. Tratemos agora de casa-los e não aumente o escandalo com os seus alaridos.

Acostumada sempre a ser dirigida pela amiga, Rôla não reagiu e entrou para casa lavada em lagrimas. Confessava não ter cabeça para nada e só ter um desejo: o de se atirar ao mar, das pedras da Igrejinha. Deparando com Rui, ela estremeceu e os olhos secaram-se-lhe como por encanto. Acudia-lhe a energia para defender a filha. D. Ricarda atirára uma manilha ás pressas sobre os cabelos brancos e partira. Eles estavam agora sózinhos, em face um do outro.

— Perdôe, Rui... Ada é uma criança... ela ha de arrepender-se...

— Será tarde...

— Bem me adivinhava o coração que vocês não poderiam ser felizes...

— Fui cégo...

— Não... você conhecia-lhe os defeitos... não os perdoava até... a natureza tem muita força!

— O amor tem mais!

— Acredite que ela o amava a você mais do que ao Eduardinho...

Os lábios de Rui franziram-se num sorriso, e ele disse com profunda ironia:

— Ela deu agora uma prova disso...

— Se você soubesse, meu filho, se você soubesse!

Mas em Rui a propria curiosidade parecia morta. O seu orgulho de homem, sacudido por aquele formidável golpe, não o fazia pensar senão em si. Tinha vergonha. Deu um passo para a porta. Rôla agarrou-lhe as mãos:

— Escute: é preciso que você saiba de tudo para poder perdoar. Não ouviu ainda agora D. Ricarda dizer que chegou a hora das verdades?!

Ele voltou para ela um rosto estúpido, como o de um bêbedo. Ela continuou, segurando com as mãos agitadas a sua mão gelada e inerte:

— Sabe o que seu pai me disse naquela entrevista amaldiçoada? que você e Ada são irmãos. Irmãos, ouviu?!

Rui abriu a boca, num espanto mudo; Rôla continuou, fazendo rolar as palavras umas sobre outras, como pedras que se despenhassem fragorosamente das alturas:

— Era mentira dele, era um embuste, mas eu contei tudo em casa... contei tudo aqui, nesta sala; Ada ouviu... com certeza acreditou... como eu tinha acreditado... pobre de minha filha! Ah, eu estou ven-

do nos seus olhos que você não acredita nas minhas palavras; pois corra á casa de seu pai, pergunte-lhe se estou mentindo, pergunte-lhe em nome de sua mãe, pergunte-lhe!

— Rôla!

— Não estou caluniando ninguém, é a verdade. Eu nunca a diria se não tivesse de defender uma infeliz. Vá, Rui, o seu lugar agora é para sempre bem longe do meu... acabou-se tudo!

Mas em vez de sair, Rui puxou-a para perto da luz e obrigou-a a repetir as palavras do coronel. Queria saber tudo, silaba por silaba; temia estar ouvindo mal, ser vítima de uma alucinação. Não havia fim para aquela narração dolorosa, que ele interrompia para a fazer recommençar a cada instante. Rôla já não tinha forças; deixára cair os braços e a cabeça sobre a mesa de costura, quando D. Ricarda voltou.

— A policia desconfiára de um automovel que estivera parado muito tempo rente ao terreno do lado e partira como um raio na direcção da cidade, levando a mais uma mulher de véu branco. Tinham dado todas as providencias para capturar os fugitivos...

Rui perguntou:

— Para quê? Ela ama-o, ele fará dela o que quizer...

Quando, ás onze horas, saiu para a rua, Rôla debruçou-se na janela, com medo de o vê partir sózinho naquela escuridão. De que lhe servia amar tanto os outros, se não sabia fazer a felicidade de ninguem?!

Como se queixasse em voz alta, D. Ricarda explicou:

— A bondade excessiva, que perdôa tudo, que não corrige nada, é ás vezes mais prejudicial do que útil. Eu bem o disse mais de uma vez!

A noite foi de vigilia. As duas mulheres não se deitaram, caladas e tristes como se estivessem velando um morto. No dia seguinte, mal o sol rompera, Pedro mudo appareceu-lhes na porta, com uma carta. Rôla precipitou-se, supondo ir lêr noticias de Ada; mas a carta tinha outra procedencia e dizia apenas numa letra firme e seca:

“Meu pai acaba de negar-me tudo. — *Rui.*”

— Leia, D. Ricarda, leia, exclamou Rôla desesperada; Rui acredita mais no pai do que em mim! Ah! o hypocrita!... eu devia ter previsto; rouba-me tudo de uma vez!

D. Ricarda leu e releu a frase em silencio, e depois disse muito séria:

— Afinal, quer que eu lhe fale com franqueza? Para a felicidade dele é melhor assim. Sempre é seu pai... deixe lá.

XX

Córreu depressa por toda a Copacabana a noticia de que Ada tinha fugido com Eduardinho. No seu giro rápido, a novidade não se esqueceu de entrar na casa de Maria Adelaide. Ela estava engomando perto da janela, enquanto a mãe e a Maria Aurora estendiam roupa no coradouro. O céu resplandecia num azul forte e uniforme; da copa escarlata do *flamboyant* do terreiro rompia o cicío das cigarras incansaveis, e no fim do gramado, beirando a cerca, todas as arvores pareciam de uma côr mais intensa. Em frente áquele quadro de luz a Maria Adelaide estava tão desbotada que ninguem diria que fôsse a mesma da tarde da procissão. Os olhos, circulados de violeta, quebravam-se-lhe numa expressão dolorida. As faces cavadas desenhavam-lhe os ossos da caveira; só os cabelos, que vojavam á viração de fóra, resplandeciam nos seus reflexos de bronze dourado a fogo.

A mãe já consultára um médico. A pequena tivera mais outro ataque, na tarde em que o Flaviano lhes

aparecera em casa, depois de curado. Agora ele ia por ali a miude, espreitando os movimentos da noiva, que mal lhes respondia ás perguntas.

O médico receitára uma quantidade de remédios, caixas e frascos, que a moça conservava intactos na prateleirinha do quarto. Andava agora de um mutismo desesperador. A ninguem revelava o que a consumia. A's vezes chorava, correndo logo ao quarto para abafar os soluços de encontro ao travesseiro...

No seu meio rude, Maria Adelaide destacava-se um pouco, conservando as prendas adquiridas no collegio, regular cursivo e as quatro operações, que exercitava nas contas de casa e nos róis dos fregueses da mãe... Embora modestas, estas prendas aclaravam-lhe um pouco a intelligencia.

Movendo as mãos magras sobre a táboa de engomar, ela revia em mente os gestos de Marcos e a sua figura, quando sentiu a voz de Fortunata, gritando da cancelinha que lhe acudissem, que estava com medo dos cachorros...

Maria Aurora correu a abrir a cancela e a aquietar os cães. Momentos depois Fortunata entrava na salinha, fazendo farfalhar as saias de chita. Trazia duas cavalas gordas para a comadre.

As pescarias andavam de farturas, só na dessa manhã tinham vindo mais de dois mil desses peixes.

E logo sem termos de transição contou ás mulheres atonitas a partida de Ada, á noite, num automovel, com o neto do senador Guidão...

— Não sabiam?! pois, fôra um escandalo terrivel. Não se falava em outra cousa! D. Leonor sapateára de

raiva. Havia um reboliço no Ipanema. De quem tinha pena era do Rui, que, impressionavel como era, lá estava de cama, ardendo num febrão! O pai não se riria agora, pois, de aflito que estava, mal amanhecêra o dia já ele batia á porta do doutor, que parecia uma trovoadá! Emfim, Rui era moço... o desgosto havia de passar; se ele não entisicasse ou não ficasse doido, como a mãe... Rosnava-se que aquelle desfecho fôra obra do coronel, interessado em afastar Ada do filho... mas isso de dizer, dizia-se tanta cousa!... a verdade era que o diabo do velhote parecia ter quatro filas de dentes, como o cação anequim, e ser ainda mais bravo que uma tintureira... O que mordesse estracinhava... Agora não saía da casa do senador Guidão, cheio de medidas e de bobagens: até já o tinham visto construindo um pombal na horta, para a presumida da Leonor, aquella que ainda parecia mais muda que o proprio Pedro! Esse escapára de ficar em baixo do automovel em que tinha fugido a vaidosa da Ada, toda de claro e de véu, como se fosse uma noiva! Por si, Fortunata, não tinha surpresa; esperava sempre que acontecesse aquilo mesmo, mais tarde ou mais cêdo. O diabrete da pequena tinha pinta! Viera com o seu fado ao mundo. Olhassem: pelos pescadores ela não seria chorada. Fôra sempre ingrata para todos, só querendo saber do espelho e de fitinhas... Teria muita graça que só por ter aquelle palminho de cara, a viborazinha conseguisse entrar na familia do Dr. Guidão! Por um lado, estimava: para

quebrar a castanha na boca da Leonor, dos olhos grandes... grandes mas cégos, pois não souberam vêr o perigo! Rôla estava sózinha e teria que chorar...

— E' castigo... murmurou a mãe de Maria Adelaide. Ela não fizera o mesmo? Afinal eram todas umas desmioladas... Quanto á Ada... se já não gostava do Rui, foi até bom que fugisse. Melhor era desengana-lo antes do casamento do que engana-lo depois. Achava mais leal assim.

Ouvindo tal, Maria Adelaide voltou para a mãe um olhar claro, inteligente. Pousára o ferro no descanso, e ouvira tudo com a maior atenção. Fortunata sabia pormenores.

Dizia-se agora á boca pequena que o coronel tinha confessado ser pai de Ada... Uma historia! Ela era muito bem filha de uma italiana de teatro, que mal se desembaraçara da pequena tinha fugido para outras terras... Agora o pai... quem poderia imaginar? Eia era uma madama roncando sedas, o coronel, coitado, sempre fôra um unhas de fome... um paratí sem sal... Neste mundo sempre se via cada cousa! o peor era se Rui morria... o rapazinho era tão franzino e andava com a cabeça tão cheia de estudos... Fôra visita-lo havia pouco. O pai estava com cara de desenterrado, não a tinha deixado vêr o moço... afirmando que ele não tinha nada! mas na rua encontrára a Antonia, que vinha da botica e lhe dissera que ninguem dormira nada naquela noite... o patrão andára pela casa como um maluco, com as

janelas abertas e o gaz aceso; e Rui só entrara de madrugada, com os olhos inchados e um tremor de febre tão forte que os dentes batiam... Assim mesmo a Antonia tinha-os ouvido questionar... Rui ao principio parecia muito zangado com o pai; mas, sem alarme, o coronel convenceu-o do que muito bem quiz e Pedro mudo fôra despachado logo de manhã com um bilhete de rompimento para Rôla. A tia Antonia parecia uma estúpida, mas bem que sabia prestar atenção ás cousas. Ada é que já não se incomodava com isso. A'quelas horas estaria repimpada em algum hotel, comendo do melhor. Rubião julgava tê-la visto, muito agarrada ao Eduardinho, tomando a barca de Petropolis nessa manhã. Iam como dois noivinhos... O Rio é uma cidade muito grande, muito buliçosa, mas ninguem dá um passo que não encontre logo no caminho, para castigo, uns olhos conhecidos. Se Ada tivesse visto Rubião, havia de ficar passada!

A gente da Maria Adelaide percebeu que a Fortunata tinha ido vê-la só para contar a novidade e não poupou comentarios ao facto durante todo o tempo da conversa. Ninguem gostava de Ada: um nariz torcido para a pobreza do lugar, e rejubilavam-se com o escandalo que ela fazia rebentar como uma bomba naquela sociedade mixta e laboriosa.

Fortunata ajuntou:

— O que ela quer são os vestidos de sêda em primeira mão... O neto do senador é rico e é extravagante. Imagine-se o luxo! Com a beleza que Deus lhe deu e as joias que o Eduardinho lhe der, Ada vai virar a cabeça de todo o Rio de Janeiro... O engra-

gado é se a policia consegue que eles se casem, como a Rolinha deseja; então fica tudo: tão bom como tão bom. Se assim fôr é que ela ha de olhar para a gente por cima dos ombros... mas o Dr. Guidão não é de brincadeiras e ha de saber mover os pauzinhos, para que isso não aconteça... Casar? Não vê! Foi uma desgraça...

— Uma desgraça, não; atalhou a mãe de Maria Adelaide. Se eles se gostavam fizeram muito bem. Que diabo, a vida é um dia!

Aquela conclusão atraíu de novo para a mãe o olhar iluminado de Maria Adelaide. Ela tinha ouvido tudo sem dizer uma única palavra. A mãe era considerada por todos como uma mulher criteriosa; a sua opinião pesava grandemente nas resoluções das filhas.

Que reviravoltas teria dado o seu juizo para abalançar-se a semelhante afirmativa?... Embaraçada nessas reflexões, ela não ouviu as ultimas palavras da Fortunata, que tinham despertado gargalhadas ruidosas entre as quatro mulheres.

Aliviada pela transmissão daquela noticia sensacional, Fortunata lembrou-se de perguntar á Maria Adelaide pela saúde de Flaviano.

João Sérvulo queixava-se da sua irregularidade no serviço. Ficára aleijado do pé, ou já andava com franqueza?

A moça respondeu com duas palavras curtas e secas:

— Tá bom.

E logo o seu rosto se enêvoou. Para não a obri-garem a dizer mais nada, tratou de recomeçar o ser-viço interrompido. Houve um minuto de constrangi-mento; a mulata percebeu isso mesmo e saltou para outro assunto.

— Sabiam a melhor maneira de temperar cavala? pois era refogada com muitos temperos, sumo de li-mão e uma pimentinha... Que fizessem um escal-dado de farinha de mandioca ou um pirão com o pro-prio molho do peixe e saboreassem tudo depois... ela já tinha conversado de mais. Estava um calor lá fóra de assar passarinhos... bonito sol para as lava-deiras... E passassem muito bem, que ainda tinha muito que fazer em casa...

A palestra da Fortunata fixou-se na imaginação de Maria Adelaide. Ele aprovava o acto de indepen-dencia da outra. Para que se ha a gente fazer escrava, quando nasce livre? Obrigar o coração a mentir, não será muito mais feio do que atirar-se uma criatura a um abismo, quando isso lhe determine a sua vontade? A'quela hora em que ela curtia em silencio tão fun-das amarguras, Ada sorria nos braços do homem escolhido pelo seu amor!... como devia estar linda na sua felicidade!... Por que haveria a suja boca do mundo de censurar aquele acto tão independente? Entre ela e Ada quem agiria melhor? Certamente que não era ela, acobardada sempre em frente da sua si-tuação, prolongando um noivado que a enojava, com o pensamento num homem e comprometendo-se cada vez mais com outro...

Levou uma hora engomando a mesma camisa. As

mãos paravam-lhe no trabalho, os olhos seguiam pelo azul do espaço a visão de Ada correndo para a felicidade. Como um cão acorrentado a um poste, ela sentia-se coagida na sua liberdade, indignada com a fraqueza, que lhe não permitia sair daquela ignominia... A culpa de semelhante martirio não era certamente só dela. Marcos não dava um passo para ir ao encontro da sua aflição. Ela adivinhava o seu amor, como se adivinha que vai chover se o céu está carregado e ameaçador, ou que o dia vai ser lindo, se a manhã está límpida! Quando os seus olhos se encontravam a furto, a expressão que trocavam era de tal modo sincera, que não podiam restar dúvidas... ele gostava dela, ele ardia no mesmo desejo que a consumia como o fogo consome um gravetinho seco... Sabia a razão daquele inferno: *Um pescador não engana outro pescador seu companheiro*. O seu credo é a fidelidade.

Vendo que o serviço não ia nem para traz nem para diante, a mãe de Maria Adelaide tirou-lhe o ferro das mãos e mandou-a girar. Em vez de sair para o quintal, a moça meteu-se no quarto e deitou-se, pensando.

Lá fóra os cães faziam alarido. Viria mais alguém contar o caso de Ada?

Era o Flaviano. Vinha risonho. Já que nem a mãe nem a futura sogra queriam morar em sua companhia, ele conseguira do carroceiro Mamede, seu vizinho, participação na casa. O Mamede era bem casado. A mulher seria ao mesmo tempo amiga e conselheira de Maria Adelaide.

Vivendo as duas familias reunidas na mesma casa,

as despesas de ambas seriam diminutas. O outro não tinha filhos. Haviam de se dar bem. Agora era só tratar dos papeis. Ele ia pedir a *seu* Freitas um dinheirinho adiantado para certos arranjos...

Ouvindo a voz do noivo, Maria Adelaide saltou da cama para fechar a porta por dentro á chave, num tremor nervoso, como se ele a viesse buscar á força, e colou o ouvido ao buraco da fechadura, para não perder uma palavra. Agora Flaviano perguntava por ela, insistindo por vê-la. Mãe serenou-o. A moça estava dormindo. Desde que tivera o primeiro ataque que lhe permitia aquelas preguiças, aconselhadas pelo proprio médico. Estimava por isso que se fizesse o casamento. Havia quem afirmasse que depois de casada a filha voltaria a ser a mesma dos dias passados; e afinal se tinham de casar, o melhor seria acabar com aquilo de uma vez...

Vendo que nem a própria mãe a defendia, Maria Adelaide recuou até o fundo do quarto e foi sentar-se num angulo do assoalho, repousando os braços e a cabeça sobre uma canastra velha. E ali ficou largo tempo, imóvel, com os olhos parados na visão suggestiva de Ada voando para os braços da felicidade.

Cada uma por sua vez, tanto a mãe como as irmãs, foram bater-lhe á porta. Ela a umas não respondia, á outra pediu que a deixasse em paz...

Queria estar só com o seu pensamento... Tudo lhe repugnava agora no Flaviano; preferiria morrer a deixar-se enlaçar pelos braços escuros do noivo. Os olhos já lhe ardiam de tanto fixarem a parêde nua e caiada do quarto. Que feliz tinha sido Ada em des-

prender-se sózinha de uma situação enredada e partir para o ponto desejado, num vôo alto, de ave liberta! Um automovel... um véu branco ajeitando como o único adeus — e aí estava outra vida!

As horas do dia iam passando numa palpitação lenta e dolorosa... Até o tempo parecia sofrer! Naquele mesmo instante de angústia, que estaria fazendo Marcos? talvez pensando nela... alguma cousa lhe dizia que o espirito dele andava em perseguição do seu e, como para responder a esse apelo secreto, poz-se a responder baixinho, com enternecida volúpia:

— Marcos... Marcos...

Essa persuasão clareou-lhe a alma com uma esperança. Por que não faria ela o mesmo que Ada? Os braços de Marcos não se negariam a recebê-la nem se fechariam senão já sobre o seu corpo, num amplexo de amor...

A mãe intimou-a a que abrisse a porta, era a hora do jantar. Maria Adelaide desenrodilhoun-se do chão e foi tropegamente para a mesa. A mãe contou-lhe a resolução do mestiço. Ela nem pestanejou. Instada por uma resposta, disse que fizessem o que quizessem; estava por tudo. Extranharam-lhe a expressão.

— Você está doente?

— Não.

— Então que é que tem, que está tão exquisita?

— Nada.

— Ainda sou tola de perguntar!

Ao menos coma, para não cair aí com algum faniquito.

Maria Adelaide comeu. A' noite, mal viu deitadas

a mãe e as irmãs, pôz-se com o ouvido á escuta. Quando o silencio foi absoluto, ella levantou-se devagarinho, acendeu a véla e começou a vestir-se, com precaução. Tirou do baú a mais bonita camisa, empapou os cabelos com seus perfumes e calçou os sapatos dos dias de festa. As suas saias brancas, o seu vestido de cassa foram enfiados com extrema cautela, num susto; não fôsse o rumor da goma forte despertar a familia mal adormecida... Poz aneis, os seus aneis de turco, em todos os dedos, amarrou um laço de fita branca na trança, entalou o lenço no cinto e, abrindo docemente a janela, saltou, como Ada tinha saltado, para o campo deserto. Os cães correram para ella, ganindo, aos pulos. Maria Adelaide aquietou-os, colheu as saias e, pé ante pé, rodeou a casa e tomou depois afoitamente o caminho da estrada.

Percebia que fechava com aquelle acto um periodo da sua vida. Outra mulher, mais decidida, mais forte, ia começar nella outra existencia. O aneio que a perturbava, sufocado até então por escrupulo, ia ter enfim dôce termo! Dentro daquella hora cheia de estrelas, da música das ondas e do aroma das plantas, ella colaria a sua boca sequiosa á boca de Marcos e faria ella mesma a confissão que tanto e tão inutilmente esperava dele! Era a primeira vez que saía sózinha por aquelles caminhos, na escuridão. Não tinha medo, nem lhe passava pela idéa que em qualquer volta pudesse esbarrar com o noivo... Em todo o mundo não havia agora senão ella e Marcos!... A sua intelligencia parecia-lhe despertada de um entorpecimento... Era como uma ressurreição!

O exemplo de Ada animava-a: ela não era feita de cêra, mas de carne e de osso, como a outra; não se sujeitaria a ser só o que o Flaviano quisesse! A's onze horas divisou a casa do Marcos, já fechada na paz do sono... aproximou-se devagarinho e, batendo com os nós dos dedos na janelinha baixa, sem caixilhos, suspirou colando os beiços á frincha das duas folhas mal ajustadas:

— *Seu Marcos!*

A alma da noite palpitava nas estrelas, na viração branda que agitava na treva a folhagem do arvoredado e entumecia as ondas do mar. Maria Adelaide sentia uma energia estranha, nada a impediria de ir até ao fim. Percebia agora ter vivido sempre sob a pressão de um erro hipocrita, na atonia dos resignados. Antes que acabassem de afoga-la, batendo-lhe com última pancada de remo na cabeça, bracejaria para aquele porto de salvamento.

A reacção da sua apatia era tão forte que não experimentava nenhum vislumbre de timidez, e foi até com certa impaciencia que tornou a bater com os nós dos dedos na janelinha, e a dizer:

— *Seu Marcos!...*

Desta vez ouviu passos, depois a voz do pescador, extremunhada, perguntou de dentro:

— Quem é?!

— Sou eu... Maria Adelaide!...

Os passos precipitaram-se; Marcos abriu a porta e Maria Adelaide entrou. Olharam-se; ele cheio de espanto, ela ousada. Ferido por uma superstição, Marcos aproximou do vulto da moça a véla que ar-

día na palmatoria de agata. Não seria uma visão, um aviso de desgraça a que ele pudesse acudir? A moça não pestanejou. Ele tocou-lhe com a ponta dos dedos trémulos nas mãos impassíveis; sentiu-lhe a carne, o calor da vida e não ousou perguntar nada, sem compreender o que seus olhos viam.

Num movimento delicado de pudor, Maria Adelaide apagou a vela com um sopro ligeiro e logo num sussurro de palavras precipitosas, contou-lhe tudo. Era bem ela. Fugira do seu quarto, para vir ter com ele e ali ficar para sempre, como sua companheira ou como sua esposa, o que ele determinasse.

Com tanta força arfava o peito do pescador, tal era a sua surpresa e o seu enleio, que a lingua lhe negava a articulação das palavras que desejava dizer. A moça teve de esperar longamente por uma resposta, que parecia estrangulada por um poder superior. Por fim ele murmurou apenas:

— Mas a senhóra é noiva do Flaviano...

Foi como se lhe tivessem aberto o peito e dado com força uma pancada no coração... Maria Adelaide começou a chorar. Não amava o noivo; nem saberia nunca explicar a razão por que se deixára comprometer assim... a vida tem desses enrêdos... mas a sua consciencia acordára: a quem ela amava era ao Marcos, e bem percebia que ele lhe queria também... Ninguém a tinha visto saltar pela janela do seu quarto nem caminhar sózinha por aqueles lugares até ali; vinha livremente, por seus pés, e já se arrendia de não ter escolhido a hora do sol, em

que toda a sua responsabilidade ficasse bem patente!...

Em frente dela, de braços caídos, olhar chamejante, Marcos contemplava-a na penumbra do quarto mal alumiado pela porta completamente aberta. A pouco e pouco a razão ia-se-lhe aclarando, máu grado a perturbação dos seus sentidos. O desejo impulsionava-o a unir ao coração o vulto branco da moça, por quem vivia a suspirar, havia tão largos dias, como por um bem inatingível. Ela ali estava agora, sózinha, alta noite, no seu quarto estreito e solitario, e ele não fazia um gesto para tocar-lhe nem de leve o vestido...

Estava só em casa; a mãe saíra para velar um morto. As circunstancias do acaso favoreciam o seu amor... Maria Adelaide suplicou pela verdade. Ter-se hia ela enganado? não a amaria ele?

Com a sua linguagem rude, ele disse-lhe que desde uma certa tarde em que a vira no Ipanema não pensava em outra cousa na vida senão nela... e que por sabe-la noiva de um companheiro, um pescador como ele, não se tinha atrevido a dizer nada... Agora sim, logo que o dia alumiasse, ele iria procurar o Flaviano, contar toda a verdade e pedir-lhe que desistisse da felicidade, em seu favor... Se a mãe estivesse em casa já a teria chamado; mas a sua velha estava velando um morto...

As lágrimas de Maria Adelaide tinham secado e ela olhava agora fixamente para o peito de Marcos, mal coberto pela camisa de meia.

— Não vá falar com Flaviano.

— Por que? ele é meu companheiro: não posso ser desleal... E a senhóra vá-se embora, senão eu fico maluco!...

— Então não quer que eu fique!?...

— Não. Quero que entre por esta porta com o seu véu de noiva... minha mulher!

Então ele aproximou-se dela e repetiu com extrema doçura:

— Minha mulher!...

Maria Adelaide ergueu para ele o rosto, á espera do beijo tão profundamente desejado. Marcos fechou os olhos e repetiu numa supplica:

— Vá-se embora... Amanhã minha mãe irá conversar com sua mãe... e eu irei falar ao Flaviano...

— Não!

Ele insistiu:

— E' o meu dever.

— Tenho medo!...

— Medo de que?

— De Flaviano...

— Eu me encarrego de tudo; vá descançada...

— Adeus...

— Espere! a noite está escura... como ha de ir sózinha?...

— Assim como vim. Mais triste... Eu queria ficar de uma vez... o senhor não gosta de mim!

— Maria Adelaide!

— Se gostasse não me mandava embora...

— Eu já lhe disse tudo... não sei falar de outra maneira... Um pescador não póde trair um com-

panheiro... Os outros todos me desprezariam e a senhóra não havia nunca de ser feliz... Flaviano...

Maria Adelaide interrompeu com vivacidade:

— Flaviano é um negro.

— E' um homem como eu e um pescador como eu. Deus quer a nossa felicidade. Quando o dia clarear conte tudo á sua mãe. Eu na mesma hora irei falar a Flaviano... e de tardinha, Maria Adelaide, já seremos noivos...

As palavras serenas de Marcos contrastavam com a expressão iluminada do seu longo rosto tostado de sol. Estava como num sonho.

— Volte para casa, aconselhou ainda. Não quero que me vejam a esta hora em sua companhia, senão iria comsigo... mas não tem medo de andar sózinha por aqueles matos?

— Não... eu não tenho medo de nada. Adeus!

E ela partiu apressada, numa confusão de sentimento e de ventura.

As noites de Fevereiro são curtas.

A's quatro horas já ha claridades de dia. Maria Adelaide pensou nisso quando entrou pelo atalho novo, junto á tóca do Machado. De que lhe servira ter empapado os cabelos de oleo cheiroso e ter posto um anel em cada dedo, se o Marcos nem ao menos cedera á tentação de a beijar?... Era todo de escrupulos... lialdades... mas como tremiam as suas mãos e que calor na sua voz!

Que lhe responderia o Flaviano? A essa idéa a moça parou, interrogando a treva com um olhar de

susto. O Flaviano, estava bem certa, não a cederia ao outro... Que se passaria então entre os dois?!

Vagavam no ar pios de aves nocturnas e perfumes de mato e flôr de fruta. Do jambeiro, do angulo da estrada, motejou o canto de uma coruja. Maria Adelaide não era tão tola que não percebesse que o noivo desconfiava já do Marcos; a confirmação agora de uma suspeita não poderia determinar nele um acto de selvageria?

Começou a esboçar-se no seu espirito uma scena terrivel, em que a paixão indomavel do mestiço se vingasse do pescador branco...

A essa idéa a moça inteiriçou-se, como nas suas crises de histerismo. Tinha errado nos seus desígnios; fôra ao encontro da felicidade e só tinha conseguido atirar dois inimigos um contra o outro... Deveria ella ficar impassivel ante tal perspectiva? Assaltou-a a vontade de enfrentar ella mesmo o perigo, correndo á casa do noivo antes da chegada de Marcos, para lhe dizer toda a yerdade dolorosa. Já que se precipitára na aventura, iria até ao fim!

Marcos esperava pela manhã; seria preciso que ella falasse ao noivo de madrugada... antes das cinco horas...

Uma espécie de febre activava-lhe o sangue, determinando-lhe deliberações rápidas. Não valia a pena ir para casa; mais acertado era dirigir-se logo para a do Flaviano. Esperaria no terreiro, entre as carroças do Mamede, que o dia abrisse os olhos. Perturbava-a um medo horrivel de se achar só com o noivo, quando se lembrou da mãe dele, a preta velha, sua

encarniçada inimiga, que a ajudaria a defender-se do amor do filho. . .

Que trágica noite era aquela, que a empurrava a tantas peripécias nunca antes imaginadas! A'quela hora a mãe e as irmãs, adormecidas no quarto ao lado do seu, se nela pensassem seria para imagina-la em baixo das mesmas telhas, na mesma quietação. . . Nunca em sua vida puzera os pés na rua desacompanhada, e agora andava noite alta, sem medo, completamente só, por estradas e ruas desertas. . . vestida com a sua roupa de festa. . . como uma doida!

Seu corpo, sacudido nos derradeiros tempos por tantos ataques consecutivos e que se endurecia todo a qualquer temor ou qualquer dúvida, agia agora nessa crise de alucinação com absoluta calma.

A casa do Flaviano, de parêdes côr de barro, mal se adivinhava no escuro, sob a amendoeira enorme e entre um grupo de carroças desatreladas, de varais erguidos para o ar.

Maria Adelaide conhecia o caminho a palmos. Iria de olhos fechados serpeando pelos carreirinhos, por todos aqueles atalhos que a tinham levado de casa á escola nos dias da sua infancia.

A' sua aproximação rompeu um côro de latidos dentro da casa do Flaviano. A velha gostava de dormir com os seus dois cachorros ao pé da cama. Maria Adelaide sentou-se na trazeira de uma carroça e queudou-se de face para a casa do noivo, ardendo na impaciencia de vêr abrir-se aquela porta antes da chegada de Marcos.

Flaviano tinha-lhe contado muitas vezes que a mãe

era madrugadora. Ainda havia estrelas no céu e ela já saía á roda da habitação, a catar gravetos para acender o fogo. Maria Adelaide, que tivera sempre por essa mulher uma repugnancia instintiva, esperava agora por ela com ansiedade, morta por contar-lhe tudo antes de falar ao noivo, na certeza de que a velha a ajudaria a transpôr o perigo. Não tinha sido sempre esse o seu maior desejo?

Não sabia toda a gente que a preta daria a própria vida para a separar do filho?

Sentimentos e idéas atropelavam-se em Maria Adelaide, cuja intelligencia, sacudida pelo exemplo de Ada, acordava de um letargo longuissimo, com uma lucidez admiravel.

Os cães continuaram a latir com tamanha fúria, que se levantaram vozes lá dentro, a apazigua-los. Eles serenaram por alguns instantes, depois a agitação recomeçou, intervalada, ora sopitando-se a custo, ora explodindo em labios irreprimiveis.

Impassivel, com as mãos cheias de pedras falsas dos aneis de turco caídas sobre a cassa engomada do seu vestido branco, o seu vestido das procissões, a moça não desviava a vista da massa escura e mal definida da casa do noivo. Pouco a pouco os seus olhos foram-lhe delineando os contornos; a sua fórmula baixa e quadrada... as suas duas janelas pequenas, sem caixilhos, seguras a parêdes mal rebocadas, de casa do mato, de gente pobre. Agora divisava já, tenuemente, a linha do telhado... Cantou um galo a distancia... outro mais perto. A viração fêz-se mais fresca... Percebia agora duas tumefacções no an-

gulo direito do casebre... eram dois cestos de cipó-úna pendurados na esquina e ali esquecidos.

A luz vinha vindo suave, mansa, num palor de luar que parecia surgir da terra... Cantavam passarinhos na amendoeira e ainda luziam estrelas no céu, quando uma das janelinhas se abriu. Maria Adelaide encolheu-se num sobresalto brusco. Flaviano vestia-se para ir á pesca. Ficára combinado com João Sérvulo irem de madrugada para a praia. Ele gritou para a mãe no fundo da casa que aviasse o café, e chegando á janela olhou para o céu, consultando o tempo.

A sorte desprotegia os planos de Maria Adelaide; uma impressão momentânea paralizou-lhe os membros. Os olhos alargaram-se-lhe nas faces palidas e só por um esforço quasi sôbre-humano conseguiu erguer-se e caminhar para o noivo.

Ela ia toda branca na luz branca da madrugada. Flaviano correu para a porta, e, puxndo-a para dentro, perguntou-lhe espantado:

— Você a estas horas! morreu alguém lá em casa?!

— Não morreu ninguem... eu vim bem cedinho só para dizer que não quero me casar com você; preciso dizer já, antes de ter pena. A culpa não é de ninguem; tenha paciencia e procure outra mulher melhor do que eu...

Flaviano tremia, de olhos esbugalhados. Ela continuou:

— Não é de hoje nem é de ontem que eu me arrependi de ser sua noiva; me faltava a coragem para contar aos outros e a você meus pensamentos; mas chegou a hora.

— Você está doida!

— Não estou, não. Doidice é a gente fazer as cousas contra a sua consciencia. Se eu casasse com você... era para enganar... Não é melhor assim?

Flaviano não voltava a si do espanto, e, sentindo uma nuvem opaca diante da vista, encostou-se ás costas da cama, como se temesse cair. A vertigem durou o que dura o relampago; ele estendeu logo os braços, segurou com força os ombros de Maria e disse, sacudindo-a com brutalidade:

— Foi Marcos, diabo, que andou te desinquiétando, não foi?!

— Fui eu que desinquietei Marcos. Fica sabendo! Esta noite, antes de vir para aqui, eu fugi para casa dele e fui-me oferecer para sua companheira, porque é dele que eu gosto... é dele só!... Foi um tolo... não me recebeu... disse que um pescador não atraíçôa a outro pescador e que só será meu marido se você não quizer mais saber de mim... Ele vem cá logo mais, para combinar com você essas cousas... mas eu corri adiante, com medo que ele sofresse alguma desfeita sua, e, desde noite escura que estou esperando ali fóra que abrissem a porta, para eu entrar e contar tudo de uma vez!...

Com um repelão brusco, Flaviano puxou Maria Adelaide para si e unindo-a ao peito, que arquejava violentamente, bafejou-lhe o rosto, repetindo-lhe rente á boca:

— Você é minha!

— Não!

— E' minha! aquele cachorro nunca será seu marido, ouviu?

— Cachorro é você! Largue-me!

— Póde dizer o que quizer; não me importa: você agora daqui não sai, é minha, é minha!

Maria Adelaide debatia-se, gritando pela mãe de Flaviano, que assomára á porta do fundo do quarto e assistia impassivel á luta tremenda, com os beiços arregaçados numa expressão de desprezo...

— Pensa que por Marcos ser branco é melhor do que eu?! Ele me paga!... você está nas minhas mãos!...

— Negro!

— Agora sou negro... mas antes bem que você me queria.

— Eu não gostava de você como gosto de...

— Cala a boca, diabo!

— Sou noiva de Marcos!

— Cala a boca, ou te mato!

— Póde matar, mas é só dele que eu gosto, ouviu bem? Só, só, só!

Era demais! cégo de raiva, Flaviano sacou a faca do cinto e cravou-a repetidas vezes no coração de Maria Adelaide.

O sangue esguichou com um calor de labareda; ondulou, num gemido rouco, uma silaba de queixa e fez-se o silencio.

A mãe do mestiço entrou então no quarto, apanhou a faca do chão, depois tornou a sair, fechando a porta, para rondar a casa no terreiro. Em uma dessas rondas foi á cozinha, lavou a faca, que ainda ti-

nha estupidamente nas mãos, enxugou-a na barra da saia e tornou a sair para o seu posto de vigia.

Eram perto de sete horas quando Flaviano appareceu, com os olhos vermelhos, muito inchados de choro e lhe disse:

— Se Marcos vier me procurar, diga a ele que Maria Adelaide está na minha cama e que é minha mulher. Acenda uma vela lá dentro. Eu vou dizer á mãe dela para vir fazer o enterro...

— E depois?! inquiriu a mãe, numa primeira manifestação de anseio...

Ele levantou os ombros e saiu sem responder.

XXI

Já vai longe o verão. O dia de S. Pedro tinha rompido todo azul e ouro. Ainda era madrugada e já os pescadores preparavam na praia a sua grande festa, armando o corêto para o leilão de prendas, especando bambús para lanternas e galhardetes, adornando a canôa designada para o lançamento do arastão ás quatro horas da tarde, em que o peixe que viésse seria distribuido gratuitamente pelos circunstantes...

João Sérvulo fôra eleito tesoureiro por unanimidade de votos. Era ele quem arrecadava o dinheiro das subscrições e das esmolas, para pagar aos padres a missa das onze horas na Igrejinha e dar-lhes depois almoço do mais fino, no restaurante; era ele quem satisfazia as despezas da musica, do leiloeiro, dos fogos de artificio e da iluminação durante a noite. Muito grave, senhor da sua importancia, tinha enfiado desde cedo o seu terno de casemira e andava de grupo em grupo, vigiando, aconselhando, sorrindo. Para a comemoração do dia estréara um par de oculos de metal branco, que lhe davam á fisionomia uma expressão solene.

— Hoje é dia de fumar charutos, afirmava no côrreto das prendas o Rubião barbudo, repartindo-os com os companheiros atarefados. Cigarrinho e parati é para dia de trabalho... vocês vão vêr logo de noite, com estas luzes todas acesas, como até ha de dar aflição aos olhos... Coragem, minha gente, que o povo da cidade não tarda! Meu violão vai dar sorte, mata a sanfona do Rufino e os trombones dos músicos... Tou presumindo que, apesar dos oculos, até João Sérvulo vai dansar o maxixe! Hoje é que vai se vêr quem tem peixe embaixo do peneiro... hein?!

As prendas iam chegando umas atraz das outras. Seu Clarindo da *Camponeza* dêra um frango pesado e gordo que fazia gosto. Tambem não o fazia ir por qualquer cousa... tinha no bolso com que disputa-lo. D. Conceição, que andava agora mais repousada, fornecêra nada menos de seis duzias de ovos, divididas em tres cestinhas, com papeis de seda; Rôla concorria com roupinhas e agazalhos para as crianças dos pescadores e da pobreza do lugar; e até o Bié trouxera numa caixinha de papelão, como uma joia rara, atufado em musgo, um lindo buzio côr de mel.

Os sinos repicavam, e á hora da missa o povo foi afluindo pela encosta acima.

A Fortunata, toda de engomado, arrastava o Antonico pela mão, ao lado da Hortensia, que andava sempre em sua companhia. Foi já perto da Igrejinha que elas toparam com a viúva Tobias, balançando-se como uma canôa, entre as duas filhas, de luto aliviado, a Maria Augusta e a Maria Aurora.

A' espera de todos, no alto, D. Conceição fazia

fulgurar ao sol os aneis miúdos do seu cabelo ruivo e os ouros do seu pescoço.

Depois da morte de Maria Adelaide juntára-se muito á viúva, pela aliança secreta que sempre provoca um desgosto comum.

Ela já fizera notar ao Marcos que a Maria Aurora se estava fazendo muito parecida com a irmã finada, mas para mais bonita...

Marcos, observando o rosto da moça, viu-a volver para ele um olhar em que toda a sua mocidade parecia raiar numa alvorada.

Ele desviou a vista, taciturno. A mãe sorriu.

A vida continuava.

A pequena distancia, Rubião chamuscava os dedos, soltando foguêtes sobre foguêtes. Era preciso animar a festa; o sol estava alegre, o mar de setim azul floreado de ouro, a atmosfera leve e fresca... que mais se poderia desejar no mundo? Parecia-lhe a ele que nesse dia não tinham ficado em casa cão nem gato.

Vira passar até o coronel Mangino, de cartola e sobrecasaca, ao lado da familia Guidão, e logo depois a ti'Antonia, capengando junto áquela desgraçada da mãe do Flaviano... A' lembrança do companheiro encarcerado, ele sentiu uma lágrima humedecer-lhe os olhos; para disfarçar a comoção precipitou ainda mais os foguêtes, acompanhando-lhes o percurso com o olhar, através do espaço... Quando recebeu ordem de cessar o fogo, estava com a vista escura. O sineiro tinha cessado tambem de repicar. Começára o officio religioso. Em poucos minutos o outeiro parecia deserto. Foi então que Rui subiu, seguindo para diante,

para o pontal da fortaleza, com ar distraído, mãos nos bolsos, cigarro na boca. Que lhe importava agora a ele a festa? Subia até ali para vêr o mar, do alto, já desinteressado daquela sociedade humilde, que principiava a trata-lo por doutor. Raramente vinha agora áqueles sitios; o seu espirito andava por outros caminhos, penetrando em trabalhos de homem.

Sózinho, em face do mar, ele considerava que o maior dever da vida não é chorar com os que choram, nem prostrar-se a gente ao lado dos já prostrados; mas saber resistir á Dôr, como aquelas pedras resistiam aos embates das ondas mansas ou furiosas.

Resistir, — tudo se condensava nessas tres silabas, como num escudo em que as lanças da adversidade se quebram para só deixar triunfante a vontade do homem.

O Destino, em que ele acreditára de olhos fechados, perdera a sua significação de infalibilidade.

Todas as visões da sua meninice, o seu pavor pela loucura da mãe, os arroubos da sua paixão eterna, o desengano do seu amor, que lhe fizera pensar em enforcar-se nas tranças da pobre doida, tudo que o alterára e lhe dera febre, tinha abatido, ao sopro forte da Razão e do Sofrimento. Do menino dócil, impressionavel, contemplativo e piedoso, aí vinha até á beira do abismo o homem desafiador da fatalidade. Poderia agora cair um raio, que ele se sentia bastante forte para o aparar nas mãos...

Com a testa vincada pelo pensamento, o olhar desdobrado pelo espaço infinito, Rui sentia crescer-lhe na consciencia a persuasão de que a vida é o que cada

um quer que ela seja, — quando ouviu grunhir atraz do seu pescoço. Voltou-se. Era o mudo. Vinha de samburá no braço e de caniço na mão, para a pesca; o seu chapéu de palha de côco sombreava-lhe os olhinhos côm de café, deixando-lhe aparecer a meio as largas orelhas amolecidas por um esforço incompenzado. Pedro desfranziu os beiços murchos num sorriso triste; olharam-se de perto e pela primeira vez com simpatia. Depois, o pescador desceu aos saltos, de barranco em barranco, até ás pedras baixas da beira dagua; e Rui, contemplando-o, pensou, retraindo-se com amargura:

— O' eterno desespero do homem escravizado ao ignoto, sempre ha de existir no fundo do teu sêr um sonho insatisfeito!...

FIM

869.93

L864C

155661

Lopes

Cruel Amor.

869.93

L864C

155661

DUKE UNIVERSITY LIBRARIES
Cruel amor / por Julia Lopes d
869.93 L864C
D90340303M